

Je ne fay rien  
sans

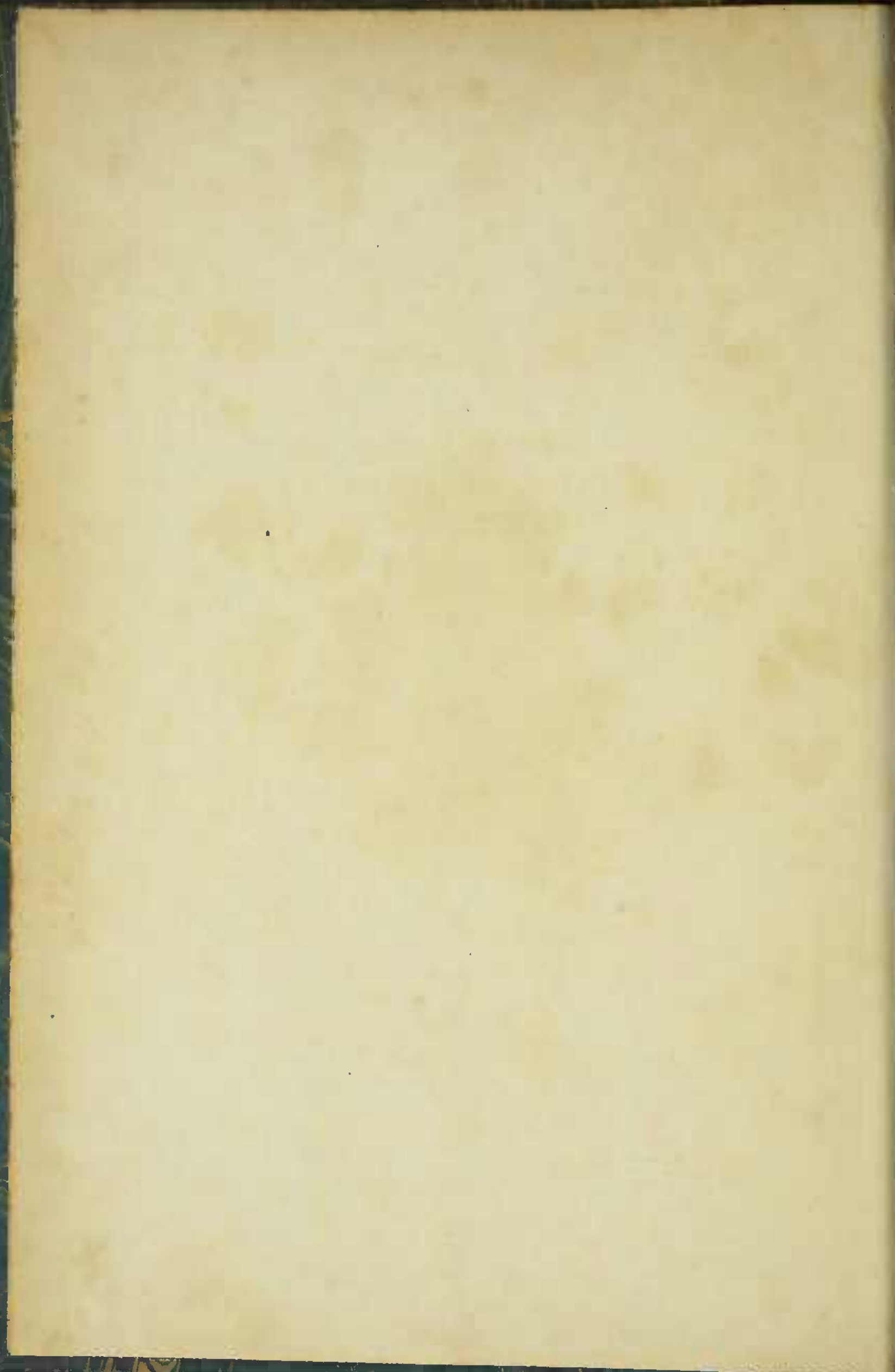
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

217

9000



245.

Cidades e Sertões

# MINISTÉRIO DA GUERRA

## BIBLIOTECA MILITAR

(Criada pelo Decreto n. 1.748, de 26 de Junho de 1937 e reorganizada pelo  
Decreto n. 3.213, de 26 de Outubro de 1938)

### COMISSÃO DIRETORA:

#### Efetivos:

**General** V. BENICIO DA SILVA, presidente  
**Coronel** FRANCISCO DE PAULA CIDADE  
**Coronel** EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCA  
**Ten. Cel.** JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO (ausente)  
**Capitão** SEVERINO SOMBRA DE ALBUQUERQUE (ausente)  
LUIZ EDMUNDO  
CARLOS MAUL

#### Suplementares:

**Ten. Cel.** RAFAEL DANTON GARRASTAZÚ TEIXEIRA  
**Capitão** LUIZ FLAMARION BARRETO LIMA  
OSVALDO ORICO

**Capitão** TASSO DE MORAIS RÊGO SERRA — secretário  
**1.º Ten. I. E.** FELISBERTO NUNES VILHENA FILHO — tesoureiro

---

SÉDE PROVISORIA:  
4.º andar do Edifício Novo  
Praça da República  
RIO DE JANEIRO - BRASIL

BIBLIOTECA MILITAR  
VOLUME XL

# Cidades e Sertões

(Páginas de história e geografia do Brasil)

Ten. Cel. LIMA FIGUEIREDO

---

1941

GRÁFICOS BLOCH  
26, Visc. da Câvea, 28-RIO





Aos meus amigos

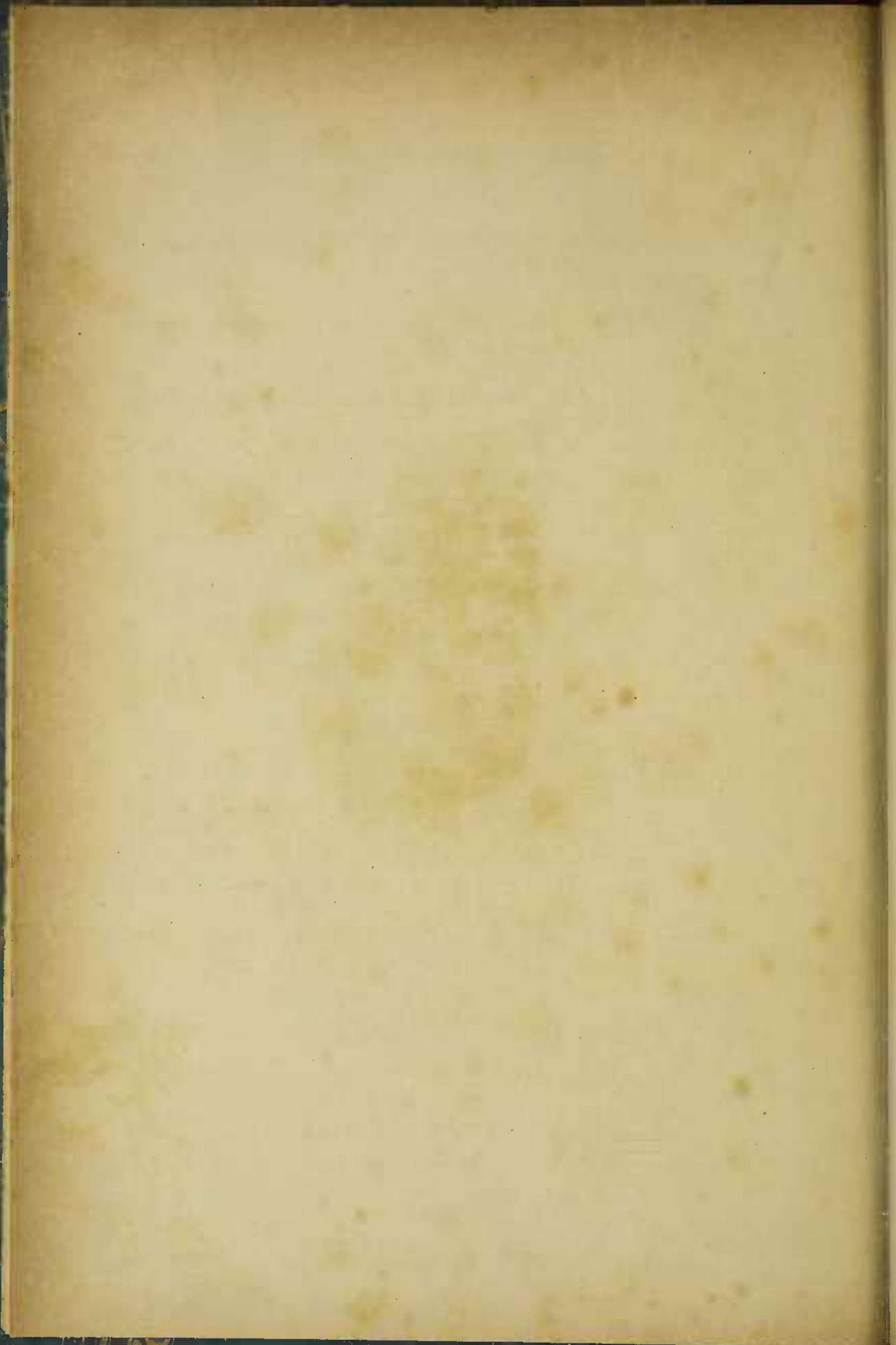
General Valentim Benício da Silva

Coronel Euclides Zenóbio da Costa

Major Oscar Rosas Nepomuceno da Silva

Capitão José Pinheiro de Ulhôa Cintra,

dedico êste livro, com o meu imorredouro reconhecimen-  
to, pelo apôio que me dão em todos os momentos em  
que experimento o lado ruim da vida, animando-me,  
encorajando-me e ajudando-me a vencer.



OBRAS DO MESMO AUTOR :

GRANDES SOLDADOS DO BRASIL — Prefácio do  
General V. Benício.

LIMITES DO BRASIL — Prefácio do General Meira de  
Vasconcelos.

OESTE PARANAENSE — Premiada pelo Touring Clube  
do Brasil.

TERRAS DE MATO-GROSSO E DA AMAZÔNIA.

ÍNDIOS DO BRASIL — Prefácio do General Rondon.

INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES — Prefácio do Ge-  
neral Amaro S. Bitencourt.

TRANSPOSIÇÃO DOS CURSOS D'ÁGUA — Prefácio  
do Coronel Heitor Bustamante.

O ACRE E SUAS POSSIBILIDADES — Ensaio.

O PRINCIPIANTE DE RADIO — Esgotado.

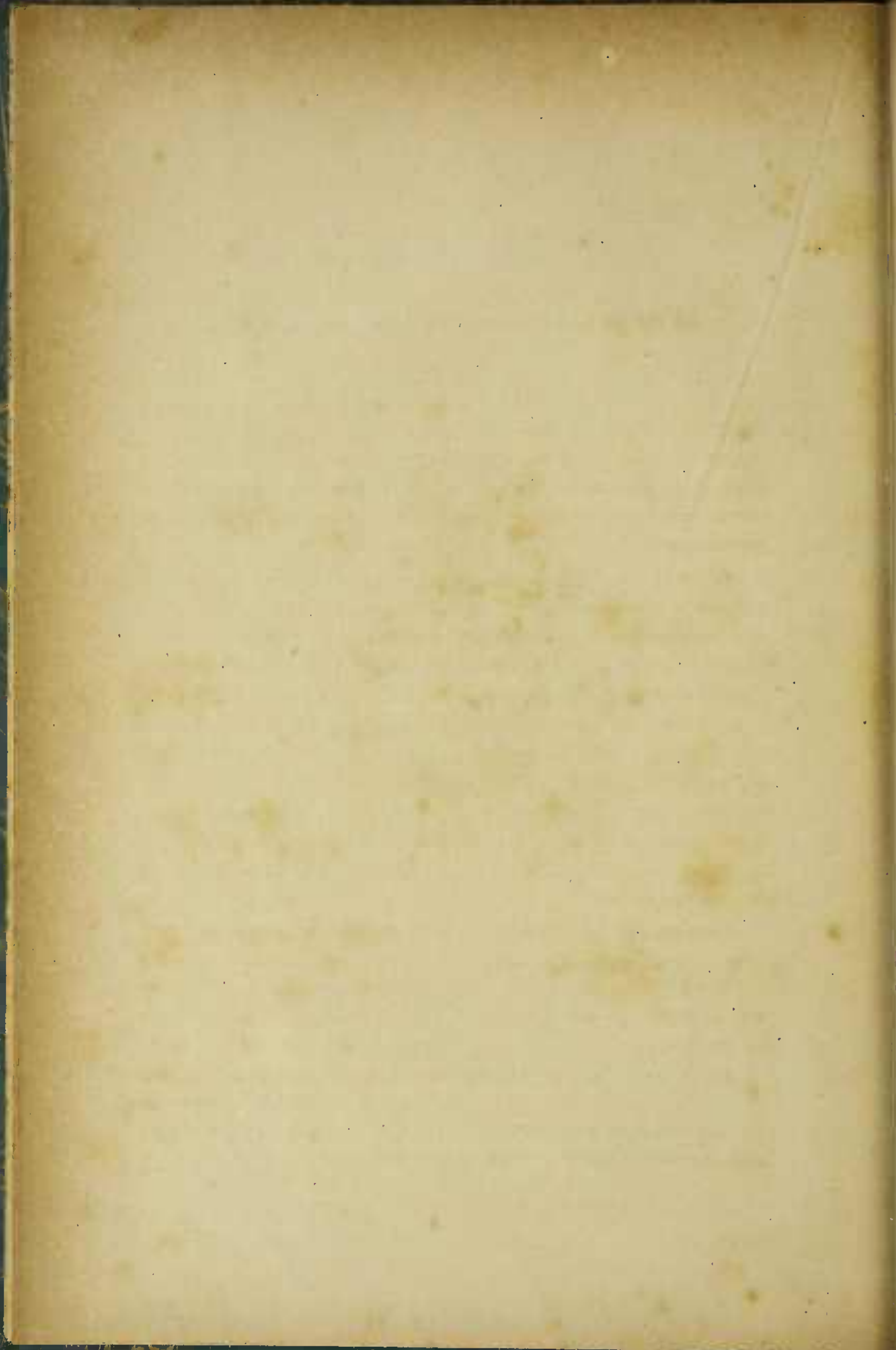
SINALIZAÇÃO A BRAÇOS E ÓTICA.

EM PREPARO :

CHINA — IDA E VOLTA.

NO JAPÃO FOI ASSIM . . .

HISTÓRIA DA ARGENTINA PARA USO DOS OFI-  
CIAIS BRASILEIROS.



## SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE

**B**ELA e boa como a santa que lhe deu o nome, a cidade de Santa Maria se senta no dôrno de ondulantes elevações, balizando, aos viajantes que vêm da planície, o caminho da serra com seu casario branco, donde se destaca a pomposa catedral com seus coruchéus aprumados dominando as circunvizinhanças.

No céu se esbatem os contornos caprichosos da serrania, quando não estão cobertos pela serração que são os véus — uns espessos, outros vaporosos — das ninfas que bailam na amplidão do Olimpo... O sol esquentá e raivoso despeja, sôbre aquele cenário encantador, seus raios quentes e dourados — é a debandada das ninfas que, assustadas, fogem para o infinito suspendendo, umas rápidas, outras vagarosamente, as pontas dos véus que beijavam a terra... E lá vão êles levados pelos ventos, movimentando-se daqui para alí, como se acompanhassem o movimento donairoso das suas celestiais possuidoras. A dança das nuvens é um tènue lampejo, que chega a nós, da fúria ou da alegria dos deuses . . . .

Firmando-se uma ponta de compasso em Santa Maria, com a outra quasi que se pode circunscrever todo o Estado do Rio Grande do Sul: Santa Maria é seu centro geográfico. Por êsse motivo tornou-se êsse importante centro de população um notável nó ferroviário.

De todos os quadrantes chegam trens confortáveis, que dão vitalidade, alento, energias novas ao povo laborioso que, no amanho das terras ou no tratamento dos rebanhos, peleja, destemerosamente, pela grandeza de nossa terra.

Dista Santa Maria, segundo a linha férrea:

— 391 kms. de Pôrto Alegre;

- 534 kms. de Marcelino Ramos;
- 374 kms. de Uruguaiana;
- 280 kms. de Santana;
- 602 kms. de Rio Grande.

Sua altitude é de 140 metros, ficando ela bem no terreno de transição entre a campanha puramente platina e o acidentado relêvo brasileiro. Consequentemente o clima é adorável e ali se congregam agricultores e pastores tão separados pela bem caracterizada morfogenia do Estado.

Há matas que, após a derrubada, oferecem uma terra ubérrima abençoada por Pomona. Há campos não tão puros e limpos como o do verdadeiro tapete fronteiriço de sudoeste, mas eivados deervas daninhas como o alecrim, o cascadejo, a barba de bode, etc. Todavia a vontade do gaúcho os transforma e os rebanhos vão crescendo sempre.

E' Santa Maria a sentinela vigilante que guarda a entrada da serra de São Martinho. A expressão, aliás, bem luzitana "boca do monte", deixa transparecer ter sido o local escolhido por um soldado que sabia ajuizar da capacidade defensiva oferecida por um terreno.

Até 1797 todos os arredores da grande cidade eram campeados por tribus arborícolas. Barrando o avanço jesuítico-castelhano, acampou, nesse ano, no bombeante chão de Santa Maria, uma bem armada fôrça do exército reinol. Em tórno do acampamento foram surgindo as casas e nascendo os mamelucos, filhos dos soldados lusos com as graciosas selvícolas de tez iodada.

A excelência da paragem voou longe... Em 1805 José Antônio de Siqueira obteve uma sesmaria, instalando-se nela com sua numerosa família. Atrás dessa concessão outras foram feitas e ano a ano chegavam famílias de além-mar que traziam, na cabeça, planos de riqueza muito maiores do que os sacos que carregavam às costas. O povoado ia numa série crescente prometedora . . .

Mais tarde vieram alemães. Vieram também italianos. E, pingando grosso, com todas as levaras para aquele rincão, vinha o sangue do africano, do negro que almejava a liberdade e não o ouro, do escravo que se estiolava na faina do campo sem ter, ao menos, a esperança de dias melhores . . .

Em passeio aos domingos na moderna praça Saldanha Maranhão alegrada com as notas sonoras de uma banda de música militar, pode-se ver a confusão de raças e sentir-se o caldeamento profundo dos sangues daqueles que pelejaram pelo engrandecimento daquela terra. Quasi não se vê um negro retinto. Surge um tipo bonito — moreno suave, de olhos brejeiros, sorriso alegre, cabelo ondulante . . .

Os degraus da hierarquia foram galgados rapidamente: a 17 de Novembro de 1837, Santa Maria era, por lei provincial, guindada à categoria de freguezia; a 17 de Dezembro de 1857, tornou-se vila e atingiu a ordenada máxima — cidade — em 6 de Abril de 1876.

Quatro bairros — Itararé, Vila Rica, Alto da Eira e Aldeia — são ligados por ruas largas e bem calçadas por onde correm céleres confortáveis auto-ônibus sempre pejados de passageiros.

Atestando o grau de cultura dos habitantes existem quatro livrarias bem sortidas e instaladas — a livraria é a alma das cidades!

O alemão gosta de chopp, o italiano e o português de vinho, o mestiço topa tudo, surgindo daí a necessidade de "bars", de fábricas de cerveja e vinhos. Em casas confortáveis come-se e bebe-se bem, tão bem como os europeus nas grandes cidades.

Não há falta: nem de "bars", nem de hotéis, nem de restaurantes . . .

Os mortos ilustres da terra também recebem ali, o preito de gratidão do povo. Várias são as hermas colocadas nos pontos mais floridos da cidade. Dentre todas destaco a do bravo Coronel João Niederauer Sobrinho, o impávido comandante da Guarda Nacional de Santa Maria da Boca do Monte. Ao estalar a guerra, em 1864, partiu com sua gente para lutar até morrer, em Vileta, em consequência de um ferimento recebido na diluvial batalha de Avaí, em 11 de Dezembro de 1868.

Desde que os marcyanos assentaram o pé naquele rincão, de lá nunca mais saíram. O acampamento primitivo acompanhou a evolução da cidade e hoje Santa Maria é sede de uma Brigada de Infantaria e os quartéis do 7º R. I. e do 5º R. A. M. não envergonham a arquitetura citadina. Pela afabilidade com que é tratado o soldado, sente-se que aquele povo ama a farda e não se esqueceu de que um acampamento militar foi a semente daquela bonina encantadora . . .

Entre os costumes interessantes há o seguinte, que me fez lembrar do autor do "Rio de Janeiro no tempo dos Vice-reis", o festejado poeta historiador Luiz Edmundo. Tenho certeza de que êle vendo o que vi classificaria aquilo de casmurrice lusitana. A cidade tem estátuas, livrarias, "bars", hotéis, ruas calçadas, praças ajardinadas, quartéis modernos, clubes, fábricas . . . Apesar-de tudo isto, pela manhã e à tardinha, perambulam, pelas ruas, vacas leiteiras, berrando pelos "mamões" que vêm atrás cabriolando, puxadas por um indivíduo. Francamente, êste costume de uma singeleza campesina não está de acôrdo com o adeantamento da cidade que, em cada esquina, tem um inspetor de veículos para regular o tráfego. O contraste é chocante.

\* \* \*

A cidade adianta-se e muito progredirá ainda sob a proteção da Virgem Santíssima que lhe deu o nome e que, do alto da sua sublime morada, zela pelo seu destino com inegalável carinho.



## SÃO PAULO — A Capital do progresso

**A** LGUEM definiu São Paulo como uma locomotiva que reboca 21 carros vazios. Não concordei com a idéia. Todavia se representarmos o Brasil numa máquina de 22 engrenagens a mais potente e a de maior rendimento seria a figurada por S. Paulo.

As grandes indústrias, os grandes ideais, os grandes empreendimentos surgem e tomam vulto rapidamente, na famosa Piratininga. E daí se propagam com velocidade meteórica por todo o país, atingindo até as regiões estremenas. Por isso não erramos cognominando a grande capital bandeirante — a capital do progresso, ou melhor, o berço do dinamismo brasileiro.

Desde os priscos tempos coloniais S. Paulo, qual uma antena poderosa, irradiava bandeiras para as regiões mais longínquas e incognoscíveis. Hoje do vale do Tamanduateí não partem caçadores de ouro, de pedras e de índios, mas propugnadores oventes do direito, da lei e do progresso da nossa grande pátria. Bandeirantes de antanho espicharam enormemente as nossas fronteiras; paulistas de hoje, honrando as tradições dos avoengos, procuram safar o país da crise hedionda que sufoca o mundo, lutando em pról do ressurgimento das nossas possibilidades econômicas e financeiras, enfrentando com energia os problemas vitais de que dependem a nossa liberdade das mãos de ferro dos banqueiros alienígenas. E no final o problema é o mesmo: — o ouro. Ontem, ouro para as brucacas surradas dos conquistadores; hoje, ouro a mãos cheias para os cofres luzídios dos poderosos argentários.

De São Paulo caminham as idéias avançadas. Em São Paulo se forjam as molas mais seguras do progresso. Para São Paulo convergem as esperanças do resto do Brasil.

Depois de 12 horas de marcha, o trem de ferro vence a distância que separa as duas cidades mais importantes do país: — Rio de Janeiro e São Paulo.

Ao aproximar da Paulicéa já se vai notando o fácies ondulado do terreno onde ela se ergue e o espírito dinâmico que sustenta aquele povo másculo — listras vermelhas de estradas e caminhos que rasgam o sólo em direções várias; casas isoladas, aldeias, vilas, pequeninas cidades semeadas aqui e ali ao longo da ferro-via; pomares, chácaras, campos cultivados, carretas, carros, autos e caminhões que procuram apressados a cidade imensa.

Surgem depois irristados para a amplidão, os coruchéus pontagudos das igrejas, as chaminés fumegantes das fábricas e o casario branquejante da colméa gigantesca.

A locomotiva, arfando vitoriosa, pára: — é a estação do Norte. Azáfama. Confusão. Carregadores, hoteleiros, motoristas, uns falando o português, outros arengando um palavreado luso-italiano.

Os autos correm céleres. Os bondes confortáveis cruzam em todos os sentidos. As ruas e as avenidas se alinham acompanhando as gibosidades do terreno, como se representasse um gráfico estatístico. Essas ondulações durante a noite oferecem ao forasteiro um panorama magnífico, graças aos anúncios luminosos que surgem inesperadamente ao espectador, assim que êle galga a crista de uma dobra do terreno. Os prédios particulares, os edifícios públicos, as casas comerciais exibem linhas atraentes, fachadas moderníssimas variando do mais antiquado estilo até ao cubista — bizarro futurismo da arquitetura. Como sucede nas grandes cidades neste século utilitário, o limite a atingir se acha no infinito e êles sobem, sobem, sobem como a torre de Babel. Por enquanto o Martineli está a cavaleiro dos demais.

O comércio é um encanto. Há de tudo, para tudo e para todos — é só imaginar.

O poviléu formiga nas ruas. No triângulo, elegância. Nas outras vias públicas, movimento, negócios, preços do café, cotação do algodão, bolsa... No triângulo e na avenida S. João, as cigarras; nas outras, as formigas e as abelhas.

Os jardins e os parques geometricamente traçados, encantam de chofre. O Viaduto do Chá, fadado a desaparecer, permite que se observe um belo jardim e que se espraie a vista pelo vale histórico do Anhangabaú.

Os passeios são inúmeros, porém um não pode ser esquecido: o do Instituto Butantan. Deve ser visitado para aquilatar-se do grau de adiantamento e do esforço empregado pelos dirigentes em prol da humanidade. O visitante diverte-se, instrue-se e torna-se um propagador do exemplar e benemérito estabelecimento.

A represa de Santo Amaro, o parque da Aclimação, o jardim de Santana, o jardim da Luz são locais aprazíveis onde se pode gozar as delícias da vida ao ar livre.

\* \* \*

JOÃO RAMALHO casou-se com uma filha de Tibiriçá, um dos chefes dos Goianases, e residia nos campos de Piratininga. Utilizando-se de sua inteligência, manobrava com a amizade dos índios em proveito próprio.

Conseguiu Ramalho, de Tomé de Souza, a autorização de fundar, onde habitava, uma vila com todos os privilégios inerentes, a qual se chamaria Vila de Santo André, sendo êle, Ramalho, o Alcaide Mór.

Os campos de que falámos receberam a denominação de Piratininga em virtude de serem rasgados pelo rio do mesmo nome que deságua no Tieté, e que depois das cheias deixava cozinhando ao sol, grande quantidade de peixes daquele nome.

O padre Manoel da Nóbrega, que acompanhara Tomé de Souza, primeiro Governador Geral do Brasil, resolveu transferir de São Vicente para Piratininga o colégio de jesuitas e para isso escolheu uma elevação entre os arrôios Tamanduateí e Anhangabaú, a três léguas de Santo André. Calhando ser a primeira missa celebrada no dia em que se comemorava a conversão de São Paulo, recebeu o local o nome do Santo.

A contragosto de Ramalho, Nóbrega conseguiu de Mem de Sá, terceiro Governador Geral do Brasil, a transferência do pelourinho para São Paulo, sob o pretexto de que Santo André, situada na extremidade do campo, estava exposta às invasões dos selvícolas que se infiltrassem pela mata próxima.

Foi assim que surgiu a formidável capital dos bandeirantes, talhada a servir de berço a gigantes pela valentia, pela energia, pela cultura e pelo direito.

Qualquer que seja a direção, em território brasileiro, se encontram as pegadas dos bandeirantes, que com arrôjo souberam dilatar os horizontes da pátria. E o povo de São Paulo nunca deixou de ser bandeirante. Outrora êle sobraçava a bandeira da conquista, em busca das brenhas da Amazônia, do chapadão dos Parecís, das cataratas do Guaira e dos pagos gaúchos; hodiernamente êle carrega a bandeira da liberdade e do direito.

Os bons fados orientam a história paulista. E quis o destino obrigar o nosso primeiro imperante, o valoroso. D. Pedro I, a executar uma cavalgata extenuante, abalançar-se do Rio a São Paulo, sacudindo-se num corcel, para às margens do preguiçoso Ipiranga, soltar o memorável grito de "Independência ou Morte!"

\* \* \*

São Paulo, berço dos desbravadores do nosso "hinterland" e formadores da nossa expressão territorial. São Paulo, cenário da nossa independência política. São Paulo, capital do progresso. Eu te saúdo, impetrando ao Onipotente que o grito da nossa liberdade financeira parta, também, das tuas plagas abençoadas.

## O nascimento da CIDADE MARAVILHOSA

COMO um largo estuário, a barra da baía se escancarava aos navegantes oferecendo um abrigo seguro e belo. Em compridas pirógas os trépegos tamóios cruzavam as águas da Guanabara, visitando as inúmeras ilhas pitorescas, que de verde pontilhavam aquele vasto manto azulado. Com êsses aborígenes haviam os franceses feito profunda amizade. Num dia de sol escaldante, com as velas enfunadas pela brisa marítima surge a nau que Nicolau Durand de Villegaignon — embrião da futura cidade que pelos seus encantos maravilhasse a todos os que aquí aportassem. A-pesar-da amizade do gentio, achou o experimentado marinheiro que numa ilha ficaria em melhor segurança e, mostrando ser um admirador da prudência, estabeleceu-se num rochedo liso que, como uma vedeta, vigia a majestosa entrada da barra. Recebeu o penhasco o nome de Ratier e muito mais tarde foi transformado na atual fortaleza da Lage como prova insofismável da acertada escolha do marujo francês. Villegaignon não previra, a-pesar-de ser seu eterno companheiro, as artimanhas de Netuno, que, num dia de briga com suas ninfas, fez crescer assustadoramente as águas, ameaçando tragar de um jato o rochedo e todos os seus habitantes. Com tempo safou-se o chefe alienígena e abandonando o arremedo de fortificações que já havia levantado foi buscar alívio em outra ilha — a de Seregipe — onde aliado ao pictórico êle encontrara maior estabilidade para suas ações futuras. Empenachada por mimosas palmeiras, a interessante ilha ostentava para amplidão duas elevações à guisa de dois imensos e pujantes sêios. Lembrando-se de Coligny, seu protetor junto ao rei, deu o seu nome ao forte que naquele sublime recanto acabara de erguer. Animado pelo espírito da mais cega justiça em relação aos ameríndios, Villegaignon conquistou com facilidade o coração de todos êles, contando em qualquer eventualidade com gente animada e disposta para de-

fender o desenvolvimento da sua sonhada França Antártica. Consoante as promessas feitas pelo navegante francês em sua pátria, esta colônia seria um refúgio dos calvinistas que em seu torrão encontrassem a perseguição e a morte a rondar-lhes as cabeças. Assim foi que para cá vieram sacerdotes, homens e algumas mulheres como elementos formadores da futura cidade francesa. O progresso bafejava o empreendimento de Villegaignon que aumentava, dia a dia, sem que os portugueses tomassem uma medida, contra os intrusos. Favorecendo aos lusos decidiu um mau pensamento de Nicolau Durand. Era um ególatra o navegante gaulês e não permitia que, em qualquer assunto, houvesse uma opinião contrária a sua. E, pautando-se nesse procedimento, transmudou-se em perseguidor dos protestantes, afugentando todos os que pensaram encontrar nesta terra virgem um solo adubado para enterrarem as sementes das suas idéias religiosas. Com Deus andavam os lusos nestas plagas brasileiras. Despertaram para guerrear os franceses, justamente na ocasião em que a dissídia e a intriga solapavam profundamente o prestígio e a autoridade de Villegaignon, implantando no sêio da sua gente a indisciplina e o ódio. O terceiro governador geral, o dinâmico Mem de Sá já viera da côrte com a pulga atrás da orelha. Aquí chegado, tratou incontinenti de desalojar os atrevidos que haviam se estabelecido em terras da corôa de Portugal. Foi feliz no intento e durante dois dias e duas noites a sua gente investiu com coragem inaudita contra as muralhas de pedra erguidas pelos franceses que quebravam o ardor belicoso dos atacantes, do mesmo modo que arrefeciam a fúria do mar em dias de ressaca.

Após a fuga dos gauleses, iniciou-se a obra de devastação. Tudo foi demolido e quabrado, desde que não pudesse ser transportado nas naves para o pôrto de Santos como foi feito, aliás, com a artilharia e as provisões aprisionadas. Não foi, contudo, a sorte de Mem de Sá completa. Naquela época achava-se em França o chefe principal que, como novos reforços, vinha em auxílio da colônia que com tanto mimo estabelecera. Mal os soldados de Mem de Sá deixaram a fulgurosa baía, chegava a gente de Villegaignon disposta a fazer surgir dos escombros a cidade que sonhara. Na expedição levada a efeito se convencera Mem de Sá de que a fôrça dos intrujões, como êle os chamava, residia na amizade e nos arcos possantès dos tamôios. E assim pen-

sando tratou de obter o auxílio d'esses ameríndios valentes, o que foi conseguido não com pouca dificuldade, pelos incansáveis Nóbrega e Anchieta no interessante e poético armistício de Iperoig. Com as pazes feitas com os tamóios, zarpuu de Bertioga no dia de São Sebastião uma expedição comandada por Estácio de Sá. Com a velocidade de quelônio movimentou-se a expedição, pois só a 6 de março do mesmo ano — 1565 — abicou na Vila Velha, perto do Pão de Açúcar, entrincheirando-se entre êsse môro e o da Urca. Pequenas refregas, emboscadas e combates isolados, caracterizaram a permanência de Estácio de Sá naquela réstea de terra pelo espaço de 24 longos meses. Por influência do denodado Manoel da Nóbrega, resolveu-se Mem de Sá ir em pessoa conquistar o Rio de Janeiro e com respeitáveis reforços aquí chegou aos 18 de Janeiro de 1567. Estava escrito no livro do Destino que o nome do milagroso santo guerreiro — São Sebastião — constasse da fundação da nossa cidade; para isso foi aguardado o dia 20 para dar-se início à arrazante ofensiva. De assalto em assalto a ousada gente de Mem de Sá ocupou o forte do Uruçumiri e em seguida varreu os inimigos da fortaleza da ilha do Paranapucuí (atual governador), obrigando aos franceses a, de cambalhada, procurar seus navios e, com celeridade, dar as costas à majestosa Guanabara.

Finda a refrega, ainda quentes pelo ardor e pela alegria da vitória, todos tiveram que lamuriar a morte de Estácio de Sá, abatido por uma flecha certa durante os momentos empolgantes do combate. Desta feita não foi Mem de Sá dormir sôbre os louros em São Salvador — resolveu êle próprio transmudar em realidade o sonho de Villegaignon. Soldados jesuitas e índios, afanosamente, levantavam fortificações nos dois lados da barra e abriam casas destinadas ao clero e ao povo. Foi Salvador Correia de Sá nomeado capitão Mór da nóvel cidade e com solenidade empossado no elevado cargo. O governador entregou ao alcaide-Mór da cidade as chaves da mesma. Êste entrou, fechou as portas da cidade, aferrolhando também os dois postigos. Depois de tudo bem trancado, o alcaide-mór chamou pelo comandante que ficara do lado de fora, indagando quem era.

— Sou o comandante desta cidade de São Sebastião, em nome d'el-rei, e desejo nela entrar — respondeu Salvador Correia de Sá.

As portas abriram-se e, pomposamente entrou o séquito do governador da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

A verdejante e selvagem ilha de Serecipe que Nicolau Durand Villegaignon escolheu para abrigar o forte Coligny, foi incontestavelmente, o berço da magnífica capital do Brasil.

As amazonas, para poderem manejar o arco, decepavam o seio direito. Para montar os 54 canhões de um forte, o ínclito Gomes Freire de Andrade mandou aplainar a mimosa ilha, amputando-lhe os dois seios que tanta beleza lhe emprestavam.

Hoje, com o nome do marujo francês, a pequena ilha serve de séde à Escola Naval, onde se educa a radiante mocidade a quem está confiada a defesa dos verdes mares do Brasil.



## A NOVA CAPITAL DE GOIAZ

**N**O ANO de 1670, Bartolomeu Bueno — alcunhado Anhanguera, o diabo velho, em companhia do seu filho do mesmo nome, que contava apenas 12 anos de idade, acampou às margens do rio Vermelho, afluente do Araguaia.

Campeava na região a tribo dos Goiazes, de onde o Estado tirou o nome. Notou o sertanista que os índios possuíam pedaços de ouro apanhados nos rios das sercanias e, para intimidá-los, derramou aguardente na relva e lançou-lhe fogo. Ganhou com êste estratagema o respeito dos selvícolas, que temiam o incêndio dos rios pelo Anhanguera enraivecido.

Animado com as auríferas descobertas em Cuiabá, Bartolomeu Bueno Filho, já com mais de 60 anos no costado, propôs ao Governador Rodrigo César de Menezes fazer uma batida, atrás do ouro, nos sítios que vira em criança, quando andava na alheita do pai.

Durante três anos Bartolomeu errou pela mataria insondável sem topar com um único lugar seu conhecido de infância. Voltou a São Paulo derrotado, esfaimado, abatido, porém animado de uma inabalável esperança de encontrar os locais que tão anciosamente buscara.

A-pesar-do malogro da primeira expedição, o governador deu-lhe aso para uma desforra, permitindo-lhe que empreendesse uma segunda viagem.

Foi desta feita mais feliz. Aprisionou dois Goiazes que o guiaram até o sítio onde estivera meio século atrás.

Atufou de ouro, apanhado aos punhados, os surrões que levava e regressou aos campos de Piratininga onde foi agraciado com o pomposo título de capitão mór da nóvel colônia que êle deveria fundar.

Sob a proteção de São João Batista foi erigida a localidade que crescia desmedidamente, à proporção que novas minas e filões iam sendo descobertos.

De tal modo floresceu a colônia recémfundada que quasi todos os habitantes de Cuiabá emigraram para Goiaz, onde soia encontrar-se ouro até nos caminhos e que ficava muito mais próxima de São Paulo.

Enquanto a indústria do ouro foi rendosa, a cidade prosperou. Todavia, à medida que as dificuldades aumentavam na pesquisa do fino metal, a cidade fenecia como o vegetal plantado em terreno estéril.

A êste respeito escreveu o ínclito e erudito sertanista Couto de Magalhães: "A situação de Goiaz era bem escolhida quando a província era aurífera; hoje, porém, quando está demonstrado que a criação do gado e a agricultura valem mais do que quanta mina de ouro há pela província, continuar a capital aquí é condenar-nos a morrer de inanição, assim como morreu a indústria que indicou a escolha dêste lugar.

As povoações foram formadas a esmo: a economia política era uma ciência desconhecida, de modo que o govêrno, ainda que quisesse, não poderia dirigir com acêrto essas escolhas; hoje, porém assim não é. Uma população de cinco mil homens, colocada em um lugar favorável, pode dar rendimento equivalente a um conto de réis por pessôa, ao ano."

Mais adiante assevera: "O comércio aquí vive exclusivamente à custa dos empregados públicos e da fôrça de linha. Os meios de transporte são imperfeitos, a situação da cidade, encravada entre serras, faz com que sejam péssimas e de difícil trânsito as estradas que aquí chegam. Em uma palavra, Goiaz não só não reúne as condições necessárias para uma capital, como ainda reúne muitas para ser abandonada."

Estava o dinâmico general assoberbado pela idéia de fazer a vida de Goiaz pelo Araguaia, via Belém do Pará. O seu grande problema era a navegação do majestoso afluente do Tocantins que aliás, segundo alguns autores, é o rio principal.

Pensava Couto Magalhães que a navegação do Rio que aparta os territórios goiano e matogrossense, era a chave do tesouro daquelas plagas. E por isso êle desejou transferir a capital de Goiaz para as ribas do Araguaia; mandou conduzir navios do rio Paraguaí através sombrios caminhos; e, certa ocasião, vendo que um vapor não vencía a corredeira, puxou o revólver e ordenou que o maquinista desse a pressão máxima na caldeira. A

embarcação enfrentou o obstáculo e venceu-o. Por pouco o navio não foi pelos ares com uma explosão na caldeira.

Do sonho fantástico de Couto Magalhães, atualmente, só restam os cascos dos navios enterrados nas praias araguaias e montes de ferros desconjuntados atravancando alguns portos.

A idéia de fazer Goiás respirar por Belém foi afastada.

Os atuais dirigentes procuram contacto com o Estado bandeirante. Ao meu ver, pensam acertadamente.

Os Estados de Mato-Grosso e Goiás e a zona oeste do Paraná, para se desafogarem, têm que fazer seu comércio por São Paulo.

S. Paulo é um poderoso polo de onde outrora partiam linhas de força para a conquista da terra — as bandeiras; hodiernamente atrai através da sua trama apertada de estradas, os interesses dos estados limítrofes.

Assim julgando, os homens de governo de Goiás elegeram para nova capital Goiânia, que fica a hora e meia da estrada de ferro.

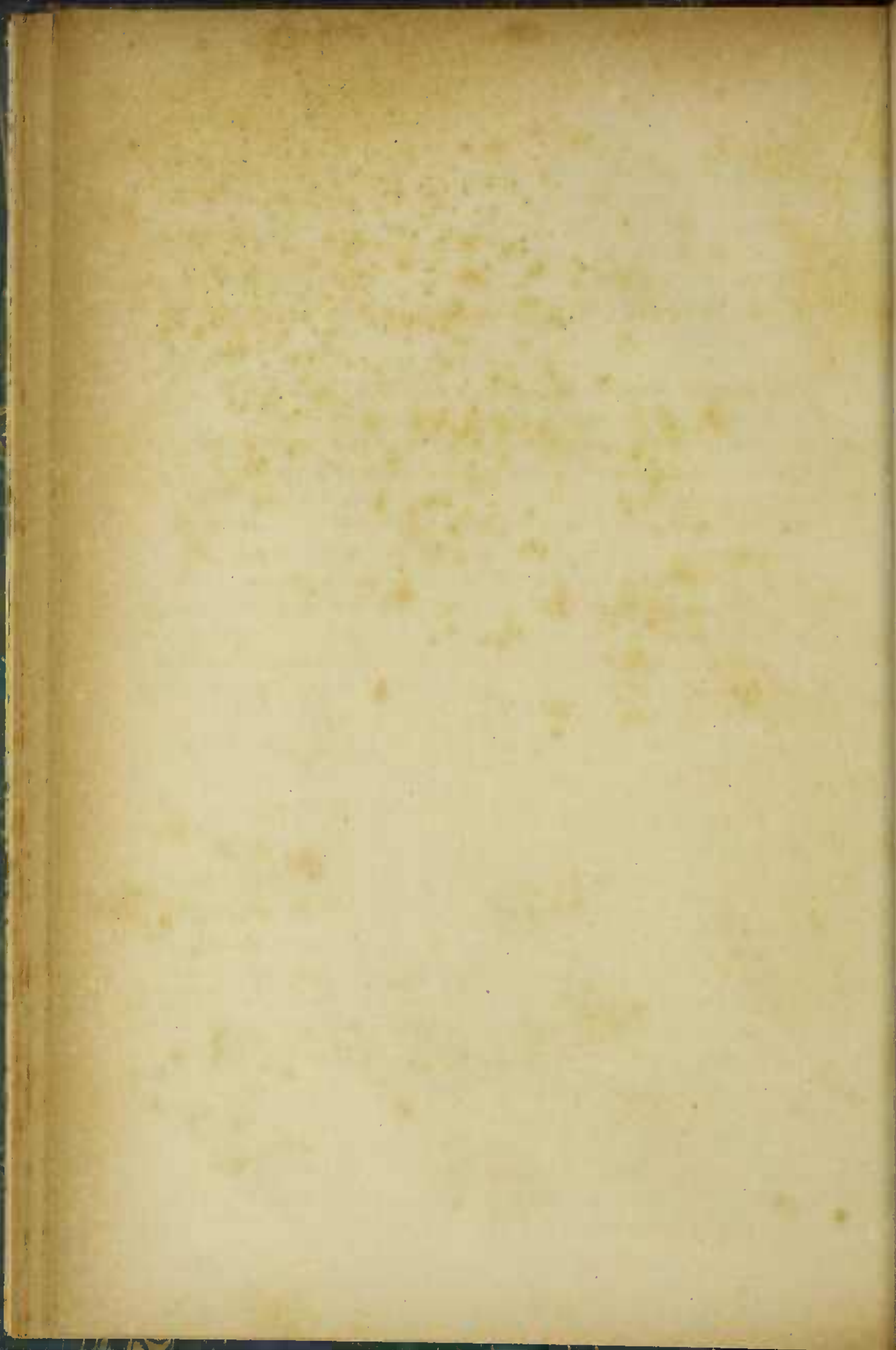
A situação da futura capital goiana é ótima: — está situada em lugar alto e de fácil acesso a todos os municípios do Estado.

Transformando a idéia em realidade, o atual governador providenciou numerário suficiente para a edificação da cidade. As obras cresceram diariamente: — os edifícios públicos já se acham concluídos, assim como os hotéis e as residências dos funcionários.

Quem por aquele local passou há pouco, si lá agora voltar verá tudo transmudado como em fita de cinema.

E' mister que os goianos não desanimem, deixando a obra em meio. E, como um exemplo digno de ser imitado, cito a mudança da capital mineira de Ouro Preto para Belo Horizonte. Em pouco tempo a belíssima cidade horizontal progrediu tanto que, hodiernamente, pode ser considerada como uma das principais do Brasil.

Que os goianos se fixem nessa idéia e a levem de vencida enérgica e rapidamente, são os anseios de todos que palpitam por um Brasil melhor.



## BELO HORIZONTE — A Cidade Recem-nascida

“**V**AMOS deixar como está para ver como fica — é o ditado que traduz o pseudo espírito de rotina do mineiro.

Não sei como apareceu esta mentira, porque basta visitar o alteroso Estado central para ver-se o progresso em todos os quadrantes.

Na história, temos o exemplo de Tiradentes, o precursor da nossa liberdade política. Sua ação heróica, desde que a idéia sublime cintilou no seu cérebro até a ocasião em que enfrentou a corda que lhe devia apertar a garganta, mostra que êle não concordava com o “vamos deixar como está”.

Belo Horizonte, a cidade recém-nascida, como a chamou Manoel Bernardez, — o ínclito uruguaio que se dedica de corpo e alma às cousas do Brasil — é prova cabal de que o mineiro é um amigo do progresso. Apenas com 40 anos de existência, já é uma metrópole considerada entre as primeiras do nosso vasto país.

Depois de 605 quilômetros de percurso, o trem se aproxima e vê-se surgir a cidade mimosa e linda “como uma bela jovem camponesa, reclinada a rir sôbre o colo suave das suas colinas, sob o pátio de festa de um céu todo celeste, de uma diafaneidade milagrosa.

De início, o lugar onde se assenta a bela cidade foi o “Curral del Rey”, onde vinha reunir-se para matança e venda, o gado roliço da serra da Mantiqueira.

Ouro Preto, a antiga capital, com suas relíquias e suas construções apertadas entre a rocha da serra, não permitia que a cidade se alargasse e se modernizasse como era conveniente.

O povo montanhês mostrou, com a mudança da capital do seu Estado, o espírito progressista que o anima. Deixou a cidade, onde Dias de Oliveira descobriu ouro capaz de atufar o tesouro luzitano, com a tradição e começou a delinear o traçado da futura metrópole no Curral del Rey . . .

Ficou Ouro Preto como um verdadeiro museu de sagradas reminiscências: o local onde fôra o lar de Tiradentes, que o Vice-Rei mandou arrazar e semear o sal nas suas ruínas; o monumento do martir erigido no mesmo lugar, onde esteve espetada sua cabeça; a casa onde vivera Marília de Dirceu e a igreja que elevou à glória o Aleijadinho que, a-pesar-de ser uma verdadeira chaga humana, conseguiu obra tão miraculosa que chegaram a dizer haver sido feita sob a inspiração divina.

Em 1894, pensou-se em transferir a capital e três anos depois foi o govêrno trasladado para a nóvel cidade, que começou a prosperar com uma velocidade fenomenal.

Inicialmente o terreno era distribuído gratuitamente ao longo das ruas, com a condição de ser edificado dentro de um certo prazo. Hoje êsses mesmos terrenos custam uma fortuna.

O nome de Belo Horizonte é extraordinário e lhe vai como uma luva. Basta procurar um alto na cidade e contemplá-la cuidadosamente: si fôr de dia terá diante dos olhos um jardim florido e, se fôr de noite, um verdadeiro céu iluminado por milhões de estrelas.

Disse Gorceix ser Minas um corpo de ferro com o coração de ouro. Eu, agora, completo: — e com a alma de flores.

Nas garridas praças e parques, as coloridas flores engolfam de admiração o espectador — umas miudas e graciosas, outras grandes e de côres vivíssimas, outras policrômicas e perfumadas.

Parece ser alí o reinado de Flora.

De Flora, só não. De Pamona também — as frutas são deliciosíssimas, encantando pelo tamanho, pelo cheiro e pelo sabor adocicado e agradável.

Possue a cidade a mais larga avenida do Brasil: — a Avenida Afonso Pena, que divide a capital em duas partes iguais e é elegantemente ornamentada pelo "ficus benjamini".

Além desta formosa artéria, há a da Liberdade, a João Pí-nheiro e muitas outras.

As ruas, geralmente largas, exibem nomes que recordam os feitos de homens que pela União e pelo Estado trabalharam, prestam uma homenagem aos outros Estados e lembram as tribus dos antigos donos da terra.

Tudo alí foi estudado, meditado e calculado.

Os edifícios do Palácio da Liberdade, das Secretarias, das Faculdades, do Forum, do Correio, do Hospital, assim como todas as construções da cidade, apresentam um aspecto moderno interessante e belo.

Ultimamente foram construídos dois hotéis, onde nada falta em conforto e em higiene moderna.

Um vasto cinema, a última palavra no gênero, nada fica a dever às nossas majestosas casas de diversões da Cinelândia.

Assisti a uma representação dos cossacos do Don e do Kuban e fiquei contente em ver o povo mineiro, comumente pouco expansivo, não regatear aplausos aos artistas. Esquecendo-me por momentos a ação denodada que aquela gente exerceu em toda a História Pátria, julguei que ela não fôsse capaz de inflamar-se pelo entusiasmo.

Não falei das horizontinas. Essas belas mineirinhas deviam ser tratadas em primeiro lugar, mas . . .

Façam os leitores uma idéia de como devem ser as filhas de um recanto onde se goza um clima de 920 metros de altitude, onde as flores são as mais lindas e as frutas as mais saborosas.

São justamente o que pensam. Fortes, elegantes, mimosas, risonhas e sôbretudo rosadas.

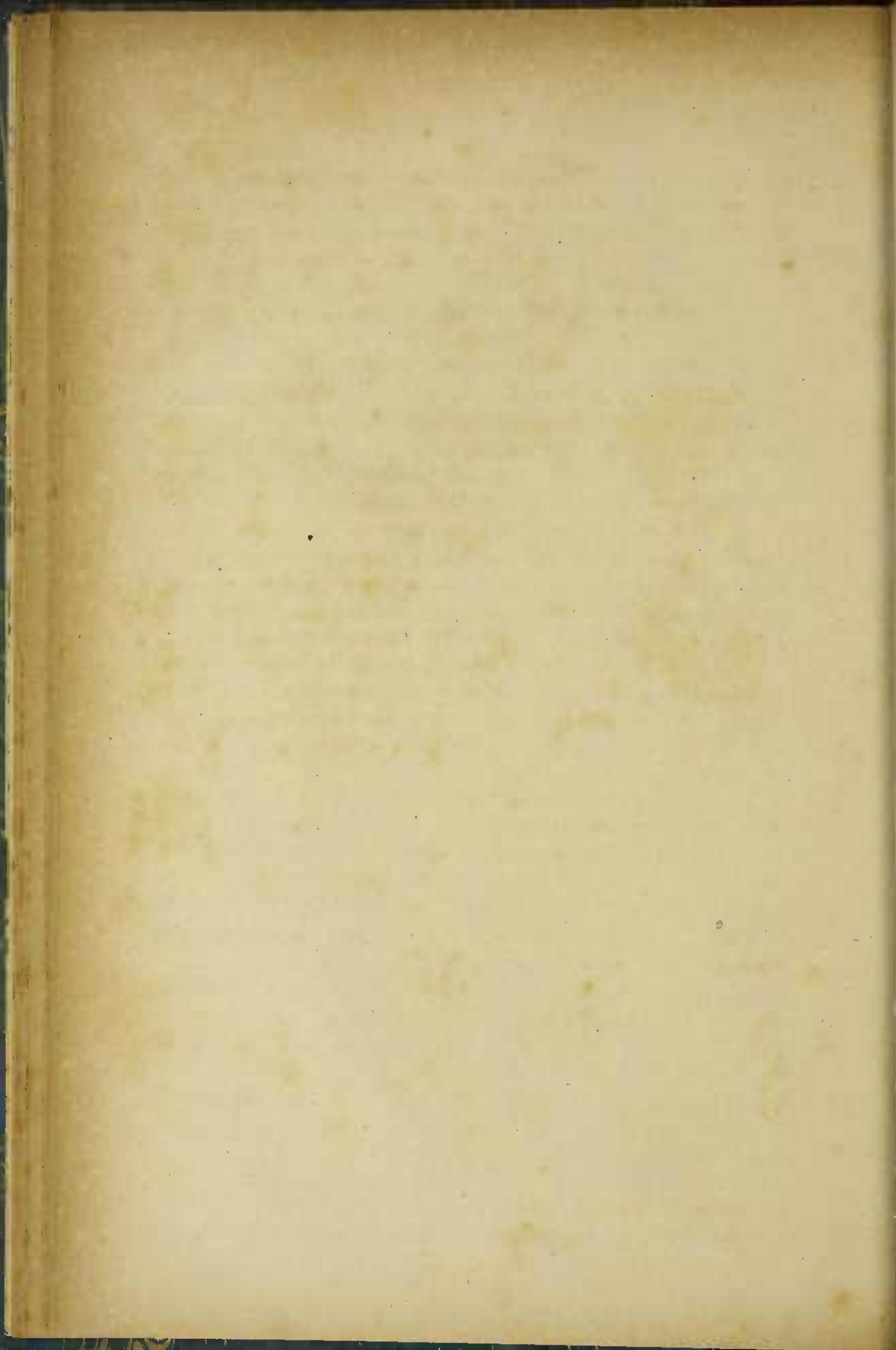
Quando elas passam, fica-se extasiado em ver-se tanta graça junta, e, muitas vezes, a nossa admiração se torna até inconveniente.

Outrora os pais mais abastados enviavam seus filhos para estudar no Rio de Janeiro e ficavam lá nas alterosas curtindo as saudades pelo ente que até aquele momento os acompanhou.

Hoje isso não se dá mais: existem colégios, ginásios e faculdades que honram o Estado que os possui.

Na ânsia de formar uma raça forte, o atual governo cuida, com um carinho especial, da educação física, que foi introduzida das escolas primárias aos quartéis.

Depois que se visita a bela capital do grande Estado montanhês, fica-se amando aquele belo recanto do Brasil que possui todas as características para ser a Washington brasileira.





## RECIFE — A VENEZA BRASILEIRA

**A** BRIGADA pelos arrecifes que aguentam a fúria do oceano, protegendo a costa, e banhada pelos rios Capiberibe e Beberibe, que num beijo prolongado se confundem e correm unidos para o pélagos profundo, a capital pernambucana oferece, com suas esplêndidas pontes, um aspecto venesiano.

A elegante e moderna cidade de Recife compõe-se de um modo geral, de quatro bairros: Santo Antônio, Recife, São José e Boa Vista. O primeiro desses bairros tem o fâcies de uma verdadeira península e liga-se por belíssimas pontes aos bairros de Recife e São José. Em terra firme fica apenas o de Boa Vista.

A cidade é plana, bem edificada e magnificamente arruada. As suas principais praças exibem encantamento e oferecem bem-estar: a da República, a do Comércio, da Independência, Artur Osório, Jaú, Adolfo Cirne, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco e muitas outras.

Linhas de bondes confortáveis cruzam em todos os quadrantes e levam-nos até à histórica cidade de Olinda, onde a par das reminiscências do passado se gozam as delícias duma atraente praia, banhada por um mar furioso que se enovela sôbre a areia alva descrevendo ciclóides e volutas em ondas violentas e rápidas. Foi Olinda outrora capital do Estado e incendiada pelos holandeses em 26 de Novembro de 1631.

Agradabilíssimos passeios se usufruem em Recife, destacando-se de todos êles o da praia da Boa-Viagem. Panorama selvagem, coqueiros flexíveis balonçados pela brisa marítima, o areal extenso e alvinitente, os cajueiros pejados de frutos, as pitangueiras salpicadas de rubro e o mar meigo como a sussurrar à praia um segredo gostoso, constituem um conjunto que agrada, que prende, que se grava para sempre na retentiva.

Tudo que se desejar encontra-se em Recife: hotéis de primeira ordem, cinemas vastíssimos e teatros modernos, faculdades, colégios, casas de chá, campos de esporte, enfim, tudo.

O pôrto de Recife é um dos melhores da América do Sul. A 200 metros do litoral e com uma largura variando de 20 a 60 metros, os arrecifes se desenvolvem numa extensão de cêrca de 4 km., formando magnífico quebra-mar que oferece aos navegantes excelente pôrto — calmo e seguro.

Êsses arrecifes são de origem coralina e se desenvolvem do Estado do Ceará até às proximidades da cidade de São Salvador. São oriundos de esqueletos de polipos e ostentam forma variegadas, sendo as principais as franjas, as barreiras e os atolls. As primeiras se ligam ao continente, de quando em quando, por tenuíssimos istmos. As segundas formam verdadeiras barragens, deixando, entre elas e o litoral, um canal. Os terceiros são meras ilhas circulares com uma lagôa no interior.

Defendido por êsses presentes da natureza, o pôrto de Recife abriga navios de todos os calados, exportando açúcar, alcool, algodão, café, peles, tecidos e frutas frescas ou em doce.

Dada a configuração do nosso continente, o pôrto de Recife é a primeira mão que dá boas-vindas aos navegantes europeus e por isso está-lhe reservado um futuro promissor.

Foi a cidade de Recife visitada, quando ainda em embrião, pelos navegadores franceses, ingleses e holandeses.

O inglês Lencaster certa vez ocupou a cidade, em 1595. O comandante português mandou um parlamentar propôr-lhe uma conferência. O corsário britânico, ao receber o enviado, declarou-lhe: "Quando nada podem fazer com a espada recorrem à língua falaz, pois fé e verdade são cousas que não conhecem. E para que havemos de parlamentar? Com o favor de Deus houvemos a quanto vínhamos, e bem pouco prudente seria deixá-los fazer que nos tirassem com astúcia o que ganhámos com a fôrça."

E mandou dizer que enforcaria o primeiro que trouxesse qualquer proposta.

Os holandeses permaneceram senhores daquele recanto pelo espaço longo de 24 anos.

A-pesar-de tudo isso, sentimos um orgulho formidável ao sabermos que todo o comércio e as principais fortunas de Recife pertencem exclusivamente a brasileiros.

\* \* \*

Em virtude da vontade ardorosa com que os alienígenas procuravam estabelecer-se no Brasil, foi o pôrto de Recife convenien-

temente fortificado. Ainda hoje se veem as ruínas das fortalezas que foram erigidas em defesa da Pátria e que hodiernamente, consumidas pelo tempo, somente dão uma pálida idéia das lutas gigantescas que ali se travaram.

BRUM — Artilhado com 48 canhões defendia a entrada do magnífico pôrto de Recife. Outrora, em 1630, com o nome de São Jorge, resistiu galhardamente ao ataque bátavo. Atualmente está sendo reconstruído para agasalhar uma unidade do Exército.

SANTO ANTÔNIO DO BURACO — com 23 peças guardava a ourela litorânea entre Olinda e Recife.

FORTE DO MAR — Situado na ponta sul de Recife cruzando fogos com os dois primeiros.

SANTA CRUZ — com 23 canhões. Construído pelos holandeses na extremidade sul da ilha de Itamaracá impedia que os navios corsários ali fizessem base para em seguida investir contra a cidade.

\* \* \*

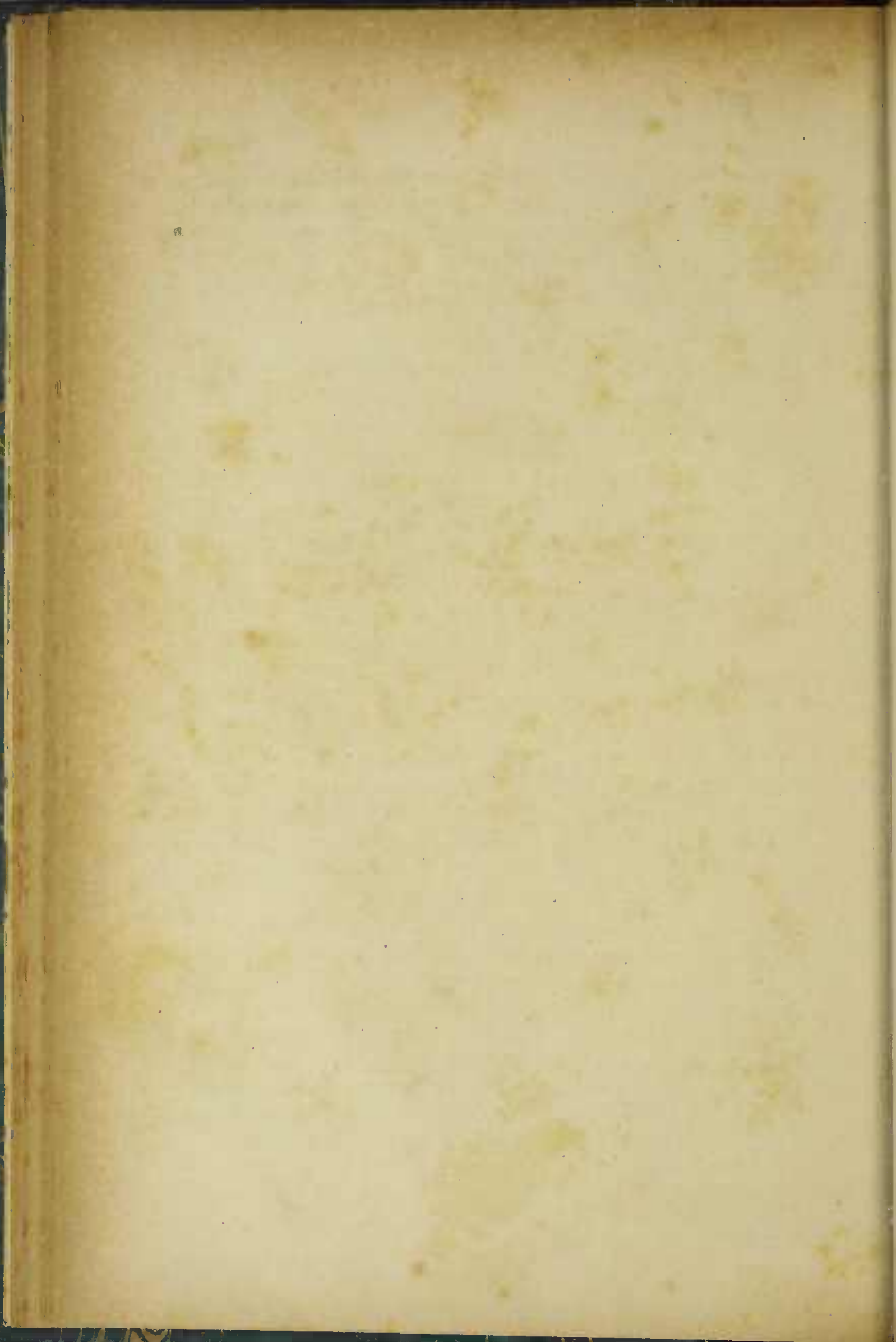
Pernambuco comemora neste mês o 4º centenário da sua colonização.

O progressista Estado Nordestino encerra, por si só, as páginas mais brilhantes da história do Brasil colonial.

Páginas de ouro rutilante ali escreveram o brasileiro Vidal de Negreiros, o português Fernandes Vieira, o índio Felipe Camarão e o negro Henrique Dias, na luta que sustentaram contra o holandês invasor.

Antes da nossa independência o povo pernambucano em 1817 já esboçava os seus ideais republicanos. Além desta gloriosa data, nas suas efemérides ainda se encontram 1822, 1824 e 1848 que lembram: a luta contra os portugueses na ânsia da liberdade, a Federação do Equador e a célebre revolta praieira onde tombou com glória Nunes Machado.

O 4º centenário da colonização de Pernambuco, comemorado em 1935, foi uma data que interessou não só aos filhos daquela terra sublime mas a todos os brasileiros dignos dêste nome.



## PELOTAS — Cidade que é um mimo

**P**OR um tris Pelotas não se viu com as credenciais duma Veneza ao Sul para fazer figa à Veneza do Norte — Recife — que engalana as margens dos históricos Capiberibe e Beberibe. A "princesa do sul" erigida entre o arrôio Santa Bárbara e a margem esquerda do canal S. Gonçalo não possui canais ou arrôios que a atravessem, por onde as faluas e as gôndolas pudessem poeticamente navegar, mas, também, não pode queixar-se das ladeiras e elevações que dificultem o tráfego dos bondes e automóveis — seu chão é de uma planura adorável, quebrada, de longe em longe, por uma dobra quasi imperceptível.

Não nasceu Pelotas debaixo dos olhos severos de Marte, como sucedeu à quasi totalidade das suas irmãs, mas sim abençoada por Ceres e encantada pelos sons da flauta do travesso Pan. Das últimas rugas da Serra do Tapes, êsses deuses acenavam, aos habitantes de São Pedro do Rio Grande, as promessas esperançosas de um porvir belíssimo.

Expulsos os espanhóis, alguns moradores do Rio Grande encaminharam-se para São Gonçalo, atraídos pelos sons agudos de Pan e o sorriso acolhedor de Ceres, e a 6 de julho de 1780 estava fundada a cidade. Governara a Província o Capitão José Marcelino de Figueiredo, que doou aquele rincão, com a obrigação de cultivá-lo, a Manoel Carvalho de Souza.

A transhumância foi feita — de todos lados chegaram rebanhos: a relva era boa. Por felicidade daquele núcleo rural appareceu um cearense de nome José Pinto Martins que, a todos, ensinou o fabrico do xarque — êle devia dizer *jabá* — e com tal facilidade aprenderam os gaúchos essa nóvel indústria que rapidamente prosperaram. E' verdade que o odor dos saladeiros não é nada agradável, mas o que se consegue sem sacrificios não tem efeito duradouro . . .

Não sabemos porque recebeu a cidade o nome de Pelotas. Pelota é uma embarcação rudimentar feita com o couro de boi

curtido. — Teria vindo o nome do fato de usarem os seus primeiros habitantes essas embarcações?

— "Chi lo sa?"

Sabe-se que de início o povoado foi colocado sôbre a proteção de São Francisco de Paula, o milagroso santo que tanto ajudava os portugueses a vencer os pérfidos espanhóis. Antônio Gomes Moreira e sua família, após sacrifícios continuados, conseguiram trazer da Colônia do Sacramento, uma imagem do orago com o mais firme propósito de patentear-lhe sua devoção e deixar, no novo estabelecimento, uma lembrança que atestasse a presença dos lusos nas barrancas do encançado rio da Prata . . .

A empresa ia de vento em popa. Dia a dia aumentavam as naves no pôrto e os 55 km. que separavam Pelotas do Rio Grande eram navegados com uma frequência notável. Com o progresso — o ouro — vêm os títulos: a 6 de Dezembro de 1830 foi elevada à categoria de vila e a 27 de Junho de 1835 à de cidade. A evolução da fonte de renda continuou a se processar: da carne passaram ao peixe; do peixe às frutas e hoje Pelotas quasi que conserva tudo.

Na última vez que estive em Pelotas, assisti a um fato interessante: o embarque de fardos de "mandim" (bagre) para Maciô. Sabendo quão piscoso é o nordeste, fiquei deveras surpreso em averiguar que o Estado de Alagoas importava peixe sêco. Será que lá não haja alguém que saiba o que o cearense Martins ensinara aos gaúchos? Ou será que o bagre sulino tem um "tic" de sabor especial em similitude ao que encontramos no bacalhau estrangeiro para desmoralizar o pirarucú?

Por muitos anos Pelotas foi o empório comercial do Rio Grande do Sul; porém o bom exemplo é também imitado e Pelotas viu seu prestígio abalado. As margens alagadiças que debruam os rios e lagôas salvaram-na — o arroz deu-lhe novo impulso para cima. E em 1907 já se podia considerar a "princesa do sul" como o maior produtor dêsse utilíssimo cereal que tanto vigor empresta aos amarelos.

Pelotas é um mimo. Ruas largas e bem edificadas. Avenidas amplas e arborizadas. Praças ajardinadas com gôsto, fazendo ambiente aos artísticos monumentos. Parques interessantíssimos como o Souza Soares. Belíssimo prado de corrida.

Confortáveis cinemas e teatros. Ótimas casas comerciais onde nada falta. Enfim Pelotas tem tudo mistér a uma cidade moderna, sadia e progressista. E' forte pelo seu clima benéfico e é bela, graças ao esforço desenvolvido pelos seus filhos para dar-lhe a vestimenta que uma princesa merece . . .

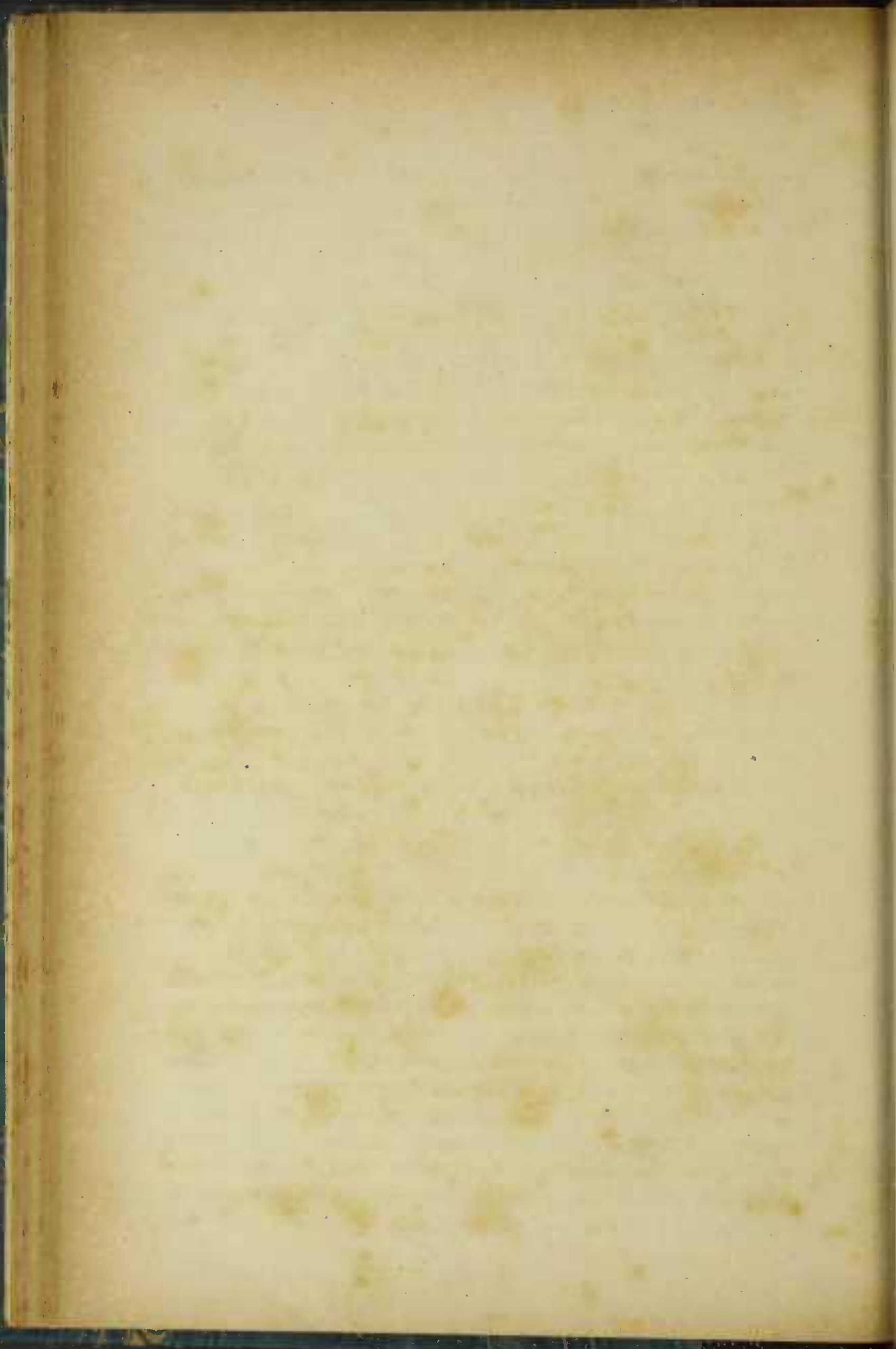
Uma única cousa causava desgosto aos pelotenses — era o pôrto. Verdadeiras palafitas com velhos pardieiros em cima servindo de armazens eram a sala de visita da famosa princesa... Hodiernamente um magnífico cais, quasi concluido, fará desaparecer o aleijão que tanto enfeitava o berço da mulher que, entre todas da terra, conseguiu em memorável certamen, o laurel — a mais bela. Para avaliarmos o alto alcance dêsse título, lembremo-nos que, por êle, foi feita a guerra de Tróia... Os patrícios de "Miss Universo", compreendendo o alto galardão por êle conquistado, ergueram expressiva columna para assinalar aos pósteros a vitória obtida.

Um outro monumento que não pode ser esquecido é o obelisco levantado em 1884 que, nas vascas do império, já comemorava a obra de um republicano.

Numa das faces da pirâmide, encimada pelo barrete simbólico, lê-se, numa placa: "Os republicanos de Pelotas recomendam aos viandantes a memória de Domingos José de Almeida". Êsse cidadão, assim lembrado pelos pelotenses, nasceu em Minas Gerais, onde, segundo afirma, sofreu o labéu da escravidão, foi vice-presidente e Ministro da Fazenda da República do Piratini e fundador da cidade de Uruguaiana. Morreu em Pelotas a 6 de Maio de 1871, com a idade respeitável de 74 anos.

Vimos o célebre desenvolvimento material do rincão de Lobo a Costa e não podíamos deixar de referir-nos à evolução espiritual! Ela se processou com o mesmo ritmo, a 5 de Março de 1876 foi, como prova real do grau cultural do povo, instalada uma biblioteca pública que conta hoje com mais de 40 mil volumes. Barnasque, nas Efemérides Rio-Grandenses, a êsse respeito diz: "O traço característico de acentuada tendência intelectual do povo pelotense, não podia prescindir, nessa época já adiantada da sua formação, do livro, pois, como nos versos do poeta: "o livro caindo nalma é louro que faz a palma, é chuva que faz o mar".

Oxalá continue Pelotas sempre assim: caída de amores por Mercúrio, sem se esquercer de Minerva.





## PÔRTO ALEGRE — A Enamorada do Guaíba

**Q**UASI não te conhecia, Pôrto Alegre. Não te deixei ainda criança para te ver agora, moça, bela, fascinante e feiticeira. Vi-te há seis anos somente e a transformação foi de pasmar.

Arrombadas as vielas e becos sórdidos e soturnos, surgiram as avenidas largas e álacsres; aterradas as várzeas alagadiças, para infortúnio dos anofelíneos despontaram estádios e casinos; higienizadas as lezirias marginais do amorenado Guaíba, apareceram as praias artificiais, arremedando as nossas carioquíssimas do Leblon, Ipanema e Flamengo, com ótima fita de cimento armado, por onde correm, cruzando-a ameudadamente, os ônibus e automóveis, levando pessoas ávidas de gozar o frescor, o pituresco e o encantamento de uma paisagem belíssima, onde se confundem mil nuances, tons e semi-tons, matizada pela Natureza e as tonalidades, umas berrantes outras esmaecidas, levadas pela mão do homem: nas praias, na estrada, no casario moderno que se perfila olhando a fantástica guéla potâmica.

A transformação foi "de fond en comble". Até os teus hábitos tão característicos foram mudados. E dificilmente se veem aqueles tipos de bombachas e esporas de enormíssimas rosetas tilintando nas calçadas da rua da Praia ou chupando a bomba de chimarrão nos teus aristocráticos "bars". Hoje, as tuas ruas, as tuas avenidas, os teus confortáveis cinemas e imponentes casinos dão lições de civilidade, a cada instante, ao estranho mais exigente. Tudo respira modernismo e alta elegância, desde as moças que cruzam as ruas até as casas de chá, de café, de modas, de qualquer outro comércio mesmo as livrarias onde nada se obtem para gôzo do corpo e tudo para alegria do espírito. Parece que estás sendo bafejada por um elemento divino! Quem será? Será São Francisco de Assis, orago sob cuja proteção foste colocada desde o berço? — Ou será uma graça concedida pela boníssima e bela Senhora dos Navegantes?

Dize-me, Pôrto Alegre, pois quero rezar ao teu protetor para que continues cada vez mais linda, próspera e feliz. Deves estar contentíssima com teu fundador, aquele zangadíssimo e atrabiliário oficial português, Manoel Jorge Gomes de Sepúlveda, que para aí foi com o nome de José Marcelino de Figueiredo, fugindo da exigência inglesa que o queria para, na fôrça, pagar a vida do oficial inglês que matara em duelo . . .

Recordas-te dêle ?

Com certeza, sim. Bateu o pé. Não concordava com a vida insulada de Viamão : queria uma porta de saída, por onde pudesse respirar a plenos pulmões, por onde, no dorso do Guaíba ou do Jacuí, demandasse o caminho da metrópole ou do interior da Província. E seu primeiro ato foi mudar a séde do Govêrno para o pôrto dos Casais, mandando às urtigas a opinião daqueles que não estivessem de acôrdo.

Hoje, quando admiramos o teu cais concorridíssimo e azafamoso, onde navios enormes encostam sem temor; o acilivoso e ondulado terreno que liga a planície marginal do Guaíba à parte alta da cidade onde se acha a Hidráulica, coalhado de casas as mais variegadas, de estilos os mais heterogêneos ficamos contentes, linda Pôrto Alegre, com a teimosia do teu fundador e o espírito eclético dos teus filhos, que tudo souberam escolher sem se atar a preconceitos estéreis e a regras rígidas.

Crescente, Pôrto Alegre, como uma criança creada à larga, no campo, sob o impulso único da ação vivificante da Natureza. E teus filhos, procurando belezas com que te ataviar, agiram isoladamente, sem se cingir a um estilo único, exibindo ao visitante a politecnia notável que deve ser um dos teus principais motivos de orgulho de cidade moderna.

Falando do esforço dos teus filhos, não podemos esquecer a obra fenomenal que é a Hidráulica — fator número um da tua atividade. A água imunda e prene de bactérias, que o Guaíba te dá, só como veneno poderia ser ingerida. Depois de passar pelos depósitos de decantação e pelos filtros poderosos, e de sofrer a ação benéfica do cloro, torna-se pura e cristalina, e pronta a ser distribuida em profusão. E que impressão bela dá o jardim da Hidráulica, escondendo a rusticidade da maquinaria com o colorido das flores e o neorama dos edifícios !

E' do alto da Hidráulica que se pode apreciar, gostosamente, todas as tuas formas: umas inteiramente femininas, como as praças, os pomares e as torres das igrejas; outras masculinizadas como as chaminés das fábricas que toldam de fumaça o teu céu formoso... E, ao longe, uma confusão de águas achocolatadas com a mataria rutilantemente verde, entremeando-se, e formando braços e ilhas, onde os antigos viram o formato de uma mão aberta, dando origem ao nome Viamão...

O miscegenismo dos teus filhos, contrariando todas leis etnográficas, deu-te a fôrça e a beleza que herdaste dos primeiros casais açorianos, dos alemães que vieram depois, dos italianos ávido por boas terras, do índio que habitara o pago e do próprio negro humilde que trabalhava escravizado.

Lembrando a pujança da raça, lá estão a atestar seu alto valor os monumentos grandiosos do Marquês de Herval, de Benito Gonçalves, de Júlio de Castilhos... e o pálido mármore, inaugurado pela princesa Isabel, daquele que para ti conquistou o título invejável de "leal e valorosa".



## CACHOEIRA — A Princesa do Jacuí

**A** FORMOSA cidade de Cachoeira, hoje com o título de "Princesa do Jacuí", foi outrora cognominada "Duquesa da Campanha", quando apenas ostentando a beleza natural da sua privilegiada situação geográfica, não sofrera ainda a ação dinâmica da força de vontade dos homens. Ao receber todos os requisitos de conforto de uma *urb* moderna, por certo teria que subir de galardão e passou de duquesa a princesa.

Deve-se a fundação de Cachoeira aos impávidos Dragões de Rio Pardo que não pouparam esforços na defesa da pátria ainda em formação e, nas longas cavalgadas que faziam iam semeando cidades nos pousos em que seus penosos deveres os obrigavam a parar. E à beira de uma fogueira onde fervia a chaleira, iam-se aglomerando as famílias dos soldados e os nativos, para formarem o núcleo duma futura cidade. Os índios *botucarís*, aldeados no local onde a "princesa" hodiernamente tem seu trono, acolheram os primeiros desbravadores e com eles prepararam a massa com que edificariam a futura Vila Nova de S. João de Cachoeira, a 26 de Abril de 1819.

Íncolas e lusos já habitavam em 1770 as terras banhadas pelo tréfego Jacuí, procurando obter delas o sustento diuturno, sob a proteção de N. S. da Conceição que, em sua igreja modesta e garrida, livrava seu pequeno povo dos males terrenos, fazendo-lhe a vida fácil e alegre num ambiente de fartura.

O belo rincão ondulantemente se prolonga por todos os quadrantes, cortado pelas águas, ora blandífluas ora impetuosas, do Jacuí, e cercado em hemicírculo por um forte aclave verdejante que constitue a rampa para o planalto, tendo em evidência o cêrro Botucarai que o viandante vê de longe e imagina as belezas que de cima dêle poderá abranger com o olhar — campos virentes, bosques, fazendas, vilas e as listras vermelhas das estradas correndo daqui prali, como se fossem fitas jogadas por mãos traquinas de uma deusa boa.

Não há quem se não prenda de amores pela terra, admirando as belezas que o chão e o céu encerram. E em Cachoeira tudo é assim rico, pujante e belo. Desde os arrosais que se estendem nas miríficas planícies, fontes de fortuna e felicidade, até nos campos onde pasta o gado — tudo é encanto, é pujança, é progresso, é fôrça.

E' pequena a altitude de Cachoeira — 70 metros apenas acima do nivel do mar. Mas como se parece alta ao contemplá-la de longe, vendo de relance o casario policrômico a galgar as encostas do morrete onde está erguida e a igreja vetusta e mimosa que atesta a fé católica do seu povo.

Bem com os anjos e os santos devem estar os habitantes de Cachoeira. Há vários templos. Romanos e luteranos têm onde lenificar suas máguas, pedir bençãos do céu e implorar misericórdia para os seus sofrimentos. E parece que Deus sempre escuta os devotos, porque neste torrão tudo corre bem. O clima é bom e há saúde. A terra é farta e ninguém é pobre. Não existe em Cachoeira o miserável na justa acepção do termo. E quão difícil é ao forasteiro conseguir alguém que queira um emprêgo doméstico. Por que trabalho se não há fome?

Se a Natureza é bela, o povo não o é menos. Sangue germânico e italiano deu a êle vigor e cores sadias. E' difícil topar-se com uma pessoa feia. Há um talisman que faz os homens mais fortes e decididos e as mulheres mais belas e prazenteiras. E os casamentos se fazem com facilidade. E a estatística acusa sempre mais gente, gente que o Brasil poderá contar com ela pelo físico, pelo civismo, pela moralidade.

Falando em matrimônio não devo silenciar um fato. Raramente consegue um oficial servir na guarnição aquí sediada sem prestar direitinho suas contas com Cupido. Anualmente alguns aspirantes caem no anzol das noivas acompanhados dos tenentes e capitães que, em cousas de amor, saíram vitoriosos em outras plagas.

Há aquí um filtro misterioso que só as mocinhas e quiçá suas mães conhecem.

Existe em todos acentuado espírito esportivo. Tudo é praticado: o remo salutar, o tenis aristocrático, o movimentado *basket-ball*, o bruto *foot-ball*, o atletismo, o hipismo e a natação. Gente de ambos os sexos, casados e solteiros, crianças e adultos reu-

nem-se na Sociedade Concórdia onde, numa atmosfera sadia e de bom gosto, se aprimora e aperfeiçoa a raça.

O sentimento de brasilidade tomou conta do povo que está pronto para vir à rua desfilando perante a bandeira pátria, numa afirmação altisonante de que a nossa raça, bem brasileira, caldeada com os mais heterogêneos elementos, está-se modelando com uma alma única — aquela que há de fazer o ideal do povo brasileiro tão grande como o Brasil considerado apenas expressão territorial, tão belo como o Brasil visto somente pelo prisma das suas riquezas naturais.

Exprimindo bem o caráter do povo corre, banhando a cidade, o Jacuí — quieto, calmo, deslizando mansamente suas águas pelo leito que vem de há muito cavando. Jogue-lhe chuvas nas cabeceiras e êle arreventa em fúria, alagando as planícies ribeirinhas, carregando casas, animais, pessoas, enfim tudo que encontra, sem que ninguém possa detê-lo. Várias vezes o povo cachoeirense provou que, ofendido nos melindres seus ou na defesa da justiça, não há quem possa conter sua bravura e sua impetuosidade.

Santos Pedroso com 35 homens desbaratou a guarnição espanhola de S. Marinho e ocupou essa missão. Borges do Canto, investindo com firmeza e tenacidade, deu ao Brasil toda a pujante zona das missões jesuíticas. São assim os cachoeiranos...

\* \* \*

A cidade é calçada, bem calçada a asfalto e paralelepípedos. Há água encanada e esgôto. Luz regular. Bom comércio. Ótimas praças artisticamente ajardinadas. As flores em Cachoeira nada ficam dever às de Petrópolis em tamanho, perfume e beleza. As hortências formam bouquets enormes de rico matiz que cambia do azul claro ao rosa avermelhado. As frízias, pequeninas flores que não vi alhures, têm aroma indizível. As palmas de Santa Rita nascem como mato e ostentam fulgor impar. As dalias são enormes. Os amores-perfeitos, as violetas, os miosotís apresentam-se em profusão, grandes e formosos. E' aqui o reinado de Flora. E os cachoeirenses não se esquecem disso elegendo anualmente a sua rainha da Primavera, escolhida a pêsso de ouro, pois que os votos são comprados em benefício do Hospital de Caridade — instituição modelar considerada a primeira no interior do Estado.

Há casas de apartamentos. Transportes fáceis — fluvial, ferro e rodoviário. Bom cinema. Cinco bancos. Três jornais. Um jardim para a petizada com os mais variegados brinquedos. Há de tudo que é bom, moderno e confortável. Só falta uma coisa — hotel. O adiantamento de Cachoeira está exigindo um hotel melhorzinho, para que os forasteiros nada de mal tenham a dizer da "Princesa do Jacuí". Uma princeba só merece elogios...

Cachoeira - 3-1-1941.



## RIO GRANDE — O Berço de Tamandaré

**S**E O ESTADO do Rio Grande do Sul tem portas de entrada, a cidade do Rio Grande é uma delas. Apertada, é verdade, mas linda e interessante.

Dois extensíssimos molhes de pedra avançam pelo oceano, sempre revôlto e zangado, canalizando a rota que devem seguir os mensageiros do progresso — os navios. Ao longe um horizonte branco das areias litorâneas e, aos poucos, as côres vão-se definindo, multiplicando-se encantadoramente. Renques de eucaliptos dão um tom alegre à paisagem branca dos cômodos de areia que se sucedem sem lei rígida, uns despidos e móveis, outros revestidos de relva e permanentes. À esquerda uma larga enseada conhecida pelo nome de Saco da Mangueira serve de caminho aos que, por água, desejam ir ao lugar onde se acumulam as enormes boiadas destinadas ao frigorífico Swift, que baliza o início do ótimo cais da cidade.

Enquanto o navio, molemente, se encosta, uma turma, verdadeira multidão, se congrega em torno de um mulato de feições enérgicas e olhar decidido. Todos concentram a atenção no mulato que vai escolhendo os homens que devem trabalhar na faina da carga e descarga. Há gente de todos os matizes e as mais variadas roupagens. Homens vermelhos mostrando a origem estrangeira, outros negros, de semblante africano e outros parduscos lembrando o caldeamento das raças. Um sujeito, cara de gringo, com grande lenço verde amarrado ao pescoço, é o primeiro escolhido e afasta-se da roda, contente. Outros vão ficando com a cara triste, talvez pensando na família... Quantos não ficariam sem o direito de ganhar o pão!

Naquele mulato que mandava e naqueles homens que queriam trabalho, eu vi, em toda sua nudez, o grave problema social que faz o mundo tremer sem que uma solução seja encontrada.

Finalmente pisamos na terra abençoada onde nasceu Tamandaré — o símbolo da bravura e honra da nossa marinha de guerra. Do outro lado do canal que despeja no Atlântico as águas da Lagôa dos Patos fica a branca Vila São José do Norte, onde nasceu Marcílio Dias — a prova de que os simples, os humildes também se immortalizam pelos gestos patrióticos que praticam. E ali ficam a cidade e a vila, uma olhando para a outra, como se o almirante conversasse com o marinheiro, sussurrando através da voz do vento cousas belíssimas acêrca dos atos heróicos que praticaram com os olhos voltados para o altar da Pátria.

A cidade do Rio Grande nasceu da necessidade de garantir-se a integridade da estrada constituída pelo canal, a lagôa dos Patos, o rio S. Gonçalo e a lagôa Mirim, e a variante que, da ponta de Itapoan (pedra em forma de anzol), segue pelo largo Guaíba e seu principal formador — Jacuí.

O litoral do Rio Grande do Sul não é acolhedor, há falta de golfos e baías que permitam o contacto vivificante com os navegantes. Por êsse motivo cresceu a importância do canal do Rio Grande que, para não causar "olho grande" aos aventureiros que buscavam terras, foi fortificado, em 1737, por José da Silva Pais, em cumprimento a ordens do benemérito Gomes Freire. Segundo o testemunho do Barão do Rio Branco foi, no período de 1747 a 1750, transferido o forte de Santana, com o nome de São Pedro, para o actual terreno onde se assenta a bela cidade gaúcha que vamos visitar.

Rio Grande moderniza-se, cresce, prospera sôbre o seu vasto chão de areia.

Prédios belíssimos se alinham de um lado e de outro da avenida que margeia o canaleta. As praças Xavier Ferreira e Tamandaré são atestados eloquentes do bom gôsto daquele povo. Nesta última há um interessante catavento que tem sua história fatídica: o engenheiro que o projetara, com o fito de renovar a água dos lagos construídos na praça, suicidou-se no dia da sua inauguração, ficando o trabalho perdido por não haver ninguem que atinasse com o seu funcionamento. E lá ficou, como muitas criaturas, o imponente catavento — belo e majestoso, mas inútil, pomposamente sem serventia... Do lado do mar, o povo tem, na praia onde se ergue a Casino, um atraente ponto balneário que, aos domingos, se enche de louríssimas sereias gaúchas desaca-

tando o vento impertinente que não pára nunca e o calor severo que se desprende das areias escaldantes.

A areia é uma questão séria não só no Rio Grande como, principalmente, em S. José do Norte. Contaram-me que, em certo dia do ano, todos os habitantes — homens, mulheres e crianças — se reúnem para remover a areia que como uma sucúri vai, paulatinamente, envolvendo a cidade para tragá-la. O reboliço dos habitantes espanta a branca boídea — a areia é retirada . . . . . Outrora os navios estrangeiros, que se sentiam sem lastro para enfrentar as artimanhas de Netuno, procuravam aquele pôrto onde a areia sobrava. Não foi bem compreendido êsse favor e num "alto gesto" administrativo resolveram os maioraes da terra vender a areia que os sufocava. Os navios mudaram de róta...

O problema da água no Rio Grande é também interessante. E' explorado um profundo lençól d'água subterrâneo, aproveitando-se a bela hulha eólica. Aí a aplicação do sábio princípio de Lavoisier é um fato. As águas da chuva e mesmo as servidas que não são escoadas para o canal se infiltram pela terra a dentro a-fim-de alimentar o vasto lençól e, quando lá chegam, se apresentam cristalinas e puras, deixando, no belo filtro constituído pela areia, a sujidade que serve de ótímo adubo às cebolas . . . . .

Já falamos no surio de progresso que vem invadindo o Rio Grande. Faamos agora do seu passado, "na história feita pela pedra, pela cal, por tudo quanto séculos pretéritos semearam para vindouros", no dizer sábio do mestre Escragnolle Dória. Alguns bairros ainda recrdam o período colonial da nossa vida política onde se veem vastas casas, verdadeiros corredores apertados uns contra outros, absolutamente sem ar, como se seus antigos habitantes se congregassem para melhor se defender.

Há dois monumentos que devem ser guardados religiosamente: a casa onde Tamandaré viu pela primeira vez a luz desta Pátria abençoada e a matriz de São Pedro mandada erigir por Gomes Freire de Andrade, em 1752, de passagem para o Prata. Nesta igreja foi o impávido almirante batizado, e sepultado o bravo Sebastião Xavier da Veiga Cabral. "Guarda dentro das suas paredes a alegria e as lágrimas dos que primeiro lutaram para a formação do Brasil do Sul".

Tem a cidade do Rio Grande na sua história duas páginas, uma de tristeza e outra de heroísmo, que não devem ser esque-

cidas: a primeira lembra o período de 1763-1777 em que esteve ocupada pelos espanhóis e a segunda justamente o reverso da medalha, exalta o valor do tenente-coronel Veiga Cabral que, aproveitando a guerra luso-espanhola, em 1801, guarneceu a fronteira, dando aso a que Borges do Canto e Santos Pedroso levassem as nossas raíças até aos atuais lugares.

\* \* \*

A cidade do Rio Grande dista da barra 12 kms. e está separada da Vila de São José do Norte pela largura do canal que é de 2 kms. Há no Saco da Mangueira a ilha dos Marinheiros com 7 kms. de perímetro, famosa pelas belíssimas frutas que produz. O canal tem 200 metros de largura, curvas com 500 metros de raio e a profundidade de 4 metros.

Depois de visitarmos a garrida cidade, em um trem, partimos em demanda de Uruguaiana (737 kms.), gozando as delícias que oferecem as esplêndidas planícies sulinas aos olhos que sabem ver.

## REZENDE — A Cidade do Repouso

**Q**UEM quiser sentir a fôrça da expressão "viver num seio de Abraão" vá a Rezende. Um silêncio agradável, uma viração sutil, um clima ameno e uma topografia bucólica oferecem ao visitante um ambiente de calma, de gôzo, de bem-estar.

Sente-se vontade de relaxar os músculos e deixar o corpo, molemente, eliminar as fadigas acumuladas, embalado pelo repicar, ora saltitante e alegre, ora monótono e compassado, dos sinos das igrejas.

Os pensadores, os poetas, enfim todos que executam ginástica cerebral, encontram, em Rezende, um meio propício para deixar o espírito espairecer e o cérebro fortificar-se para novas lutas e novos empreendimentos.

A garrida cidadezinha se acha, pelo preguiçoso Paraíba, dividida em duas partes. A mais importante, situada no alto de uma eminência, domina a outra que se estende pela baixada do grande rio. Uma comprida e belíssima ponte metálica liga as duas secções da cidade.

O viajante que chega a Rezende, pela estrada de ferro, incontinenti se empolga de admiração pela cidade. De um lado da ferrovia, uma praça ajardinada, bem calçada e com prédios de agradável aspecto; do outro, o horto florestal com o campo de aviação, construído nos dias tristes da luta fratricida de 1932, dá a impressão de um valiosíssimo tapete persa de um verde lindo debruado pelo matiz escuro dos bosques de eucaliptos.

Uma extensa avenida com excelentes casas de comércio vai findar na grande ponte que conduz o viajero à praça da Harmonia — silenciosa e pictórica — já na outra margem do Paraíba. Aí nascem as ruas aclivosas — rampas de acesso entre a cidade alta e a baixa, si nos fôr permitido dar-lhes denominações novas.

A praça Oliveira Botelho, de fácies encantador e original, com o belo templo da virgem da Conceição, constitue a corôa da interessante cidade.

O resto de Rezende prossegue nas quatro direções acompanhando a topografia gibosa do terreno.

E' agradável um passeio a pé pela cidade. Há edifícios erigidos segundo a ética das construções modernas e outros que lembram os dias de fausto em que o vale do Paraíba foi o celeiro — a fonte de ouro do tesouro do Império.

Ficamos tristes em não encontrar uma só livraria, apesar de procurarmos intensamente. Esta falta não é bom índice. A leitura, numa cidade quieta como Rezende, deveria ser fantástica — uma só frase de um bom livro, naquele cenário, tem um sabor especial.

Em compensação há dois cinemas que vivem numa concorrência sem fim, chegando o preço da entrada a seiscentos réis. Um dêles, no afan de conseguir fregueses, além do espetáculo ainda fornece condução de ônibus! E' formidável. Pena que no Rio não suceda o mesmo . . . .

Na nossa higiênica promenade pela cidade, pelas casas comerciais e de diversões pudemos ver os habitantes da amena terra. Em geral os representantes do frágil sexo são mais robustos e mais fortes. Os homens são, na generalidade, altos e magros; as Evas, de estatura mediana, caixa torácica bem desenvolvida, faces de assetinado róseo acentuado, olhos vivos e inteligentes.

Às tardes, a praça Oliveira Botelho regorgita de jovens que, alegremente, passeiam e conversam, dando um tom agradável ao belo recanto.

Os arredores da cidade também oferecem panoramas interessantes. O terreno é bombeante. Os morros se entrozam e se acavalam ostentando inúmeras linhas que se rebatem: umas no azulado do céu, outras no verde esmaecido da vestimenta do solo, constituída pelo capim gordura. A terra, cansada pela rubiácea, esterilizou-se e, em lugar da mata pujante, que ainda empenacha alguns cerros, surgiu o capim meloso como uma reação da Natureza para impedir os efeitos da erosão que modifica, consideravelmente, o aspecto do modelado do terreno, cavando ravinas, adelgaçando colos e arredondando elevações.

De distância em distância aparecem as casas das fazendas e nas suas proximidades o gado pastando calmamente.

O amigo da Natureza pode fazer sua digressão mais longínqua, atingindo as Agulhas Negras ou a gruta do Alambari,

já no Município de Bananal. As Agulhas Negras oferecem ao excursionista as sensações mais agradáveis, permitindo que o olhar se engolfe na paisagem de um pictórico inenarrável e de impressão indelével. A gruta do Alambarí, nas cabeceiras do arroiozinho que despeja suas águas nas cercanias de Rezende, também impressiona pelas suas graciosas estalactites e estalagmites que refletem colorido vigoroso, quando sôbre elas se projeta um feixe de luz.

Uma visita à bela cidade, tonifica o corpo, espairece o espírito e encanta os olhos.





## FOZ DO IGUASSÚ — Uma cidade que floresce

**L**Á NO cantinho do Brasil, onde o Iguassú despeja suas águas, uma cidade ainda menina cresce e adquire, dia a dia, mil encantos. Nasceu Foz do Iguassú de uma colônia militar fundada naquele maravilhoso rincão, como um atestado vivo de que as terras magníficas, a floresta deslumbrante, as cataratas potentíssimas, enfim tudo tinha dono.

Aberta uma clareira na pujante selva juxtafluvial, no chão que assim via e sentia pela primeira vez a luz e o calor do sol, foram erguidas as palhoças que deviam abrigar o reduzido contingente para lá mandado. Ficaram os abnegados soldados' expatriados em sua própria pátria, insulado pelo oceano impenetrável de verdura que os separava do litoral, que os apartava da civilização... As colônias militares e as fortalezas exercem um poder centrífugo, sôbre as famílias e amigos dos estóicos que para elas partem imaginando os mais fantásticos castelos, prelibando as mais dulcíssimas esperanças.

Bafejado pela aragem civilizante que soprava da gleba argentina, o logarejo foi-se desenvolvendo. E, do contacto da jungla virgem e inculta com o soldado rude e audaz, surgiu a flor ainda em botão que é a mimosa cidade da Foz do Iguassú.

Lembrando-se quiçá da página auri-rubra escrita com a bravura de Antônio João em Dourados, resolveram os dirigentes da nação construir uma linha telegráfica, através da qual poderiam receber rapidamente as informações daquele vivíssimo recanto raiano. E a linha foi feita pelo próprio soldado, contente em desbravar a terra, satisfeitíssimo em dar uma saída aos companheiros que se achavam sitiados pelas franças intransponíveis da soberba floresta.

Acompanhando os fios esticados nos postes aprumados, uma coleante picada dava trânsito aos trabalhadores e permitia a fiscalização do serviço. Essa larga pista que defendia a linha da queda das árvores foi o ponto de partida do progresso daquela

zona. A pouco a pouco famílias de colônos polacos, alemães, italianos se foram estabelecendo nas suas margens, procurando levar o produto das colheitas na direção do Atlântico — o imigrante tem sempre os olhos voltados para a pátria distante... (E ainda há quem queira derruir a idéia de pátria, riscar dos léxicos a palavra patriotismo!) Magnatas alienígenas de longe sentiram o cheiro do ouro — só os argentários o sentem — que exalava da floresta e de algum jeito conseguiram entrar na posse de largos e extensos latifúndios cobertos com o manto riquíssimo do *ilex paraguensis*. Na exploração da fortuna adquirida, abriam estradas onde pesados caretões transitavam peçados de sacas de herva, ou ringindo sob o peso das toras de cedro ou lapacho.

Dois polos atraíam os produtos do Paraná — o litoral e o rio Paraná. A costa era procurada pelos colonos estabelecidos ao longo da linha telegráfica e a larga caudal pelos que caçavam "la plata" na banda oeste. Havia uma zona de influência neutra somente atravessada pelo fio e pela picada onde o fâcies assás acidentado do terreno era poderoso impecilho ao desenvolvimento da população; apesar da exuberância das terras não era cubiçada devido à dificuldade de transporte.

A avançada do elemento estrangeiro era fulminante. Tudo que caracteriza um povo era no Paraná-Oeste diferente do usado no Brasil: a língua, a moeda, os costumes . . .

Mistér alargar e adaptar o picadão, de molde que fosse possível à invasão brasileira no rumo do ocidente na conquista de sua própria terra! Mesmo depois da estrada aberta, ligando Guarapuava à Foz do Iguassú e frequentemente transitada por automóveis e caminhões dos turistas que acudiam anciosos para contemplar as mirabolantes belezas dos saltos de Santa Maria e de Guaira, espalhafatosamente trombeteadas pelo mundo inteiro, as terras marginais do Paraná continuam como maligno quisto encravado no flanco do gigante.

Sem que saibamos o motivo foram extintas as beneméritas colônias militares — embrião vivificante de cidade, para agora surgirem com o nome de companhia de fronteiras, graças ao esforço e ao calor com que foi defendida a idéia ultra-sublime de nacionalizar as regiões extremenhas, pelo iminente chefe e amado amigo General Rondon. Sinto-me imensamente feliz em haver contribuído, aliás com diminuta parcela, para a criação dessas

fronteiriças guarnições, verdadeiras atalaias da nossa nacionalidade. Vivendo algum tempo naquela região encontrei brasileiros que só falavam o guaraní e que desconheciam a bandeira brasileira; topei em poderosa empresa uma taboleta proibindo que se falasse o português (que bom poder dizer o brasileiro) no interior da oficina, vi crianças nascidas no Brasil consideradas como argentinas ou paraguaias, lobriguei campanha de descrédito pelas cousas e pelos homens do Brasil, senti ausência total de amor pela terra grandiosa em que nascemos . . .

A solução estava mais uma vez nas mãos honestas e sempre solícitas do Exército, única força capaz de instruir e incutir no espírito público de uma zona afastada o amor pátrio: a cadeia maravilhosa que une, liga e consorcia os sentimentos dos cinquenta milhões de habitantes, fazendo-os agirem no momento propício, como flexível e potente mola, na defesa da honra e da integridade do torrão bentido em que nasceram.

A Companhia de Fronteiras da Foz do Iguassú, se bem que com poucos anos de vida, já deu uma nuance verde-amarela àquelas plagas, já fez pulsar alí com vigor o sangue brasileiro, ensinando a inúmeros jovens os seus deveres para com a pátria, transmudando o ambiente hostil ou indiferente que os brasileiros sentiam quando lá chegavam.

A inauguração de potente estação de radio e de excelente campo de aviação foram passadas seguras e rendosas no caminho do progresso. Para que aquela região floresça rapidamente duas cousas são necessárias: a reconstrução da estrada Guaruapuava-Foz do Iguassú que atualmente se acha intransitável e a edificação de um hotel confortável, onde o conforto e a higiene ofereçam convidativo bem-estar a todos que não medem sacrifício para se extasiar com a magnificência dos cenários pincelados pela mão de Deus.

Em 1930, em companhia do inolvidável palmilhador de sertões, viajei pela estrada a que acima me referi e percebi os últimos lampejos de resistência das pontes, feitas geralmente a trouxe-mouxe, com madeiras brancas. Soube mais tarde que após nutrido salseiro, as pontes desapareceram carregadas pelas torrentes. Esperando providências governamental os habitantes cruzam os braços e não morrem à míngua em virtude da formidável tenacidade dos carroceiros que, em cada rio, transportam a braços a carga e em seguida a carroça desarmada. Lembra êste fato

a trabalhadeira infernal vencida pelos bandeirantes, os construtores da nossa grandeza territorial.

Não podemos silenciar a ação desenvolvida pelo capitão Danton Benites na obra de sã patriotismo desenvolvida lá onde o Brasil se confina. A êle e ao pranteado monsenhor Guilherme Maria deve Foz do Iguassú uma sigma vasta de trabalhos — mais uma vez a cruz e a espada se uniram para o bem geral. Periodicamente chegam à cidade os aviões militares que fazem o correio aéreo vinculando ao Brasil todos os pontos afastados que sofrem a ação centrípeta da influência dos países vizinhos. No heroísmo dos impávidos aviadores que, destemerosamente, sulcam os céus magnificentes de nossa terra, encontra-se o esteio sólido contra o esfacelamento dêste país imenso, rico e futuroso.

## CURITIBA — Cidade sorriso

**B**ELA como uma fada, sorridente como uma boneca, a capital do Paraná enfeitiça a todos que a visitam. Curitiba encanta pela topografia bombeante, pelo clima ameno, pelas ruas largas e retilíneas e, principalmente, pelo sorriso encantador das suas lindas mulheres.

Do litoral paranaense uma montanha se levanta: penhascosa, íngreme, coberta de floresta, impenetrável — Uma verdadeira barragem aos passos do homem em rumo do ocidente. A fama da lenda do El-Dorado faz surgir, em todos os recantos selváticos do Brasil: prata, ouro e pedras preciosas. E no afã de enriquecer, a Serra do Mar foi galgada sem esforço para decepcionar o aventureiro que, ao chegar ao alto da mesma, encontrou, ao invés de uma contra-vertente deliciosa, um planalto de fâcies montuoso.

Os primeiros habitantes da cidade-sorriso estabeleceram suas edificações no lugar atualmente denominado Vila Velha. A mudança para o local onde ela, agora, majestosamente, se ergue é colorida com o pictórico sublime de uma lenda: a padroeira do antigo logarejo — Nossa Senhora da Luz — todos os dias ao dealbar, volvia os olhos para a colina onde está edificada a mimosa capital. Interpretando a vontade divina, os habitantes, sem consultar a quem quer que fosse, fizeram a transferência da povoação que, sob a proteção da boníssima virgem, prosperou em riqueza e grandiosidade.

Hodiernamente, Curitiba nada fica a dever aos centros cultos e confortáveis.

Sua situação, a 920 metros acima do nível do mar, permite ao povo, o gozo de uma saúde inabalável, que se reflete sobre o semblante de todos — os homens são fortes e dispostos à luta; as mulheres, vivazes, belas e faceiras; as crianças robustas e lindas; e até as flores são, ali, mais bonitas, não sei se por efeito de cromatismo ou se pela própria pujança da terra. Tudo é belo,

grandioso e imponente. O espetáculo fantástico que se gozou na subida da serra, não é desmerecido ao chegar-se a Curitiba.

Constitui prazer inenarrável, passear pelos arredores da capital, onde o esforço dos colonos alienígenas — alemães, italianos e polacos — produziu um ambiente de fartura que prende e encanta o forasteiro. Os pessegueiros, as macieiras e outras mil árvores frutíferas ornamentam os pomares, as roças e os quintais das casas.

De Bacacherri, onde se acha o campo de aviação, a colina desce com seu casario moderno e constitui espetáculo interessante ver-se o movimento dos veículos ao longo da extensíssima rua Barão do Rio Branco que acompanha, elegantemente, as gibosidades do terreno.

A rua do "footing" é a 15 de Novembro, onde se acha o comércio de modas, os cinemas confortáveis e as casas de chá. À tardinha, uma multidão transita pela larga avenida e lindas paranaenses podem ser vistas com a mesma elegância e o mesmo donaire que em 1820 já havia maravilhado os olhos sábios de Saint Hilaire.

Acompanhando o progresso material, o espiritual, rapidamente, ultrapassou-o — a instrução em Curitiba atingiu nível assás elevado. De um estudo feito ficou apurado que somente 0,06 % da população em idade escolar não recebe instrução! Completando o edifício educacional dos curitibanos há, em profusão, colégios secundários, ginásios, grupos escolares, escolas normais e profissionais e uma Universidade.

A toponímia ensina-nos que Curitiba é formada da "curi" — pinhão — e "tyba" ou "tuba" — quantidade — reunião. Contudo, pinheiros, pinhas e pinhões são cousas que quasi não se veem, atualmente, na bela capital, de maneira que o cognome que lhe foi dado — cidade sorriso — fica bem melhor ao seu cenário alegre, atraente, interessante e belo.

## UM DIA EM SÃO SALVADOR

**J**UNTAMENTE com a noite, chegou o "Almirante Jaceguai" ao pôrto de São Salvador. Ficou ao largo, aguardando a matutina do dia seguinte, para atracar. De bordo, a cidade do Salvador semelhava-se a enorme presepe. Luzes em profusão uniam o azul do mar ao do céu. No mar, refletiam os raios luminosos emitidos pela cidade baixa. No céu, misturavam-se com as lâmpadas da cidade alta as luzes de lamparina das estrelas. De longe contemplávamos a bela capital, como quem namora um fruto maduro no alto dum galho e não pode colhê-lo. O navio ancorado parecia um rochedo que emergisse repentinamente na baía descoberta por Cristóvão Jaques, em 1503, quando, percorrendo a costa do Brasil, a explorava. Com os primeiros raios tímidos do sol, o navio começou a se mexer molemente em demanda do magnífico cais. Rumei, com um bloco de passageiros, para o mercado, que fica nas proximidades do pôrto. Lá, pela côr e tamanho das frutas, pudemos avaliar a pujança da terra de Rui — o maior "côco" que ela produziu. Vimos cajús maiores do que mangas e dulcíssimas laranjas rochunchudas como cidras. Entileiravam-se sucessivamente as barracas onde a rodo havia: frutas, verduras, gêneros, peixes, pássaros, macacos, bugigangas, gaiolas, roupas e mil outras coisas. Num canto uma preta velha oferecia, aos madrugadores visitantes, lindas bonequinhas de pano — mimosas miniaturas das antigas habitantes da terra —. Umás eram brancas, outras mulatas e, finalmente, outras negrinhas. Indaguei da vendedeira: — Iaiá, quanto vale uma boneca destas? — Quinze mi rés, meu branco. Pode escoliê de qua qué cô.

Não pensei que uma baianinha custasse tão caro. E comecei a examiná-la, procurando um defeito para servir de argumento em favor da redução do preço. Remexi as vestes da boneca e, finalmente, argumentei:

— Não vale. Quinze mil réis por uma bruxa sem calças?

A negra sorriu, e disse vencendo-me:

— Ioiô, onde vasmicê viu baiana com carga? . . .

Do mercado ganhamos um rápido elevador, que conduz à cidade alta, onde as ruas largas levam apertões de vez em quando. As relíquias históricas prejudicam o progresso da cidade, permitindo que se vejam de braços dados o passado e o presente: antiquíssimas igrejas, conventos e mesmo casas de moradia; clubes, "bars", cafés, "bungalows", casas de modas, campos de esportes... Bondes confortáveis cruzam em todas as direções. Onibus ordinários e apressados passam corcoveando sôbre o calçamento de paralepípedos.

Escolhemos um passeio: — Amaralina, a Copacabana baiana. Quem a batizou, com certeza, amou alguma Lina naquele rico recanto onde o mar devagarinho beija carinhosamente a areia amarela da praia, provocando os pares amorosos que vão visitá-lo. Os banhistas estavam contentíssimos com Netuno que os fazia embalar em suas ondas seguidas e calmas. Gente robusta, geralmente morena e de cabelos lisos e finos.

O caldeamento do índio, que campeava nestas plagas — o precursor foi Caramurú — do português, que ali aportou, e do negro que, para o trabalho, os lusos foram buscá-lo no ardente solo da África, é ali estampado, com todas as nuances, na cutis morena das baianinhas que encantam, com seus sorrisos, donaire e brejeirice, a todos, baianos ou não, que lá vivem ou que por lá passem. Depois de visitarmos alguns edifícios religiosos, pois que ir a todos era impossível devido ao seu número que quasi atinge a cem, estivemos sob o teto amigo do milagroso Senhor do Bomfim, rezamos nas igrejas da Sé, de São Bento e São Francisco, não nos esquecendo de, em cada uma, fazer os sete pedidos, como manda a boa hermenêutica. Após termos, com a oração, adquirido o pão espiritual, procuramos um hotel a-fim-de conseguirmos calorias para o corpo. Quem vai à Baía, na hora da fome, pensa logo no vatapá. Aboletámo-nos em redor de uma mesa do hotel e pedimos o vatapá genuino, pois o que conhecíamos, segundo os Luculos, era falsificado.

Chega o fumegante prato. No semblante de cada um se espalhava o gôsto arrevesado que a mucosa palatina sentira. Pelo



olhar apurámos que o vatapá havia sido, por todos, reprovado com grau zero.

Chamámos o "garçon" e indagamos:

— Isto é vatapá?

— E' — respondeu-nos.

— O cozinheiro é da "Boa Terra"?

— Não. E' alemão.

Já é azar: ir à Baía comer vatapá feito por alemão . . .

Terminado o repasto às carreiras, procurámos ver o Palácio do Governo, o Quartel General, a Faculdade de Medicina, o Liceu, dois belos teatros, o quartel do 19, que se abriga na antiga fortaleza do Brum . . .

Na porta da faculdade de medicina entabulamos conversa com um académica.

— Isto aquí é "rôxo"? Ou é só arranjar média?

— Aquí se aprende de fato, respondeu-nos o futuro esculápio.

Os professores são verdadeiros escravos dos assuntos que lecionam. Se os senhores entrarem, agora, verão quasi todos os mestres pesquisando, labutando, estudando e ensinando com carinho como se ameniza o sofrimento físico do próximo.

Pela esplêndida avenida do farol da Barra regressamos ao "ex-alemão" que já havia apitado três vezes chamando os passageiros. Deixamos a Baía bela, graciosa e imponente, ainda iluminada pelos últimos clarões do dia.

Enquanto o navio se afastava, a nossa imaginação via todo aquele mundo de casas desaparecer e surgir, em seu lugar, o soberbo Monte Pascoal, primeiro ponto do garrido litoral brasílico lobrigado por Álvares Cabral. Logo depois, como num filme, aparece o quadro da primeira missa realizada em plagas brasileiras: uma enorme cruz de madeira, um altar improvisado, índios desconfiados, portugueses com um rosário na mão e o mosqueito na outra e, lá na frente, junto ao altar, a figura sublime de Frei Henrique de Coimbra.

Desponta, em seguida, um esplêndido cenário onde soldados, marujos, fragatas e canhoneiras se movimentaram em busca do

holandês invasor. Com graça surge a nau fugitiva de D. João VI, onde o monarca, sempre amuado, sofria com a arrogância da sua augusta consorte. Lobrigamos, semi-oculta por uma bambinela, Carlota Joaquina batendo com o pé:

— Quero ir para a côrte! Isto aquí é uma terra de negros!

E, por causa da fraqueza de um rei e da pirraça de uma espanhola, São Salvador não foi capital do Brasil Reino.

As cenas se sucedem: o povo exaltado, encarnando as suas aspirações políticas, revolta-se em 1831, sonhando com a república: o embarque de jovens para o campo ingrato do Paraguai, onde a Baía mostrou o valor e o arrôjo de seus filhos; a ação esplendente de Rui Barbosa em Haia.

De súbito há tremidos no "ecran", trechos escuros e nada mais. Assistindo, enlevados, à "fita" que se exhibia em nosso cérebro não vimos que o "Almirante Jaceguai" já havia deixado ao longe a interessante ilha de Itaparica e, como num verdadeiro mar tenebroso, avançava jogando o seu pesado côrpo de aço por cima da superfície volúvel do Oceano . . .

## CAPITAIS INSULADAS

**A** PESAR-DE poucas, as ilhas desempenharam papel saliente no início do desbravamento da terra que nos serve de pátria. O receio de ataque dos donos do imponente pindorama fez com que os conquistadores ocupassem de início as ilhas onde estavam a salvo do principal fator de êxito dos combates ameríndios — a surpresa.

O navegador português, que segundo uns descobriu a Terra de Santa Cruz, por acaso e, consoante outros, de caso pensado, preferiu tomar conta da terra, assistindo a missa numa ilha, que aliás hoje tem o nome de Corôa Vermelha.

Villegaignon, também, para furtar-se das estrepolias dos Tamôios, abrigou-se, inicialmente no rochedo Ratier, onde hoje mira a barra da Guanabara majestosa a fortaleza da Lage. Ao acanhado espaço desta ilha, preferiu o francês o aprazível ambiente de outra a que êle deu o nome de Coligny, como uma prova de gratidão ao seu patrono junto a Henrique II. As ilhas de Itamaracá e Itaparica desempenharam também papel importante nas lutas que o gentio assanhado e belicoso do nordeste movia contra os aventureiros que vinham em caça da fortuna.

Três aldeamentos estabelecidos em ilhas serviram de embrião ao desenvolvimento das garridas capitais do Maranhão, do Espírito Santo e de Santa Catarina.

O olho experimentado do pirata Rifault lobrigou, nas costas norte do Brasil, algo de rico e de extraordinário. Voltou célere à França afim de trazer recursos poderosos e regressar incontinentemente, para empreender a obra que projetara. Tudo lhe correu às mil maravilhas e para cumular a sua sorte quis o destino que um temporal o obrigasse a abicar na ilha do Maranhão, onde pelos íncolas foi bem recebido. Após alguma permanência entre os gentílicos, zarpu para a Europa, deixando Charles des Vaux afim-de consolidar a amizade com a gente da terra. Êste, com grande habilidade, conquistou o coração de todos e num belo dia

rumou para a França a-fim-de em viva voz contar os seus sucessos a Henrique IV.

Não era, contudo, a linhagem de Des Vaux tal que o rei pudesse nele depositar confiança e, para averiguar a veracidade das alviçareiras novas, mandou, em companhia do informante, Daniel de La Touche, senhor de la Ravardière.

Durante seis meses o emissário do rei sondou as possibilidades da região cobiçada e, convencido das mesmas, partiu para dar ciência ao monarca.

Para outra vida havia sido mandada a alteza de França, assassinada por Ravailiac, a-pesar-do fecundo reinado de 16 anos. Mesmo com êste contratempo, conseguiu o senhor de La Ravardière o auxílio indispensável para desenvolver a nóvel colônia francesa.

*La Régente, La Charlotte e Sainte Anne* eram os três navios que transportavam os 500 homens que deveriam colonizar as terras brasílicas. Após incontáveis peripécias, as mais extravagantes, chegou a esquadra ao destino requerido, onde foram encontrados os navios do corsário Dieppe, que muito auxiliou aos seus patrícios.

Restabelecida a amizade com os chefes indígenas, que fôra interrompida com a ausência dos franceses, encetaram os aventureiros a organização e a defesa do local onde iam fixar residência.

Em homenagem ao Rei Luiz XIII que então decidia dos destinos da França, guiado por sua real progenitora, recebeu a futura cidade o nome de São Luiz.

A olhos vistos prosperava o povoado provocando a cobiça lusitana. Da ilha haviam passado os franceses para o continente e em busca de pedras já estavam de posse do baixo Tocantins.

Entretanto, por terra marchava Jerônimo de Albuquerque com 500 homens que se choca com os intrusos infligindo-lhes séria derrota; porém não se aproveitando do êxito que obtivera, assenta um acôrdo no qual a posse daquelas paragens ficaria dependendo do que resolvido fosse entre a Espanha e a França.

Da mesma maneira não entendeu Alexandre de Moura, que, anciosos por uma peleja, não respeitou o acôrdo e a ferro e fogo levou de vencida a hoste francesa, até obrigar a abandonar a ilha, deixando em seu poder toda a artilharia.

Este gesto ousado e chucro afastou daquelas paragens os afeitos súditos da França e derrocou completamente a pretensão dêsse país de possuir uma colônia encravada no vasto território do Brasil. Bendito ardor belicoso de Alexandre Moura!

\* \* \*

Das capitánias divididas por D. João entre os seus fidalgos coube a Vasco Fernandes Coutinho a do Espírito Santo.

Com o bolso cheio de dinheiro conseguido nas Índias e com a cabeça repleta dos sublimes sonhos, chegou êle ao Brasil em companhia de 50 fidalgos e enorme expedição.

Logo de início já contava Vasco com o feliz êxito do seu empreendimento e, para patenteá-lo, deu à Vila que regia o nome de *Nossa Senhora da Vitória*.

Os goianases, que de perto espreitavam a azáfama dos brancos, resolveram atrapalhar a faina daquela gente esperançosa. Foram, contudo, infelizes na empreitada e regressaram à selva a-fim-de melhor agir mais tarde.

As edificações e os engenhos se multiplicavam, à medida que os canaviais se alastravam, e de tal modo prosperava o feudo do Vasco Coutinho que êle se viu na contingência de ir a Lisbôa a-fim-de obter maior número de colonos e instrumentos para minerar.

Com sua partida extinguiu-se a felicidade e ao voltar ao Brasil viu-se nas malhas da miséria mais negra por haverem os incolos devastado tudo que possuira.

Mais tarde, Cavendish após haver tomado Santos e queimado São Vicente, investe contra o Espírito Santo. Achando impossível que a barra permitisse a passagem dos seus navios de cem toneladas, ancorou fora da mesma, enviando uma expedição em escaleres.

A boa sorte que até aquele momento o havia auxiliado negou-lhe o apôio e para não ser totalmente derrotado resolveu fugir, deixando seus companheiros entregues aos portugueses. Após esta investida a cidade foi aumentando cada vez mais, engalanada pela natureza belíssima que a cerca.

\* \* \*

Numa ilha interessante fica também Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Seu primeiro nome — *Desterro* — foi

mudado para o atual na fecunda administração do Dr. Hercílio Luz, no limiar da República.

Com vastíssima comitiva, partiu em 1675, de S. Paulo, o capitão de milícias Francisco Dias Velho. Além de sua esposa e de seus seis filhos, acompanhavam-no também dois sacerdotes e grande número de negros e índios domesticados. Talvez saudoso dos seus pagos, lembrou-se Dias Velho de colocar sua propriedade sob a proteção de Nossa Senhora do Desterro.

Diz Lucas Boiteux que "tudo faz crer que Dias Velho assentasse o arraial no mesmo sítio em que se escancara a atual Praça 15 de Novembro na capital.

A situação era assás adequada e bele."

De tal sorte prosperou o povoado de Dias Velho que até hoje o seu nome é relembrado com carinho especial em virtude da acertada escolha que fizera.

## CIDADES DE FRONTEIRAS

**A**S CIDADES fronteiriças são verdadeiros portos sem mar — zona de atração dos habitantes das regiões limítrofes onde efetuam suas transações comerciais. Poucas são as cidades que nasceram e prosperaram na linha raiana. Surgiram como atalaias avançadas, impedindo o avanço dos aventureiros vizinhos.

O solo gaúcho, que ficou por muito tempo, após a Descoberta, entregue aos índios, foi vivamente disputado desde o momento em que os portugueses o incorporaram ao seu patrimônio. Tornou-se então um cenário épico: lutas entre brancos e índios, porfias de padres e índios contra brancos, disputas sangrentas entre lusos e castelhanos, contendias obstinadas entre brasileiros, combates duríssimos entre êstes e paraguaios.

O Rio Grande do Sul nasceu nas fornalhas ardentes da guerra e o espírito combativo do seu povo adquiriu a têmpera formidável só conseguida por aqueles que lutaram, sofreram e venceram.

As cidades dos dois lados do seu quadrilátero territorial voltadas para a Argentina e para o Uruguai representam pujantes centros, onde, nos dias de paz, se escoam as torrentes benfazejas da amizade entre os dois vizinhos, ora correndo num sentido ora noutro. Nos dias nunca desejados da guerra — que Marte a faça longe da América, se não puder evitá-la — serão os centros de resistência naturais, onde o Exército que representa, nesses momentos, a honra e o valor da nação, vai encontrar apóio para dizer com fôrça: não passa!

Não chegam a uma dúzia as cidades lindeiras, e quasi todas elas es acham no progressivo Estado sulino: Jaguarão, Santana do Livramento e Quaraí, em ares uruguaio; Uruguaiana, Itaquí e São Borja, voltadas para a Argentina; Foz do Iguassú desfrutando o doce convívio com os paraguaios e argentinos ao mesmo tempo; Ponta Porã e Bela Vista, engalanando a raia sul de Mato Grosso: Guajará-Mirim, nas barrancas do Guaporé, fitando a

Bolívia. Vão escasseando do sul para o norte, o que é natural, pois a parte meridional é mais populosa e já viveu mais, enquanto a setentrional ainda se acha quasi sob o domínio ameríndio e afogada na pujança da floresta. Das citadas cidades todas elas são gêmeas e algumas xifópagas (Santana do Livramento e Ponta Porã) pois são apartadas por uma única rua larga com o título pomposo de Avenida; todas as outras teem um curso d'água de permeio, facilitando o trabalho das aduanas.

Fazendo exceção, a cidade de Foz de Iguassú não tem companheira nem no Paraguai, nem na Argentina. Nasceu de uma colônia militar fundada no ponto em que o Iguassú se lança no portentoso Paraná. A magnificência dos saltos de Santa-Maria e das Sete Quedas lhe reserva um futuro promissor.

Excluida Foz do Iguassú, falemos das outras, a partir do norte. Guajará-Mirim foi uma consequência da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que destruiu o entrave causado pelos dezesseis saltos colossais do Madeira. É uma porta de saída das riquezas da opulenta planície de El-Beni. O noroeste de Mato Grosso, apesar-das suas possibilidades, tem menos vida do que nos tempos dos inesquecíveis Rolim de Moura e Luiz de Albuquerque. As jazidas de ouro aguardam que surja um ciclo mais feliz para voltar à época dos que possuam vontade e quilate de Bandeirantes. Nessa hora, Guajará-Mirim e outras cidades que surgirão de povoados incipientes ganharão fama e grandeza. Na fronteira da Bolívia, o interesse é todo boliviano; "nas águas" dêsse interesse a zona raiana brasileira vai progredindo à vontade do Onipotente. Cobija, à margem direita do Acre, dá vida à Brasiléa, que lhe fica defronte, só pela influência do seu hábito progressivo.

Bela Vista é banhada pelo Apa. Ainda não existia ao iniciar-se a guerra do Paraguai. Aí os soldados de Lopez tinham um forte que, depois de despertar uma esperança de confôrto ás tropas de Camisão, ardeu rapidamente, deixando os atacantes, sem abrigo, sob uma chuva inclemente e sem fim. Hoje, de um lado e de outro do Apa, os pavilhões tricolor e auri-verde drapejam soprados pela brisa, norteados os destinos de duas cidades que têm o mesmo nome.

Ponta Porã é fruto, quasi exclusivo, da poderosa empresa que alí tem séde.



São Borja foi a terceira capital das Missões Orientais. Foi por ela que o chefe paraguaio Estigarríbia invadiu o chão sulino. Recebeu, por isso, o cognome de "cidade martir". Hodiernamente, um momento simples, — uma cruz — lembra os que ali, com sangue, regaram o solo da Pátria.

São Patrício de Itaquí, ao sul de São Borja, cento e vinte e quatro quilômetros, teve o seu período áureo, adquirindo até o título de cabeça de comarca em detrimento de São Borja. Chegou a possuir um arsenal de marinha. Com o desenvolvimento das estradas de ferro no grande Estado, a navegação no Uruguai decaiu e com ela as credenciais da cidade.

Uruguaiana — fruto opimo da guerra dos Farrapos — surgiu de um acampamento militar. Seu primeiro nome foi Santana do Uruguai. Em 1865 permaneceu em poder das forças invasoras, sob o mando de Estigarríbia, que foi nela sitiado e aprisionado com toda a tropa.

Quaraí, elevada à categoria de cidade por decreto de 21 de julho de 1890, teve como berço uma fazenda de duas sesmarias de campos adquirida por João Batista de Castilho. Fez-lhe companhia, do lado uruguaio, a cidadezinha Artigas.

Santana do Livramento assenta no local cedido, em 1818, pelo Conde da Figueira a Luciano Pinheiro. Progride com sua irmã uruguiaia — Rivera — da qual está separada pela avenida Ataliba Gomes. O nome da interessante cidade vem do fato de haver d. Ana Ilha de Vargas doado à igreja uma imagem da santa do seu nome, com a condição do povoado tomá-la por padroeira. Sòmente em 6 de Abril de 1887 foi considerada cidade.

Jaguarão é hoje ligada a Rio Branco no Uruguai por sólida ponte que abarca o caudaloso rio que deu nome à cidade brasileira. Seu primeiro nome foi Serrito, denominação dada ao local onde os espanhóis levantaram um fortim. Os portugueses, seguindo o exemplo dos seus inquietos vizinhos, fizeram o mesmo, ficando de um lado e doutro do rio duas pequenas fortalezas, como sementes das belas cidades atuais.

Além das dez cidades citadas, há incontáveis vilas e povoados que, seguindo as alternativas do progresso das regiões onde se acham, florescem ou decaem, servindo de termômetro do grau de vitalidade dessas mesmas regiões.

Handwritten text on the right edge of the page, likely bleed-through from the reverse side. The text is vertically oriented and appears to be a list or index of entries, though the characters are difficult to decipher due to the image quality and orientation.

## CEARÁ — Terra da Luz

**T**ODOS os brasileiros admiram com carinho especial os cearenses. O Ceará é amado e querido em todos os recantos do país. Um foco de luz colocado na quina nordeste do nosso território espargue raios belíssimos que engolfam de simpatia os habitantes do país inteiro. Esse foco é o sol imenso que abrasa, ilumina e estorrica tudo. É a bravura super-maravilhosa com que o sertanejo enfrenta as agruras da seca. É a coragem não menos miraculosa dos jangadeiros que enfrentam destemerosamente, aqueles "verdes mares bravios". É o amor arraigado que o povo tem por sua terra, regressando apressadamente ao chão onde sofrera, desde que aos ouvidos cheguem notícias de uma chuva copiosa que lhes reverdeça os campos e cubra as lombadas das elevações de luxuriante manto verdolengo — têm mais amor ao torrão natal que os animais da célebre floresta encantada da Polônia, onde a nostalgia atraía todos que sentiam aproximar-se a hora da morte e correndo e voando vinham "expirar à sombra dos bosques imensos em que tinham nascido".

Um fato da história cearense dá brilho vultoso àquele cenário de contrastes. Lembro a ação denodada do impávido jangadeiro José Francisco Nascimento em cujo peito se abrigou o seio da liberdade. Seu grito: — Neste pôrto não embarcam mais escravos — é o sinal estrídulo da alvorada numa terra onde ainda se dormia "o sonho da escravidão". Não ficou só no grito, completou seu patriótico e filantrópico gesto fazendo guerra ferrenha aos mercadores de carne humana. Depois do ato consumado. Nascimento chegou ao mercado e soltou todos os animais e pássaros, acentuando firmemente "no Ceará não há mais escravos". Quanta sublimidade e quanta beleza essa atitude eivada do mais elevado sentimento de humanidade encerra?!

A ourela branca e arenosa e o mar revoltado que, dia a dia, vai dela fugindo como amante zangado, fazem com que aquela costa seja desprotegida de baías e enseadas. Netuno, ali sempre

raivoso esbordôa a valer as praias alvíssimas, onde outrora frondejavam os cajueiros copados e os esbeltos coqueiros que tanta poesia emprestam ainda às plagas nordestinas. De tudo isto resulta ficar o torrão de José de Alencar sem um pôrto abrigado — mola impulsionadora do progresso. Várias têm sido as tentativas para a construção do pôrto cearense e todas elas se desmoronam como muralha erguida em terreno inconsistente. As opiniões sobre o local do pôrto são divergentes: uns desejam-no em Aracati, mais ao sul, outros veem mais praticabilidade em Camocim, mais ao norte, e, finalmente, uns terceiros, sem nenhum conhecimento técnico da questão afirmam que o pôrto deverá ser mesmo em Fortaleza, na praia de Iracema.

A Capital do Ceará é hoje uma cidade moderna onde há o mais exigente confôrto e a mais severa higiene. A altura-mania já invadiu o pago dos valentes tabajaras. E na praça do Ferreira se aprumam ultra-moderníssimos arranha-céus.

O cearense é tão "blaguer" quanto o carioca. A piada repentina que desconcerta e, pelo imprevisto, provoca o riso é o forte daquela gente inteligente, vivaz e sadia.

Ao passar pela Inspetoria Federal de Obras Contra a Sêca, vi um lacônico letreiro I. F. O. C. S. Novo na terra procurei uma tradução para o dístico. Parado no meio da calçada fitava o edifício com sua taboleta cabalística até que afinal descobri ser alí a sede da benemérita inspetoria. Um rapazelho que de lado assistia à conversa que mantinha com um amigo, abeirou-se de nós e indagou-nos: — Querem saber o que significam aquelas letras? — Sim, respondemos nós, encarando o providencial ciceroni. Sorridente, explicou-nos — I, isto; F, faz; O, o; C, Ceará; S, secar; isto faz o Ceará secar. Rimos a bom rir, tanto da tradução como da cara gozada que fazia o nosso informante. Logo em seguida disse-nos: Há outra tradução mais interessante — Isto foi outrora cavação supimpa.

Nossa Senhora da Assunção foi o primeiro nome da capital cearense, quando o rincão majestoso onde se ergue foi escolhido para nele ser erguido um forte. Habitaram-se, todavia, os habitantes a chamar-lhe fortaleza, denominação que vingou, apesar dos holandeses, em 1637 e 1644, terem-lhe dado o pomposo título Schomburgk.

Na parte tangente ao nome do Estado diz o vigoroso e erudito Dr. Joaquim Catunda: "Donde lhe veiu o nome se duvida, enten-

dendo uns que de "suia-caça" (suposição errônea. A palavra "Caça-çôo" é da língua tupí), outros que do canto de um pequeno papagaio grasnador, abundante nas praias no tempo da descoberta. Com melhor fundamento pretende Cândido Mendes que o nome é contração de "Ciriá-poá, Ciri-á, Ciriá" — e depois — "Ciará", como primeiro se escreveu, nome que evoluiu das formas tupicas para as lusitanas e que lhe foi dado pelos seus primeiros colonos, os potiguares, transmigrados do Ceará-Mirim. Anteriormente era o seu território denominado — Sertão do Jaguaribe — na parte meridional, e do Camucí — na setentrional".

O Ceará emergiu das profundas do oceano que separava as montanhas do sistema Guiano das do sistema Central do Brasil. Há formações cretáceas (era secundária) na serra do Araripe, onde se encontram camadas calcáreas horizontalizadas com peixes fossilizados em abundância e excelentes mármore. O Atlântico cinzelou a orla litorânea do Nordeste em tudo semelhante à do continente africano na parte que lhe fica defronte. Praias desenvolvendo-se em curvas extensíssimas, sem a mínima quebra do seu caprichoso traçado. Dunas ondulantes que às vezes atingem a altura de quarenta metros, movendo-se daqui para ali ao sabor do mesmo vento que enfuna as velas dos bravos jangadeiros. Enfim tudo serve para acentuar a similitude entre os dois litorais que se defrontam.

Três zonas distintas compartimentam o território cearense: o litoral, o sertão e as serras. A primeira e a última são zonas de fixação, onde se acolhe a gente do sertão nas épocas das grandes sêcas. Nas vertentes das serras a população se concentra, fugindo do horror, do quadro macabro debuxado pela falta d'água, quando não procura o litoral em busca de outros Estados.

Os próprios leitos dos rios são aproveitados para a agricultura quando de todo se some a água. Com o estrume de cabras fazem leiras, onde viceja algo que ameniza a fome em dias aflitivos em que "o sertão se transforma em vasta fornalha que tudo devora; morna solidão invade os povoados, de que se retiram o movimento e a vida. Começa então um grande êxodo de cearenses e a Niobe americana, envolta em crepe de pó ardente, chora os filhos condenados à expatriação e à morte. Figuras esqueléticas, macilentas, de todas as idades e sexos, de olhos encovados, vista empapada, voz sumida, peles sôbre os ossos, imagens da fome se

cruzam em todas as direções, e se atropelam em todas as estradas. Romeiros do infortúnio, ei-los vão sem saber onde . . .”

Acêrca da resistênciã do cearense o Barão Homem de Melo conta o seguinte fato : — Certa ocasião um engenheiro seu amigo acompanhava o trabalho de dois lenhadores, um cearense e outro espanhol e, dado o aspecto hercúleo do segundo, prognosticava para êle melhor rendimento. O ibérico empunhou o machado com firmeza e em poucas cutiladas produziu profundo sulco no tronco, dando a impressão que derrubaria dez árvores enquanto o pobre caboclo se via às voltas com uma sòmente.

O cearense dava as machadadas sem vigor, como se desejasse que o lenho permanecesse em pé. No fim de certo tempo o espanhol procura descansar . . . a fadiga do esforço inicial chumbava-lhe os músculos. O caboclo continuava obstinadamente, para daí há poucos momentos jogar por terra o colosso da floresta. Quando a árvore do estrangeiro caiu, o cearense estava com a segunda quasi derrubada.

Com gente desta marca é que se cansiroem as grandes pátrias . . .

## MARANHÃO HISTÓRICO

### Polo de irradiação da conquista amazônica

**S**E O RECIFE foi um ponto cubiçado pelos brancos de além mar, São Luiz também o foi. Não sabemos qual a riqueza que atraía, como uma mulher bonita, os bravos navegadores, os desbravadores do novo e rico mundo que surgira de um momento para outro, enchendo de sonhos a imaginação dos que viviam pensando em tesouros e em arriscadas aventuras. Seriam os encantos da terra moça e virgem preñhe de novidades aos olhos dos europeus, ou o enorme ovo de ouro achado, lá para as bandas do Tocantins, pelo esperto Charles des Vaux?

O primeiro que visitou o recortado e interessante litoral maranhense, foi o lusitano Diogo Leite que, a mando de Martim Afonso de Souza, com duas caravelas, singrou as águas da foz do Gurupí. Desenvolvia-se o ano de 1531 e governava em Portugal o rei D. João III que, ainda nesse ano, teve a infeliz lembrança de dividir o Brasil nas célebres capitâneas hereditárias de pouco ou nulo rendimento quanto ao fim colimado — povoar a nóvel colônia. Coube a capitania do Maranhão ao historiador João de Barros que, em 1535 já despachava para cá dez navios com 900 homens e 113 cavalos, tudo sob a direção de Aires da Cunha e dos dois filhos do donatário. No dia em que a expedição avistou terra maranhense, o oceano estava zangado e fez naufragar a vistosa esquadra de colonizadores que Portugal nos mandara. Todo o trabalho reduziu-se a zero. Os lusos ficaram aterrorizados com a má acolhida que lhes dera o furioso mar nordestino e deixaram aquele soberbo rincão ao Deus dará, aguçando a cubiça de outros aventureiros.

Por muito ficou o Maranhão entregue inteiramente aos selvícolas, até que à sua fimbria litorânea aportou, em 1594, o capitão francês Jacques Rifault, habilíssimo em travar relações comerciais com os aborígenes. Explorou, rapidamente, aquela região

e convencendo-se das suas possibilidades, deixou entre os aborícolas o gentilhomen de Turraine, Charles des Vaux, e partiu apressado para levar a nova ao rei da França. Entremettes os ingleses e holandeses iam firmando o pé nas margens ferocíssimas do amplo Amazonas. Na cõrte de Henrique IV appareceu uma chusma de pretendentes à malfadada capitania, chuçados pelas aurifulgentes notícias americanas. René Marsé foi o mais feliz entre todos, obtendo concessão para descobrir as terras situadas entre o estuário do Amazonas e a ilha Trindade. Como sói succeder ainda hoje, René, após conseguir o privilégio, deu sociedade a Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, que deveria arrostar todos os perigos, enquanto êle quedava-se em Paris . . .

De la Touche depois de muito vogar sem dar com os costados no Maranhão, volta para receber do monarca o título de "lieutenant général du Roi, en contrées de l'Amérique, depuis la Rivière des Amazones jusqu'à l'isle de la Trinité".

Vaux, cansado de esperar por Rifault, zarpa para a França, regressando para aquí a serviço de la Touche. Faz várias digressões pelo "hinterland" maranhense, trazendo muito ouro e pedras preciosas, algumas das quais do tamanho do ovo de pomba. Foi um successo. De la Touche desistiu de colonizar as Guianas e consegue da rainha Maria de Medicis, que regia a corõa devido a menoridade de Luiz XIII, a autorização para estabelecer-se abaixo do equador. E assim surgiu a cidade de São Luiz que teve o seu nome como uma homenagem ao rei da França.

Depois que os franceses estavam lá bem quietinhos, procurando desenvolver a posseção, é que os portugueses viram que aquele chão era dêles. E se prepararam para, à valentona, dar um fora nos intrujões que vieram intrometer-se em seára alheia. Enquanto os franceses andavam à caça de ouro e pedras, Jerônimo de Albuquerque e Soares Moreno marchavam sorrateiramente no rumo de São Luiz.

Em 1614, já drapejava, no mastro da fortaleza erguida por de la Ravardière, o vexilo lusitano . . .

Era preciso, agora, expulsar os ingleses e neerlandeses que se haviam encafuado no Amazonas. Para isso era mistér, primeiramente, levantar um forte na escancarada bocarra do rio-mar, à guisa de vigilante sentinela.



Consolidada a posse de São Luiz a 25 de Dezembro de 1615 partiu uma expedição sob as ordens de Francisco Caldeira Castelo Branco, o rixento fundador de Belém do Pará.

O domínio dos ânglicos e dos bätavos tinha alicerce nos fortins de madeira que haviam ali erigido. Isso não serviu de argumento ao afoito Bento Maciel Parente que, destemerosamente, derrotou e queimou as feitorias do inimigo.

Em 1637, o valente Pedro Teixeira conseguiu ir livremente até a confluência do Napo, dando aso a que distendêssemos à larga as nossas fronteiras. Todas as terras incorporadas à corôa de Portugal ficaram pertencendo ao Estado do Maranhão e do Grã Pará, com séde na "Atenas Brasileira".

A esquadra holandesa velejava mirando a costa, como ave de rapina adejando sôbre incauta prêsa. Um só momento de descuido é bastante para ela abicar e desembarcar tropas de occupação. A àguia agarra a vítima e vôa, os bätavos não, ficavam sôbre ela.

Cumprindo uma ordem do Conde de Nassau, o capitão holandês atacou e occupou a ilha de São Luiz e nela permaneceu de 1641 a 1645, quando foram os conquistadores derrotados às margens do rio Anil, por Antônio Teixeira de Melo.

Governava em Belém do Pará o herói pernambucano o capitão general André Vidal de Negreiros, quando lhe chegou aos ouvidos a nova de que os nassovianos com o auxílio dos índios Aruans, iam-se estabelecer na mimosa ilha de Marajó.

Exasperou-se Vidal de Negreiros e ordenou que a tropa se aprestasse para dar o murro final na pretensão bätava.

O formidável padre Antônio Vieira sustém o golpe, conseguindo a amizade dos célebres ceramistas marajoares que, assim, se tornam amigos dos portugueses.

E assim, enxotados todos os elementos alienígenas, ficou uma só bandeira drapejando, sobranceiramente, sôbre êste formidável Brasil.



## BARCAÇAS DE SAL

**E**M PLENO mar sente-se a imensidão do infinito. E só então o homem se queda pequenino, diante da grandeza da obra de Deus.

Quem pela primeira vez viaja, mesmo num grande navio, experimenta a sensação do isolamento, influenciado, quiçá pela grandiosidade dos panoramas melancólicos e eternamente azues. Seu mundo é o barco em que vive; o resto: o caos, o incognoscível, cousas terrificantes que açulam o medo dos tímidos.

Que vida não levam êsses heróis que em pequenas embarcações afrontam o oceano? Tudo é grande, incomensuravelmente grande; só tem proporções limitadas o pequeno espaço onde, sôbre o dorso movediço de uma barcaça, intrépidos marujos vivem horas intermináveis sem se incomodar com o vento forte que lhes fustiga a face, com o sol que dardeja inclemente e com as próprias ondas revoltas que fazem suas embarcações bailarem uma dança contínua e soturna.

A conquista do pão leva o homem às lutas mais insanas. Quantos alí, naquelas barcaças, não defendem o parco alimento dos filhos mirrados pela sub-alimentação e que nas praias ficaram contemplando a saída das embarcações mar fora. Serão os fortes de amanhã. A escola do sacrifício, dada pelo exemplo quotidiano, retempera aqueles organismos pequeninos para as pelegas mais árduas . . .

\* \* \*

Pequenos triângulos brancos avançam, trazidos pelo vento e deslizando o azul gritante do oceano.

À pouco e pouco, nas base dos triângulos atufados pela brisa, surdem os cascos das embarcações. Não se vê ainda ninguém.

Quais navios-fantasmas avançam céleres as barcaças em demanda do navio em que estávamos. Só muito perto, quasi ao

encostar, lobrigamos os homens — baixos, franzinos, morenos, deixando contudo irradiar a energia férrea que os anima.

Abatem-se as velas. As barcaças encostam e ao lado do navio continua o bailado intérmino. Os mastros oscilam p'ra cá e p'ra lá, dizendo que sim, dizendo que não. A água do mar lava de um lado a outro, o convez das pequenas naves. Num pequeno fogão arde o lume... Talvez alí se preparem magros feijões e o peixe seguro a pouco — fracas calorias para quem vive na luta porfiada com o oceano.

O navio, com inúmeras barcaças encostadas, parece uma pata que saisse pelo mar infindo acompanhada dos patinhos . . .

\* \* \*

Estamos afastados do pôrto de Macau — a cidade salineira.

Por mais que se alongue o olhar não se vislumbra uma casa, uma árvore, uma vegetação qualquer... Só muito longe a areia branca como um ponto final do azul do mar. Fim de período enfadonho e começo de outro mais variado.

A pata e seus patinhos ficam horas e horas ao sabor das águas.

Aguardando a maré para sair de Macau, a estiva faz-se esperar durante um dia inteiro e parte da noite.

Os passageiros começam a impacientar-se, principalmente aqueles que, não tendo um companheiro de jôgo ou uma "pequena" para um "flirt", têm pressa de chegar. Tive ímpetos de perder também a paciência. Olhei para as barcaças... e fiz varrer do meu pensamento tudo quanto fosse sinônimo de velocidade ou de intemperança.

Vi os pobres barqueiros embrulhados nos panos úmidos das velas, fugindo do açoite do vento e das lambadas das ondas num exemplo inaudito de abnegação, numa apoteose sublime dos que sabem esperar. E ainda, para aumentar a minha admiração por aqueles obreiros humildes do sacrifício; os pobres cantavam uma cantiga suave, amena que nos chegava aos ouvidos como a própria voz do sofrimento . . .

## A PESCA DO TUBARÃO NO MARANHÃO

O MARANHÃO é o Estado das riquezas inexploradas — vive pobre nadando na fartura. Poucas regiões do globo têm ouro em estado potencial como a rica terra de Gonçalves Dias. À ela cabe como uma luva a célebre sentença do inesquecível Rio Branco: "é uma colmeia onde sobra o mel". O babassú, o ouro e a pesca constituem o sólido alicerce onde, em futuro próximo, se assentará o imponente edifício econômico do Estado. O babassú e o ouro vão sendo explorados lentamente e suas indústrias caminham como quem não tem pressa de chegar.

A pesca, ainda em estado incipiente, dá fortuna aos poucos que se ocupam com êste perigoso meio de vida.

Conheci em São Luiz um oficial russo, Dmitry Cosakoff, que, após a revolução que reduziu a caos sua pátria, resolveu entregar-se à profissão de pescador. Percorreu aventureiramente quasi todo o mundo, procurando as regiões onde mais facilmente pudesse ganhar o pão de cada dia. Pescou nos mares da China, nas ilhas da Oceania, no Báltico, no Mar do Norte, na costa americana do Pacífico e, finalmente, no oceano que banha a nossa costa Norte. Afirmou-me não existir em todo o mundo lugar tão rico em tubarões como o litoral maranhense. Defronte da ilha de São Luiz os gigantescos habitantes marítimos vivem aos cardumes, sempre prontos a devorar os incautos que tiverem a infelicidade de cair dentro d'água. É voz corrente que, nos naufrágios havidos, somente um indivíduo conseguiu salvar-se da sanha devoradora dos tubarões.

Em dia do ano passado, o tubarão arrancou de uma só vez quasi todo o ventre de um farmacêutico que se banhava displacientemente na praia, destruindo a lenda de que o feroz animal marinho morre ao roçar a barriga na areia.

Em toda a costa, desde a Guiana Francesa até o Ceará, existem tubarões em abundância, desafiando o emprêgo de capitais numa indústria lucrativa e de fácil exploração.

Há cêrca de doze espécies de tubarão : o peritinga, o corre-costa, o fidalgo, o espadarte, a tintureira, a rodela, o tubarão-baleia, o laranja, o urumarú e mais três outras de que o meu informante se não lembrou na hora. De todas a mais feroz e inteligente é a tintureira. Tem a habilidade de cantar como galo, roncar, fingindo imitar o pescador. Muitas vezes ela segura o anzol pelo lado falso e puxa-o fortemente; o pescador pensa que fisgou a prêsa e com toda a fôrça procura içá-la. Num dado momento a tintureira solta o anzol e, não raro, o pescador cai, indo algumas vezes parar dentro d'água ao alcance do solerte animal. Os ingleses dão a êste esperto peixe o nome de "tiger chark (tubarão tigre) em virtude da coloração do seu ventre ser semelhante à do pintado habitante da floresta.

O denominado *rodela* que tem êste nome mercê do formato da cabeça arredondada que possui, onde os olhos se acham separados de cêrca de um metro.

O *corre-costa* quanto tem de atrevido tem de velocidade. E' pequeno, atingindo no máximo 1 metro e dez centímetros de comprimento. Tem as abas laterais brancas com as pontas pretas. Algumas pessoas o chamam de cação.

O *espadarte* possui no focinho uma comprida saliência, provida, de ambos os lados, de sólidas e aguçadas prêsas — verdadeiras navalhas —. Não possui dentes — estraçalha a vítima com a espada e engole os pedaços assim obtidos. Para colher o alimento com a boca, tem de virar de dorso para baixo, por causa da localização da mesma ser muito baixa. Procura os lugares rasos para viver e lutar. Assim que entra em luta toma a posição vertical, o melhor modo de poder serrar o adversário quer se trate de outro peixe ou mesmo de uma embarcação. Escora a ponta da cauda no fundo e, confiante na resistência de sua espinha dorsal, desfere golpes de baixo para cima com violência capaz de destruir a embarcação de madeira usada na pesca. Apesar-da fôrça, o espadarte não tem nenhuma inteligência — é um dos poucos peixes que não sentem a maré. Quando a maré enche, remonta os rios e vai na sua despreocupada excursão até às lagôas mais longínquas. De repente a maré começa a vasar e na sua brincadeira de criança fujona não sente o perigo a que está exposto — daí a pouco está espadanando na lama, lutando desesperadamente para safar-se com vida. Nos lugares onde existe muito espadarte, os caboclos aprovei-

tam-se da burrice do mesmo para, sem muito cansaço, fazerem gorda pescaria.

O laranja tem êste nome, graças à cor amarela que possui. E' pequeno.

O meu informante pesca o tubarão por um processo muito rudimentar e de fraco rendimento. Enfrenta o oceano com frágil embarcação munido de um forte anzol de uma polegada de grossura prêso por uma corda com 30 metros de comprimento. Para que o tubarão não corte a corda, nas proximidades do anzol coloca dois metros de corrente. No alto mar até um pedaço de papel serve de isca. Com terra à vista, emprega a própria carne do tubarão.

Os países adiantados na indústria da pesca usam redes fortíssimas, fazendo por elas circular corrente elétrica. Dmitry tentou certa vez pescar com rede e para isso mandou confeccionar uma com doze malhas. Saiu ao mar disposto a fazer ótima pescaria. Topando enorme cardume, resolveu eleger uma ponta do mesmo para seu trabalho. Jogou a rede e, com surpresa verificou que cêrca de 300 tubarões se debatiam para readquirir a liberdade. Depois de muita canseira arpoou cêrca de 100 que não puderam fugir da rede, já completamente imprestável. Morto o tubarão, há necessidade de retirar com rapidez o fígado, pois os seus companheiros vêm celeremente disputar a carne do que foi abatido. Onde há indústria organizada, o tubarão é içado por meio de guinchos para bordo dos navios de pesca. Dmitry aproveita somente o fígado, quando não pode rebocar para terra o monstro inteiro.

Indaguei do ousado pescador se conhecia a pesca por meio de gerimuns quentes. Respondeu-me afirmativamente, para ver até que ponto ia a verdade desta lenda. Porém o resultado foi negativo.

Do tubarão tudo pode ser aproveitado. Do fígado se extrai o óleo muito mais rico em vitaminas A e D do que o do bacalhau. Cada tubarão pode dar cêrca de uma lata de 18 quilos de óleo que é vendido a razão de 4\$000 o litro.

Com as barbatanas se fabrica especial cola muito empregada na litografia, a qual aquí é vendida a 300\$000 o quilo. Os tubarões possuem barbatanas no dorso, nos flancos e protegendo o sexo. Algumas barbatanas atingem o comprimento de um metro.

Da espinha se obtém excelente marfim para fabricação de castões de bengala, de pedras de gamão e de damas, e de bijuterias.

Disse-me Dmitry que lera numa revista circular em os dentes do tubarão em algumas ilhas da Oceania como dinheiro. Nem todos os tubarões, porém, são munidos de dentes. Alguns engolem por sucção.

Da pele são feitos couros para sapatos e "manteaux". A marinha americana usa a pele do tubarão para confeccionar os calçados dos marujos em virtude da sua grande impermeabilidade. Da espécie chamada *urumarú* se obtém excelentes "manteaux" graças às malhas muito semelhantes à pérola que emprestam grande beleza à pele, que é paga por polegada e atinge, geralmente, o preço total de 4 dólares. A exportação é feita com o sal prêso.

Do buxo se fazem pelicas para feitura de luvas.

Na pesca próxima do litoral, pescam-se mais fêmeas do que machos. As fêmeas procuram as praias para a perpetuação da espécie e nessa ocasião faz-se farta pescaria, podendo-se dessa feita se obter cêrca de 10.000 *urumarús*. Enquanto as fêmeas vêm para aquele fim os machos andam ao largo.

Os tubarões têm dois aparelhos genitais — os machos dois septos e as fêmeas dois úteros. Nos órgãos genitais direitos só há machos e nos esquerdos só fêmeas. Cada postura média é de 18 filhos; a do *urumarú* é de 48.

Nos lugares onde há pesca de tubarão, aumenta a quantidade de peixe, pois um tubarão come em média, por dia, 10 quilos de peixe.

Em 4 anos Dmitry Casakoff pescou 10.400 tubarões, tendo cada um o pêso médio de 300 quilos, 5 metros de comprimento e o valor aproximado de 800\$000. Este russo trabalhador e ousado deu uma prova de que ainda não mobilizamos as nossas principais fontes de riqueza.

Dizem que o tubarão tem o comprimento máximo de 5 metros contudo, já foram pescados na baía de São Marcos exemplares com 9 e 16 metros.

\* \* \*

Sempre ouvi dizer ser o peixe-boi um espécimen fluvial. Agora o valente russo branco informou-me existir também esse

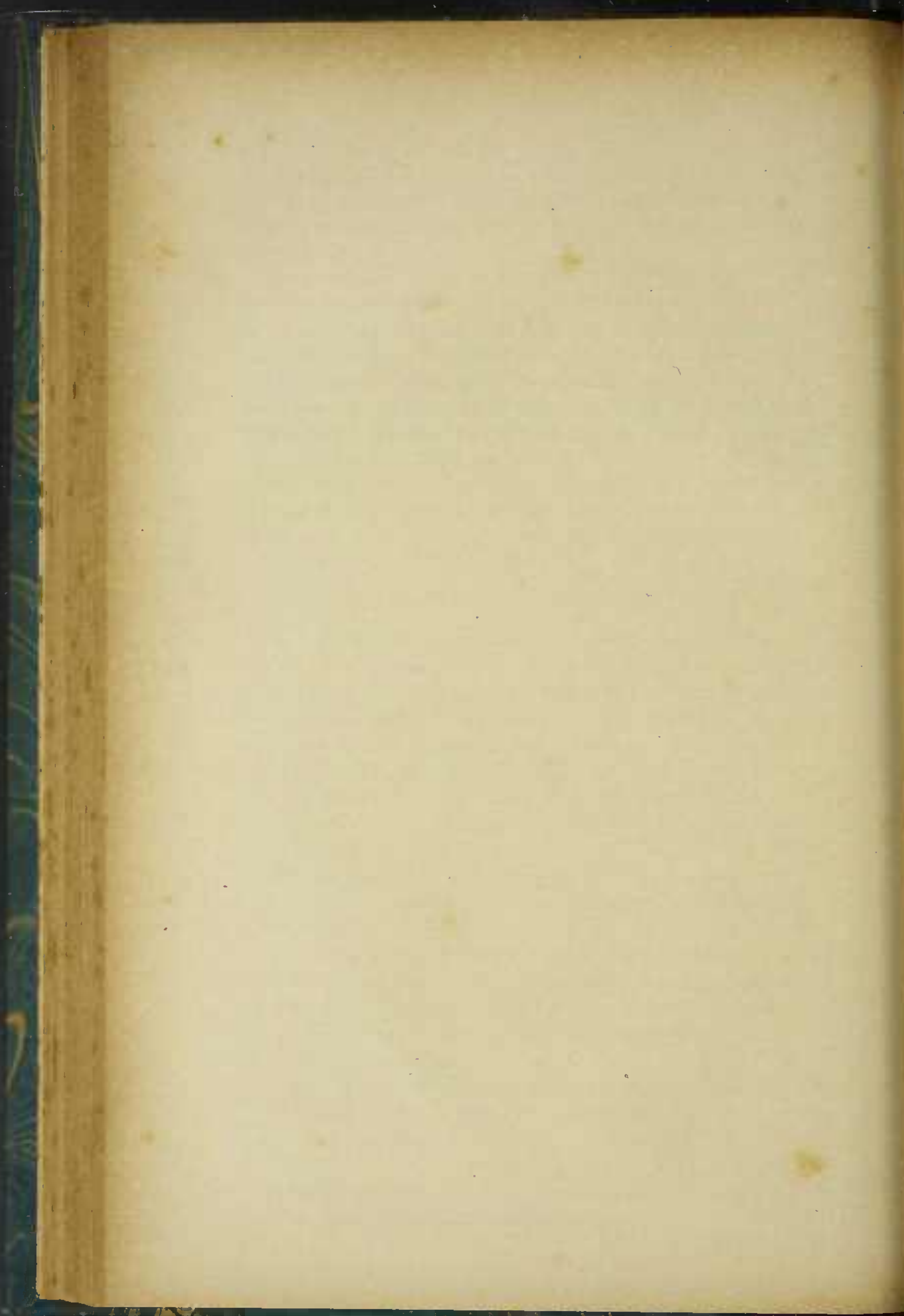


cetáceo no mar. Segundo Dmitry há três espécies de carnes no peixe-boi: de porco nas costelas; de boi, na cauda; de peixe, da cabeça para a barriga.

\* \* \*

Quando no Brasil as cousas sérias foram tomadas a sério, teremos na pesca do tubarão uma formidável fonte de rendas.

Enquanto cuidarmos sòmente de politicagem, os enormes peixes servirão apenas para atemorizar os coitados que, para ganhar o pão, têm de viver sulcando as águas revoltas dos mares maranhenses.



## DO AMAZONAS À GUANABARA

**C**ONHECER totalmente o Brasil já é uma cousa quasi fenomenal. Agora conhecer e saber dizer, que aos que não o conhecem, tudo, tim por tim tim, sem faltar uma minúcia, um colorido, muito poucos podem fazer. Entre êstes está Otávio Tavares, que perambulou pelo Brasil imenso vendo com olhos que sabem ver e estudando a terra e seus habitantes através da sua história, crenças e costumes.

A cultura polimática de Otávio Tavares colocam-no no primeiro escalão dos nossos intelectuais e fosse êle mais afoito de há muito o teríamos na Academia de Letras, honrando-a com seu talento de escól.

Feita a apresentação do autor, façamos com êle a magnífica viagem do Amazonas lendário à maravilhosa Guanabara.

A planície amazônica mereceu do autor páginas inapagáveis. Nada foi esquecido daquele rincão misterioso, onde outrora campeavam as icamiabas guerreiras e as oleiras ilustres de Santarém e Marajó. Há trechos belíssimos e dignos de figurar nas nossas antologias, tal a beleza dos conceitos e da forma que escerram.

Destaquemos entre muitos o seguinte :

"O irapurú, a sereia alada e minúscula da Amazônia, dá felicidade no amor e o seu corpo embalsamado é irresistível e vendido, por isso, a pêso de ouro. O boto, a extranha encarnação, o "travesti" da iara, é o animador supremo das superstições, o Don Juan das águas misteriosas, perversor das donzelas irrefletidas e o olho sêco do terrível peixe jamais deixou de ser um talisman infalível nos males de amor. O socó, pernalta atrevido do Paraiso Verde, também se incorpora à fauna dos ares e à fauna ictiológica no prestígio de fazer milagres porque a sua canela é outro amuleto capaz de operar maravilhas nos corações."

Descrevendo a lenda da iara, a pesca da tartaruga e os festejos do Divino Espírito Santo no lago Janauacá, Otávio Tavares nos dá impressões indeléveis que ficam guardadas para sempre, dado o modo bonito e imponente como foi feita a descrição. No capítulo "o lago iluminado" é-nos apresentado o epílogo das festas do Divino Espírito Santo. Numa canôa engalanada com folhas de palmeira e totalmente iluminada com lanternas de papéis coloridos são colocadas as insígnias do Divino. Noite escura. Acompanhando aquela canôa, mil outras de todos os feitios, desde a ubá fragílima até a igarité de fundo chato, e menos perigosa, coalham o lago, "dando a impressão de que há boiando pequeninas ilhas floridas". Terminada a procissão são colocados dispositivos cheios de azeite protegidos com papel de seda de todas as côres — e acesas as grisetas — o lago toma um aspecto grandioso oferecendo-nos "uma orgia de côres como se houvesse tombado sôbre êle um arco-iris aceso e partido aos pedaços, cujos fragmentos ficassem a boiar, a boiar, dentro da moldura tenebrosa das selvas . . ."

Discorrendo sôbre as aves da planície fantástica, Otávio Tavares produz êstes dois períodos de ouro:

"As garças são caçadas pelas plumas custosas de que se vestem. E' a sua "toilette", branca como um vestido de noivado, que traça o seu destino, votando-as à cobiça do homem, imensurável e impenitente, estimulado pela vaidade feminina. As "aigrettes" são as mais lindas joias do arsenal da mulher e, para conquistá-las, que não dará o homem?"

"Essa avezinha extranha e expansiva, em que há um arco-iris de colibrí, uma melodia de canário e uma altivez de condor, logrou a consagração dos seus pares e dos homens, mais ainda dêstes do que daqueles. Porque há no irapurú o condão do feitiço."

Há um ponto sôbre que nos ocorre fazer uma ponderação: é o cognome de "cidade sorriso" dado a Manaus. Esse título pertence a Curitiba, si-bem-que a capital amazonense tenha o encanto feitiço do sorriso das mulheres.

Quatro capitais — Belém, São Luiz, Terezina e Fortaleza — são descritas sôbre todos os aspectos. O estudioso, o turista e o próprio aluno de corografia encontram alí muita cousa inédita e quasi tudo atraente.

Após fazer belíssima digressão pelos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas o autor leva o leitor à Cachoeira de Paulo Afonso. "Lá a sensação é a que nos dá tudo que é inédito. Um turbilhão de espumas, rolando, lutando; nuvens imensas rastejando sôbre pedras, com a majestade de uma floresta ao lado, e porfiando cada farrapo, cada pedaço, cada átomo por descer mais depressa, por chegar mais velozmente à beira do abismo. A cavalgada das águas! Depois a queda espantosa, medonha! E quando as águas caem entre duas muralhas graníticas que parecem querer aproximar-se para esmagar o turbilhão, sobe das profundezas um véu imenso de neblinas, o véu do noivado estranho das águas e do abismo!"

Percorrido o baixo São Francisco entra-se em Sergipe pelo pôrto de Aracajú, "a cidade boneca". A linda terra de Fausto Cardoso foi totalmente esmiuçada em virtude do autor haver ali vivido muito tempo. Sambas e fogueiras, o espantalho, o gau-xinim, superstição sertaneja, e a "sentinela" são páginas inconfundíveis, inesquecíveis.

Do pequeno recanto das águas passa-se ao berço da Pátria: Baía. Aí Otávio Tavares em fortes tintas focalizou a nossa história desde os dias em que aqui chegaram as naus portuguesas com as velas enfunadas causando espanto aos aborícolas, até ao episódio grandioso que teve por palco o convento da Lapa, onde a sublime sôror Joana Angélica deu a vida pela independência do Brasil.

A terra capichaba foi apresentada com todo seu pictórico encantamento. O convento da Penha e a ilha Trindade mereceram páginas especiais e algumas ignoradas por completo até então.

"Diz a lenda que os holandeses — que já haviam roubado as joias da virgem, como narra frei Jaboatão — voltaram um dia a saquear o convento.

"Chegando, porém, bem perto do santuário fundado por frei Pedro Palácios, pareceu-lhes que o convento se transformava em uma fortaleza inexpugnável e as nuvens que vinham do lado do mar davam a impressão de um colossal e gigantesco exército que avançava. Da rocha saíam ruídos estranhos, que semelhavam roncões de canhões. Sobreveiu uma tempestade, e os holandeses cheios de terror, puseram-se em fuga."

Terra fluminense é o título que se segue — um passeio por Niterói; pela serra florida onde se assentam Petrópolis, Friburgo e Teresópolis; por Cabo Frio, São João Marcos e a restinga bellissima da Marambaia. E que bom cicerone é o Otávio! Quanta cousa bonita êle sabe dizer, e de tal modo ameno que o leitor visita o Estado do Rio todo sem sentir, enlevado pela prosa agradabilíssima do guia magistral.

Rio — Cidade de Turismo é a chave de ouro do formidável livro premiado no concurso "O melhor livro de viagens no Brasil" instituído pelo Touring Clube do Brasil.

Praças, ruas, monumentos, estátuas, ilhas, serras e montes, jardins e lugares aprazíveis, costumes e festas populares, enfim, tudo é esmiuçado encantadoramente pelo autor do interessante livro "Do Amazonas à Guanabara".

De tal maneira completas se acham as páginas dedicadas à terra carioca que, se fossem lidas nas escolas, muita cousa ficariam conhecendo as crianças sem quasi nenhum esforço cerebral. Nós mesmos, que nascemos e nos criamos nesta cidade grandiosa e bela fomos aqui e ali surpreendidos por informações que de todo desconhecíamos.

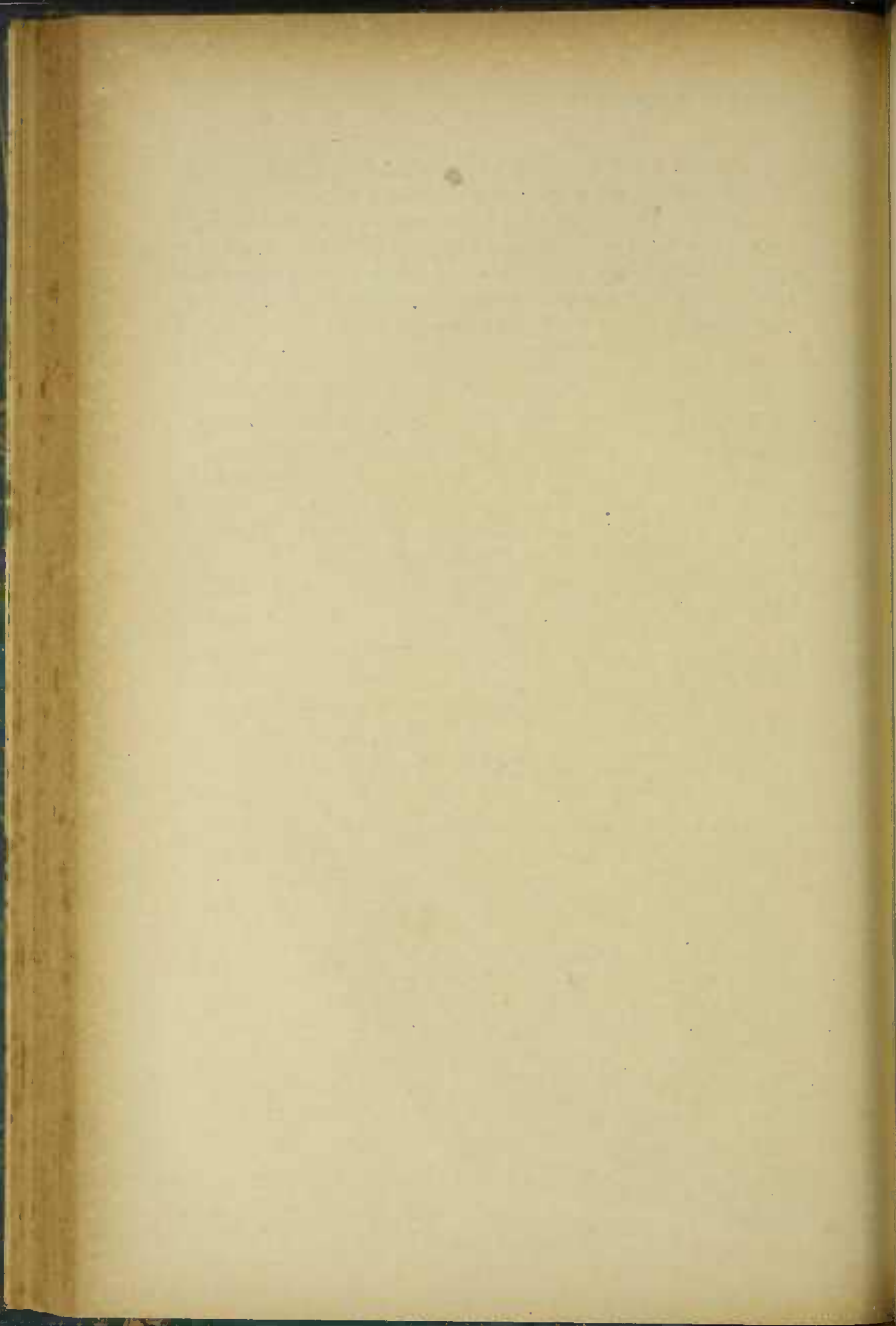
Para dar um exemplo do que acabamos de dizer, gozemos as delícias dêste trecho: "A praça Paris é o mais moderno dos jardins do Rio. Marca-lhe o início a estátua do grande juriscônsulto Teixeira de Freitas, que fôra inaugurada no largo de S. Domingos, em 8 de Agosto de 1905 — quando reunido no Rio o 3º Congresso Científico Latino Americano e removida para o local em que ora está em 20 de Março de 1910.

Deve a cidade êste logradouro ao Prefeito Prado Junior. Um formoso vergel, limitado por amendoeiras, onde, em canteiros raros que se estendem paralelamente ao mar, medram flores de todos os coloridos. Golfinhos de bronze vomitam para o alto, de dentro de um grande lago, jorros imensos de água. Adiante, novos repuxos, cujas águas repetem os dilúvios irisados de Versailles. O monumento do 4º centenário do descobrimento do Brasil marca o fim dos jardins da praça e o início do da Glória."

Terminando-se a leitura do maravilhoso livro, só nos vem à mente uma vontade, um pensamento: pedir a Otávio Tavares

que continue a sua viagem até onde o Brasil se acaba — até o Chuy pequenino, até o Uruguai blandiflúo e largo.

Continue, Otávio, na obra benemérita de dizer aos brasileiros o que é êste torrão imenso e rico, pois que para a coesão integral da nossa terra incomparável há mistér de uma argamassa forte como o livro que seu cérebro privilegiado produziu. E' preciso conhecer bem o Brasil para melhor amá-lo!





## BAÍA — Berço da Nacionalidade

**T**OMA esta Capitania o nome de Baía por ter uma tão grande, que por autonomasia e excelência se levanta com o nome comum e applicando-se a si se chama a Baía" — é o que diz Frei Vicente do Salvador em sua História do Brasil. Completando êste trecho, assevera o padre Antônio Vieira: "Abre esta costa do Brasil em treze graus, da parte sul huma bocca ou barra de tres leguas, a qual, alargando-se proporcionalmente para dentro, faz huma Bahia tão formosa, larga e capaz, que por tal deu o nome à cidade chamada por autonomasia — Bahia."

Foram nas terras altas da Baía — esplêndidas silhuetas esbatidas no azul do céu — que o navegante lusitano pôs os olhos contentíssimo em haver descoberto para a corôa de Portugal, uma encantadora ilha. E na Baía se acham todos os magníficos cenários que recordam o nascimento desta imensa Pátria. Lá está o Monte Pascoal, primeiro ponto lobrigado por Cabral; a baía Cabralia, onde abicou o descobridor e que recebeu o nome de Pôrto Seguro, hoje, erradamente, deslocado quatro léguas para o sul; a ilhota Corôa Vermelha ligada ao sentimento católico do nosso povo por haver sido nela resada a primeira missa em plagas brasileiras.

A "estaca zero" da já comprida estrada balizada por nossa história foi fincada no litoral garrido e belo onde os navegantes lusos, em 1500, sentiram o prazer de pisar terra firme após dias terríveis da longa viagem oceânica. "Em Pôrto Seguro está fixado, de modo definitivo o ponto inicial da História do Brasil" — asseverou Clovis Bevilacqua.

Malogradas as infelizes capitánias hereditárias, foi mandado por D. João III, com o título de 1º Governador Geral do Brasil, o hábil fidalgo Tomé de Sousa, assaz experimentado nas rudes pelejas da Ásia e da África. Trazia o governador instruções para fundar uma cidade na baía de Todos os Santos com o duplo objetivo de resistir não só aos autoctones, assim como aos

alienígenas sedentos de aventuras. Recebeu a nóvel feitoria o nome de Cidade do Salvador e, por armas, uma pomba branca com três folhas de oliveira no bico em campo azul. Ignoramos o motivo e o ato que determinaram a mudança do nome de origem para São Salvador. Que diga algo o vivaz historiador Pedro Calmon — o homem que reúne em si duas qualidades difíceis de se juntarem: a paciência de rebuscador de arquivos e a arte de dizer coisas enfadonhas e bolorentas de modo atraente, interessante e nimiamente agradável ao espírito.

Com Tomé de Souza vieram quatrocentos degradados que o irônico Jabotão não teve pejo em classificar de "boa droga ou semente para novas fundações, e de que nasceram nestas conquistas os principais e maiores abôrtos de vícios, escândalos e desordens."

Em 1640, a próspera cidade foi distinguida com o pomposo título de capital dos domínios da corôa de Portugal na América do Sul. Durante mais de um século — até 1763 — conservou o elevado cognome, para perdê-lo, depois, em benefício da magnificente e maravilhosa Guanabara, radiante até o irreal, no dizer mimoso de Martins Fontes, o Príncipe dos Poetas. O ceptro que sustentou por tanto tempo deu à Baía a majestade que ela conserva mesmo hoje, ostentando as belezas grandiosas do nosso passado e modernizando-se, continuamente, à medida que o tempo corre.

Quem chega à Baía sente a impressão do monumental, do fantástico, do belo. O anfiteatro altaneiro que se desenvolve do mar ao céu, confundindo, durante a noite, as luzes terrenas com o divino brilho das estrelas, circunda e protege a mirífica enseada, como se fosse um gigante possante que estendesse os braços para abrigar melindrosa fada... Ainda no século XIX escrevia Ferdinand Denis: "É impossível que se não sinta um homem involuntariamente arrebatado de admiração no momento em que entra na imensa baía de Todos os Santos... "Cultos ou incultos, viajando de primeira ou de 3<sup>a</sup>. classe, gente de todos os matizes e de todas as condições sociais sentem profundamente a impressão do sublime, do belo, do grandioso e não regateiam elogios à imponente capital baiana.

Engalanando a formosa baía, a ilha de Itaparica com sua luxuriante vegetação ricamente verde é o diadema mais formoso daquele escrínio de belezas naturais. Pelo salutar clima que pos-

sue recebeu Itaparica o invejável título de "Europa dos Pobres", quando as febres no início de nossa vida política ceifavam vidas assustadoramente. Na luta da independência, obteve a formosa ilha, o apelido de "intrépida". Além do clima salutar, da pujante beleza, do heroísmo histórico, é Itaparica conhecida pelas dulcíssimas mangas que produz.

Falar na capital, sem referirmo-nos aos seus vetustos templos, é um crime, é uma heresia, é uma falta imperdoável . . .

Diz Otávio Tavares — o rutilante escritor que não brilha com todo o seu esplendor, porque esconde nas nuvens espessas de sua modéstia o fulgor que irradia de sua privilegiada inteligência — "as relíquias da Baía são de ordem religiosa e histórica. Na esfera religiosa avultam a ermida de N. S. da Graça, fundada em 1524, e a igreja da Vitória, que data de 1529 ou 1530. Após a fundação da cidade a primeira igreja que se aponta é a de N. S. da Conceição da Praia, em cujos fundos passa a rampa íngreme da Ladeira da Montanha, a qual data de 1549, erguida diante da baía de Todos os Santos, no mesmo ano da fundação da Cidade do Salvador". Desejava Tomé de Souza que os navegantes encontrassem logo ao desembarcar uma igreja onde agradassem à santíssima virgem haverem chegado com vida após longa e arriscada viagem.

O padre Manoel da Nóbrega edificou a segunda igreja baiana sob a invocação de N. S. da Ajuda que a 31 de Julho de 1550 foi, por influência de D. João III, elevada a categoria de bispado. O prelado que exerceu tão elevado encargo foi o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, trucidado pelos Caetés, quando seguia para a metrópole, cansado de lutar com D. Duarte da Costa.

A igrejinha de N. S. da Graça foi levantada por Caramurú — o tal filho do trovão — tornando realidade um sonho de sua doce e morena Paraguassú.

"A igreja da Conceição da Praia — diz ainda Otávio Tavares —, onde se acham objetos do culto, de ouro, prata e brocados antiquíssimos, foi toda construída de pedras de cantaria vindas especialmente de Portugal, já trabalhadas. Os navegantes, porém, relegando ao esquecimento a intenção de Tomé de Souza, elegeram para guardar a imagem sagrada da sua padroeira a igreja do Monte Serrat, que se avista ao chegar ao pôrto, para a

esquerda, ao fundo da baía, bem longe, além do seio calmo de Itapagipe."

"A maior maravilha da Baía, e quiçá do Brasil, no terreno religioso, está na Igreja e Convento de São Francisco. Semelhante relíquia merece, por si só, uma viagem à cidade do Salvador. Qualquer que seja o lugar contemplado — as três naves da igreja, tetos, chão, paredes, cláustro, corredores — há por toda parte um tesouro de arte inestimável, tamanho, que se pode afirmar ser impossível na atualidade a realização de obra assim grandiosa, cujas parcelas foram pacientemente recolhidas e coordenadas através de anos e anos."

Vendo o Convento da Lapa vem-nos à mente a figura inconfundível da heroína Sórora Angélica — exemplo sublime de quanto pode a força de vontade de uma mulher servida por uma fé robusta e um patriotismo sadio, capaz de metamorfosear sua figura pequenina a frágil, numa muralha intransponível enquanto lhe batesse no peito o coração de ouro. Morreu na porta do convento de braços abertos, como um protesto eloquente contra os que desejavam sufocar, violentamente, o espírito de liberdade que contaminava e congregava todos os brasileiros ansiosos por uma pátria independente e forte.

Dentre todas as igrejas as mais visitadas pelos baianos é a de N. S. do Bomfim, não só pelos milagres obtidos do santo, como pelos festejos tradicionais que movimentam a população da cidade inteirinha.

Não somente de templos é a Baía rica. Monumentos, edifícios, estátuas, avenidas, passeios, casas comerciais . . .

A Baía é um campo vasto, sempre aberto aos que sentem prazer em invocar o passado e em admirar o colorido natural de uma terra eternamente moça e encantadora. Estudiosos e excursionista! Rumo à Baía!

## CLEVELÂNDIA — Clima caluniado

**A** MONTOADOS como carga, centenas de infelizes sofrem as agruras da fome e da sede, sufocados no ar doentio e morno dos porões nos navios. Seguiam ao Deus dará, sem saber para onde, adivinhando somente as torturas que ainda iam passar, como uma dedução lógica daquilo que já haviam passado.

Não eram negros apanhados em África que vinham, quais feras encurraladas, para serem vendidos a bom preço nas costas do Brasil. Não eram forçados que, pelos crimes cometidos, seguiam para fora do convívio da civilização, afim de carpir, em longos e penosos trabalhos, as faltas em que haviam caído. Eram, sim, brasileiros livres que, confiando em demazia na liberdade, sonharam com uma pátria melhor. Eram malfeitores, crápulas, assassinos, ao invés de heróis, bravos e abnegados somente por perderem a cartada, nos azares de uma revolução... Infeliz da nação que joga a sorte dos seus filhos, que é a sua própria, num duelo de canhões provocados por paixões incontidas.

Nos inúmeros portos que dão vida às nossas extensíssimas plagas litorâneas, encostavam os nóveis navios negreiros para receber a carga humana — os vencidos, julgados indignos da vida em sociedade... E lá iam eles sem ar, sem alimentação, sem higiene, com o cérebro conturbado, a face num rictus de raiva e o coração aos pedaços . . .

O navio enfrentava as ondas que, como montanhas rolantes, cavavam abismos sucessivos. Os mares bravios que banham o nosso setentrião, prevendo a afronta ao século das luzes — aliás mínima em relação ao que se passa na Espanha — faziam esforços para sepultar os infelizes que ali vinham encarcerados e a nave que os levava para os confins do Brasil... Tudo foi debalde, o navio ágil e destemido pulava daqui p'ra ali, vencendo as vagas sinistras... e, num belo dia surgiu na foz do Oiapoque e por êle subiu, vencendo as suas apressadas águas desejosas de confundirem-se com as do Oceano, extenuadas da

longa caminhada de 485 quilômetros que haviam feito desde a serra de Tumuc-Humac, saltando nas cachoeiras, espraiando-se nas ilhas, apertando-se nos pedrais, rodopiando nos caldeirões.

Enfim! Terra! Não com o significado alegre com que gritou o gageiro de bordo do "Pinta", quando pela vez primeira, viu as terras esperançosas da América, mas, terra, grito amargo, que representava a gleba — presídio, o chão que ia ensopar-se de lágrimas e de sangue, se não recebesse o próprio esqueleto dos infelizes.

À Clevelândia não chegaram homens. Aportaram indivíduos com organismos corrompidos, hirsutos, esqueléticos, miseráveis que respiraram, durante dias a fio, miasmas em vez de ar, comendo o verdadeiro "pão que o diabo amassou".

Que poderia fazer aquela gente mais morta do que viva na garrida povoação que florescia à margem do extensíssimo e lindo Oiapoque? Por mais forte que fosse a ação ecológica do lugar, não podia, por si só, metamorfosear esqueletos ambulantes acoçados pela brutalidade dos capatazes, em homens sadios...

Quando o peso dos sofrimentos ultrapassa a capacidade de resistência do indivíduo o único recurso é entregar a alma ao Creador. E inúmeras cruzes ficaram, no chão ubérrimo daquela zona onde o Brasil se acaba, como um monumento sempiterno aos que tombaram encantados por um ideal.

Sobre a maldade dos homens deveria recair a crítica desapiedada, mas nunca sobre a gleba salubre e bela que nada pôde fazer por aquele magote de infelizes... Os homens defenderam-se e a terra pagou, com seu desprestígio, o crime que não cometera...

Clevelândia, situada à margem esquerda do Oiapoque, goza as delícias de um clima adorável — a inclemência do sol é compensada pelo grau higrométrico fornecido pela pomposa floresta equatorial. Teve seu nome dado como uma homenagem ao grande presidente americano Grover Cleveland, que, com justiça e sabedoria, nos deu ganho de causa na questão do Contestado compreendido entre o Iguassú e o Uruguái. Lá, uma bem organizada colônia agrícola prosperava bafejada pela proteção oficial. A população crescia à medida que o tempo passava. O amanho da terra era uma segurança às vicissitudes da indústria extrativa da balata e da essência do pau rosa. Suas casas iluminadas a eletricidade, o confortável hospital Simões Lopes, a

boa estação radio-telegráfica, as frequentadas escolas e os sortidos armazens davam à Clevelândia foros de um centro civilizado. Transmudada, de uma hora para outra, em colônia correcional, e com seu clima em seguida caluniado, ela não definhou como uma flôr cortada da haste — resistiu e continua a sua rota, vagarosamente, como tudo que fica longe dos olhos . . .

Muitos dos que para lá foram, aguentaram o embate duríssimo a que foram submetidos e hoje, com suas famílias, abençoam a terra que lhes dá o pão quotidiano. Visitando Clevelândia em 1927, o general Rondon propôs ao Govêrno ligá-la a Macapá, nas margens do Amazonas, em virtude de só uma vez por mês ser ela visitada pelos corajosos "gaiolas" da Amazon River que, vagarosamente, singram as águas furiosas daquelas bandas longínquas. Aprovada a proposta foi a estrada, iniciada em 1929 para serem suspensos os trabalhos dois anos depois, ficando perdido um milhar de contos de réis... Francamente, não nasceu Clevelândia guiada por uma boa estrela! . . .





## FORTALEZAS: sentinelas da Pátria

**U**M CANHÃO mirando o mar. Uma granada que parte. Um navio que afunda levando para as profundas regiões netunais um enorme arsenal ambulante e uma centena de operários da morte. Cenas como esta são repetidas com frequência nos dias infelizes consagrados aos caprichos de Marte.

Teve razão o nosso famoso descobridor, quando julgou haver abicado em uma vasta ilha. O Amazonas e seus tributários: Madeira, Mamoré, e Guaporé, o Paraguai e seu majestoso confluente Paraná não são verdadeiros oceanos de água doce?

Por sôbre essas extensíssimas e gordas caudais navegavam os vizinhos espanhóis que, sempre em procura de novos tesouros incaicos, não respeitavam o chão sôbre o domínio de outra bandeira e iam sempre para a frente. Enquanto, protegidos pelo segredo da selva, os castelhanos vinham do ocidente, destemerosamente, do lado do nascente surgiam caravelas, patachos e outras naus onde drapejavam os pavilhões da França, da Inglaterra e da Holanda. Viram-se assim os lusitanos obrigados a cercar a considerável ourela do Brasil com incontáveis portes que, de longe, fizessem sentir a ocupação portuguesa.

E' proverbial o apêgo que o luso tem por aquilo que é seu. E assim, não mediram sacrifícios para erguer, nas regiões mais ínvias e em todas as vias de acesso, fortalezas capazes de impedir o avanço de aventureiros alienígenas.

Depois de expulsarem bítavos e britânicos do nosso gigante potâmico foram plantando em todos os pontos difíceis da torrente uma série interminável de fortes: Cacapá, Gurupá, Santarem, Barra, Tabatinga... Subiram o Negro e toda sua galhada de formadores e onde quer que encontrassem uma brecha por onde pudessem se intrometer os aventureiros, sem desfalecimentos e sem delongas, eram levantadas obras de defesa e deixada uma guarnição respeitável.

Entre todas as obras erigidas em guarda da fronteira excelem o forte Príncipe da Beira e a fortaleza de Coimbra. O primeiro mandado construir à margem direita do Guaporé pelo capitão-general de Mato Grosso Luiz Albuquerque Pereira e Cáceres com um perímetro de 970ms.,75, abrangendo seus quatro baluartes e as cortinas que os ligavam. A fôrça de cada baluarte era expressa por quatorze canhoneiras cujas bocas de fogo de ferro ou de bronze enfiavam as direções em que poderiam causar maior estrago. Para dar uma idéia, aliás pálida, do esforço despendido a fim de armar êsse forte, basta dizer que êsses canhões vieram de além-mar e venceram as dezesseis cachoeiras do atravancado Madeira.

O forte de Coimbra foi erguido pelo denodado coronel Ricardo Franco na margem direita do Paraguai em 1782. Tornou-se de grande valor histórico em virtude da resistência homérica sustentada em 1801 e 1864, respectivamente, pelo construtor e pelo inolvidável coronel Pôrto Carrero.

Inúmeras cidades tiveram seus berços em uma fortaleza; e para citá-las devemos começar pela "cidade maravilhosa" que nasceu numa ilha com duas elevações empenachadas com coqueiros onde Villegaignon erguera o forte Coligny — célula da sua sonhada França Antártica.

Manaus, a mimosa capital amazonense, é a flor que surgiu dos escombros do forte São José do Rio Negro, fundado em 1669 por Francisco da Mota Falcão. No terreno onde se acenta a "sereira da foz" — Belém — a primeira obra erguida foi um fortim de madeira que vigiava os rios Guajará e Guamá. O Ceará também tem a origem da sua capital numa fortaleza, vingando êste nome, apesar dos muitos outros que lhe deram: Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora da Assunção e Schomburgk. A garrida cidade de São Luiz brotou da fortaleza do mesmo nome construída em 1612 por La Ravardière e tomada três anos depois por Jerônimo de Albuquerque.

As zonas que sentiram maiores efeitos das guerras são justamente as que maior quantidade de fortes ainda apresentam como um atestado eloquente da luta travada para manter o Brasil colossal e coêso formando um agigantado bloco que a muitos, pela diversidade de costumes e pelo seu grande desenvolvimento no sentido das latitudes é considerado como um caso teratológico. Três são essas zonas: o Noroêste incluindo a Baía que este-

ve em ameaça constante das hostes holandesas, o Rio de Janeiro, que foi ambicionado pelos franceses e o Rio Grande do Sul que foi cenário, por largo período, de lutas porfiadas.

O gaúcho tem a alma de soldado porque o seu pago desde tempo remoto fôra regado pelo sangue generoso dos heróis. De início lutas de índios contra espanhóis, depois lusos e castelhanos contra índios e jesuitas e logo após guerra de extermínio entre os dois povos ibéricos.

Depois do grito famoso do Ipiranga viu-se o Rio Grande do Sul invadido pelas tropas do coronel Estigarribia, numa ocasião em que êle se sentia exausto de uma longa luta fratricida.

Hodiernamente as fortalezas capazes de mirar o Oceano e o estirão comprido das caudais lindeiras, enviar uma granada e mandar para o fundo um enorme arsenal ambulante e uma centena de operários da morte, são poucas. E' nosso dever multiplicá-las em virtude da faixa rubra que envolve a terra . . .



**E**  
des  
sur  
d'un  
d'un  
juste  
com  
par  
m  
de m  
es  
es  
o  
on  
m  
m  
p  
de  
d  
des  
v  
e  
M  
com  
de  
v  
es  
de  
que  
s  
s  
C

## SÃO FRANCISCO — Rio agonizante

**E**' INCONTESTÁVEL a influência do rio São Francisco na história da civilização brasileira. Era ao longo d'êlé que miríades clans indígenas se agrupavam para gozar as delícias das suas águas blandifluas, adquirindo com facilidade o alimento diuturno, quer pescando nos poços profundos ou plantando nas margens feracíssimas do opulento caudal.

Durante cêrca de um século andaram os lusitanos caranguejando no longo do litoral, no dizer pitoresco de Gabriel Soares; contudo, o sertão com suas riquezas e seus mistérios, atraía para uma aventura fortunosa, todos os reinóis e seus descendentes, mamelucos ou não. De início o S. Francisco foi procurado, mercê dos riquíssimos campos que lhe emolduravam as ribas pedregosas. Os contra-vertentes dos afluentes do S. Francisco — o Real, o Itapicurú, o Jacuripe e o Paraguassú — foram as estradas por onde sulcou a gente de Garcia d'Ávila tangendo vários rebanhos. O gado levado identificou-se perfeitamente com as campinas franciscanas, proliferando de maneira acentuada para gaudío dos felizes pastores que tiveram a ótima idéia de escorraçar daquelas paragens os habitantes gentílicos. Atêstando a grandeza pastoril da região evoco o testemunho de frei Vicente Salvador, que assevera provir dela os bois dos engenhos da Baía e de Pernambuco e a carne, que era vendida nos açougues... Mais tarde, durante o período difícil da guerra holandesa, dos campos ribeirinhos da famosa corrente potâmica, seguiram gordas manadas para o sustento daqueles que, valentemente, lutavam para expulsar o invasor que se enquistara nas terras graciosas do Nordéste. Conhecido o percurso sôbre o dôrso amarelado do gigante líquido por êle perambularam incontáveis "bandeiras", que se movimentavam em busca da prata lendária e que, para não regressarem com as mãos abanando, traziam apresados quantidade enorme de selvícolas, condenados pelos seus algozes ao cativeiro ou à morte. Eram os pobres indígenas que pagavam

com a liberdade ou com a vida os insucessos das caravanas que iam ao encalço da fantasiosa serra do Sabarabussú, que algum cérebro doentio imaginara mais branca do que a lua e mais resplandescente do que o sol!

Atrás das falaciosas descobertas de Melchior e Robério Dias, muita gente perambulava pelo sertão baiano sem conseguir a méta cobiçada, até que um religioso encontra ouro, ouro a granel na serra da Itabaiana, que pôs em reboliço todos os caçadores do áureo metal, ávidos por uma riqueza fácil. E, assim, em busca da barranca do S. Francisco partiam à cata do ouro "bandeiras" e mais "bandeiras". Como o Nilo — presente de Deus aos egípcios — o S. Francisco, nos períodos das cheias, se avolumava e espraiava suas águas espumantes por todo largo vale, deixando a terra adubada e apta para receber a semente, que deveria transformar aquela bela paragem num celeiro vastíssimo. Apesar de tudo o progresso da região franciscana passou a percorrer o ramo descendente da curva e ao invés do dinamismo, da energia e do movimento houve o regresso à modorra, ao desânimo e à vida enfadonha das zonas inertes. De nada valeram as pontas dos trilhos de duas estradas de ferro, espetando o dorso da torrente em Pirapora e em Joazeiro — injeções de óleo canforado em organismo que necessita de medicamento muito mais eficaz.

As notícias das fabulosas riquezas dos garimpos matogrossenses e do confôrto e progresso fenomenal de S. Paulo tiveram no rio S. Francisco o efeito de um prolongado e estridente toque de debandar. Pastores e agricultores, que obtinham minguados "mil réis de mel coado", após mil labutas, tudo abandonavam e demandavam céleres, atraídos por um dos polos: São Paulo ou Rio das Garças. Para debelar o grande mal, que aflige a região banhada pelo S. Francisco, o Dr. Agenor de Miranda — técnico seguro e conhecedor do rio — receita: o aproveitamento de todas as suas fôrças hidráulicas e a feitura de uma rede de canais de irrigação necessária à modernização de sua vida agrícola, à guisa do que fôra feito nas areias desertas do Far West americano. E acrescenta o estudioso: "Enormes populações poder-se-ão em seguida, localizar à sombra de novas indústrias. Duas riquezas naturais dêsses sertões podem ser logo tomadas em consideração e são: o caroá, que pode produzir a celulose de que carecemos para o fabrico de papel e os minérios de cobre, que abundam no alto São Francisco. O cobre é aliado da eletri-

ficação. Em tôrno do Jatobá há os maiores carosais do Brasil. As mais importantes ocorrências de minérios de cobre estão situadas nos municípios de Joazeiro e Curaçá. Há outras fontes para novas indústrias naturais na zona: o beneficiamento de couros e peles e o do algodão. A zona em aprêço produz o maior "stock" de peles de cabra do Brasil no valor superior de 30 mil contos, e a fábrica de linhas de Pedra é a afirmação de que se poderá aí ter grandes fábricas de fiação e tecelagem do algodão, onde essa fibra é fartamente produzida."

Enquanto nenhuma providência fôr tomada, dia a dia, mín-guam os recursos dos habitantes ribeirinhos, e por uma interessante casualidade definha, agonizantemente, a navegação no curso inferior do majestoso curso d'água, já pela escassez do volume líquido, já pela falta de drenagem no leito entulhado de paus, areia e outros materiais carregados pela torrente. Esta segunda causa fez com que, na ocasião das águas, o rio procure ganhar em largura, agindo contra os povoados marginaes, o que perdeu em profundidade.

Os pequenos vapores, que, outrora, subiam, apressadamente, fumegando, até à cidade de Penedo, onde, diga-se de passagem, ainda se sente o efeito da maré, ficam agora, medrosos, na foz do rio.

Urge darmos um remédio ao rio agonizante, porém nada de pílulas ou xaropes e sim bisturí, alta cirurgia — dragas, usinas, canais . . .

A BSC  
que tod  
todas m  
nos m  
obrar o  
do fimo  
distin  
Para m  
em sua  
nessa  
lhamo  
chamo  
hosi  
com o  
o 3º  
Acad  
lejo  
ficio  
nando  
do esp  
mente  
que o p  
nom  
est  
ores e  
L  
p  
rudo  
nhos q  
o m



## O PRÍNCIPE DE NASSAU

**A**BSOLUTAMENTE, meu amigo. Não posso concordar contigo. Prefiro ficar entre os de inteligência peluda, entre os que tudo veem através de um prisma torto. Amo o Brasil com todas as suas glórias e misérias; e para mim, a nossa história não tem limite cronológico — ela começa mesmo antes de aqui abicar o ousado navegante lusitano que procurava terras além do famoso meridiano fixado, erradamente, em Tordesillas. Não distingo a pátria com "p" minúsculo da Pátria com "P" maiúsculo. Para mim ela é uma única desde os tempos em que os íncolas, em suas compridas pirogas, sulcavam os mares agitados no nosso vastíssimo litoral, até os dias que hoje passamos trabalhando com afinco para elevar o nome do Brasil ao nível dos das chamadas grandes potências. Francamente, meu amigo, como brasileiro, como católico e como soldado não posso concordar com o crime de lesa-pátria que desejam cometer, comemorando o 3º centenário da vinda do habilidoso príncipe Maurício de Nassau.

— Calma com teu patriotismo piegas. Não desejamos festejar a chegada do invasor e sim a sígma incalculável de benefícios e bnefeitorias que êle trouxe a todo o Nordeste, impulsionando com fôrça herculea quer no terreno material assim como no espiritual. Deves pensar somente no que fez de formidavelmente extraordinário o príncipe. Com seu dedo de artista esboçou o plano da garrida Cidade Maurícia; idealizou e executou o monumental Palácio de Friburgo, onde os mais acatados sábios estudavam e viviam; desenvolveu admiravelmente o gôsto pelas artes e pelas letras e veiu ensinar, aos que naquelas plagas habitavam, o que era elegância, donaire e confôrto, ministrando, pela imitação, lições completas da arte de bem vestir e amenizando um pouco a ganância desmesurada dos donos de engenhos que andavam sujos e miseravelmente, a-pesar-de possuirem o mealheiro recheiado. Ainda mais: introduziu em terras ame-

ricanas a representação popular criando as Câmaras dos Escabinos, que se reuniam, de vez em quando, em assembléia para legislar em proveito da província. Esses Escabinos também julgavam: eram um poder judiciário em miniatura — a sorte dos réus já dependia da discussão entre vários homens e não do livre arbítrio e da prepotência de um só. Foi o precursor do teatro no Brasil, trazendo da Europa uma companhia de cômicos franceses que empolgava os pernambucanos em dias festivos. E ainda mais, meu amigo, si bem que digas que condenas a comemoração a Nassau como católico, debes lembrar-te que êle, apesar de protestante, decretou, logo que chegou, a liberdade de culto.

— Ótimo, meu amigo, és um advogado às direitas. Contudo, fico com a minha idéia inicial — não separo o Maurício artista, administrador e diplomata do holandês aventureiro, argentário que trabalhava pela prosperidade da rica companhia da qual era o representante mór em nosso território. Era natural que assim procedesse o príncipe pois de outra forma não conseguiria êle ficar tanto tempo no Brasil, sufocando o ardor nativista — foi um ardil engenhoso de que o inteligente e amoroso holandês se serviu para cavar fundo os alicerces da sua feitoria. Igual processo está sendo, agora, adotado na Abissínia: os peninsulares espalham por todos os recantos daquele território alcantilado e pedregoso a semente do progresso, rasgando estradas, canalizando rios, higienizando povoados, vilas e cidades, distribuindo terras a colonos e mantimentos aos indígenas famintos, abolindo a escravatura, e permitindo as crenças seculares que não attem contra a civilização. Mussolini e Nassau, ainda que distanciados pelo espaço dos séculos, viram pelo mesmo óculo... Fizesse Nassau tudo que o excepcional italiano está fazendo pela Etiópia e, mais ainda, mandasse calçar as ruas da sua Mauricea com pedras preciosas e fizesse de cada nordestino um sábio, mesmo assim eu continuaria aplaudindo o desfecho da luta dos Guararapes que pôs por terra o domínio holandês no Brasil. Ao arrôjo da trindade heróica — André Vidal, Camarão e Henrique Dias — e do seu intrépido chefe Fernandes Vieira devemos a existência do bloco coêso do nosso território que pelas suas possibilidades causa apreensões ao mundo. Fosse outro o desenlace da rude peleja e teríamos quiçá, bem no peito do nosso gi-

gante uma colônia encravada à guisa das três que até hoje desafiam o espírito de liberdade dos americanos.

Por todos êsses motivos é que considero já existindo em 1639 a Pátria Brasileira com "P", si bem que fôssemos uma méra colônia espanhola, em virtude das duas corôas ibéricas estarem sôbre a cabeça do mesmo rei — Felipe II.

Como brasileiro, acima de tudo, coloco a integridade do nosso território, amando, carinhosamente, tudo que contribuiu para que nem um naco nos fosse arrancado para amenizar o fome de conquista das nações poderosas.

Como católico, não tolero o protestante intrusão que, com luvas de seda, permitiu a liberdade de culto, para depois consentir que as nossas igrejas fossem profanadas e despojadas de todas as riquezas; mutiladas as santas imagens, utilizadas, para bombochatas carnavalescas, as vestes sacerdotais; escorraçados os padres e fiéis que se mantinham sempre e sempre com os olhos voltados para a doutrina santa pregada por Jesus.

Como soldado, não posso nem de longe sonhar que um brasileiro que tenha passado pela caserna possa ser partidário de semelhante comemoração.

Na guerra holandesa encontramos exemplos que são sempre citados aos nossos soldados, como verdadeiros fortificantes das fibras morais, injeções poderosas de patriotismo. Que os partidários de Calabar projetem luz sôbre êstes quadros: as heroínas de Tejucopapo manejando lanças e espingardas em defesa do reduto que fôra surpreendido por Lichtart; d. Maria de Souza, ordenando aos seus filhos menores de 13 e 14 anos que partissem com a mesma honra dos seus dois outros irmãos mortos no campo da peleja em defesa de Deus, do Rei e da Pátria; Jacob Rabbi, o flamento antropófago, fazendo as matanças de Cunhaú e Uruassú; a batalha dos Guararapes, onde os três elementos da raça em formação lutaram pelo mesmo ideal, eletrizados pelo espírito de liberdade... e, si nada virem de grandioso, onicolor e belo, que, no dia da comemoração esquife do espírito nacionalista, ergam, para serem coerentes, duas estátuas — uma a Calabar e outra a Gaspar Dias — os dois únicos homens coevos da época que pensaram de acôrdo com os que desejam, hoje, adornar a cabeça de Nassau com um cintilante halo de glórias.

Há tanto que fazer pelo Brasil, meu amigo, para que percamos tempo em endeuzar um alienígena que o barco do Destino

trouxe às nossas plagas! Difundamos, a mãos cheias, por todos os recantos do Brasil, livros e cartazes que lembrem as vidas de Caxias, de Osório, de Andrade Neves, de Rio Branco, de Floriano, de Benjamim, de Rui Barbosa... Engagemos os nossos artistas na elaboração de quadros que atestem sempre a ação fantástica dos bandeirantes alargando as nossas raías, as vitórias fulminantes nos tabocais nordestinos, nas cochilhas bombeantes do sul e no chaco misterioso do Paraguai... Façamos reviver onimodamente no papel, na pedra, no bronze... todas as páginas luminosas da nossa história.

Está descuidada entre nós a educação cívica, único pão que levantou uma agonizante como a Alemanha em nação leader do mundo, única mola que deu a italianos a elasticidade evolucionista, única vara mágica capaz de metamorfosear os 40 milhões de brasileiros num só patriota.

Agora, um conselho, meu amigo, toda vez que estudares a vida de um homem que haja tido relações com o Brasil, se algo notares que possa entibiar o ânimo nacionalista do povo, guarda a descoberta em segredo. Só apliques tua inteligência e teus estudos na grandeza de tua pátria!...

## TERRAS CAÍDAS

**A**S NEVES que se alcandoravam nos cumes da alterosa cordilheira do Andes, se vão desfazendo, delindo-se a pouco e pouco, transformando-se em cachoeira de água clara e espumante, e deixando refletir no céu arcos-irís belíssimos escorrendo sussurrantemente nos grotões e rodaminhando nas angusturas, quais animais prêsos que procuram safar-se por uma única saída.

E lá vem a formidável massa líquida, apressadamente, correndo as abas das serras, lutando contra os ressaltos que lhe estorvem a passagem, em busca de uma calha lá esculpida no terreno, a qual a leve ligeiro à imensa bacia de recepção — o oceano. Como os indivíduos que, nas disputas encarniçadas se cobrem de sangue, a água cristalina e branca que surge das neves, torna-se avermelhada, côr de barro, pelo rocegar contínuo de encontro as asperezas do terreno — turva-se, torna-se feia, horrorosa mesmo, mas traz consigo pedaços do adversário: areias, seixos e terra diluída.

O caboclo que, na barranca das vastas cordas potâmicas oriundas dos Andes espera o momento da enchente, fica cheio de contentamento ao averiguar que a água do rio se tornou gélida e mais escura. E' o repiquete. E' o rio que vai inchar. Não há tempo a perder. Mistér confeccionar as balsas de toros de cedro e fazer as jangadas de seringa e caucho. E, ao trabalho no seio pujante da mata, substitue um outro nos portos fronteiros aos barracões.

O azáfama é incrível, maximé para os que se internaram até próximo aos manadeiros dos caudais.

O rio vai engordando. Cobre inicialmente as praias de areia rutilante — os taboleiros — procuradas pelas tartarugas, no estio, para a desova e onde, muitas veses vicejam a melancia, o melão e a abóbora, que tapizam o chão de bela alcatifa verde e fornecem aos viajantes: algo para cozinhar com a carne gostosa de caça e excelente refrigerio.

As canaranas viçosas que debruam as ribas vão esticando suas longas hastes, como a pedir socorro do perigo que lhes afflige, e, num belo dia, são sepultadas pela massa líquida que o leito do rio já não comporta. Barrancos de mais de quinze metros de altura desaparecem. A água espraia-se pelos terreiros — para guadio dos saurios e dos peixes — e ganha a floresta toda.

As oiranas marginaes já se não veem e as embaúbas que se perfilam como soldados disciplinados ao longo das margens, têm a água a banhar-lhes o meio dos seus colmos.

E' a desgraça vendo-se a enchente por um prisma.

E' a felicidade encarando-se por outro.

Não fosse a cheia não haveria febres, mosquitos, carapanãs e piuns — e mil pragas infernais.

Não fosse a cheia se não faziam as transações commerciaes que dão o metal sonante aos "atravessadores" — os tais que fazem negócios e ficam ricos com o suor alheio e permitem que os abenegados barganhem o que necessitam para viver algum tempo: balas, roupas, sal!

Os navios sobem, céleres, até aos últimos seringais, carregando tudo que a êles enviam as praças de Belém e Manaus. Mercadorias finas — sedas vindas dos Estados Unidos e cerveja fabricada na Alemanha destinam-se à cidade de Cobjia, situada já à beira do Alto Acre.

Dias e dias, com desprêso absoluto pela vida descem montados nas balsas de madeira ou de seringa, os heróis do pão — os que trocam, diuturnamente, a existência pelo alimento que não deixará os filhos se extinguirem de fraqueza, ou morrerem tiritando na época da friagem. São os célebres mercadores, carregados pela carga, no dizer pitoresco de Euclides da Cunha; que transitam "pelos caminhos que andam" no dizer não menos pictórico de Pascal. Constroem um tapirí em cima da larga jangada formada de troncos de cedro ligados entre si por fortes argolas e correntes e, "de bubuia" descem, batendo aquí e alí, rodopiando nos remansos e, algumas veses, quando levados, por uma componente centrífuga mais forte, de encontro aos troncos rígidos da selva, despedaçando-se, descompondo-se e arremesando na torrente o condutor com a família e toda sua fortuna: as parcas roupas e as lãtas da cozinha . . .

O desgraçado não esmorece. Salva os seus, deixando-os num "firme" e, xingando o tihoso, empunha a pagaia e corre,

na montaria, atrás dos troncos fugitivos. Segura-os, junta-os, organiza nova balsa e continua sua rota até chegar ao destino, ou morrer espetado na ponta dum galho sêco que lhe chuce o peito, como impulsionado por mãos ocultas.

E aquelas águas infinitas bem poderiam representar as lágrimas derramadas pelos que sofrem naquele rincão de Lucifer.

O rio começa a baixar. A quantidade incomensurável de detritos carregados pela corrente, vai-se decantando no fundo, deixando, no fim de cada cheia, uma camada nova de terreno aluviônico, excelente "colmatage" — super-alimento para os vegetais e gerador formidável de anofelinos.

O rio vai construindo a planície, trazendo, periodicamente, materiais que se depositam em camadas sucessivas no fim de cada inundação.

Continua a vasante... A água vai descendo... Os navios fogem à pressa em demanda da calha coletora — o Amazonas.

De súbito, ouve-se um estrondo que nos chega aos ouvidos, como se longe, muito longe, houvesse explodido formidável carga de explosivo: é a terra caída!

O "thalweg" do caudal inflete sôbre o barranco e roça devagarinho e continuamente, com a persistência lendária da "água mole em pedra dura..." E, de repente, desaba fragorosamente enorme trato de terra solicitado pela força incoercível da gravidade. Caem hectares e hectares de terra com sua flora e fauna dentro do curso d'água.

Vi, no Purús, um seringalista mandar desviar o curso do rio Amaforrã, tributário da direita daquele que, com a enchente, estava corroendo a margem onde êle tinha seu barracão e a pequena aldeia dos seus empregados. Quando o Amaforrã estava em fúria despejava-se no Purús e jogava toda sua força hídrica de encontro ao barranco e assim ia aos poucos sepultando nas águas do rio principal as terras da margem oposta a sua foz.

Dêste modo o rio constrói como a abelha e destrói qual dinamite. Longo labor na sedimentação, rápido trabalho na erosão.

O rio continua a baixar. De dentro de uma embarcação não se veem mais as barracas marginais... Estão lá em cima a 20 ou 30 metros sôbre nós! E no leito normal do curso d'água surdem os escombros da grande e porfiada batalha. Caules de todos os diâmetros — troncos de cumarú que viram o "fio" do machado, elegantes estípites de buri, galhadas de mulateiros, samiau-

meiras e castanheiras — aparecem espetados no álveo e nas margens — verdadeira floresta morta, autênticos abatizes ameaçadores. Torrões e salões entravam a navegação, quebrando o perfil de equilíbrio do caudal.

Vamos abrir um parêntesis para definir as palavras "torrão" e "salão". Enormes blocos de argila compacta caem no leito da torrente. A água, como boa oleira, vai trabalhando-a, modelando-a a seu gosto. No fim de certo tempo sucede têmos no fundo do rio uma superfície completamente lisa que emerge do álveo propriamente dito — é o salão: uma área plana acima do fundo do rio.

Ao invés do salão, a água pode formar uma longa muralha: algumas transversalmente ao rio, outras no sentido longitudinal e mesmo obliquamente a uma das margens, a qual impede grandemente a navegação. O torrão é uma verdadeira parede de argila no fundo do rio. Muitas vezes topa-se com enormes cercados. A embarcação passa num rebaixo da muralha e navega um tempo apreciável. De chofre a quilha esbarra na parte superior do torrão. Guinda-se para a esquerda e para a direita e sempre o torrão a impedir a rota. Tem-se que navegar rio abaixo até passar-se pelo rebordo por onde se havia entrado.

Ano a ano, o ponto de navegação desce, na época de verão — é o rio que se está entulhando, até tornar-se de todo inavegável.

Entrementes, ficamos a contemplar aqueles quadros com a mesma fleuma com que assistimos a um filme de aventuras vividas em terras estranhas.

A natureza nos deu ultra-extraordinária rede hidrográfica. Si continuarmos a desprezá-la como vimos fazendo, de nada servirá a dádiva divina — teremos que construí-la quasi que novamente no trabalho de desentulho, no momento que necessitarmos daquelas formidáveis estradas sem atrito — os rios.



## PARAISO DA HULHA BRANCA

**A** NOSSA formidável usina de hulha branca é o Paraná. Todos os seus rios são encachoeirados, ostentando rápidos, corredeiras, cachoeiras, cascatas e magníficas cataratas. De todas excelem os saltos das Sete Quedas — que atravancam o curso do Paraná e os de Santa Maria, que dão um tombão no Iguassú, nas proximidades da sua foz.

O Paraná é constituído por planaltos sucessivos — o Guaruavano, o dos Campos Gerais e o Curitibano. Ligando êsses terraços entre si e o último ao litoral, há verdadeiras muralhas — planos inclinados com o nome pomposo de serras — : serra Esperança, Serrinha e Serra do Mar. A terra dos pinheirais tem dois pontos de atração — o Oceano e o rio Paraná. Isto facilita aos produtores a escolha do caminho mais econômico, escoando os seus produtos para oeste, via Argentina, ou para leste, em busca de Curitiba ou São Paulo. Seria natural que os cursos d'água que nascessem no terceiro terraço corresse para o rio Paraná e os que tivessem suas cabeceiras no segundo e primeiro altiplanos procurassem o mar. Tal, porém, não sucede. O Iguassú nasce nas proximidades de Curitiba e vai desembocar no Paraná, vencendo os planaltos sucessivos. A caudal entra em luta gigantesca com a serra e cava um profundo "cañon" por onde consegue despejar suas águas. Este rio permite a navegação no primeiro planalto, entre Pôrto Amazonas e União da Vitória. A sua largura ora incha ora minguava, mercê do terreno onde suas águas deslizam. Chega a atingir um quilômetro, no máximo, e cinquenta metros no mínimo, em seu médio curso. O revolucionário Itararé também luta sempre com o terreno. Muitas vezes êle fura a serra, corre subterraneamente e vai aparecer longe, correndo por entre praias de areias alvíssimas. O Ivaí, com o nome de rio dos Patos, brota no terceiro terraço, e, logo ao nascer joga montanha abaixo suas águas, dando-lhes um tombo formidando. Depois corre para o norte, deflete para oeste, pro-

curando uma brecha para grimpar o planalto que êle havia descido e, dando saltos sucessivos, vái levar águas em profusão ao caudaloso Paraná.

O Piquerí, que nasce e corre sòmente no terceiro altiplano, exhibe a-pesar-disto um perfil assaz acidentado. Há neste rio um salto — Nha Bárbara — que é a miniatura do Sete Quedas ou Guaira. Foi a pequena "maquette" que o Sublime Artista utilizou para fazer a obra monumental que atraí curiosos de todas as partes do mundo.

Todos os afluentes do Iguassú, do Piquerí e do Ivaí são prenhes de saltos e, devido às suas ações erosivas, os planaltos ostentam o fáceis montanhoso. Um dos tributários do Iguassú — o Jordão — é uma verdadeira maravilha e os seus contribuintes quasi ao desembocar apresentam lindíssimas cachoeiras. Êle próprio engalana os prados virentes de Guarapuava com o salto Curicaca e deságua no Iguassú em queda formidável, logo à jusante do Funil. Neste lugar pode-se com facilidade jogar uma pedra de uma margem a outra do Iguassú. Estão, também, aí situadas, na margem direita, as águas termas da Reserva e, na margem esquerda, as sulfurosas do Laurindo e as alcalinas de Santa Rosa.

O Paraná é a parte do território brasileiro que melhor se presta ao turismo. De Paranaguá, mimoso pôrto enfeitado com praias lindíssimas e ilhas verdejantes, até Guaira — a usina tão fantástica de hulha branca que um yankee, ao mirá-la, pronunciou com mágua: — Pobre Niagara! — o turista terá sempre diante dos olhos quadros magníficos que a Natureza burilou com carinho.

A subida da serra do Mar é um encantamento. O trem contorna uma montanha, atravessa, por cima de altíssimo viaduto, uma grotta profunda, mais adiante intromete-se por extenso túnel para sair novamente em outro abismo, onde, em rampa, galga comprida obra darte.

Ao longe, o mar prateado, e, semeadas, na manta de verdura, que cobre a serraria, as cidades, as vilas, os povoados, as estações, os logarejos e as casas isoladas mancham de variados matizes o verde glauco da mataria pujante. De súbito, uma cachoeira oferece colorido novo, com o cristalino das suas águas, que rolam sôbre o álveo reluzente e negro.

Chega-se a Curitiba — cidade tão bela quantos seus rosados habitantes.

Continua-se para o ocidente em demanda de Ponta Grossa, que de longe é lobrigada, coroando uma colina. De Ponta Grossa a Guarapuava, não se tem mais o confôrto do trem. Uma estrada de automóvel liga as duas cidades e em seis horas se faz o percurso que as separa.

Passa-se por Imbituva, e Prudentópolis e galga-se a serra Esperança onde a cachoeira "Véu de Noiva", como um vaporoso véu extasia o itinerante. Nas proximidades de Guarapuava há um verdadeiro círculo de cachoeira; basta percorrerem-se as estradas que vão a Pitanga, Reserva, Cêro Verde e o Candói para poder mirá-las.

Por péssima estrada, com o rótulo de estratégica, continua-se até a Foz do Iguassú. Distante 24 quilômetros da pequena cidade ficam os famosos saltos de Santa Maria, com cêrca de 80 metros de diferença de nível, de onde a água cai em extensão anfiteatro.

Ao contemplar as soberbas cataratas, o brasileiro sente-se humilhado em ver como os argentinos cuidam daquelas belezas com carinho hierático, ao passo que nós as deixamos num abandono revoltante, quiçá criminoso. De Foz do Iguassú, num confortável navio argentino, sulcam-se as águas barrentas do Paraná até pôrto Mendes de onde parte, para Guaíra, uma estrada de ferro de sessenta centímetros de bitola. Em Guaíra, como num funil, as águas do Paraná passam num canal de cêrca de sessenta metros de largura, onde a linfa espuma e salta como se estivesse em ebulição. Lindas pontes e passadeiras foram construídas por cima dos saltos, de modo que se pode contemplar o belo-horrível do choque das águas, bem de cima do abismo. Uma nuvem de neblina cobre o ambiente, refletindo as cores do arco-iris.

\* \* \*

Si possível fosse aproveitar a hulha branca do Paraná, teríamos energia suficiente para movimentar o mundo . . .

O S  
dos es  
Em  
que  
is que  
form  
alho  
de  
to  
o  
no  
enc  
co  
es  
dos  
tudo  
cur  
No  
que  
filho  
Jo  
que  
da  
hou  
p  
s  
que  
men  
not  
com

## A MULHER DO BRASIL COLÔNIA

**O**S INCOLAS, quer fossem tupís, tapúias, caraibas ou nua-ruaks, consideravam a mulher como um ser secundário. Todos os pesados encargos da maloca estavam afetos às índias. Eram elas que preparavam o roçado, que cuidavam da cupichaua, que cozinhavam os alimentos e quando, nas mudanças constantes que faziam, devido à vida nômade que levavam, eram transformadas em verdadeiras bestas de carga, conduzindo os utensílios da cabana e da cozinha, aves domésticas, pesados colares de dentes, atavios para as festanças e mil outras cousas. Enquanto isso, o companheiro levava somente o arco e a flexa . . .

Até no momento de ser mãe — ato que dignifica a mulher — o costume autoctone a obrigava aos maiores sacrifícios. Ficava no trabalho que levava até então, enquanto o marido permanecia encolhido na rede, à espera da queda do cordão umbilical. O pai pensava que tudo que sofresse iria refletir no recém-nascido, enquanto a pobre mãe definhava diuturnamente nas canseiras dos trabalhos da taba. A propósito contam que, um cacique estando de resguardo, foi-lhe oferecida uma pitada de rapé por um europeu. O índio, que era um apreciador do rapé, respondeu: — Não sabes que a minha mulher teve ontem uma criança? — Como queres que eu tome rapé, quando seria tão perigoso para o meu filho eu espirrar?

Aos prisioneiros da tribo eram concedidas companheiras que, pelo rito selvícola, eram obrigadas a comer o primeiro naco da carne dêsses seus semelhantes. E, se porventura dessa união houvesse filhos, seriam êsses também condenados a ser comidos pela horda toda. Esse costume era oriundo do fato dos tupís considerarem o pai como dono do filho que êles chamavam de *tagui*, que segundo Marcgraff significa *sangue*, e as mães denominavam *membira* que quer dizer filho que dei a vida. Todavia, o amor materno sempre existiu e muitas vezes algumas mães se suicidaram com seus filhos afim de se eximir da prática horrível de

comer a carne da sua própria carne. E tal era o estado de degradação que muitas mães das tribus tupinanas afogavam seus filhos, para que não sofressem a vida de amarguras e desditas que levavam.

Do estudo da época pré-cabralina se conclue que a mulher não exercia nenhuma influência sôbre as nações indígenas, nem sôbre as tribus e nem mesmo sôbre a própria família. Era considerada como um sêr sem significação e a prova disso foi o resultado da luta entre os caraibas e nu-aruaks — aqueles, vencedores, trucidaram os varões e defenderam as mulheres como entes sem nacionalidade.

As naus que aquí abicaram depois de 1500, quer com o intuito de traficar com os aborícolas, quer com o propósito de desbravar a terra chucra, quasi não transportavam mulheres. Quando aos donatários foram doadas as 50 léguas de gleba litorâneas, começaram a surgir aquí, alí, e mais além em tôrno dos fortes construidos com madeira, as primeiras famílias de brancos.

Depois que Portugal resolveu voltar suas vistas para o Brasil que atiçava a cobiça dos franceses, holandeses e ingleses, para cá foi enviado um governador geral e mil homens entre colonos e degradados. Aquí chegados, êsses homens se viam na contingência de constituir família com as índias, originando-se o tipo mameluco que, a-pesar-de viver até certa idade junto à mãe, se tornava logo após inimigo figadal dos ameríndios. A-fim-de amenizar o cruzamento entre lusos e aborígenes pensaram em enviar de Portugal todas as órfãs portuguesas, organizando para isso as *naus das órfãs*.

Todos os forasteiros vinham a procura da fortuna, anciosos de riqueza. Ao longo da costa iam surgindo núcleos onde a mulher dominava, influindo junto aos seus maridos e parentes para a conquista da nobreza — era o período do matriarcado. As índias iam adquirindo êsse prestígio, e as mestiças com mais forte razão.

No limiar do ano de 1600, as bandeiras e estradas avançavam pelo *hinterland* brasílico, e minas e mais minas, filões e mais filões de ouro puro foram encontrados a rôdo por todos os cantos.

S. M. o Rei de Portugal, para intensificar a pesquisa do ouro, distribuia títulos de nobreza a três por dois, e, na ânsia de enriquecer, de ser nobre e de atufar de ouro as brucacas realen-

gas, partiam enormes moles de gente em busca do incognoscível. Às vezes um capricho de mulher fazia um mortal ir por essa selva a fora, primeiramente no apresamento do índio, depois na caça do ouro, das pedras e do... coração da mulher amada.

As crônicas da época são prenes em casos desses amores piégas e, para mostrar quão forte já era o coração da mulher nesse tempo, basta recordar o gesto altissonante de Maria Garcia, a extraordinária esposa do Caçador de Esmeraldas. Ao receber o portador de seu marido, vende todas as joias, suas e das filhas e, na perspectiva da desgraça mais negra, envia tudo que tinha ao companheiro, dizendo-lhe que passasse na mata o tempo que fosse preciso; e ao vê-lo voltar aos campos de Piratininga sem as sonhadas pedras verdes ela preferia a morte.

A conquista dos bandeirantes é o maior feito da raça que surgia impetuosa e forte. Graças a eles tivemos nossas raias alargadas e até bem pouco tempo as comunicações com as zonas sertanejas de Mato-Grosso e Goiaz eram ainda seguindo a trilha por onde palmilhavam os ousados aventureiros. Si nos fosse possível achafurdar nos arquivos e dedilhar os velhos alfarrábios veríamos, quiçá, que a grandeza do nosso território é devida em grande parte ao devotamento da mulher da época.

Mais ou menos na ocasião em que os bandeirantes esticavam para o ocidente e para o sul as nossas fronteiras, os bátavos ocupavam a ourela linda, pictórica e garrida de Pernambuco.

Aí, torna-se patente a primeira reação nativista, e o papel que nele desempenhou a mulher não é para esquecer-se. Não tivemos Dalilas cortando madeixas de Sansões, nem Judites cortando cabeças de Holofernes, mas sim, mães patrióticas, adoráveis, quasi santas. Uma delas, Dona Maria de Souza Velho, ao receber a notícia da morte do filho e do genro ordena aos seus dois outros filhos menores de 13 e 14 anos: "Tomai da espada e ide dar a vida com a mesma honra que vossos irmãos, por Deus, pelo Rei e pela Pátria."

Nessa luta memorável há a ressurreição da mulher indígena — a apoteose de Clara Camarão. Essa guerreira gentílica, depois de compartilhar, em todos os combates, da sorte de seu esposo, guiou a esquadra feminil escoltando os habitantes de Pôrto Calvo para a Baía.

À medida que o país ia, lentamente, se desenvolvendo, os homens iam tornando-se senhores quasi absolutos, como no tempo da barbarie.

No maravilhoso "O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis", Luiz Edmundo pinta-nos, com as cores magníficas que só êle conhece, a mulher prêsa em casa a fazer mexericos e a crear, estupidamente, tecido enxundioso.

O espôso fazia justiça por suas próprias mãos, desancando a esposa a cacete e muitas vezes a conselho do próprio vice-rei, como sucedeu com o neurastênico Conde Cunha.

Era vedado às mulheres o conhecimento da leitura, com receio de que nos livros aprendessem patifarias.

Contemplando a mulher de nossos dias podemos orgulhar-nos do seu fantástico desenvolvimento que pode servir de baliza do progresso do Brasil independente e livre.



## BABASSÚ — Côco de ouro

**L**OCALIZAM os botânicos uma zona, denominada dos cocais, que, abrangendo quasi toda a área dos Estados do Piauí e do Maranhão, se intromete pela forquilha goiana formada pelo Araguaia e o Tocantins, e vai invadir, por nordeste, o opulento Estado de Mato-Grosso.

Serve essa extraordinária zona dos cocais, como um traço de união entre a ultra-magnífica hiléa de Humboldt e as caatingas espinhentas e de aspecto tristonho do Nordeste, as matas ciliares do São Francisco e a vegetação campezina do grande Estado central.

Em toda essa área vestida de coqueiros, avulta o babassú com sua copa farfalhante e seus duríssimos côcos, que, em colossais cachos, caem ao longo do caule.

O babassú é conhecido por diversos nomes, variáveis consoante o lugar e a espécie dos habitantes do mesmo. Assim uauassú, baqassú, aguassú, guaguassú, buassú, oauassú, côco de macaco, côco de palmeira e côco de rosário, além do conhecido babassú, são denominações pronunciadas pelos que vivem ou transitam na afável terra de Gonçalves Dias. Os sábios — aqueles que veem de olho desarmado, o que não enxergamos com microscópios — conhecem a palmeira utilíssima por "orbignia speciosa".

O babassú jazeu por muito tempo abandonado, sem saber-se mesmo para que servisse. Seus côcos duríssimos não atraíam a atenção do homem mais famélico e, destarte, só as palmas eram utilizadas para cobrirem as achavascadas cabanas dos sertanejos. Quanta coisa não há por êsses brasís a fora — riqueza em estado latente — que imaginamos inutilitária?

Certo dia foi verificado que a amêndoa do babassú era ricamente oleaginosa e, desta descoberta nasceu a vontade dos fiomens em explorarem o número incomensurável de palmeiras

daquela espécie, as quais infestavam enormes trato de terras brasileiras.

Três navios pejados de côcos deixaram os portos maranhenses em demanda de Liverpool. Era uma aventura, um negócio que tanto poderia dar muito ouro como muitos prejuizos e desganhos. Na balança da sorte, a concha pendeu para o lado peor. Não puderam quebrar os côcos mercê do duríssimo envólucro que protege as amêndoas. Foi o carregamento lançado ao mar, após infrutíferas tentativas de descobrir-se uma máquina capaz de romper a casca do babassú, sem ofender as suas amêndoas.

A-pesar-do insucesso, os brasileiros não desanimaram e, fazendo por trunfo a paciência, prosseguiram o jôgo dos negócios tão mal encetados.

Quando maduros, os côcos caem das palmeiras quais folhas caducas... O trabalho é catar, amontoar e transportá-los para a beira das chopanas, onde terá início persistente labor.

Os caboclos sentam-se no chão. Colocam entre os pés afiadíssimo machado e sôbre êste põem com a sinistra um côco, ao mesmo-tempo-que, com a destra, desferem forte e sêca pancada com uma maceta de madeira. O segrêdo está nessa pancada: se fraca, torna-se ineficaz para quebrar o endocarpo do fruto; se forte fere a amêndoa e deprecia o produto. Para dar as tais pancadas é mistér ser conhecedor do ofício.

Afirmam os entendedores do assunto que uma família de três pessôas — um casal com um filho — pode obter, normalmente, dez quilos de amêndoa diuturnamente, que, de certo modo, lhes permitirá uma vida sem temores da fome. Das amêndoas é extraído o óleo, que será tanto mais puro quanto menos feridas estiverem as amêndoas, visto essas se tornarem rançosas quando machucadas. O ranço é um mixto de muitas causas: a acidez do fruto, o oxigênio do ar, a umidade . . .

A massa obtida com o resíduo das amêndoas toma a denominação de "torta" e ostenta saliente papel na alimentação dos animais, sendo aceita com geral agrado pelos mercados estrangeiros.

Calculem os montes de cascas levantados nos terreiros, sabendo-se que cada tonelada de amendoas produz cêrca de dez toneladas de casca. Com mais facilidade faziam os selvícolas as sambaquís, amontoando as conchas após terem devorado as ostras... Trabalhar para o estômago é sempre mais agradável..

Tantas montanhas de cascas dariam até para alterar o fâceis fisionômico de um lugar. Todavia, isso não é de arrepiar-se, pois, do babassú, tudo é aproveitado, como no boi.

As cascas são ótimo combustível, produzindo até sete mil setecentas e setenta calorias quando sêcas. Além dessa preciosa energia calorífica ainda poderemos dela obter: o ácido acético, o álcool metílico e o alcatrão.

Por tudo quanto dissemos podemos comparar o utilíssimo coqueiro à tal burrinha de Pedro Malazartes . . .

As árvores de fruto de ouro são inúmeras — representam tesouros inexgotáveis. Só na terra prodigiosa de Coelho Neto se calcula pessimistamente a existência de 800 milhões de palmeiras. Este número tem algo de astronômico, mas encerra a verdade. Contudo, sabendo-se que, por ano, cada palmeira produz de 450 a 1.800 côcos que equivalem a 7 quilos em pêso, teremos para safra anual máxima de 5.600 milhões de quilos que renderão a respeitável cifra de seis milhões e setecentos e vinte mil contos de réis! Apesar-dessa fortuna de material em estado potencial, pequenas têm sido as nossas exportações, por precária as redes de estradas no "habitat" do babassú e incipientes os métodos de extração das sementes. Até 1934, somente a Alemanha e a Holanda compravam-nos o principal produto maranhense, assim mesmo ditando condições e impondo preços. Hoje, os portos dos Estados Unidos estão escancarados para o babassú lá entrar quer siga os ecumênicos mares do Atlântico, quer procure as costas não muito calmas do Pacífico. Babassú é ouro em caixa... O preço subiu e as condições de venda quem as impõe somos nós. E para aquela nação amiga seguem não só as amêndoas, como também o côco, a torta e o óleo já manufaturados. As qualidades do babassú crescem dia a dia — as damas elegantes julgam-se com mais "it" usando um chapéu de sua palha e os admiradores de Nobel descobriram que a torta serve de absorvente para o fabrico da dinamite!

Como fonte de tanta riqueza, o babassú não requer cuidados especiais. É rude. É forte como o povo que o explora. Muitas vezes feito um roçado para o plantio do milho, do feijão ou da macachera, espouca do chão queimado, o broto verde e pujante do babassú. Rebenta do solo, à tôa, como qualquer herva daninha . . .

Da terra brota um tesouro em forma de coqueiros. Para por-mos em movimento o nosso fantástico babassual são necessárias duas cousas : a abertura de estradas e uma máquina de quebrar. A primeira está na alçada dos governantes; a segunda, desafiando a inteligência dos brasileiros.

## OS IGARAUNAS

**O**S BRAVOS que remontaram o majestático Amazonas e sua farta galhada potâmica, alargando as raias da pátria, receberam, pela coloração de suas embarcações, o nome de "igaraunas", que significa canôas pretas.

Bento Manoel Parente varrendo os bártavos e britânicos dos fortes que haviam construído para defender a posse daquela terra feracíssima. Pedro Teixeira indo de Macapá até Quito e levantando nas margens do Aguarico, afluente do Napo, um marco. Pedro da Costa Favela subindo o Negro, entrando em contacto com incontáveis tribus indígenas e levando a bandeira de Portugal até bem longe. Felix de Lima, descendo o Guaporé, o Mamoré e o Madeira. Manoel Urbano da Encarnação explorando o caudaloso Purús. Não fosse o heroísmo, o patriotismo e a tenacidade desses e outros bravos, que seria o Brasil de hoje?

Os igaraunas completaram ao Norte o ciclo de glórias que os impávidos bandeirantes descreveram no sul. No lombo das mulas ou no bôjo das canôas, paulistas e igaraunas conquistaram o "hinterland" do Brasil.

Não irei tratar aqui dos destemidos desbravadores e conquistadores da Amazônia e sim duma obra prima saída da pena do estilista vigoroso Raimundo de Moraes — o homem que conhece a terra das icamiabas com todos os seus segredos, belezas, desgraças e seduções.

Igaraunas reflete de modo incontestável o valor do vitorioso escritor da Planície Amazônica. Teceu êle um romance em torno de um coronel da roça — Anastácio Igarauna — e, no desenovelar a vida desse importante habitante do Tocantins, focalizou os costumes paraenses e desvendou todas as lendas e crenças que infestam o extraordinário anfiteatro.

Bem caracterizada ficou a luta política do nosso interior, baseada inteiramente no "manda quem pode". A intriga e do "disse-me disse" são as armas eleitorais dos morubixabas do ser-

tão. Para vencerem o intendente de Cametá, inventaram os seus adversários que êle iria cobrar o imposto das barrigas a razão de tinta mil réis por unidade. Cada mulher que estivesse esperando o momento sublime de ser mãe teria que pagar a sua quota . . .

Mostrando ainda a ação nefasta da politiquice, pinta com cores bem ricas a derrocada de uma família inteira que caiu no desagrado do governador estadual. Privaram-na dos seus terrenos, de onde tiravam o pão diuturno colhendo a castanha e plantando o milho, a mandioca, o gerimú, o feijão. . . E ameaçada de morrer a míngua resolve a família inteira afrontar a fúria do Tocantins, descendo-o de bubúia e enfrentando o rebojo da cachoeira Itaboca, onde atacada pelos índios que vivem ao Deus dará sem a proteção oficial, foi inteiramente sepultada pelas águas. Devido ao arrôjo de um guerreiro selvícola foi uma moçinha salva e apresada. Serviu êsse incidente para ir explicar a lenda dos índios brancos, topados por vários batedores de serções, inclusive a ornitóloga Emília Snethalge.

Aproveitando um passeio dos personagens na magnífica floresta, trouxe Raimundo Morais a baila a mimosa narrativa contada em toda a planície a-cerca-do canto misto de flauta e violino do minúsculo irapurú. Êste pássaro adquire o maior encantamento nos seus gorgeios na época da desova. Enquanto a fêmea esquenta os ovos no ninho, o macho em trilos maravilhosos hipnotiza toda a bicharia da selva. Os xerimbabos começam a sumir-se do terreiro e de longe vem o jacaré, a tartaruga, a onça, o sapo, a irara, o cuandú, milhares de pássaros desde o suruquá tricolor, até o alegre japiim, em vôo planado chega para ouvir o concêrto do gavião real e aos bandos os papagaios e os periquitos. Toda a bicharia da mata se movimenta para assistir ao monumental espetáculo. A onça famélica fica ao lado da cotia embevecida pelo trilado, sem se lembrar que tem estômago. . . O gavião olha sem maldade para as rolas. . . O macaco prego fica por alguns instantes sem fazer estrepolias. . . A música a todos enleva e enche de bondade seus corações.

Assim que o macho se sente cansado bate as asas em direção ao ninho, ao mesmo tempo que a irapurú fêmea cede o lugar ao companheiro e de um ramo próximo inicia doce melodia.

De súbito há grande reboliço naquele encantador cenário — um canto estranho prejudica a sinfonia. Era o carachué — o Don

Juan da selva — que chegara. "O canto era tão comunicativo, ao mesmo tempo que belo, a ponto do irapurú se calar, talvez enciumado, senão vencido. Todos os animais prestavam viva atenção à música daquela garganta de ouro, singularmente inebriante. Afigurava-se-lhes a voz de um apaixonado, reivindicando na ternura eloquente do canto, a volta da sua eleita; seria talvez um apêlo à companheira entrevistada no sonho duma noite de São João."

"O passarinho que havia feito emudecer o irapurú abria agora no ar uma aleluia de máguas e ternuras, esperanças e dôres. O coração dos bichos, sobre-tudo o feminino, parecia querer parar, tal a melodia embriagante do carachué. Nenhuma flauta, nenhum violino, cítara ou harpa, ao embalo das sonatas e Ave-Marias moduladas pelos Chopins e Gounods, conseguiria aqueles acordes sedosos, tão sentidos, tão maguados, tão voluptuosos que enloqueciam as almas. Em cada ritmo aflorava uma lágrima, em cada nota um drama. A voz quente dos amantes, de joelhos, a implorar a graça amorosa da mulher amada, não guardaria o eflúvio magnético de semelhante voz envolta na paixão e no delírio."

Entretanto, todas as fêmeas iam se dirigindo para o local donde vinha o mavioso trinado do carachué, enquanto só os machos ainda continuavam a fitar o irapurú emudecido. Era uma espécie de magnetismo remanescente que os segurava ainda naquela posição.

Os machos enciumados começam a procurar suas companheiras enfeitçadas pelo Don Juan alado e o instinto de ferocidade a surgir no seu íntimo. O macaco bole com a paca que se alapardava por entre a folhagem caída no chão. A onça segura o jacaré pelo rabo e começa a devorá-lo. A sucurí lança seu corpo, à guisa de laço para prender um veado.

O gorgueio do carachué tinha qualquer cousa de diabólico. Até duas senhoras — a mulher do Igaraua e a Dra. Snethlage — sentiram-se impelidas para o encantador namorado. Foi mistér que um caboclo as intimidasse com um rifle... Ao chegar ao barracão disse a espôsa do coronel: — Eu nem sei. Posso apenas garantir que fiquei fora de mim sem sabê o que fazê, mas doida p'ra i vê o carachué. Assim eu — confirmou a naturalista — Meu estado era sonambúlico.

— Carachué desgraçado, comentou o coronel, não respeita nem muié séria . . .

Nos diálogos trocados com a cientista prevalece-se o autor de "Aluvião" para ensinar-nos muita cousa interessante.

Assim ficamos sabendo que tocantins significa nariz de tucano: tucan = tucano e tim = nariz, do mesmo modo que maracatin quer dizer nariz de maracá. O maracatim era um enorme cocalho que os aborígenes colocavam na prôa das suas ubás para animá-los no momento das grandes batalhas navais, ou mesmo durante as longas excursões que faziam pela nossa extensa ourela litorânea, como ao longo dos caudalosos rios que cortam o nosso país.

Fala-nos nos maridos das viúvas. Os tupís, em geral, elegiam guerreiros fortes e bonitos para aquela função. Destinavam-se a cuidar das espôsas dos companheiros mortos em combate. Desta maneira sabiam os combatentes que suas mulheres em hipótese alguma ficariam desamparadas e assim poderiam fazer a guerra mais a miudo.

Explicou que os porcos não morrem ao ingerir os tubérculos da mandioca porque a casca vermelha da mesma é um formidável antídoto. E realça a paciência dos aborícolas fazendo de uma raiz altamente venenosa um alimento excelente. Extraem finíssima polpa com que fabricam alvos beijús e agradável farinha. Obtêm um mólho notável — o tucupí, e o arubé mais gostoso que a própria mostarda tão gabada pelos estrangeiros.

Disse-nos que as araras do Araguaia estão desaparecendo pela perseguição levada a efeito pelos selvícolas. As canitaras dos tucháuas e dos pagés são feitas quasi exclusivamente de penas de araras "desde a vermelha, chamada macau, até a ararí, com escalas pela araruna, pela anacá, pelo araguarí que o índio não perdôa o belo voador". Não fosse a mudança da moda a esta hora não mais existiriam garças em toda a planície. Quando as filhas de Eva tinham prazer em enfeitar seus chapéus e vestidos com o lindo ornamento das encantadoras pernaltas, era raro ver-se estas, voando ou pousadas, ao longos dos rios navegáveis ou nas proximidades dos barracões. Soubessem as garças falar, ergueriam um hino de glórias à volubilidade das mulheres . . .

A lenda do boto namorador também é descrita com acentuado chiste e com cores firmes. O boto paga o mal feito por



Cupido. Quem viaja ao longo das gordas cordas potâmicas, ouve aqui e ali um caso referente a uma cunhã que foi "pegada" pelo boto traçoeiro e amoroso. Dizem que, quando vai moça casa-doirá numa canôa, o terrível peixe bufa de alegria, numa ânsia incontida de apoderar-se dela.

Diz-nos o estudioso de "País das pedras verdes". "Há duas qualidades de boto na Amazônia. O tucuxi, preto, chamado "pirajaguara" na língua geral, amigo do homem, que acode a quem naufraga, levando as vítimas às focinhadas à terra; e o boto vermelho, que é a "iara". Enquanto o primeiro não vai a mais de um metro e trinta de comprimento, o segundo alcança três metros, sendo voracíssimo."

Dá-nos conhecimento das festas populares do Pará, descrevendo não só as da cidade, como as do interior. O tradicional banho das noites de São João mereceu uma página especial. Pude ver, na capital paraense, a grande azáfama dos dias que precedem à belíssima noite junina. Raparigas pelas ruas vendem ervas para o banho da sorte. Enfeitam-se com guirlandas e apregoam os cheiros que levam: a priprioça, o patichulí, o pega-não-me-larga, a pataqueira, a macaca-poranga e mil outras plantas e raízes aromáticas. Dentre todos excele a macaca-poranga que é toda ela perfume, desde a ponta da raiz até os mais altos ramos.

Entre muitas outras festas citadas, diz-nos o que são os festejos da corôa do divino e o do mastro. O primeiro herdado dos nossos avoengos portugueses e o último, como um costume transplantado da África.

A festa do marco se realiza em Maio. Uma turma enorme de homens e mulheres vai até à floresta e corta o pesado madeiro que é conduzido com cantorias. Dependuram no linheiro tronco flores e cachos de frutas e, como todos não podem ter o prazer de carregá-lo, amarram nele tiras de embira e fingem que o vão puxando.

Chegando ao terreiro onde irá realizar-se a festança, pregam na extremidade do mastro um painel branco com a imagem de um santo. E em seguida o mastro é erguido debaixo de estrondo das bombas e do espoucar da girândola de foguetes. Todo o mundo está contente, a alegria toma conta do terreiro e ao som das sanfonas começam as dansas... De início tudo vai bem, contudo, à medida que os convidados vão bebendo, começa a

surgir a desordem. E quasi sempre o boto carrega uma cunhã com o seu apaixonado para as profundas das águas.

À-pesar-de grosso, o livro de Raimundo de Moraes é lido em pouco tempo. O assunto prende o leitor, que, ávido em aprender coisas até então desconhecidas para êle, devora com sofreguidão todas as suas páginas . . .

Estreou o autor maravilhosamente no gênero mais difícil da literatura — o romance que focaliza tipos, estuda paizagens, educa e instrue. Mostrou Raimundo Moraes, que se pode ensinar deleitando e que se pode escrever bem e de modo atraente sem recorrer à pornografia.

Devem estar os brasileiros contentes pelo novo livro que desvenda muitos segredos da estupenda hiléa.

## CURIOSIDADES

**D**IA a dia nos convencemos de que agora é que começamos a descobrir o Brasil. O nosso edifício corográfico ainda se assenta em terreno de vaza. Somos ricos em hipóteses relativas às nossas riquezas e pobres em realidades palpáveis, porque abandonámos o "hinterland" desde que os bandeirantes fecharam o seu ciclo de ouro e de glórias.

A nossa geografia é incipiente. Não sabemos com certeza absoluta onde nascem os principais rios. Desconhecemos inteiramente algumas regiões trancadas pela floresta e pelo ameríndio, as quais imaginamos belas como as donzelas da idade medieval, que só se podiam ver através das grades dos castelos. Ignoramos as possibilidades do nosso sub-solo e ficamos à mercê da ganância dos magnatas que exploram êsse nosso atraso. Cada estudo que se faça, às veses em regiões já per-lustradas, encontramos novidade. Aquí surge um rio inteiramente desconhecido, alí uma montanha ignota, mais além campos, pântanos, matas, jazidas . . .

A fascinação que o litoral e as cidades exercem sôbre nós deixa-nos como o coelho ou a lagosta, impassíveis, encandecidos pelo jôrro luminoso do foco elétrico ou da tocha e ao alcance da mão do caçador astuto e ágil.

A Sociedade de Geografia a-pesar-de ser constituída de homens respeitáveis e ilustres, permanece enclausurada no seu velho casarão, alheia, muitas vezes, às pesquisas que se fazem alhures. Durante os meus três anos de permanência na Inspe-toria de Fronteiras nunca vi a Sociedade interessar-se pelos trabalhos que estávamos realizando. E, no desconhecimento do que patenteávamos, iam repetindo o que rezavam os velhos alfar-rábios.

Os compêndios de Geografia do Brasil ainda deixam muito a desejar. Vemos nas livrarias pilhas de livros para serem vendidos a colegiais e na parte tangente às fronteiras grandemente errados ou arcaicos. E' um crime obrigar uma criança a decorar uma fronteira calcada nos tratados firmados, depois dos resul-

tados obtidos pelos demarcadores. Há pouco, o coronel Temístocles, Chefe do Setor Oéste, verificou haver êrro no trabalho elaborado pelo Barão de Tefé e pela Comissão dirigida pelo benemérito Barão de Parima.

Verificou o ilustre demarcador que a linha Apaporis-Tabatinga cortava o rio Içá sòmente uma vez e não duas como achara o denodado marinheiro; averiguou que não é o Japerí, afluente do Xié, o contravertente do Tomo e sim um contribuinte do Japerí, denominado Jejú, ao contrário do já resolvido pela comissão do Barão de Parima. Em 1928 o general Rondon foi encontrar belíssimos campos nas cabeceiros do Cuminá e o dr. Barbosa de Farias excelente material na foz do Trombetas, capaz de abrir novos horizontes no terreno da etnologia.

Até os nossos pontos extremos norte e oéste foram modificados. O monte Roroimã, que por aí dizem erradamente Roraima, cedeu lugar à nascente do rio Ailan, afluente do Maú ou Ireng, no divisor de águas Amazonas — Mazaroni, a léste do monte Roroimã, na cordilheira da Paracaimã, limite com a Guaiana Inglesa, tendo como coordenadas geográficas: latitude Norte  $5^{\circ} 16' 19''$ , longitude W Gr.  $60^{\circ} 12' 43'' 29$ ; altitude 1433 metros.

Pelos resultados obtidos pela comissão dirigida pelo ínclito almirante Ferreira da Silva ficou apurado não ser a famosa cabeceira do Javari o ponto mais ocidental do Brasil e sim o marco do apartador das águas Juruá — Ucayalle, que tem por coordenadas geográficas: latitude sul:  $7^{\circ} 33' 12'' 85$ ; longitude W Gr.  $73^{\circ} 59' 32'' 45$ ; altitude 1325 metros.

Os dois rios citados têm suas nascentes na serra da Contamana, em território peruano.

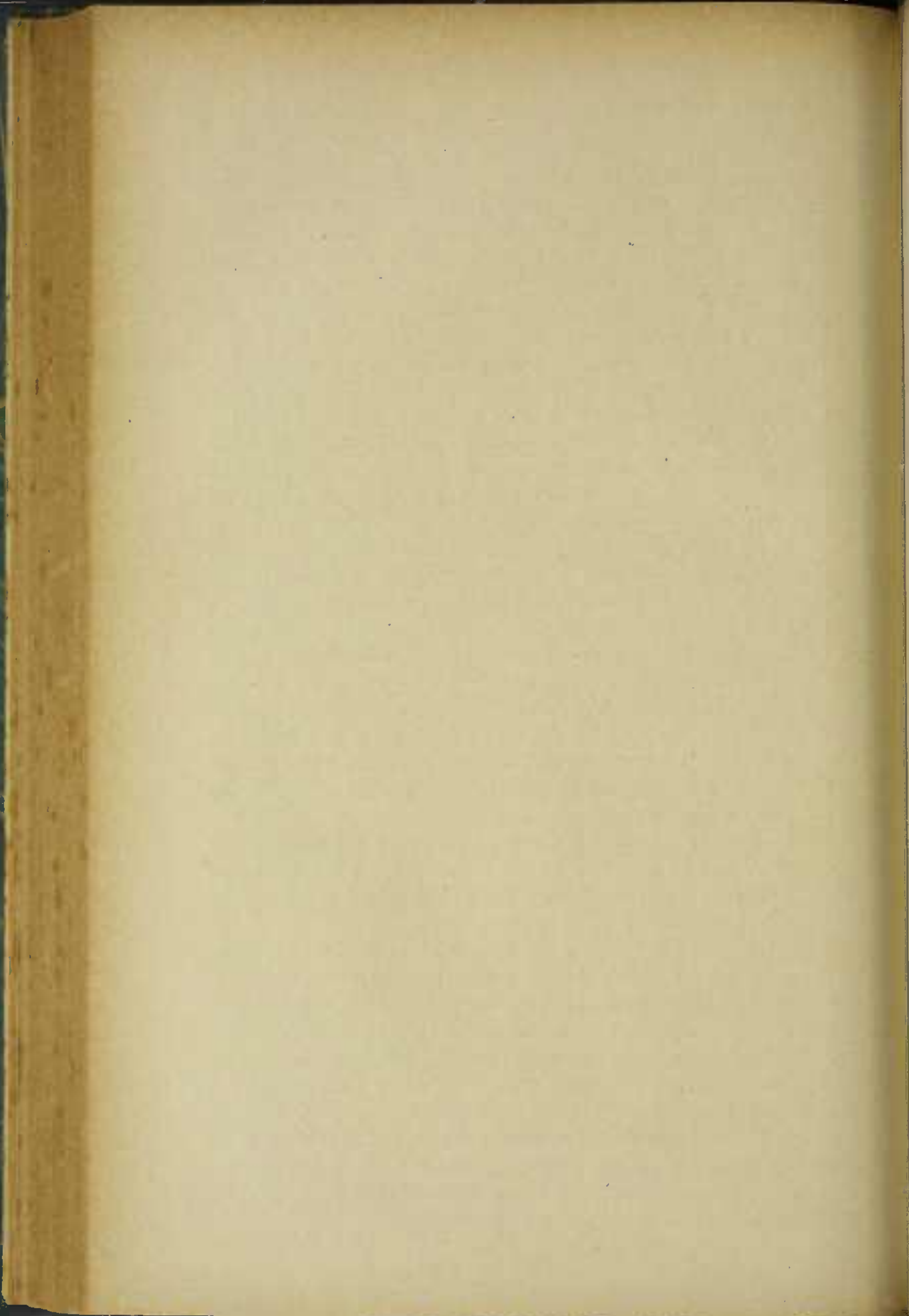
Assim como Orellana, que descobriu o "mar dulce" de montante para jusante, o cavaleiro navarro Pedro de Orsua, de ordem do vice-rei do Perú, marquês de Canhete, desceu o Juruá e foi considerado o segundo descobridor do Amazonas. Orellana ainda teve a oportunidade de ir a Espanha espalhar algumas mentiras e voltar ao dédalo imenso onde encontrou a morte. Orsua, não; foi morto pelos seus próprios oficiais Fernando de Gusmão e Lope de Aguirre. A cobiça e a inveja sempre armaram o braço do homem e a história do mundo está cheia de exemplos, exibindo claramente o que o homem é capaz de fazer, quando insuflado por essas duas megeras.

Trazia Pedro de Orsua ótimo carregamento de ouro obtido nas terras ricas dos incas. Todavia não foi o ouro que revolucionou os seus companheiros, não foram as riquezas transportadas que aguçaram a cubiça e armaram os braços assassinos de seus subalternos. Orsua, a-pesar-de experimentado soldado, ignorava o papel que uma mulher exerce sôbre o juizo de um homem, e caiu na asneira de levar sua belíssima Inez na perigosíssima peregrinação que ia fazer pelas selvas americanas. O tinido do ouro não provocava tanta aflição nos aventureiros como o sorriso da encantadora mulher-do comandante, que jorrava feitiço e irradiava mil desejos aos homens da tripulação. Na morte do chefe estava a solução do problema. Os marujos puderam charfurdar os braços no ouro e Fernando e Aguirre entraram na posse do mimoso tesouro de Orsua — a inditosa Inez.

Foi o Juruá muito pouco penetrado, pois sua riqueza residia sòmente na salsaparrilha e era defendido por inúmeras tribus selvícolas. Acêrca dêsses índios informa o muito amado general Rondon: "Como guerreiros tornam-se célebres pelos instrumentos de guerra que fabricam: zarabatana, murucú e tamarana. O primeiro muito empregado como transmissor de veneno, é uma espingarda de ar comprimido; o segundo, em forma de lança, com a ponta de outra madeira tão frágil que venha quebrar-se no corpo da vítima no ato da penetração. Ervada, como arma de intoxicação é instrumento de grande valor na tática empregada por êsses selvagens.

Finalmente a tamarana, arma de choque, é a clássica clava dos selvagens no entrevero de um ataque corpo a corpo, tão comum em toda a guerra, desde a dos selvagens até à das nações mais adiantadas na arte de matar".

A mentira trombeteada por muitos toma foros de verdade. Bastou Ribeiro Sampaio palear, certa vez, que no Juruá havia índios anões, e com rabo comprido para que escritores, sertanistas e mesmo religiosos confirmassem a balela. Sampaio averiguara que um indivíduo da tribu dos Uginas possuía um apêndice no fim da espinha como o macaco. Foi o bastante para o carmelita frei José de Santa Teresa Ribeiro, em 1768, afiançar que todos os índios do Juruá eram rabudos... Devia o religioso ser comedido na mentira, porquanto feria a fundo a doutrina católica do monoganismo... Notícias iguais a esta, eis o que defendia a hipótese defendida por Darwin.



N  
no d  
com  
F  
p  
de  
A  
da  
p  
s  
K  
do  
E  
D  
com  
ju  
o  
l  
v  
u  
m  
s  
d  
t  
S  
q  
a  
f

## CAMPOS DE GUARAPUAVA

**N**A CONQUISTA da terra, lutas gigantescas foram travadas entre as duas nações ibéricas. Evitando o avanço castelhano d. Luiz Antônio de Souza Mourão, Governador de São Paulo, arquitetou um plano de defesa: construiu, nas barrancas do Paraná, a fortaleza de Iguatemi, ao mesmo tempo em que fazia partir de Curitiba uma força rumo ao nascente. A terra seria desbravada por suas extremidades.

A 8 de setembro de 1771, o tenente Cândido Xavier de Almeida, chefiando uma expedição, descobriu os campos de Guarapuava, em cuja região campeava valente tribo selvagem, que soube vender com sangue o terreno fertilíssimo que possuía.

Xavier de Almeida deu rebate da alviçareira nova continuando sua estrada, rasgando caminho em busca do Paraná.

Em Curitiba aprestam luzidia força policial, que sob o comando do coronel Afonso Botelho, marchou para Guarapuava. Durante um mês a tropa se movimentou, sofrendo as agruras da caminhada em terras inhóspitas, de molde que, quando em 8 de Janeiro de 1772 teve que enfrentar os índios, fugiu desordenadamente, deixando alguns combatentes tombados no campo da luta. Quando o físico se abate é necessário que o moral se aleve. Napoleão, na sua primeira campanha, levou à vitória uma tropa faminta e maltrapilha. A sua centelha guerreira iluminou-lhe a tropa, conduzindo-as às cidades italianas que representavam, depois dos sofrimentos na travessia dos Alpes, a terra da promessa que tanto almejavam. Além do gênio do Chefe, a tropa sabia que na vitória estava a fortuna.

Aquí, que poderiam esperar os soldados do Coronel Botelho?

Sòmente mais sofrimento; novas caminhadas em lutas frequentes com o gentio. A valentia chucra do bandeirante teve a sua época, cujo ciclo numa auréola de glória a muito se fechara.

Esta derrota entregou os campos de Guarapuava aos indígenas por mais 37 anos.

Em consequência de uma determinação de D. João VI foi novamente tentada a conquista dos opulentos campos. Sob o comando militar do coronel Diogo Pinto Portugal e espiritual do padre Francisco das Chagas Lima, partiu uma tropa forte de 200 homens.

No dia 1º de Agosto de 1809 essa expedição acampava na orla dos campos, organizando-se num capão que ainda hoje existe. Esse capão era a sentinela do comando, pelo que recebeu o nome de Atalaia.

Os autoctones, insuflados pela vitória anterior, não deram guarida aos militares e, de emboscada em emboscada, os iam sacrificando.

O local se prestava à tática guerreira do íncola e por isso resolveram os comandantes mudar o acampamento para o lugar aprazível em que se acha a atual cidade de Guarapuava.

Foi essa mudança efetuada no dia 9 de dezembro de 1819. São decorridos mais de 121 anos e, se representássemos o progresso adquirido por Guarapuava como uma extensão, acharíamos uma velocidade tão pequena que não erraríamos se a comparássemos com a do "jaboti".

De início êsses campos se denominavam de Guairá, nome da valente tribo que os abitava; em seguida à conquista, a denominação foi mudada para GUARAPUAVA, em virtude dos lobos ariscos que existiam na região e cujas peles alcançavam preços convidativos. A morfogênciã de Guarapuava é: "guará" (lôbo) e "puava" (arisco, feroz).

O viajante que chegar a Guarapuava deve dar um saltinho até o histórico capão do "Atalaia", que fica no caminho de Palmeirinha.

O pasto que impera nos soberbos campos é a "barba de bóde". O belo "Arizona" paranaense apresenta a coloração verde-palha e é salpicado aquí, alí e além por frondosos capões de um verde-escuro que dão uma nota alegre ao espectador que contempla a paisagem. Verdadeiras dádivas do creador são êstes capões onde o animal vai em procura da água: os cavalos resguardam-se do rigor dos raios abrasadores do sol e os vacuns, nos dias de tormenta e aguaceiro encontram nele um abrigo.



Ao lado dos lindos capões, geralmente se erguem as casas das fazendas.

Os campos de Guarapuava apresentam uma área de 14.060 km<sup>2</sup>. e apesar-disto a quantidade de gado existente é ínfima.

Outrora os encantadores prados eram habitados mui densamente pelo gado franqueiro que é muito manso e leiteiro, apresentando, porém, pouca carne. Com a abolição da escravatura, os braços escasseiaram e o gado permaneceu no campo sem trato. Uma companhia frigorífica resolveu adquirir quasi todo o gado existente, matando-o sem regra.

A última pá de cal na pecuária do Município foi a revolução de 1924 e 1925. Hodiernamente os campos se acham enfeitados deervas daninhas e os fazendeiros, esmagados pela crise, sem ânimo para resolver o problema.

Do alto da coxilha, por onde se propagam os virentes prados, seja qual for a direção de marcha em rumo da capital do sertão paranaense, é ela avistada.

As ruas de Guarapuava são largas, mas infelizmente, não calçadas, de modo que com o tempo chuvoso o transeunte tem que vencer atoleiros, carregando nos calçados grossa camada de lama vermelha.

A água utilizada é retirada de poços ou de arrôios que correm nas proximidades da cidade.

Cincoenta por cento das suas casas são de madeira, caiadas e apresentando o tradicional sotam das "isbas" européias. As de alvenaria são alcaçapadas — de aspecto desagradável e triste.

Há um edifício de dois andares onde funcionam a Prefeitura, a Câmara Municipal, a Cadeia Pública, a Delegacia de Polícia, a Junta de Alistamento e o Tribunal do Juri.

E' um enorme casarão sem divisões apropriadas, onde imperam a desordem e a balbúrdia. No andar térreo, oferecendo um quadro impressionantemente triste à pessoa que entra, notavam-se as cadeias úmidas e infectas, nas quais os degenerados definham sem ar, sem luz, sem calor: braços inermes, enquanto as ruas vivem esburacadas e cheias de vegetação.

Dando um tom alegre à cidade se destaca o clube Guaira, excelentemente edificado na rua principal, com vastos salões bem ventilados e assejados.

Uma só igreja católica vi em Guarapuava. Fica no centro da cidade, no meio de vasta praça, dominando todas as edificações. A sua imponente silhueta é de longe divizada pelo viajante que se aproxima.

\* \* \*

O sertão paranaense, por falta de comunicações, vive na miséria nadando em ouro.

## VEGETAÇÃO DO PARANÁ — OÉSTE

**P**ODEMOS dividir a vegetação que cobre o Oéste do rico e futuroso Estado do Paraná em duas partes: a das terras altas e a das terras baixas.

A vegetação das terras altas ora é constituída pelos campos brandamente ondulados, ornados aquí e alí pelos soberbos capões de imbuias, uvatans, canelas, aroeiras, pinheiros, ipês, etc.; ora pelo pinhal esguio e alto que domina o cume e as vertentes das elevações, sombreando o sólo onde vicejam a ataquará, o taquarí, a crisciuma, o mate, algumas mirtáceas e lauríneas.

A vegetação das terras baixas, que constitue a flora marginal dos grandes rios, é imponente e grandiosa, representando a floresta virgem — tesouro insondável de pesquisas de todas as naturezas. Nela se notam lindos especimens de palmeiras, de mirtáceas, apocíneas, lauríneas, trepadeiras, cipós e taquarusús, tudo apresentando vigor e opulência, exibindo a fertilidade do solo que lhes fornece a seiva forte que as nutre.

Do livro de Sebastião Paraná transcrevemos dois belos trechos de Daniel Cleve "O trópico do Capricórnio passa pelo vale do Ivaí e corta o do Paraná, entre a foz daquele rio e a do Piquerí; logo, a flora dêste imenso município é a da zona sub-tropical. Entretanto, nos vales dos grandes rios, entre 9° e 11° de longitude, ela apresenta todos os caracteres, a exuberância e variedade da zona inter-tropical, mesmo no vale do baixo Iguassú, sob 25° 31' de latitude."

"Grande é a variedade das plantas nos campos de Guaruava: a aristolóquia cymbífera e grande variedade de smilax que crescem nos capões, synantherea, euphorbiácea, cucurbitácea, malpygiácea, apocynea, labiada, solânea, magnoliácea crescem alí abundantemente junto às gramineas e matizando aqueles vastos prados com alegres côres, fornecendo ao mesmo tempo importantes recursos à medida popular".

A diferença de altitude apresentada no vasto sertão paranaense, permite ao agricultor, consoante o que deseja cultivar, escolher o local apropriado.

As principais plantações, feitas ainda pelos processos mais

rudimentares, são as do milho, do café, do feijão, do fumo, da cana da mandioca, do arroz e do amendoim.

Os terrenos apropriados para a cultura são os de capoeira. Após a derrubada das árvores fazem o encoivramento e a queimada; e sem perda de tempo plantam as sementes ao lado dos troncos ainda negros de fogo.

A cana de açúcar é cultivada em Guaíra e nas barrancas do rio Iguassú, onde o senhor Frederico Virmond tem um engenho.

O arroz é excelentemente conseguido nas feracíssimas terras do Campo-Mourão, onde o grão atinge proporções fora do comum.

O algodão foi cultivado no Campo Mourão, onde ainda existem alguns algodoeiros, e no Distrito Algodoeiro nas barrancas do Iguassú, perto do Candoí.

O café dá excelentemente nas terras marginais do Tabagí e no Campo Mourão.

O milho, o feijão, a batata, a mandioca e o amendoim são cultivados com resultado em qualquer região.

Algumas colônias polacas de Amola Faca, Colônia Virmond e Ponta Grossa cultivam com resultado o ceiteio e a cevada.

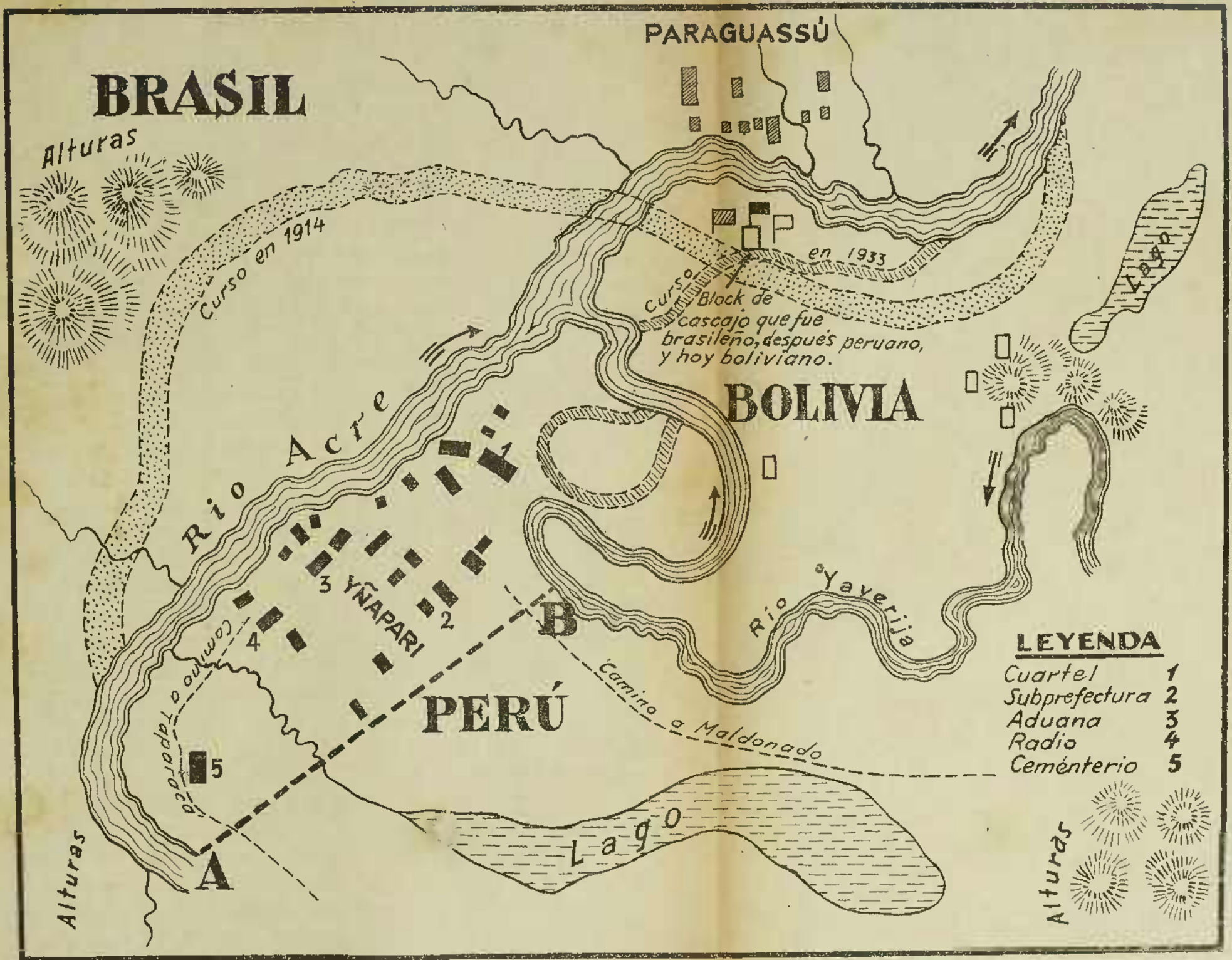
Visitei o posto experimental de trigo em Ponta Grossa e fiquei desolado. O preço do adubo empregado para conseguir-se um saco do grão bendito, aliás de excelente tamanho, era maior do que se o comprássemos em Buenos Aires, dando portanto um resultado nulo.

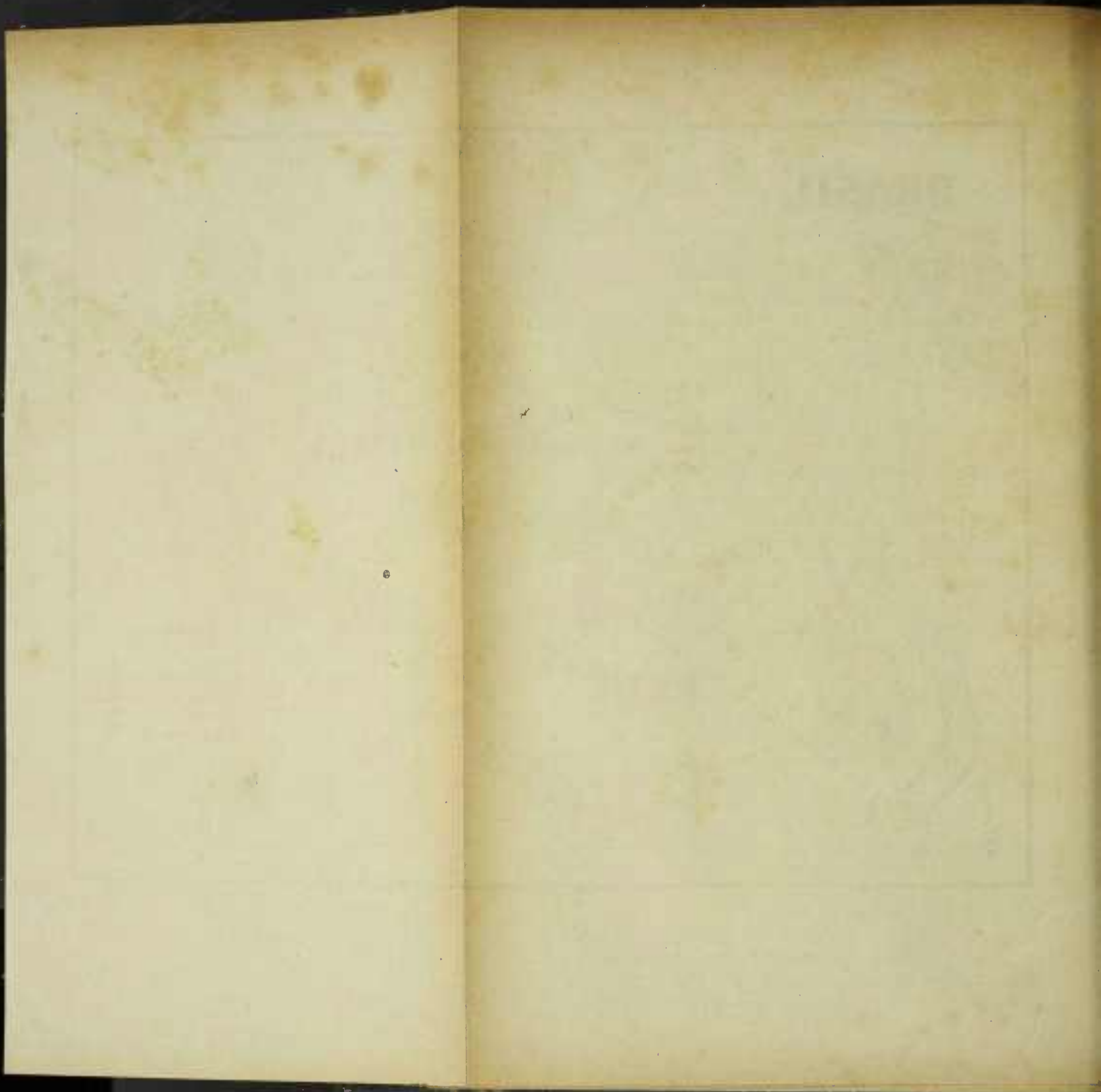
Fiquei bem contente em saber que em Guarapuava a cultura do trigo era bastante rendosa, e os dados divulgados pela Inspetoria Agrícola do Estado do Paraná, e transcritos no Almanaque do Município de Guarapuava, são os seguintes: Um hectare de trigo produz 20 a 30 alqueires ou sejam 800 a 1.200 litros, dando um lucro aproximado de 139\$000, sem trato cultural e sem adubação de espécie alguma. São cultivadas as seguintes variedades de trigo: o *borboleta*, cultivado de preferência, o *sulco vermelho* e o *Santa Fé*, todos importados da República Argentina.

A fruticultura também é muito grande em todos os pontos da zona Oeste.

Pelo aspecto, sabor e tamanho excelem os frutos do Campo Mourão e Foz do Iguassú.

O pêssego, a laranja, o abacaxi, o marmelo, a ameixa, a banana e a uva provadas naquelas regiões dão ao paladar um sabor especial e inesquecível.





## O CARNAVAL DOS ÍNDIOS

**A** FESTA mais popular do Brasil já existia entre os nossos autoctones antes da descoberta de Cabral?

— E' claro que sob o nome de carnaval ela não era conhecida. Todavia, os nossos aborícolas faziam uso das máscaras, dos guizos, dos instrumentos musicais, dos cântigos e das bebedeiras infernais que ainda hoje caracterizam êsses folguedos.

Muitos brasileiros, principalmente o carioca que entre todos é o mais folião, ficam satisfeitíssimos quando, durante os longos 365 dias do ano, sucede haver mais de um carnaval. Dão êsses adoradores de Momo os berros Evohé! Evohé! com fôrça igual à que Júpiter imprimia aos seus brados na luta dos deuses contra os gigantes. E no dia da folia põem o coração à larga e perdem o senso de tudo.

Os aborígenes frequentemente faziam os seus festejos, encontrando em tudo motivos para consumir o cauim que espumava nas gamelas de madeira. A comemoração de vitórias, a escarificação dos meninos, a festa dos mortos, a colheita do cajú, etc., forneciam causas para a pagodeira.

As cornetas, as flautas de Pan e os tambores enchiam o ambiente de sons agudos que, alegrando os corações dos incolas festivos, os convidavam para as danças mais diabólicas e mais desengonçadas.

Há também razão para o carioca ser o campeão carnavalesco do Brasil — os Tamôios eram, entre os nossos selvícolas, os mais foliões. Parece que há, nas cercanias da majestosa baía, um filtro que enfeitiça a todos. Basta respirar o ar do Rio de Janeiro, no período momesco, para sentir qualquer cousa nos nervos, nos músculos, no corpo todo, que impele para a pândega, para a folia, para as danças bamboleantes das ruas e dos salões.

Entre os instrumentos musicais indígenas exceliam os maracás e os guizos. Êstes eram feitos com crâneos de cobra e aqueles ainda hoje animam os sambas chocalhando, confeccionados, aliás, com material mais civilizado do que as cabaças indígenas.

Koch-Grumberg pode, há pouco tempo, assistir a um bailado de máscaras nas brenhas extremenhas do volumoso Uaupés — afluente do Negro.

Os Cubeuas e os Uamanas ainda realizam suas festas pagãs com algum brilho, si-bem-que amortecido em virtude da influência do clero católico.

Há para os festejos dos índios, um grande período de preparativos, a-fim-de aprestarem o cachiri, a comezaina e as máscaras. O trabalho é dividido por todos: uns caçam; outros, as mulheres geralmente, fazem da mandioca os beijús e o enebriante vinho que, como uma mola, dá elasticidade aos músculos mais endurecidos e, finalmente, uns terceiros vão à mata cortar o tururí e o matamatá. Do tururí fazem as máscaras e do matamatá saíotes franjados com que se paramentam à guisa de escosseses.

O preparo da máscara é longo. Inicialmente raspam com cuidado religioso os tóros; em seguida, com cacetinhos de madeira dura, vão batendo, cada um em sua tóra, fazendo com que a camada circular da entrecasca se desprenda. Incontinenti essas verdadeiras camisas de fibras são levadas ao rio, onde, depois de lavadas, são esticadas em armações especiais, feitas com varas flexíveis. Enquanto as camisas secam os índios preparam as tintas com o urucum e o genipapo que fornecem os matizes vermelho e azul. Começa então a fase mais artística — a da pintura. Um artista gentílico prepara os moldes para o debuxo não só da máscara como dos corpos.

Com êsses modelos qualquer um pode iniciar os trabalhos, deixando os detalhes para o "mestre". Nessas máscaras eram representados todos os animais da selva, desde a onça atrevida até o sapo asqueroso, desde o lépido veado ao molengo jaboú, desde a arara policrômica e a esvoaçante borboleta aos alados mais feios e repugnantes.

Completam as fantazias os saíotes feitos com tiras de matamatá.

Cada qual imitava as vozes dos animais que representava e do mesmo modo dançava.

A onça, toda vez que aparecia, provocava um reboliço horrível — uma confusão e uma gritaria que bem expremia o terror que deve causar o encontro de um mortal com o ligeiro e manhoso felino.

Assim como no nosso carnaval, a pândega dura, entre os selvícolas, de 3 a 4 dias. O cachiri é que marca, com sua última gota, o final da festa.

Há outras danças além da dos mascarados: a do "carricho"



e a da "acangatará". Para estas danças as índias é que escolhem os seus pares.

A dança do carriço é difficilima, pois nela se confirma o rí-fão — chupar cana e assobiar: o cavalheiro ao mesmo tempo que baila toca na sua flauta de Pan a música respectiva. Para essas danças os rapazes ornamentavam-se com ramos na cabeça e na cintura; as raparigas somente com saias deixavam ver os lindos seios rijos e os interessantes desenhos do busto.

A dança da acangatará representa, com grande aproximação, a nossa quadrilha.

Os dançarinos pintam totalmente o corpo com o urucum; adornam a fronte com um diadema feito com penas de arara e de tucano e "aigrettes"; dependuram ao pescoço o "itá" — pedaço de metal — prêso a um colar de sementes; enrolam no busto duas ou três vezes grandes enfeites preparados com dentes de onça ou de porco do mato e, para dar-lhes o compasso da música, prendem aos tornozelos chocalhos.

As Evas da selva perdem nessas ocasiões a vergonha e se apresentam inteiramente nuas, desafiando a concupiscência dos assistentes.

Depois de tudo pronto, o mestre da cerimônia dá início à dança, com uma cantoria monótona, enfadonha, horrorosa, finda a qual começa a cadeia formada pelos dançarinos a movimentar-se ora para a direita, ora para a esquerda, ora para a frente, ora para a retaguarda. Cada dama fica entre dois cavalheiros e quando, a cadeia forma circumferência, uma índia penetra no centro da mesma, gritando como uma louca até que o circo se desfaga e o bamboleio continue como anteriormente.

Pela descrição que fizemos, podemos concluir que a alegria que inunda a terra carioca nos dias de carnaval e o espírito ála-cre e galhofeiro que ostentam os seus habitantes vêm de muito longe. Há uma justificação para tudo isto, a hereditariedade. De resto, Cublize localizou cronologicamente a origem do carnaval a 4.000 anos antes de cristo, nos festejos do boi Ápis realizados pelos egípcios, nas margens abençoadas do Nilo. Por tudo isto não há motivos para desprezarmos S. M. Momo I e Único, com o seu riso estardalhante, sua cuica roncadora, seu tamborim barulhento e seu réco-réco enervante. Basta de tristezas, de lágrimas e de amarguras. E viva a pândega!

O INCOGNITO  
De p...  
sulta o se...  
O ma...  
casti... e p...  
para ch...  
lucro que ha...  
O al...  
a se... e...  
de lome...  
V...  
C...  
fve...  
Ce...  
é...  
tos pecc...  
cap...  
lam...  
A...  
tod...  
pro...  
Com...  
um ch...  
ou me...  
No...  
con...  
g...  
g...  
que...  
valen...

## A PESCA DO PIRARUCÚ

O INCOLA vive em luta contínua. Da pelêja que êle diuturnamente trava com a Natureza, resulta o seu sustento de cada dia.

O índio vale pelo seu físico, pela sua destreza, pela sua astúcia e pela sua coragem. Estuda ciladas e organiza planos para abater a onça, ou desvencilhar-se de alguma sucurí inoportuna que tente tolher-lhe os passos na perigração pela floresta.

O dilema do habitante da mata é fatal. O aborígene enfrenta a selva e os rios, e sai vitorioso, ou foge do perigo e morre de fome.

Visitei uma tribu nas fronteiras do Perú, pelo nome de "Curinas" denominada.

Tive o prazer de assistir ao prelúdio de um casamento.

Os pretendentes à vida em comum com alguma trigueirinha êmula de Iracema eram os mais afoitos caçadores e os mais destros pescadores. Homens que, por suas equações pessoais, se capacitavam de sair vitoriosos da luta diária pelo sustento da família que desejavam constituir.

A-pesar-dos predicados que cada um julgava possuir e que toda a tribu reconhecida, o velho *tucháua* os sujeitava a uma prova dura e cruel!

Com um carinho paternal, o cacique preparava dias antes um chicote de couro de anta com a grossura de um dedo mais ou menos.

No dia marcado os casadoiros apresentavam-se para a sova-concurso. Um forte caboclo empunhava o chicote e, sem dó, vergastava o corgo do noivo que, ao receber a pancada, soltava um grito mixto de dôr e de alegria, pronunciando a palavra *marupiara* que na sua esquisita linguagem significava forte, corajoso, valente.

Aquele que com o ânimo alevantado enfrentava o suplício auferia o direito de casar-se, convencido de que, ao lar que acabava de organizar não faltaria o alimento.

Esta cena brutal revela na sua singeleza um ensinamento formidável.

A verdura da mata é a esperança que atrai o civilizado em busca da fortuna. O branco, quando se vê na imensidão da selva, aprende com o aborígene a lutar gigantescamente com a Natureza e ensina-lhe uma série de preceitos que norteiam a sua agricultura ainda incipiente.

A banana, o aipim, e o milho representam o pão de cada dia. A caça e a pesca completam a alimentação.

\* \* \*

Os rios da planície amazônica constituem um verdadeiro viveiro ictiológico. Lá existe desde o microscópico candirú até ao massudo peixe-boi, que atinge às vezes 300 quilos.

O processo de pescaria mais utilizado é o arpão.

O arpão é um aguçado anzol que o pescador coloca na ponta de uma vara que funcionará à guisa de dardo. Uma longa corda urdida com forte fibra, é presa ao arpão.

Um dos grandes peixes procurados pelo cabloco é o pirarucú — (*sudis gigas*) — que chega a pesar cêrca de 100 quilos. O pirarucú tem gôsto agradável e pode substituir perfeitamente o bacalhau que importamos das longínquas plagas norueguesas.

O pirarucú depois de limpo é escamado e desdobrado em mantas que são salgadas e postas ao sol para secar.

Esta operação é feita nas margens dos rios e lagos durante a vazante, recebendo o nome de feitoria o local onde se trabalha.

A operação mais interessante na indústria do pirarucú é, sem contestação, a pesca.

Numa fragil ubá, o cabloco se faz ao largo, sondando com o olhar penetrante a superfície líquida do rio. Deixa a embarcação ao sabor das águas, enquanto empunha rijamente o arpão. Súbito, o pirarucú nadando a pequena profundidade faz estremecer a folha d'água. O cabloco se apruma e desfere o golpe com mestria. O peixe ferido reage, espadanando para todos os lados.

Si o pescador for impaciente e quiser aguentar o peixe, estará irremediavelmente perdido, visto como a sua ubá não resistiria aos solavancos produzidos e acabaria por ir ao fundo. O caboclo, porém, foge à luta, cedendo a corda, dando ao peixe a impressão de que fôra vencido... A fúria do animal vai se amortecendo enquanto as suas fôrças vão sumindo. O pescador, então, pachorrentamente vai puxando a corda até conseguir rebocar para a margem o colosso derrotado.

\* \* \*

Para pescar o pirarucú é preciso: primeiramente destreza e oportunidade; logo após, fôrça; por último, inteligência.

Quem na luta da vida tentar pescar pirarucú, sem possuir as qualidades citadas, terá sua canôa virada, naufragando... vencido pelo peixe.

A  
de swa  
A m  
tem pe  
me  
suppon  
O  
32 h  
mas  
neve  
todos  
in  
ira  
que  
Cs  
otim  
em  
De  
tação  
riadas  
quando  
fantasi  
de  
rechei  
Este  
a  
de  
do

## A QUEBRADA DO HUMAHUACA

**A** ARGENTINA sempre procurou relações com seus vizinhos, levando-lhes até às linhas extremenhas a ponta dos trilhos de suas vias-férreas.

A capitão do Paraguai está ligada a Buenos-Aires por um trem que vence a distância que as separa em 48 horas, havendo uma "baldeação" em Posadas para a travessia do Paraná em *ferry-boat*.

O ferrocarril andino liga a pérola do Prata a Santiago em 32 horas, atravessando a cordilheira dos Andes por um tunel de mais de 3 quilômetros de comprimento. A fim de evitar que a neve obstrua o tráfego, constroem telhados de madeira sustentados por possantes moirões.

La Paz também tem comunicação ferro-viária com a Argentina, passando a estrada de ferro por cima do rio La Quiaca, que aparta os territórios das duas grandes nações.

Os argentinos tiveram que enfrentar um sério problema para atingir as raias bolivianas — a quebrada de Humahuaca.

Entre as estações de León e Volcán, o trem sobe 450 metros em 15 kms. de cremalheira.

De início, a serra se apresenta totalmente verde, pela vegetação pujante que a cobre; depois surge a pedraria de côres variadas, ora roxa, ora verde, ora azul. Uma pessoa, vendo um quadro daquela esquisita paisagem, acredita que o artista o fantasiou.

Uma lagôa que fica a 1 km. de Volcán e a 2.000 metros de altitude, apresenta a coloração rósea devido à reflexão dos rochedos vizinhos. Apesar da altitude, a lagôa é muito piscosa.

O trem continua para Tumbaia, Purmamarca e Maimará. Este nome em quichúa, significa "campo da estrela" por haver aí caído, segundo relatam os remanescentes autóctones, um grande aerólito que foi tomado pelos índios como um aviso celeste do aniquilamento de sua raça.

Em Tilcara é atingida a altitude de 2.500 metros. Este povoado mantém durante todo o ano a temperatura uniforme de 18°; foi, por isto, eleito estação de cura. Os incas também tiveram, em Tilcara, um povoado. O "pucará" que existe nas proximidades, tem atraído grande número de cientistas que expressaram suas opiniões sobre o assunto em vários tomos.

Admirando-se sempre panoramas campestres chega-se a Humahuaca, situada a 3.000 metros acima do nível do mar. É um centro relativamente adiantado e onde os pintores daquela região magnífica se abrigam.

Serpeando por desfiladeiros apertadíssimos o trem chega a Três Cruces já no altiplano de La Puma com 3.725 metros de altitude, que se estende por uma centena de quilômetros, prosseguindo pelo território boliviano.

La Quiaca é um regular centro de comércio com a Bolívia e fica situada a 284 quilômetros de Jujuí, ou 1.435 km. de Santa Fé, nas barrancas do volumoso Paraná.

Várias vezes o traçado desta importante estrada foi modificado, em virtude das grandes enxurradas que atulham de pedra e barro o seu leito. Apesar-disto os argentinos mantém, com uma persistência elogiável, a comunicação que idealizaram.

A população fronteiriça é uma mescla do inca com o castelhano, a qual tomou o nome de "coa". O Snr. Guilherme Nagel que estudou esse povo, assim se expressa:

"São dignos descendentes dos famosos e infatigáveis corretores incas, cuja tradição mantêm com êxito, pois com esse trote índio até as mulheres correm enormes distâncias sem parar e sem se sentirem fatigadas. Todavia costuma-se ver êsses "coas", de ambos os sexos e de todas as idades caminhando nesse passo durante dias inteiros sem outro alimento que um pouco de *chicha* ou de coco e fritadas de milho, pimentão e tomate que preparam. Assim cobrem largos trajetos das suas montanhas e suas aldeias até aos vales e às cidades .

Esta raça possui um característico mais interessante ainda: Herdeiros da habilidade dos incas, suas vazilhas e seus tecidos, que ainda confeccionam valendo-se de métodos multiseculares, ostentam adornos de uma pureza e uma harmonia de linhas admiráveis, coloridos berrantes e ao mesmo tempo apropriados, estilos bem variados e, no conjunto, semelhantes. Também conservam a música dos seus antepassados e os bailes, que executam



ao som da flauta indígena e de outros instrumentos da mesma origem. E, misturando os remanescentes do seu culto pagão, com os ensinamentos da religião de Cristo, êles se divertem com uma naturalidade sincera e com uma fé ingênua."

\* \* \*

A construção das vias-férreas atravessando a cordilheira andina, serpeando na mesopotâmia parano-uruguaia e grimpan-do a quebrada da Humahuaca, serve de prova patente para der-rubar a balela de que a Argentina possui rede ferroviária de-senvolvida mercê da feição plana do seu solo.

As dificuldades existem em toda parte; saber vencê-las é que constitui verdadeiro mérito.

Contemplando-se a curva do desenvolvimento das estradas de ferro na Argentina, fica-se surpreso diante das verdades cris-talinas dos números.

A 30 de Agosto de 1857 foram inaugurados os primeiros dez quilômetros ligando Buenos-Aires a Floresta. Hoje a quilometra-gem beira a 50.000, e da bela capital parte um denso e exten-síssimo aranhol de trilhos para todos os recantos do país.



## A INTELIGÊNCIA DO JABOTÍ

**N**A AMAZÔNIA o jabotí goza fama de inteligente. O *folk-lore* indígena deu ao moroso testudo um lugar de destaque, fazendo-o vencer pelo ardil e pela malícia os animais mais fortes da floresta.

A onça foi escolhida, como representante mais feroz da selva, para servir de comparsa nas patranhas do jabotí.

São inúmeras as histórias contadas em as quais o previdente animal que leva sempre a casa às costas, vence com uma artimanha bem urdida o felino pintado e ameaçador.

A onça faminta vagava pela floresta quando, no alto dum galho, notou o jabotí. Sentiu aguçar-se o apetite e imaginou, incontinenti, um meio de agarrá-lo.

Com a voz mais meiga que podia rugir, sussurrou-lhe: "Amigo Jabotí, como subiu tão alto? Desça para ensinar-me o processo de trepar em arvoredos tão grossos".

O quelônio compreendeu o que a pintada desejava e, já se sentindo esmagada pelos dentes da poderosa fera, respondeu-lhe timidamente: "Comadre onça, abra bem a boca, pois vou me atirar dentro dela. Abra bem afim de não me esborrachar no chão duro."

A onça suspirou de gozo e arreganhou o mais que pôde as suas terríveis fauces.

O jabotí calculou a distância e zás — atirou-se com toda a violência de encontro ao focinho da fera, que tombou morta como fulminada por uma poderosa carga elétrica.

Passou o ardiloso animalzinho a vagar pela floresta, quando ouviu uns urros fortíssimos — era o companheiro da onça que matara. Topando com a luzidia amiga morta e sentindo no chanfro da "esposa" o almiscar do testudo, fez-lhe um juramento solene de acabar-lhe com a raça.

O jabotí tremeu de medo debaixo do casco e, rapidamente, tratou de ganhar a toca.

O felino arremessou-se como um dardo sôbre o pequeno animal e com as unhas distendidas e afiadas segura uma pata sua. O jabotí, todavia, não perdeu a calma e, dando uma risadinha, zombeteira, disse: "Fiauí, segurou um pedaço de pau".

A onça, fingindo já saber que havia agarrado o pau, solta a perna do prisioneiro que, depois de encolher-se bem no fundo da toca, disse: "Era perna mesmo, seu tôlo!"

A-pesar-da lenda é comum encontrar-se pelos "varadouros" e trilhas muitos cascos de jabotís. Aos menores as onças arre-bentam com os dentes a parte lisa de baixo e, do mesmo modo que os civilizados, comem, no casquinho da vítima, a sua apetitosa carne.

Muitas vezes a onça não consegue quebrar a carcassa do testudo; arranca-lhe, então, as quatro patas e a cabeça, que vem sempre acompanhada de bons pedaços de carne. É crença geral entre os caboclos amazonenses, que o jabotí amansa curumins.

Para isso as mães costumam botar um jabotizinho na água do banho da criança. Não sabemos qual influência possa ter semelhante hábito: em todo o caso não devemos taxá-lo de absurdo, pois muitas vezes os absurdos produzem magníficos resultados na vida prática.

Na vida errante que o jabotí leva pela mataria sem fim êle, além da onça, só teme o taperibá.

Vivendo muitos anos, o jabotí, quando é apanhado em cheio por um tronco que caia, não se amofina muito e nessa ocasião êle encarna, em toda magnitude, a paciência. Espera que o caule apodreça para continuar a viagem, imprevistamente interrompida.

O taperibaseiro, porém, é respeitado por todos, desde os pitíus novinhos e pintados de negro até ao carumbé — o maior de todos. Esta madeira não apodrece nunca e, mesmo depois de derrubada, adquire novas raízes e novos galhos que, desafiando a morte, crescem substituindo a árvore abatida.

A carne do jabotí é muito apreciada pela sua semelhança com a da galinha, e o seu figado é considerado como o mais fino acepipe que se possa desejar.

Existe em grande quantidade em toda a região, chegando-se a juntar centenas algumas vezes, como sucedeu com a expedição ao rio Cuminá pelo general Rondon, onde foram consumidos mais de duzentos testudos.

Os jabotís, como todos os quelônios, têm sua origem numa lenda.

Celebrava-se o divino himeneu de Júpiter, o Deus estroina, com a virtuosíssima Juno. Mercúrio ordenara o comparecimento de todos e, a-pesar-desta ordem severa, uma ninfa de nome Querônea preferiu ficar em sua vivenda, poeticamente erguida à beira de um lago, a ir assistir às bodas da filha de Saturno.

Dando por falta da ninfa, Mercúrio irado vôa célere para sua habitação e, maldosamente, precipita nas águas tranquilas do lago. Querônea com casa e tudo, transformando-a em um quelôneo, condenada a arrastar a residência por toda a eternidade.

E, por causa da desobediência de Querônea e da ira de Mercúrio, sofrem na floresta as tartarugas e os jabotís.

O  
lhos  
ras  
am  
Do  
de  
v  
Em  
do  
que  
N  
dos  
be  
te  
Os  
Nep  
pare  
cal  
Par  
ber  
ous  
d  
O  
Por  
B  
G  
td  
f  
p  
s

## O INCOLA BRASILEIRO

O ÍNDIO brasileiro continúa a ser estudado carinhosamente. E, dia a dia, surgem trabalhos excelentes calcados em velhos alfarábios e em observações recentes obtidas nas inúmeras aldeias gentílicas que ainda pontilham a vasta floresta sul-americanas.

Do forte tronco guaraní que se enraizou nas ribas do Paraguai destacou-se o ramo tupí, como um galho em procura da luz vivificante do sol.

Em marcha ascendente foram os guapos ameríndios talando o litoral brasílico e expulsando, para o centro do país, os gês que êles pejorativamente chamavam de bárbaros — tapuias.

Não se sabe cabalmente se foi por influência da migração dos gês, ou não, que os caribas deixaram suas aldeias nas cabeceiras do Xingú, e rumaram para o norte, invadindo o mar até às Antilhas.

Os Nu-aruaks que hoje ainda vegetam em plagas do Rio Negro, grande tributário do Amazonas, caminharam do norte para o sul e foram pelos caribas expulsos dos seus pagos e recalçados para a região onde se encontram.

Para se avaliar a grande caminhada dos bronzeados tupís, basta dizer que há vestígios dessa corajosa gente ao longo da ourela oceânica, em terras banhadas pelo Tapajoz, Xingú e Madeira, nas regiões estremenas do Juruá, do Solimões e do Oiapoque.

Por pouco a expansão típica não avassalou toda a área do Brasil, levando o progresso às ínvias regiões que conquistavam.

Os tupís eram senhores de inteligência grandemente debastada. Sabiam construir suas malocas com estética e relativo conforto. Urdiam redes, charpas para carregar os filhos, "tipitis" para espremer a mandioca ralada, ligas para as pernas e lindíssimos mantos e carapuças adornados com policrômicas pluma-

gens. Eram hábeis oleiros, confeccionando com arte urnas funerárias e vasos para o preparo da alimentação.

Plantavam a mandioca e o milho. Faziam o lume e davam-lhe aiento com o abano de palha. Divertiam-se com a flauta de Pan e davam o sinal de guerra com o trocano — imenso bombo que ressoava a grande distância.

De todas as tribus da grande nação tupí, destacavam-se os omaguas e os chiriguanos que já usavam o tear, a sandália, a colher, a pá, o catre de peles e a sarabatana — a engenhosa espingarda de ar comprimido.

Os tapuias eram mais atrasados e, consoante as averiguações de Carl von den Stein e de Ehrenreich, foram progredindo à medida que caminhavam para o ocidente, fugindo do avanço túpico.

Os nu-aruaacks chegaram a ocupar todo o vale do Rio Negro, do Solimões e do Purús. Algumas de suas tribus desgarraram para direções várias — os terrenos e os guanás foram assentar acampamento em águas do Paraguai; os aruãs tomaram conta da graciosa ilha do Marajó; os aruaacks, o rico território do Amapá.

Os afoitos caraibas ou caribas eram os senhores do norte do nosso continente e das ilhas antilhanas, quando a estas plagas aportou o sonhador genovês — Cristóvão Colombo. Esses aborígenes, que foram localizados por Von den Stein em Mato Grosso — os ojonas e os palmelas — haviam, na ocasião da descoberta, acabado de derrotar os aruaacks, trucidando, sem piedade, os guerreiros que tiveram a desdita de cair prisioneiros.

Além das nações que citamos, outras foram classificadas pelo inclito etnógrafo Dr. Rodolfo Garcia: cariris, panos, goitacás e guaicurús, e mais duas, abrangendo: uma — borôros, carajás, trumais e chambiquaras; outra — tucanos, pebas, caúapanas, catuquinas e nacús.

Os cariris eram os habitantes da zona vítima da seca, do Nordéste. Os valentes jangadeiros da terra de Iracema receberam o legado de honra que era a coragem dos teremembés. Esses indígenas nadavam para longe da costa, afim de pescar de uma maneira original, como original é a pesca, ainda hoje feita pelo cearense em frágeis e leves jangadas: — enfrentam tubarões, introduzindo o braço na guéla destes gigantes marinhos. O peixe julgando tragar a vítima fechava com violência



as vastas mandíbulas que se espetavam em apontado bastão de madeira.

Imaginemos a luta indescritível que se travava. De um lado o tubarão a arrastar o selvícola para o mar; de outro, o selvícola cansando-o, para puxá-lo para a terra. O vencido teria a morte, quando não ficavam os dois boiando nas águas enfurecidas, num vai-vem eterno.

\* \* \*

Dos índios citados, os mais atrazados são os macús que ainda hoje vivem nas brenhas do rio Negro. Dormem no chão ou trepados em grossos troncos, como macacos. Não sabem nadar e desconhecem o uso da canoa.

As tribus vizinhas aprisionam os macús com o fito de escravizá-los.

Às vezes chegávamos a uma maloca e indagávamos do tuchaua por que não possuíam roçado. E êle fazendo um gesto desconsolado dizia: "Não tenho macú, patrão".

Os índios da Amazônia têm o costume de chamar o civilizado de patrão, porque, no tempo áureo da borracha, quasi todos êles trabalharam para seringueiros e caucheiros que procuraram a brenha empós a fortuna.

\* \* \*

Muita cousa extravagante se tem dito do ameríndio; todavia o que a respeito dos Cauana e Ugina escreveu Ribeiro de Sampaio toca as raías da ficção. Habitavam êsses aborígenes às margens do volumoso Juruá.

Os cauanas, qual os pigmeus africanos, impressionavam pela estatura mirrada — pouco mais de um metro. Os uginas, confirmando a doutrina Darwiniana, eram dotados de rabos.

Não daríamos fé a esta informação, se ela não fosse dita por um religioso, contradizendo a sagrada Bíblia, na parte referente à origem do homem.

No seio dessa tribu de homens-macacos esteve o carmelita frei José de Santa Teresa Ribeiro, em 1768.

Êsses autoctones usavam o "murucú" — lança com a ponta feita de madeira tenra, afim de quebrar-se no momento em que

penetrava na vítima, que expirava mais rapidamente devido ao efeito do "curare" com que havia sido hervada.

\* \* \*

O estudo da etnografia brasílica ultimamente tomou um impulso animador graças à persistência nipônica de um punhado de estudiosos que se não deixaram entibiar pela campanha de descrédito movida contra o habitante da selva.

O esforço dêsses pesquisadores quiçá fará brotar nos corações dos dirigentes da Pátria um pouco de interesse pelos primeiros donos da terra de Santa Cruz.

## FORTE E HUMILDE

**E** I-LO marchando, vagarosamente, numa cadência ritmada e monótona, tendo sôbre o pescoço pesada canga e na frente o carreiro com o aguilhão em riste pronto para ferroá-lo numa passada mais lerda. A-pesar-das picadas, dos gritos e das pauladas, o touro segue o seu algoz com uma humildade infinita, quasi divina.

Os pagãos adoravam o boi. Os israelitas ofereceram mil sacrificios ao bezerro de ouro. Elegeram êsse animal para símbolo sagrado porque êle encarna ao mesmo tempo a fôrça e a humildade — duas virtudes difíceis de encontrar-se num só ser. Quem tem fortaleza para esmagar não se deixa humilhar; é uma lei geral que domina o mundo. Todavia, há três sêres, três animais que mostram pelo homem uma afeição especial: — o boi, o cavalo e o cão. Ignoram o vigor, a agilidade e a energia de que são dotados e se humilham diante dos donos como o sol resplendente e forte também procura "a terra sombria cheia de amor e piedade".

Sabemos que até os deuses têm seus momentos de fúria, e que, nessas ocasiões, semeiam pelo mundo rosários de desgraças. E gozam a desventura alheia, do mesmo modo que sorvem o néctar mais delicioso do paraíso celestial.

O touro, exemplo de fôrça, emblema da humildade, às vezes fica enraivecido.

E, qual uma locomotiva sem freio que já não obedece ao maquinista, dispara em desabalada carreira, levando tudo de roldão diante das suas duras e aguçadas guampas. Depois, como que arrependido, o dócil animal vem, mansamente, submeter-se às agruras a que estava acostumado.

Não há no mundo animal que tantos serviços preste ao homem como o boi. Enquanto vivo dá-lhe a fôrça que arrasta as carroças, as carretas, os troncos de árvores e os arados, produzindo trabalho e dinheiro; depois, o couro que se metamorfosea

em cintos, em bolsas, em correias que movem máquinas, em malas e mil outros objetos; os ossos de que se fazem os botões; os chifres que fornecem artísticos pentes; o sangue, as cartilagens, o estrume com que preparam magnífico adubo — fortificante e reconstituente dos vegetais. Do boi tudo se aproveita. A posse de um desses úteis animais representa dinheiro em caixa.

\* \* \*

O Brasil, tão rico em campos de pastagem, não possui desenvolvida população bovina. Na imensa e lendária planície amazônica há pouco gado: — nos campos sujos do Rio Branco, nos paranás infundáveis do Baixo Amazonas e na soberba e mimosa Marajó. Espécimens pequenos, carnudos, dóceis e belos. Desde que o maior rio do mundo corra normalmente, tudo vai bem: — a população pastoril goza uma vida de felicidade e o gado incha de gordo, alimentando-se com a relva fresca que enverdece e encanta os campos daquelas paragens.

De súbito, vem a enchente, a caudal a engordar, a crescer desmesuradamente. Os prados se alagam. A alegria cede lugar à tristeza e seu séquito: a fome, a peste, o sofrimento.

Os lugares altos são procurados e nele são construídas as "marombas" onde o gado é colocado para aguardar o declínio da fúria do rio. Os pobres animais pisando constantemente no chão encharcado e lodoso acabam com as patas apodrecidas e sucumbindo.

Os vaticanos e os gaiolas que sulcam as estradas infinitas do aranhol amazônico — estradas onde não há nem o atrito nem os solavancos — aportam em alguns logarejos para receber o gado de corte.

Um marujo que arremessa o laço de couro cru com a mesma perfeição com que aducha uma grossa sirga, gira-o sobre a cabeça, descrevendo, com elegância, leminiscales no espaço. O boi fita o laçador atraindo o laço do couro de um seu semelhante. De chofre o animal cabriola, finca os dianteiros no chão escorregadio e bufa protestando; o guincho de bordo funciona e a luta entre a máquina e o boi se trava. A primeira consegue a vitória e o bicho se vê dependurado pelas aspas prestes a ser internado no convez...

No Nordéste, também, o gado é uma riqueza, quando não vem a sêca que estiola os campos, fenece os arvoredos e espa-

lha, por todos os lados, ossadas e ossadas de inúmeras boiadas que branqueam o solo como balisas palpáveis da desgraça.

Em Mato Grosso, Goiaz e Minas Gerais o gado bovino não sofre — a Natureza dá-lhe tudo e nada dêle exige.

Assistimos no sul do grande Estado Central, quasi na linde paraguaia, à matança de uma pequena ponta de gado..

Três caboclos cavalgando fogosos ginetes retiram do lote o touro escalado ao sacrifício. Três laços cruzam o ar e quasi ao mesmo tempo acertam e prendem os chifres do animal. Os cavaleiros esticam os laços: — dois puxam para a retaguarda contrariando o esforço de tração do boi, enquanto o terceiro puxa para a frente. O infeliz quadrúpede fica como que estaquiado e os cavalos, já ensinados, pendem o corpo enterrando os cascos no solo, sólidos como moirões. Um dos caboclos apeia, retira, da bainha que traz enfiada na bota de montaria, comprida adaga. O cavalo permanece firme no seu posto. O matador procura o sangradouro do boi e chuça-lhe o ferro. Um berro de dôr, um estremecimento de morte, e golfadas de sangue rubro e espumante que se coalham no chão já escarlate do terreiro. O bicho berra, geme, cai de joelhos e morre.

O coração de quem assiste se confrange e muitas vezes, com fome, a boca recusa a carne de um ente que tanto sofre antes de morrer.

No Paraná e em Santa Catarina os campos se despovoaram depois que a liberdade dos escravos deixou sem braços os proprietários das fazendas. A êste fato, outros se somaram para derrotar a pecuária daqueles rincões; as companhias frigoríficas que mataram sem eito nem geito durante os anos em que diminuimos a fome da Europa conflagrada e as revoluções que tiveram por cenário o rico e opulento oeste paranaense.

Nos pagos sulinos, o gado nasce, cresce e se multiplica com grande facilidade. As estâncias, as charqueadas e os saladeiros pululam em todos os quadrantes e a pecuária toma vulto gigantesco, orientando a rosa dos ventos das finanças do Brasil.

O RIC  
qual  
Paraná  
Mina  
F  
o p  
grande  
dos o  
Com  
dos de S  
Paraná  
argen  
Entre  
Ser  
tico  
Pro  
A  
"par  
Poi  
meio  
Gua  
terce  
No  
meo de  
es  
xim  
pelo  
80  
e, form  
tros de

## O RIO POLÍTICO

O RIO Paraná é formado pela reunião de dois importantes galhos: o Grande, que nasce na serra da Mantiqueira, e o Paranaíba, que desce da serra da Mata da Corda, ambos em Minas Gerais.

É um rio totalmente político. Os seus formadores separam: o primeiro, o estado de Minas Gerais do de Goiaz; o segundo, o grande Estado montanhês do próspero São Paulo, formando ambos o rico "triângulo mineiro".

Com o nome de Paraná, êle divide as terras de Mato Grosso das de São Paulo e Paraná; serve de divisa entre o Brasil e o Paraguai e entre esta República e a da Argentina e; já em plagas argentinas, separa a província de Santa Fé das de Corrientes e Entre Rios, bem como esta última da de Buenos Aires.

Serve de linde desde suas cabeceiras até a sua foz no Atlântico, apartando o Uruguai da Argentina com o nome de Rio da Prata.

A atual grafia Paraná não é correta. Devíamos escrever "paraná", palavra composta de "para" (rio) e "nã" (largo).

Podemos dividir o curso do Paraná em três trechos: o primeiro que vai da junção dos seus formadores até aos saltos de Guaira, o segundo desta bellissima catarata até Posadas e o terceiro daí para jusante.

No primeiro trecho, a caudal caracteriza-se pelo grande número de ilhas e canais, dando ao rio enorme largura, que às vezes ultrapassa de uma légua. Da barra do Amambá até às proximidades de Guaira, o Paraná corre por dois braços, separados pela ilha Grande ou das Sete Quedas, numa extensão de cêrca de 80 quilômetros.

Em Guaira o rio apresenta aproximadamente 3.000 metros e, formando um verdadeiro funil, passa por um canal de 60 metros de largura!

O segundo trecho é perfeitamente canalizado, possuindo uma largura quasi uniforme que varia, no máximo, de 200 a 300 metros.

No terceiro trecho, o rio alarga-se novamente depois de receber o caudaloso Paraguai, surgindo novamente as ilhas, como no primeiro trecho.

Segundo o comandante Cunha Couto, o Paraná tem a extensão de 4.290 quilômetros, assim distribuídos:

Desde sua nascente até a foz do Paranaíba onde perde o nome de Grande .....	1.138	Kms.
Da foz do Paranaíba até receber o Iguatemi .....	555	"
Da confluência do Iguatemi até a do Iguassú .....	178	"
Da barra do Iguassú até Candelária .....	186	"
De Candelária a Tranqueira Loreto .....	156	"
De Tranqueira Loreto até Três Bocas, onde recebe o Paraguai .....	222	"
De Três Bocas até Buenos Aires .....	1.466	"
De Buenos Aires até à Ponta do Maldonado, onde toma o nome de Rio da Prata .....	389	"
TOTAL .....	4.290	"

Por sua extensão é o 5.º rio do globo, sendo maiores que êle o Mississipi — Missouri, o Nilo, o Amazonas, o Ienessei e o Yang-Tse-Kiang.

O regime hidrográfico do Paraná oferece muita semelhança com o do Volga e o do Mississipi, rios que levam em flutuação enormes quantidades de areia e argila, que obstroem os respectivos deltas.

As enchentes do Paraná adquirem sua maior intensidade de Dezembro a Março e têm suas origens nas copiosas chuvas que caem durante a primavera e nos primeiros meses do estio, nas zonas equatoriais do continente.

Tem-se observado crescentes extraordinárias que se repetem periodicamente de dez em dez anos, coincidindo com o aumento de diâmetro das manchas solares.

O primeiro trecho do Paraná é perfeitamente navegável, por pequenos vapores entre o rebojo Jupia e Guaira.

O segundo é navegável a partir de Porto Mendes. A água



cava na rocha enormes caldeirões que dão origem aos perigosíssimos redemoinhos dificultando um pouco a navegação. Nas proximidades de Pôrto Britânia, os redemoinhos são tão fortes que, para vencê-los, os navios se adernam completamente.

O Paraná recebe em terras brasileiras inúmeros tributários, constituindo os da margem esquerda ricas fontes de hulha branca, ao passo que os afluentes da margem matogrossenses são satisfatoriamente navegáveis, apresentando perfís perfeitamente equilibrados.

\* \* \*

A importância que o Paraná exerce na história da América perde-se nas noites do tempo. Era por êle que os castelhanos subiam na ânsia louca da ambição em busca dos castelos dourados dos Incas. Ainda por êle desciam os másculos bandeirantes paulistas, em cata do ouro fascinante de Cuiabá.

A  
Caro  
morte  
com  
D  
qu  
fot  
lan  
De  
vel  
bo  
pic  
cri  
O  
com  
ran  
ra  
nã  
lan  
a se  
mor  
Com  
me  
eate  
Se  
tã  
Par  
cig  
das  
se  
vã

## JAQUIRANABOIA

**A** -PESAR-DE perambular muito tempo pela selva, nunca vi uma jaquiranaboia viva. Numa visita que fiz ao Dr. Hugo Carneiro, quando governador do Acre, lobriguei um espécimen morto, dentro de uma caixa, o qual era mostrado aos visitantes como cousa rara.

Durante o tempo que passei na aprazível "cidade das mangueiras" — Belém — tive a oportunidade de conseguir a sua fotografia e daí o meu desejo de saber algo sôbre a tão injuriada lanternária.

Diz o meu querido amigo Raimundo Morais — o inconfundível escritor da planície gigantesca — que ela voando lembra borboleta; pousada, gafanhoto. Ostenta coloração jadelaranja, salpicada de branco e preto, e tem em cada asa um ponto escuro cricundado de amarelo, que dá idéia de farol.

O meu não menos querido Osvaldo Orico — que estudou com cuidado as cousas da Amazônia — asseverou que a jaquiranaboia pertence à classe das cigarras. "E", como toda cigarra, lírica, inofensiva. Seu aspecto complicado, mixto de gafanhoto e libélula, com decorações esquisitas nas asas, emprestam-lhe fama perigosa. Seu ferrão infunde pavor e obriga todos a se defenderem de suas picadas, tidas como venenosas e mortais."

Contam os caboclos que a jaquiranaboia, quando nasce, começa a voar e só pára ao encontrar uma pessoa em que possa enterrar seu peçonhento ferrão.

Se não tiver a sorte de topar ninguém, empurra o estilete fático de encontro a um duro tronco e... morre de raiva.

Para outros a jaquiranaboia tem vida tão longa quanto as cigarras, e é cega como a desgraça. Deambula pela ramagem das altas árvores, voando às tontas, daqui para alí, sugando a seiva que a alimenta, até que com a morte encontre o fim da vida estúpida que leva.

A cigarra vive em forma de larva durante alguns anos, nutrido-se do sumo que retira das raízes das árvores e construindo galerias, do mesmo modo que as formigas, utilizando todavia, como material das suas construções, o próprio excremento que expele.

Numa bela noite dá-se a metamorfose — ganha asas e com elas a má fama de mandriã. Nesta segunda fase da vida dura somente dois ou três meses. Mesmo assim, computando-se o tempo de vida subterrânea, a cigarra é o inseto de vida mais longeva.

A jaquiranaboia não chega a ser cigarra. Seu nome pode ser dividido em três partes: *jaqui* — cigarra, *rana* — falsa, *boia* — cobra. Alguns estudiosos querem que o nome inicial, isto é, o nome pelo qual o inseto era conhecido dos tupís, seja *andirã-naboia*, vocábulo formado — de *andirá* — morcego, *mboia* — cobra e *rana* — falsa. A respeito dêste assunto escreveu Ernesto Cruz: "A *andirã-naboia* não podia fugir ao espírito analítico do indígena, e é assim chamada porque em parte é parecida com um morcego (*andirá*) com corpo de cobra (*mboia*) não sendo todavia nem morcego nem cobra (*rana*)."

"Jaquiranaboia veio depois, com a corrupção da linguagem dos selvícolas, como vou ter ocasião de mostrar com as seguintes palavras, muito nossas conhecidas e que perderam quasi tudo de sua forma primitiva: *taua-huera* — aldeia extinta, povoação que foi; hoje *tapera*. *Tycupy* de *tyku* — caldo e *py* — espremido: *tukupy*; *typioka*, de *typijok*, coalha, amigo de mandioca fresca; hoje *tapioca*; *pyoin*, laço feito para subir às árvores; hoje *peçonha*".

A jaquiranaboia cumpre um anátema celeste por haver ferido o Menino Jesús. Tal é o medo que os índios amazonenses têm desta lanternária que, conta Paul le Coite, ao pressentirem a presença do animálculo, jogam no braseiro alguns punhados de farinha ou de folhas verdes, afim de afastarem para longe o perigo que os ameaça.

Paleiam os habitantes das matas que o perigoso animalejo, se bem que cego, vâa certo no coração da vítima, causando-lhe morte repentina.

Está hoje provado que a jaquiranaboia é inofensiva. Algumas vezes succede que ela pouse em alguma pessoa e introduza sua tromba sugadora, depois de haver, momentos antes, sugado

a seiva venenosa do assacuzeiro. Neste caso o veneno do vegetal pode ocasionar algum mal à pessoa ferrada. E daí a má fama de que goza o inseto.

Este animalzinho, que não é cigarra nem borboleta, que tem a cabeça de morcego e o corpo de cobra e chega a ser confundido — quando em repouso — com o gafanhoto, é de uma raridade notável. Nunca foi visto um exemplar vivo na Europa, na África e na Oceania. Existe, em pequena quantidade, na China — o país de cousas exóticas.

Pelo que assegurou Hormino Lira, aquí, no nosso torrão, de quando em quando se topa com o enigmático inseto. "Neste imenso Brasil, conquanto invulgar, existe o inseto misterioso em qualquer ponto afastado do oceano: vivo em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, pegou-o nos Navegantes velho estafeta dos Telégrafos que conhecera outro espécimen em Mato Grosso; vivo em Campinas, São Paulo, caçou-o na praça Carlos Gomes um pintor sueco, conhecedor de belo espécimen em Goiaz".

"Mortos, bem conservados, vindo um da Feira de Santana, Baía, outro de Barbacena, Minas, numa coleção de insetos na Exposição Internacional de 1922, estiveram expostos dois espécimens, existindo também, atualmente, três no Museu Nacional no grupo *homopteros fulgoridas* com a denominação técnica de *lanternaria phosphorea* e *lanternaria servillei*, todos brasileiros; entretanto, sem o aspecto de encantamento produzido em vida pela luminosidade, idéia não podem dar da beleza impressiva da jiquitiranaboia".

Como disse de início, não tive o prazer de conhecer pessoalmente tal raridade. Poucos têm a ventura de travar relações de conhecimento com tal notabilidade. Por isso, valho-me da opinião dos entendidos.

Acêrca da luminosidade de que nos falam Hormino Lira e outros, não está de acôrdo Ernesto Cruz. Diz êle: Se isso porém fosse verdade, andiranaboia seria a combinação destas palavras: *tatá* (fogo), *akirana* (verde), *rana* (falsa), *mboia* (cobra) e que daria eufonicamente *takyranaboia*, ou cobra falsa de luz verde. Mas, não tendo fosforência alguma, poderia ser também: *tucuranaboia*, de *tukura* (gafanhoto), *rana* (falso) e *mboia* (cobra).

A jaquiranaboia, jiquitiranaboia ou andiranaboia começa a interessar os cientistas pela esquisitice do nome, sem que ela — coitada! — tivesse culpa nenhuma.

Nós, quando nos vimos atrapalhados, mercê de um nome arrevesado, ainda podemos lamentar o mau gôsto de nossos pais. E ela?

Seu aspecto também causa admiração e discussão. Vai desde a cobra rastejante até à borboleta adejante. Algures veem nela o fáceis horripilante do morcego e outros a elegância do gafanhoto...

Em suma, a tal de jaquiranaboia é um bicho complicado.

Como os indivíduos mal encarados e de bom coração, ela mete medo a todo o mundo e é de uma inofensibilidade digna de um poema.

## TERRA DA PROMISSÃO

**Q**UEM vai ao lindo recanto banhado pelo Madeira e seus continuadores, o Mamoré e o Guaporé, volta dizendo como Josué e Caleb de regresso da terra prometida: "Deveras aquela terra mana leite e mel; os habitantes, porém, são gigantes, ao pé dos quais não passamos de gafanhotos." De fato a terra enfeitiça o observador mais exigente. O Madeira é um rio interessante: quasi inteiramente brasileiro; seus formadores nascem bem no âmago do corpo geográfico da Bolívia, fazendo do rio principal o escoadouro natural das feracíssimas terras que banham.

Nos tempos em que os governos tinham por principal escopo resolver os problemas da gleba que administravam, o fecundo Tenreiro Aranha, primeiro presidente da Província do Amazonas, já pensava em canalizar para o Brasil o comércio do oriente boliviano, estudando um meio de resolver o empecilho causado à navegação do Madeira, pelas suas belíssimas e perigosas cachoeiras. Foi organizada uma expedição para, no próprio local, pôr a questão em equação. O resultado foi satisfatório: serviu ao menos para movimentar os cérebros dos argentários que andavam à caça de bons negócios. E assim surgiu num belo dia, a "National Bolivian Navigation Company" tendo à frente o engenheiro militar George E. Church. Corria o ano em que Napoleão III perdia o cetro da França — 1870. O engenheiro, sem examinar meticulosamente as condições topológicas da região marginal do Madeira foi sem ambages afirmando que a solução para o caso seria a construção de um canal safando o trecho encachoeirado. Como muita gente boa, o nosso coronel Church quis começar pelo fim, applicando o humaníssimo princípio do menor esforço. Incontinenti foi conseguida uma enorme soma de dólares dos acionistas que sonhavam com gordos lucros.

Encetado o trabalho, desde logo foi averiguada a inexecutabilidade dos tais canais e aventada a idéia da estrada de ferro. Se fácil foi ao leviano engenheiro mudar de chofre a opinião, o

mesmo não sucedeu aos acionistas que queriam a todo transe levar avante a idéia primeva: surgiu então a luta e como consequência a paralização dos trabalhos.

Resolvida a questão monetária, surgiu outra muito mais difícil de debelar — um surto fantástico de impaludismo que não respeitou castas nem classes. Foi uma rasura tremenda e os que não queriam deixar a carcassa naquele rincão fugiram espavoridos, deixando na barranca lamacenta de Santo Antônio do Madeira uma multidão de material: trilhos, dormentes, guinchos, folhas de ferro ou zinco e até... locomotivas.

Certo, foi o coronel Church um destrambelado, iniciando um serviço sem se cercar das garantias exigidas, mas uma cousa não podemos negar-lhe: ter sido êle um incansável, um batalhador e o pioneiro respeitável da obra ciclópica que embalsama de civilização os ares selvagens do ultrafenomenal recanto de nossa Pátria.

De negociata em negociata, acabou a concessão novamente nas mãos de alienígenas — "The Madeira Mamoré Railway Company", constituída em Portland com um capital de onze milhões de dólares. Como consequência do Tratado de Petrópolis foi a estrada construída em quatro anos — de Junho de 1907 a Julho de 1911 — consumindo 1.517 vidas e custando o quilômetro, em média, cêrca de 169:705\$132.

A estrada deu mais ouro do que a célebre galinha que punha ovos do fino metal ou do que o não menos extraordinário burro do Pedro Malazarte que despejava libras...

Mil negócios se entrozaram na grande engrenagem constituída pela estrada de ferro. Nos rios que a cortavam havia muita hevéa, fácil de ser extraída, e, dominando a copa da floresta, as franças das castanheiras baloiçavam como a desafiar as suas companheiras mais baixas. Tinham sòmente nestes dois vegetais uma fonte inesgotável de riquezas, mas além desta havia outras — a poaia, as madeiras.

Os diretores tinham alí sua Canaan e amontoavam nas "bui-ras" o ouro que o nosso chão lhes dava. Diz um velho rifão que quem foi rico não se acostuma com a pobreza, e foi o que sucedeu — a borracha levou um trompaço na Bolsa e a castanha ficou valendo menos do que molambo de pobre. A Bolívia diminuiu seus negócios através do Brasil, pois muitas partidas de caucho tiveram que ser vendidas em leilão na praça de Belém



por valerem menos do que o necessário para pagar o frete de longa viagem... O melhor era dar o fora para não ser tragado pela miséria que tudo procurava avassalar. Ficou aquilo quasi como um terreiro abandonado durante muito tempo.

\* \* \*

A estrada está conservada, limpa e em excelentes condições de tráfego.

Acompanhando a linha telegráfica Amazonas-Mato Grosso, o Major Aluísio Ferreira, atual diretor da "Madeira-Mamoré" construiu uma rodovia com o desenvolvimento de cinquenta quilômetros e ao longo dela estabeleceu duas colônias agrícolas, dividindo a terra pelas famílias que desejassem amansar a terra. E hodiernamente já se veem supermagníficos mandiocais, extensos canaviais e bonitos milharais com gordas e louras "bonecas". Os tubérculos atingem normalmente o peso de 20 kgs. e com frequência retiram da terra alguns com 30 kgs. Aproveitando estes produtos, existe um engenho e uma usina que já produzem açúcar, álcool, farinha — principal alimento do caboclo.

Há trinta e quatro anos passados, um dinamarquês de nome Lock andou perambulando pelas selvas do Guaporé e sem querer topou com um vasto manancial de petróleo. Abandonou incontinenti a floresta e, rapidamente, procurou as autoridades, às quais devia interessar tão palpitante descoberta, afim de ser explorado o tesouro que acabara de descobrir. Ninguém quis saber do achado precioso do dr. Lock e êle, cansado de pregar no deserto, tratou de procurar outra freguesia. Entrementes a questão do petróleo toma vulto, e o escândalo espouca interessando a todos os brasileiros. O petróleo ganhou a guerra européia. O petróleo é a vida das nações, servindo de climax a todas elas — onde há "oil seepage" há riqueza. E parece que o Brasil quer ser pobre a vida toda...

Atualmente está o naturalista dinamarquês, novamente, metido nos cafundós do Mamoré, percorrendo o rio Pacahánovos em companhia de uma turma de técnicos brasileiros. Todavia o óleo que arma o charivarí entre os homens, e principalmente entre as nações, tem arte com o tihoso e resolveu não dar as caras. O pobre dr. Lock apela desesperadamente para a sua cansada memória de velho de cêrca de setenta anos, com o fito de conseguir

o tesouro que lhe fugira das mãos, ainda em sua juventude. Sobe igarapé, desce igarapé, percorre divisores e caminha pelos fundos dos vales... E o petróleo arredio como índio desconfiado...

Um ponto das declarações do velho pesquisador foi totalmente confirmado. Sucede geralmente que logo atrás das matas ciliares dos rios amazonenses existem campestres — savanas ou campinaranas. Contudo, na região agora perlustrada não havia notícia das tais falsas campinas, cuja existência o dr. Lock afirmava de modo categórico. Este ponto foi de todo averiguado, mas daí a dizer-se que lá exista o tal óleo cubiçado...

Descoberto o petróleo naquele recanto, como já foi na Bolívia, o Brasil dará um vôo de águia no céu do progresso. Todos os brasileiros que lá mourejam — amazônidas, matogrossenses e nordestinos — aspiram pela esperançosa descoberta e já veem os navios-tanques aportarem em Pôrto Velho e as "pipelines" chegarem a êste ponto gordas do óleo que faz a riqueza dos povos fortes.

## AMÉRABAS DO BRASIL

**T**IVESSEMOS uma guerra e quasi nenhum íncola poderíamos levar ao campo da luta, como soldado do Brasil. E' que os nossos indígenas ainda não têm pátria — vivem ao Deus dará, mais ou menos como andavam quando às nossas plagas habitaram as caravelas dos descobridores.

Os Estados Unidos da América puderam incluir nas suas lendárias e gloriosas colunas vencedoras na Europa, no grande conflito de 1918, alguns milhares de ameríndios já em pleno gôzo do seu direito de cidadania. Sabiam êsses aborígenes americanos que iam defender a honra da Pátria, e marchavam cômicos dos seus deveres para com ela. Os nossos selvícolas não têm o sentimento da grande pátria; para êles só existe o pequeno clan e o trato de terra onde campeam.

O índio é afetivo, maximé para aqueles que o tratam bem. A gratidão é uma das suas principais virtudes. Uma vez recebida uma prova de carinho, êles constantemente, procuram agradecer à pessoa de quem a recebeu. Chega às vezes até a impertinência, obrigando a que se coma seus alimentos extravagantes e se beba seu cachirí agridoce e quasi insuportável.

Quando do advento do alto preço da hevéa, o nosso longínquo território do Acre foi talado em todas as direções pelos aventureiros da fortuna. Era uma corrida de bolivianos, peruanos e brasileiros no descobrimento das árvores do ouro negro — fosse o caucho que era, criminosamente, decepado de uma vez; fosse a seringueira, altiva e elegante, sangrada, violentamente, a machado. Na sanha de conseguirem o latex precioso, nada embarçava a arremetida dos cúpidos desbravadores das nossas raias acreanas. Levavam tudo de vencida, desrespeitando os duendes da floresta, transpondo rios larguíssimos e pondo em constante sobressaltos os habitantes da terra por êles atravessada.

O valor da borracha, depois de andar por ordenadas nunca sonhadas, caiu de modo desastrado, deixando os exploradores

da selva em condições de nela não poderem permanecer por falta de alimento; o índio voltou então a ser o dono da jungla. . .

Viajei pelo Acre na época das vacas magras e, por várias vezes, estive em contacto com os ameríndios da região. Entre os Curinas fui muito bem recebido, porque subia o Santa Rosa — rio onde êles têm seu *habitat*; todavia se viesse das cabeceiras do curso lindeiro, seria tratado como inimigo. Consideram os peruanos seus adversários figadais e como tais tratam todos que venham do Perú. Os paroáras — os destemidos nordestinos que foram empós da fortuna aos incognoscíveis rincões da Amazônia — tinham dos Curinas a sua amizade. E pelo modo de proceder dêsses nossos patrícios, todos os que remontassem o Santa Rosa tinham a afeição e o auxílio dos amerabas que lá habitavam.

No Chandless e no Yaco, afluentes do Purús, os íncolas da região usam como complemento do nome a palavra — Brasil, vocábulo que traduz o elevado grau de simpatia que êles têm pela nossa pátria. Entregam-se pelo coração. . . Com semelhante gente, fácil seria o trabalho de civilização. Contudo, apesar do dinheiro já gasto, estamos na origem das coordenadas.

Duas são as correntes de opiniões relativas à incorporação do indígena ao povo brasileiro. Uma pelo cruzamento e outra pela manutenção da raça pura. O Ministério das Relações Exteriores vem de publicar um excelente opúsculo em que são focalizadas as duas teorias citadas.

Alicerçado na teoria de Mendel, o Coronel Temístocles Pais de Sousa Brasil levanta a idéia da incorporação do nosso gentio pelo seu caldeamento com os civilizados. Diz êle que na Amazônia já se observa acentuada absorpção do elemento indígena pelo civilizado, com o aparecimento de um tipo fisicamente bom, evoluído mentalmente e em plena confirmação do que nos ensina a biologia.

Segundo a idéia do Chefe da Comissão de Limites do Setor Oeste, o problema é facilitar a aproximação do civilizado com o aborígene, afim de que espontaneamente surjam os casamentos. Abrir estradas ligando os centros civilizados às matas onde vivem as grandes nações selvícolas e para elas levar o colono, no sentido de fundir os dois elementos, como quem procura fazer uma reacção química.

Diz o abalizado demarcador: "Por essa forma, o modo de abreviar a solução do oneroso problema do índio no Brasil é uni-

camente facilitar o cruzamento; os outros são paliativos de más consequências econômicas e de inferiores consequências morais. O índio no Brasil é um cidadão oneroso à Nação".

A opinião do ilustre desbravador da Rondônia é antípoda desta. Ele acha que o nosso íncola deve se desenvolver mantendo as qualidades da raça, as quais ele considera boas, e procedendo em tudo de modo semelhante aos denodados nipões. Rebatendo a opinião do coronel Temístocles, diz o general Rondon: "A incorporação do ameraba na sociedade brasileira, é obra, na melhor hipótese, para século, como afirma categoricamente o próprio autor da monografia, segundo o sistema de cruzamento sistemático de seleção biológica.

"O cruzamento do índio com branco raramente se faria, por isso que os nossos trabalhadores são todos mestiços: mulato ou caboclo.

"Não é possível realizar tal cruzamento sistemático, por isso que as Povoações e Postos Indígenas só podem existir no interior, nas localidades em que se encontram as Aldeias dos Índios, e onde dificilmente se poderiam estabelecer colônias militares ou centros agrícolas de trabalhadores nacionais."

Não posso entrar na discussão dos dois mestres no assunto. Todavia, posso adiantar que, de um modo ou de outro, o problema tem que ser resolvido — como está é que não poderá permanecer. O índio bravo na selva, impedindo o avanço da civilização — matando, como tem sucedido no Rio das Mortes, todos os exploradores que procuram dar um valor real à incognita das riquezas do nosso *hinterland* amazono-matogrossense; o branco usurpando as terras do autóctone, escravizando o seu berço, prostituindo sua família, como sucedenos belos recantos do ocidente do Paraná e nas savanas do Rio Branco do Amazonas.

Na guerra contra Solano Lopez ainda contámos com a valentia e a amizade dos cavaleiros Guaicurús, nossos leais amigos. E agora, com quem poderemos contar?

A catequese religiosa e a proteção oficial do Govêrno, estão estatuidas desde 1910 por um grande brasileiro — Rodolfo Miranda.

Os ideais que orientaram a criação do Serviço de Proteção aos Índios são ultra-maravilhosos, super-sublimes, porém a execução foi falha, foi fraca — a maioria dos executores não estava à altura dos que imaginaram ver um dia os nossos aborícolas

transformados em cidadãos brasileiros. Uns foram movidos às selvas na ânsia de enriquecer; outros para ter o pão de cada dia; outros ainda em busca de aventuras — muito poucos fizeram do encargo que receberam uma missão de humanidade, uma missão de sacrifício!

Quem viaja pelo sertão do Brasil vê geralmente o íncola entregue a si mesmo. Há, contudo, exceções honrosas entre as quais podemos citar as Missões do Rio Negro e os postos indígenas do rio Guaporé.

Vê-se de tudo: índio escravo, índio escravizador, índio assassino, catequistas heróicos, catequistas salafários, postos indígenas bem orientados, postos abandonados. O cáos é tremendo... Stradelli topou no gordo confluente do rio Negro — o Uaupés — um diretor de aldeia que *"andava nu em pelo, com toda a illustre família, e explicava ao viajante que esta história de viver usando roupa fazia gastar muito sabão"*.

## BOLPEBRA

O RIO Acre muda de leito como os indivíduos que não gostam de morar muito tempo em um mesmo bairro. As suas águas volúveis bambeam, da direita para a esquerda e vice-versa, sempre na ânsia de ter um álveo novo.

Pouco importavam as maluquices do caudaloso Acre se êle não desempenhasse o papel importante de servir de fronteira a três países. Sua conspícua função política está em desacôrdo com a estroinice de, tempos em tempos, procurar cama nova, para sôbre ela espreguiçar seu enorme dorso amarelado.

Na longínqua trijunção internacional, onde confinam o Perú, a Bolívia e o Brasil, o Acre bailou a valer, dando o que fazer aos proprietários das terras ribeirinhas, que são os primeiros a sentir os efeitos da volubilidade do curso dágua. Nesse ponto três localidades se encarregam de fazer o intercâmbio entre as três nações. A povoação peruana chama-se Inaparí e fica no pontal compreendido entre o Acre e o seu afluente Yaverija, que separa o Perú da Bolívia. *Vis-à-vis* da confluência dos rios citados, em uma elevação dominando toda a margem oposta, se ergue o logarejo Paraguassú, cujo nome lembra a mimosa e gentilica esposa de Caramurú, o célebre "homem do fogo e filho do trovão" que primeiro fez sentir aos aborícolas brasílicos o terror às armas dos civilizados.

Bolpebra, em terras bolivianas, é o terceiro vértice do triângulo formado pelas três humildes localidades.

Das três, a mais desenvolvida é a de Inaparí, que possui o aposto pomposo de "Capital de Província". Bolpebra teve seu nome tirado das primeiras sílabas dos países confinantes e, do alto de uma pequena elevação, um reduzido número de palhoças dá a idéia marcante da quietude, do silêncio, da monotonia. Paraguassú, se bem que favorecida topograficamente, se emparelha em atraso e em miséria com a sua vizinha boliviana. Um turco é o bicho papão da margem brasileira, ainda que lá exista um

professor público, um comissário de polícia e um anspeçada comandante do minguado destacamento policial; dono do seringal em que brotou a pequenina localidade, julga-se êle o dono de tudo, até da consciência dos que lá habitam...

Pela rápida descrição que fizemos é fácil imaginar-se o progresso daquela região; contudo a mudança do leito do Acre está preocupando alguns estudiosos dos nossos queridos vizinhos. Don Emílio Delboy escreveu um artigo numa revista limenha intitulado "Frontera movable que cambia de soberania", que fazendo eco em La Paz fez aparecer um opúsculo intitulado "Bolpebra" com o sub-título "frontera tripartita inestable entre Bolívia, Perú y Brasil", de autoria de Don José Aguirre Achá. Há logo nos títulos uma disparidade: um considera a fronteira "movible" e outro "inestable".

Sou partidário da doutrina que diz ser melhor prevenir que remediar e, por isso, acho altamente patriótica a attitude dêsses dois escritores focalizando o assunto, porquanto o chão da pátria deve ser defendido carinhosamente por mais safaro que seja e por mais longe que esteja situado.

Pelo croquis junto, que aliás ilustra o trabalho do Snr. Delboy, vê-se que o Acre deu ao Brasil um pedaço de terra peruana e, pelo contrário tirou-nos um naco para presenteá-lo à Bolívia. O seu actual curso naquela região quasi retificou a senóide formada pelo antigo álveo.

De um rio maluco como é o Aquirí tudo se pode esperar e vamos admitir a hipótese dêle procurar o curso do Yaverija percorrendo o itinerário AB e abandonando o leito actual. Neste caso a quem pertenceria a povoação de Inapari? Ao Brasil ou ao Perú?

O Snr. Aguirre Achá reuniu no seu folheto as opiniões dos mais entendidos tratadistas em Direito Internacional e chegou à seguinte conclusão: Quando o rio muda, gradativamente, de leito, o limite oscila com o rio; mas, desde que a caudal mude bruscamente de rumo, penetrando pelo território de um dos países lindeiros, ela passa a pertencer inteiramente a êsse país, continuando a fronteira pelo leito abandonado. Não há portanto perigo da garrida Inapari mudar de nacionalidade. Todavia, seu casario poderá, daqui a algumas décadas, ser tragado pelo Acre, que, paulatinamente, vai caminhando lateralmente, naquele ponto, para o sul e, destarte, tem carradas de razão o articulista pe-



ruano, quando aconselha a transferência da futura cidade que se acha ainda embrionária em Inapari para um sítio mais seguro.

Há nações que preveem o caso da mudança de leito, evitando questões futuras. A Bélgica e a Holanda, por exemplo, ao assentarem as bases de 8 de Agosto de 1843, resolveram que o Mosa seria o limite sempre: caso uma catástrofe o fizesse variar de leito, por êste novo álveo passaria a linde.

Em 1888, o rio Drewens, que apartava a Alemanha da Rússia, desviou-se para o lado desta cêrca de 500 metros, abrangendo uma área de 4 hectares aproximadamente. Pelo direito das gentes, o território continuaria a ser russo, passando a raia pelo antigo curso. Nomeada uma comissão mixta, para evitar dificuldades aduaneiras, resolveu transferir à Alemanha a posse daquele trato de terra sem indenização alguma, ficando contudo respeitados os direitos de seu proprietário, que era de nacionalidade russa.

Pelo convênio firmado em 10 de Março de 1921 entre a Áustria e a Theco-Slováquia, conhecido por Tratado de Saint Germain, ficou decidido que "a linha fronteira seguirá os deslocamentos eventuais dos rios Thaya e Merck e que por deslocamentos se compreendem, unicamente, as modificações ocorridas no curso do rio resultante de fenômenos naturais ou de causas convencionadas entre os países limítrofes."

Da leitura do artigo do Snr. Emílio Delboy e do opúsculo do Snr. Aguirre Achá se conclue uma cousa: que essa questão de deslocamentos dos cursos dáqua deve ser prevista nos nossos tratados de limites.

Agora que estamos fixando as nossas raias com a maioria das nações vizinhas seria convinável que não nos esquecêssemos dos rios bilontras que andam sempre a desprezar a terra amiga por onde corriam, para procurar novas . . .

BOR

**A** HEVE  
A calor

não se en  
nêficio de  
ores enun

Seu m

benedito p

incomensur

tar as hon

tosos e in

trução as

traordinari

mente, m

que econ

ão se

o camin

do embe

O ho

ainda ho

do horro

fosam co

feitos es

lagos es

mais em

Os m

ão d'um

mente co

zacia m

O q

duas m

gigante

corriam

## BORRACHA — Termômetro da Amazônia

**A** HEVEA brasiliensis é o termômetro da Amazônia. Não marca calor, mas sim progresso, beleza e alegria. O seringueiro não se esquece do chão que lhe dá o ouro e converte, em benefício da própria terra que o enriquece, grande parte dos lucros auferidos.

Basta uma pequena aragem bafejar, com a alta, o preço da borracha, para que o progresso ande a largas passadas pelo incomensurável vale Amazônico. Navios novos começam visitar as longínquas paragens sitas nos altos rios; barracões vistosos, edificadas com madeira e mesmo com materiais de construção, engalanam as margens dos caudais; melhoramentos extraordinários são notados nas cidades que adquirem, rapidamente, movimento e alegria invulgares. É um ressurgimento que encanta a todos que deambulam pelo Reino das Náiades.

Há em Belém e em Manaus obras fenomenais que atestam o carinho com que os filhos daquele paraíso sem limites cuidam do embelezamento das duas interessantes capitais.

O bosque Rodrigues Alves e a Praça Batista Campos dão ainda hoje uma pálida prova do que foi o Pará nos bons tempos da borracha valorizada. Para uma pujante floresta equatorial foram trasladados cenários medievais, onde genuínos castelos feitos somente com pedra, pontes de elegância atica, fossos e lagos estilizados deixam estarecidos de admiração os viajantes mais exigentes.

Os teatros da "Paz", de Belém, e o "Amazonas" de Manaus, são duas obras primas e já possuíram companhias especialmente contratadas no Velho Mundo dando ao norte uma supremacia artística — durante algum tempo — sobre o resto do Brasil!

O pôrto do Pará e o cais flutuante de Manaus são outras duas maravilhas. Um levantado sobre a lama lodosa da foz do gigante potâmico e outro subindo e descendo ao belprazer do caprichoso Negro.

Com a valorização da seringa, o comércio das duas capitais cresce assustadoramente. As principais casas comerciais tomam o nome de "aviadoras", porque aviam — abastecem — os mais importantes seringais espalhados pelas margens dos afluentes e sub-afluentes da calha imensa. A medida que sobe o preço da goma abençoada, o vale vai tomando vigor novo como uma estiolada roseira depois de abundantes chuvas. A navegação aumenta de modo considerável e os barracões — séde dos seringais — são de tudo abastecidos, desde o perfume e a seda ao sal e o açúcar.

Nesses barracões são constituídos combôios com muares importados do Baixo Amazonas ou da Bolívia para levarem mercadorias e trazerem borracha das inúmeras barracas de palha espalhadas pelos largos latifúndios do proprietário do seringal.

Enquanto a borracha dá dinheiro, o pobre seringueiro tem assistência contínua — e os varadouros são singrados ameude pelos combôios peçados de mercadoria ou de borracha. Nos portos os navios fumegam, recebendo ou deixando carga. Inúmeras bolas de "peles" de borracha descem o rio de "bubuia". Há felicidade no seringal.

Lá longe, do outro lado do Oceano, em terras que o amazense nunca viu, gentes que êle desconhece mas que julga ter a forma do tihoso pelo mal que praticam, põem pesado lastro na balança econômica e a borracha passa a valer menos do que o papel sujo apanhado nas sargetas das cidades. A vida do mundo amazônico dá uma reviravolta.

Tudo anda para trás. A miséria invade a galope a pobre barraca do seringueiro, sem piedade, sorridente, mostrando os largos dentes como os dos magnatas gananciosos.

Os seringalistas continuam a fazer seus pedidos aos "aviadores" que continuam a mandar mais intervaladamente os gêneros estritamente indispensáveis. A borracha continua a descer, todavia não paga a minguada mercadoria que sobe. Os donos de seringal vão aumentando suas dívidas assustadoramente. A proporção que os "aviadores" vão se convencendo de que é prejuizo certo continuar o aviamento, suspendem-no, abandonando seus fregueses à mingua.

Na época das sete espigas magras, os homens mais importantes do Acre são classificados pelas dívidas que possuem. O crédito que têm nas praças salvam-nos da derrocada iminente.

Os rios vão se entulhando pelos paus carregados pela corrente. Os varadouros vão sendo reconquistados pela selva e os seringueiros, para não ficarem prisioneiros da floresta, fogem celeremente para as barrancas do rio, procurando na caça e na pesca — como os aborígenes — o pão quotidiano, para não morrerem de fome.

O reverso da medalha é fantástico. Sem munições o caucheiro tem que lutar com as mesmíssimas armas do índio com a desvantagem de não saber manejá-las com a mesma destresa. O indígena toma a ofensiva, aumentando a aflição dos míseros vencidos.

Vi no rio Iaco, afluente do Purús, enormes famílias fugindo da vingança dos Mashcos, jogadas numa promiscuidade incrível, sobre uma jangada confeccionada com toros de cedro.

Foram vencidas pelas oscilações da balança econômica manejada por mãos amigas da desgraça. O produto é o mesmo; o estafante trabalho também o mesmo; as compensações tão diferentes, tão aleatórias. E sabendo que essa riqueza era somente nossa, que os nossos irmãos da Hilea poderiam viver felizes e ricos sem dependerem dos elementos alienígenas, ficamos a desejar mal àqueles que deixaram ser exportadas as sementes que podiam fazer do vale grandioso a cornucópia da fortuna.

P  
desem  
poco  
poco  
das  
das  
e  
nho  
Água  
leio  
se  
cor  
cor  
oleo  
C  
R  
tu  
tu  
ro  
co  
g  
se  
no  
de  
re  
su  
es  
re  
M

## CATARATAS DO IGUASSÚ

**P**ARA conhecer a terra ou para evitar o caminho cheio de perigos do rio Paraná, Don Alvar Nuñez Cabeza de Vaca desembarcou em Santa Catarina com 400 homens e, pela selva paranaense, empreendeu famosa e arriscada marcha, talando regiões impérvias e prenhe de incolas e feras. Depois de dezenove dias de caminhada por florestas e montanhas, chegaram às aldeias dos índios guaranis, que cultivavam o milho e a mandioca e fabricavam farinha de pinhão, que muito agradou aos espanhóis. No dia 1º de Dezembro a expedição varou o Iguassú ou Água Grande, e dois dias depois, o Tabagí que corre por um leito de rocha formado de lages quadradas, tão regulares como se artificialmente tivesse sido calçado. Levava, portanto, a caravana, a direção noroeste. Neste mesmo dia os espanhóis encontraram um índio, Miguel, que vinha de Assunção, o qual se ofereceu para lhes servir de guia.

Cabeza de Vaca sendo sabedor de que a tribo dominante do Piquerí lhe preparava igual acolhimento dispensado à tropa portuguesa enviada por Martim Afonso de Souza (completamente trucidada) resolveu marchar para o sul, chegando a 14 de janeiro de 1542 às margens do Iguassú, que êle comparou tão largo como o Guadalquivir. Trocou com os incolas, habitantes da região, várias canôas por víveres e objetos de uso. Parece que os selvícolas desejavam a morte dos expedicionários, porquanto nada lhes disseram sobre as cataratas do Iguassú. Pela nuvem de neblina que de longe se avista e pelo estrondo da água, foi reconhecido o perigo que obrigou aos expedicionários a vararem suas canôas por terra. Dêste modo foram descobertas as famosas cataratas que engalanam a linde argentino-brasileira e que receberam, mais tarde, o nome da boníssima virgem — Santa Maria.

\* \* \*

De Foz do Iguassú parte uma estrada para os maravilhosos

saltos de Santa Maria, cuja fama, emparelhada à dos de Guaira, Paulo Afonso, Vitória do Zambeze e Niagara, da America do Norte, corre mundo, aguçando a curiosidade dos que amam as belezas naturais.

Um percurso de 24 quilômetros em péssima estrada liga a pequenina cidade da Foz do Iguassú aos miraculosos saltos.

Cabe aquí veemente protesto contra o estado em que se acha a estrada e a sujeira do hotel, que se encontra quasi abandonado na barranca do Iguassú. Constantemente visitados por estrangeiros de todos os países, constituem, pelo descaso em que se acham, verdadeiros fatores de descrédito da nossa pátria no exterior, ao-mesmo-tempo que, em plagas argentinas, se vê magnífico hotel, ligado a Pôrto Aguirre por ótima estrada de automóvel, trafegada por ônibus. O nome de Aguirre, dado ao pôrto representa uma homenagem à Srta. Vitória Aguirre, que contribuiu com 3.000 pesos para a abertura da estrada que dá acesso aos saltos.

As magnificas cataratas se desenvolvem em semi-círculo a partir da margem brasileira até alcançar a Argentina, por onde se estendem. A maioria dos saltos é argentina, mas para vê-los o turista tem que vir ao Brasil. Na Argentina fica a arena e no Brasil a arquibancada. O espetáculo sempre o mesmo: a luta dos titans.

Picadas ligam o velho hotel a lugares aprasíveis, onde se podem contemplar, em toda magnificência, os saltos "Três Mosqueteiros", que obrigam a água a cair em dois lanços, deslizando entre êles num negro patamar de cêrca de 100 metros.

Um pique leva o visitante ao alto do salto Floriano, onde se assiste, de acima do abismo, ao turbilhonar das águas gementes pela queda que vão sofrer. Atravessando-se alguns canais com pouca água, chega-se ao salto denominado "Garganta do Diabo".

E' uma verdadeira garganta formada por depressões da rocha, avançando dois negros penhascos que limitam a guela por onde a coluna líquida barulhosamente se desprende. Lá em baixo um enorme poço recebe as águas que saltam a grande altura, como se estivessem em ebulição. Ao negrume da rocha e ao prateado das águas adicione-se o verde de várias "nuances" das plantinhas que vicejam encrustadas na pedra, ou pendentes sobre o abismo, zombando do perigo, para ter-se o colorido quadro que se fotografa na nossa retina para todo o sempre.



Diz o gongorista argentino Emilio Morales: "Em tão sublime momento o ser humano não consegue interpretar toda a impressão que produz o tormentoso jôgo líquido com seus giros e envolturas. A meditação se letarga, sentindo-se tremuras estranhas, como se o próprio cérebro também rodasse para o abismo."

"Enquanto se permanece naquele privilegiado lugar, pulverização suave e cristalina se eleva a grande altura, formando transparentes neblinas, que por sua vez, refletem as côres do arco-iris".

Observando-se o quadro magnífico, hesita-se entre o dizer de Alfonse Daudet: "o sublime horror", e o do caboclo nortista "que cachoeirão besta!"

Da margem brasileira veem-se num relance os saltos Duas Irmãs, Bozeti, San Martin, Puyerrdon, Mitre, Rivadávia e Belgrano.

Muitos cálculos se hão feito sôbre o volume dágua que se escôa através das formosas cataratas, sem que, contudo, se tenha chegado a uma ilação precisa. Não é possível calcular-se o trabalho mecânico desenvolvido pela bela fonte de hulha branca, por não se conhecer cabalmente a descarga do rio. A altura da queda, que é um dos fatores do número de cavalos-fôrça produzidos, é de 80 metros. As potências, isto é, os trabalhos desenvolvidos em um segundo são os seguintes:

Mínima .....	132.491 H. P.
Média .....	1.214.807 H. P.
Máxima .....	6.985.170 H. P.

Os saltos se desenvolvem numa extensão total de 2.700 metros, dos quais 600 metros pertencem ao Brasil e os restantes à Argentina.

Para um estudo comparativo, vamos dar algumas notícias sôbre os dois maiores saltos mundiais fora do Brasil. O rio Zambeze, que nasce na região montanhosa a léste de Angola e desemboca no canal de Moçambique, forma, ao percorrer o território da Rhodézia o salto Vitória, que possui uma largura de 1.600 metros e uma altura de queda de 119 metros. O rio São Lourenço, que serve de limites entre os Estados Unidos e o Canadá, deságua no Ontario. Êste lago se acha em comunicação

com o lago Erié, por meio dum profundo curso d'água no qual se encontra a cachoeira de Niagara, com 330 metros de desenvolvimento e 47 de altura.

Vemos por aquí que, se a catarata africana apresenta maior altura, por outro lado a sua largura é quasi igual à metade da do Iguassú. As dimensões da Niagara, a-pesar-da auréola de fama que a cerca, não podem entrar em quadro comparativo com as de Santa Maria.

\* \* \*

Depois da visita aos estupendos saltos, volta-se, novamente, à garrida cidade da Foz de Iguassú, através da tortuosa estrada de que falamos de início. A beleza do espetáculo compensa o sacrifício que se faz, suportando fortísimos solavancos, e trabalhando, como pontoneiro, em todos os cursos d'água atravessados, pois os colonos, para impedir a fuga dos seus animais, arrancam os pranchões dos taboleiros das pontes . . .

## PAULO AFONSO

**A**S CIDADES de Maceió e Aracajú não se acham ligadas, diretamente, por estradas de ferro em virtude do largo fosso que separa a terra dos marechais do ninho dos poetas. Do lado alagoano fica a vila de Colégio, que contempla no lado oposto do rio a garrida cidade sergipana de Propriá, onde tem início a penosa navegação de um vapor — o "Comandante Peixoto" — e de inúmeras canôas movidas a motor e a vela.

Com as primeiras luzes da madrugada, o velho vaporzinho apita desesperadamente e começa a mover-se para montante, a fim de alcançar o pôrto da cidade de Pão de Açúcar ainda com dia, safando-se dos terríveis encontrões com paus e pedras que, escondidos no seio das águas, não perdôam o remendado costado da valente embarcação. Passa-se por Traipú, interessante cidade alagoana, célebre pela riqueza das rendas ali urdidas por mãos habilíssimas e por se achar "vis-a-vis" à serra da Tabanga, onde, segundo a crença popular, Robério Dias escondeu o famoso roteiro das minas de prata. Fugindo das corôas avermelhadas que atravancam o leito do caudal, o "Comandante Peixoto" chega ao Aió — enorme lago onde o perigo causado por fortes vendavais ronda a cabeça dos navegantes. Supersticiosos como são os homens do sertão, atribuem os desastres ali havidos ao Calunga e mil outros duendes que fazem as canôas girar até que, sem govêrno, sejam tragadas pela água em fúria. Ao se aproximarem do Aió os pescadores colhem as velas das suas embarcações e com o olho vivo vencem, rapidamente, aquele recanto infernal. Em Pão de Açúcar o vapor pernitoou fatigado da acidentada viagem, para no dealbar seguinte prosseguir no seu penoso itinerário. De chofre avista-se o casario de Piranhas a cidade cujos habitantes tiveram a originalíssima idéia de erguer um monumento ao século XX. Aí tem início a via-férrea "Great Western", que liga Piranhas a Jatobá em Pernambuco. À medida que o sacolejante tremzinho se aproxima, cresce a vontade de

se contemplar a prodigiosa maravilha brasileira, tão imponente quanto as cataratas de Santa Maria do Iguassú e as quedas de Guaira, porém mais garrida por ser inteiramente brasileira em virtude-das duas outras existirem nas fronteiras com a Argentina e com o Paraguai.

Ao galgar a serra dos Olhos D'água já se tem o primeiro sinal da fantástica queda d'água — um imenso véu de neblina voando na amplidão azul do céu para engrinaldar a serraria irrisada que se vê mais ao longe.

Após a locomotiva haver engolido 55 quilômetros de estrada, chega-se à Pedra com duas horas de viagem, de onde parte uma rodovia em rumo aos grandiosos saltos. A' proporção que o automóvel corre vencendo a distância que nos separa do grandioso espetáculo, apuramos o ouvido para sentir o estrondo produzido pelo tremendo entrecocar da água contra as pedras, e nada ouvíamos, dando-nos a sensação de que estávamos muito distantes. De súbito, porém, ouve-se o cachoeirar das águas e alongando-se o olhar, lobrigamos o pedral da famosa Paulo Afonso. Quasi nos choframos com ela iludidos por aqueles que paleavam ouvir-se, a léguas e léguas de distância, o estrondo tonitroante da cachoeira. E' difícilimo dizer-se o que se vê e da influência que exercem aquelas quedas fantásticas sobre o nosso eu. Com muito acêrto diz o estilista Otávio Tavares: "A cachoeira é um monstro cuja grandiosidade não há poder imaginativo que interprete. As crianças chegam a corporificar, na sua divina ingenuidade os lobishomens e os duendes com que as espantam no verdor dos anos; os literatos com a imaginação liberta dos pesadelos da infância, não poderão, sem o depoimento dos olhos, identificar a monstruosidade de Paulo Afonso. E mesmo em a vendo, faltar-lhes-á a côr intensa do deslumbramento, que chegou a faltar a Castro Alves, em cujo célebro todas as côres tinham feito ninho". "Lá, a sensação é o que nos dá tudo que é inédito. Um turbilhão de espumas rolando, lutando; núvens imensas rastejando sobre pedras, com a majestade de uma floresta ao lado, e porfiando cada farrapo, cada pedaço, cada átomo, por descer mais depressa, por chegar mais velozmente à beira do abismo. A cavalgada das águas! Depois a queda espantosa, medonha! E, quando as águas caem entre duas muralhas graníticas que parecem querer aproximar-se para esmagar o turbi-

lhão, sobe das profundezas um véu imenso de neblina, o véu do noivado estranho das águas e do abismo!"

Sete são as cataratas que se desenvolvem em anfiteatro pelo território baiano, oferecendo o magnífico espetáculo ao observador que se acha do lado alagoano. A altura da queda é de 80 metros — a mesma do Iguassú —; contudo a água não cai de um só jato, vem rolando, espumante e raivosa pela calha do pedral até cair numa profunda cratera aberta lá no fundo pelo próprio peso das águas nutantes. Segundo estudos do engenheiro Souza Bandeira, a cachoeira de Paulo Afonso pode produzir, seguramente, uma força de um milhão de cavalos vapor, em virtude da sua queda de oitenta metros e da descarga média do rio, que é de cerca de 5 mil metros cúbicos. Parte ínfima dessa fabulosa energia foi aproveitada pelo saudoso Delmiro Gouvêa para movimentar o maquinismo da sua fábrica de linhas, que, consoante dizem, para não fazer concorrência ao estrangeiro, foi destruída. Há, cavadas no paredão, duas furnas denominadas Gruta dos Morcegos, que, depois de limpa e imaginado um meio de condução atraente e cômodo até ela, poderá aumentar a gama de sensações dos visitantes, adquirida no trajeto feito entre o ponto dos automóveis e a cachoeira, num veículo que desliza sobre trilhos assentados nas pontas das pedras que emergem do abismo.

Numa tosca cabine de madeira pode-se fazer a viagem de uma margem à outra dependurado num forte cabo metálico.

A cachoeira de Paulo Afonso necessita ser olhada com um carinho todo especial, pois que, desde a visita de Pedro II de que resultou a construção da estrada de ferro Piranhas — Jatobá, nada foi feito em prol daquela região deslumbrante.

Para sermos um país de turismo como almejamos, é mister desenvolvermos convenientemente o acesso às nossas fontes de belezas naturais.

A êsse respeito a Argentina tomou-nos uma formidável decanteira . . .



## 7 QUEDAS

**V**AMOS começar a nossa visita aos magníficos saltos pela margem paranaense.

Nuvens imensas de neblina se abrem para o céu, refletindo graciosos iris. A pedraria negra de basalto é reluzente. A água amarelada espuma em fúria contra as arestas das rochas que a faz gritar um longo sussurro. Em todo modelado do terreno temos linhas de cumiada caracterizadas pelas elevações, serras e montanhas e linhas de aguadas representadas pelos córregos, arrôios e rios. Ali em Guaira se tem a luta das duas linhas que se encontraram devido a uma perturbação cósmica qualquer: Serra Maracajú versus Rio Paraná. O velho adágio "água mole em pedra dura tanto bate até que fura" é ali confirmado. A serra foi vencida pela caudal que desce das alterosas serras mineiras. Em Guaira tem-se mais impressão da velocidade da queda do que em Iguassú. A fúria do líquido elemento é notável e sua ação mecânica e ácida é constatada no pedral das margens, que se apresenta corroído e fendilhado. Como retoques à obra do Sublime Artista foram construídas linhas passadeiras sobre os canais, de modo que se pode contemplar o gigante de cima do seu próprio dorso . . .

Assisti a um fato interessante. Extasiado, à beira de um dos saltos e, embevecido, contemplava a caída da água descrevendo no ar as mais caprichosas curvas, cujas equações Newton, Leibnitz, Euler e Lagrange se esqueceram de estabelecer. De repente, pareceu-me que um ser estranho havia furado a queda d'água para penetrar na rocha. Concentrei meu olhar e vi várias andorinhas furarem a caudal para penetrar nas tocas existentes na pedra, onde tinham os ninhos. O inteligente pássaro sabia que ali estava resguardado contra qualquer intervenção de outro animal. A gaiata avezinha esvoaçava em torno da queda, como se estivesse procurando o local do ninho, depois como uma flecha, célere, atravessava a massa líquida . . .

Si-bem-que o nome dos saltos seja Sete Quedas, elas são em número de 18, sendo 5 na margem direita, 12 na esquerda e uma no centro, caindo as águas no colossal "fjord" com 60 metros de largura, talhado a pique na rocha de basalto, onde se escôa toda a água do portentoso Paraná. Das 18 quedas sete são as principais, desde o seu nome. O nome de Guaira dado aos saltos já designava aquela região, onde campeava a valente tribo do cacique da mesmo nome. Da extremidade inferior da comprida Ilha de Sete Quedas, o Paraná começa a descrever pronunciadíssima curva, pela esquerda, banhando a "cidade" de Guaira e formando imenso remanso. O canal abaixo dos saltos se desenvolve, costeando a margem paraguaia e matogrossense, nele caindo, por entre verdejantes ilhas, cinco quedas d'água. A sexta queda cai na extremidade do canal, desenvolvendo-se as restantes pela esquerda.

Em virtude do grande remanso que o rio Paraná faz para a esquerda, esta margem apresenta maior número de saltos, que se desenvolvem numa extensão aproximadamente o dôbro da que se nota na margem direita. Acima dos saltos, na extremidade inferior da ilha das Sete Quedas, a caudal tem 4.100 metros; entre o pôrto de Guaira e a margem do canal, à jusante dos saltos, foram medidos 3.057 metros; separando as suas margens há 3.846 metros, contados do pôrto de Guaira. O canal abaixo dos saltos tem 60 metros de largura e os paredões, entre os quais corre o rio, 34 metros de altura. Segundo estudos feitos, o potencial utilizável do rio varia de 8.000.000 e 40.000.000 H. P. conforme a cheia ou vasante.

Parti de Guaira numa lancha a gasolina, seguindo o canal entre a ilha Sete Quedas e o território paranaense. Neste trecho se veem duas bóias, onde são prêsas as sirgas, para se puxarem os navios e chatas que, devido aos seus pesos, não possam vencer a correnteza. Logo depois entramos no canal Pacú, que separa a ilha do mesmo nome da de Sete Quedas, constituindo a única passagem para o navegante que se destine ao nosso pôrto de partida. Depois que se sai do canal do Pacú, nota-se que a embarcação custa a vencer a correnteza, devido a forte inclinação do álveo e, um defeito na máquina seria suficiente para, embarcados, saltarmos as famosas cachoeiras do Guaira. O momento perigoso, porém, foi curto e começámos a navegar em um furo que circunda uma ilha. Na água quasi parada, há grande



quantidade de plantas aquáticas com lindas flores roxas, branca, violeta e rosa, formando uma linda antologia. Neste belo trecho vimos muitos pássaros grandes, como a iuma e o manguari e bandos interessantes de biguás que, sem o mínimo temor, esperavam que nossa lancha passasse para serem embalçados no banzeiro.

Consumindo cêrca de uma hora, chegamos a um antigo pôrto de índios, hoje abandonado, onde saltamos. A existência dos selvícolas é aí atestada por duas velhas canôas que estão no pôrto apodrecendo. Cinco "mensus" com seus pesados e compridos "machetes" foram na frente, derrubando o capim alto, que já ocupava o caminho que se desenvolve ao longo do grande banhado. Depois de caminhar 800 metros, começamos a transitar em terra firme, "no monte", como dizem os paraguaios, fazendo no final da caminhada e percurso de 2 quilômetros e 500 metros. O administrador de Guaira, afirmou-me ser o ponto atingido a fronteira do Brasil com o Paraguai, mas toda tentativa em procura do marco foi sem resultado.

Chega-se no fim da picada a um sítio de onde se pode contemplar a junção de duas gargantas. A água vem velozmente deslizando por duas calhas de rocha. Separando-se há uma fimbria negra, formada pelo pedral. Quando a água dos dois braços se encontra, um estrondo permanente se produz, levantando-se para o céu densas nuvens de "fumaça". Caminhando-se cuidadosamente pela margem, pode-se chegar à beira do primeiro salto, para apreciar o tombão que a água leva. Com o auxílio de uma corda pode-se chegar ao fundo do pedregal da margem, visitando furnas interessantes, arcadas e colunas roliças de rocha, trabalhadas pela água.

Emílio de Menezes num soneto tudo diz a respeito do salto de Guaira. Esta pérola riquíssima está encerrada, inteiramente, na concha dos seus magníficos versos:

Largo oceano azul, ora margeando  
Campina extensa, ora frondosa mata,  
Léguas e léguas marulhoso e brando,  
O rio enorme todo o céu retrata.

Súbito as águas, brusco, represando,  
Em torvelins de espuma se desata;

Vertiginoso, indômito, raivando  
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de novo em arco se levanta,  
Nada a brancura esplêndida lhe turva,  
Em tanto resplendor e glória tanta.

E na apoteose em que a caudal se expande,  
Do sol nos raios, multicolor se encurva,  
Rútilo arco-iris luminoso e grande . . .

## O PROBLEMA DO ÍNDIO BRASILEIRO

**D**ESDE o dia em que o feliz navegador lusitano, afastando-se das calmarias das costas da África, descobriu o nosso grande país, um novo problema surgiu para dar que fazer às meninges dos administradores. De início, a coisa era simples — tinha-se em mira somente o cruzamento dos homens dalém mar com as guapas morenas que vagavam pelas praias lindas e brancas do nosso longo litoral, quando não descansavam à sombra dos cajueiros nas horas cálidas do dia... Para evitar os concubinatos, declarou El-Rei que todos os casamentos de portugueses com selvícolas tinham cunho de nobreza. E assim muitos enlaces foram feitos. A pobre íncola era o receptáculo de todos os sangues alienígenas que vinham contribuir para a formação do tipo brasileiro.

Depois, outros problemas apareceram e foram relegados ao esquecimento, ficando séculos e séculos sem solução. O índio não preocupava a ninguém e, dia a dia, era empurrado para o âmago do sertão, onde ficasse a salvo da sanha dos pseudos civilizadores.

Na época da conquista, em que com os rasgos de coragem se formava a expressão territorial do Brasil, era justo que só vissem no selvícola o braço para o trabalho e uma polpuda fonte de renda. Todavia, após adquirirmos a nossa independência política, deveríamos olhar o arborícola com mais humanidade e fazermos o possível para, protegendo-o, arrancá-lo de todo da barbaria em que se achava e se acha ainda. Na república já houve quem se interessasse pela sorte do infeliz habitante das servas. Rondon deu sua vida toda ao serviço da causa do índio e encontrou uma pléiade de abnegados auxiliares que continuaram a obra do chefe ínclito, como se fossem ramos do mesmo tronco alimentados pela mesma seiva: — a idéia sublime que orienta o ilustre sertanista.

Na travessia através da floresta pujante que entrelaça as

nascentes das grandes cabeleiras hídricas do Paraguai e dos ricos afluentes do Amazonas, Rondon provou que, com um pouco de espírito de sacrifício, fácil seria trazer à civilização todos os indígenas que perambulam pelo "hinterland". Adotando o lema: "morrer se preciso fôr, mas matar nunca", êle cativou o índio pelo coração, sem, em momento algum, apelar para a violência.

Nos Estados Unidos o problema está resolvido, se bem fosse mister recorrer-se à fôrça das armas. Houve muita chacina, muito sangue derramado, porém o índio, hoje, já é considerado um cidadão. Tem terras e sabe dirigí-las, fazendo crescer a fortuna não só da tribu como a pessoal.

Na Guaiana inglesa o problema foi solucionado de um modo aliás interessante. Grandes tratos de terra foram reservados aos autóctones, onde vivem sem preocupações, livres do aguilhão da cubiça dos brancos. Os índios podem usar suas armas, os brancos só poderão usá-las mediante licença e os negros de modo algum poderão possuí-las. Tal influência exerceu êsse modo de proceder na massa selvícola que uma imensa multidão atravessou a fronteira, deixando o Brasil para viverem em terras de S. M. o Rei da Inglaterra.

Há pouco tempo o serviço de proteção aos índios passou para o Ministério da Guerra e ainda não temos argumento para dizer se foi um bem ou um mal. De modo apriorístico podemos adiantar que, se não forem escolhidos oficiais com acentuados pendores para o serviço, verdadeiros sacerdotes da causa que vão abraçar, o resultado será um estrondoso fracasso.

Muitas pessoas são partidárias da entrega do índio aos missionários, alegando o muito que fizeram os continuadores de Anchieta, de Nóbrega e de outros que deram a vida em defesa do índio. Julgo ser um malefício entregar-se o problema do íncola aos missionários, quer sejam católicos, quer sejam protestantes, pelo simples motivo de que êsses religiosos trabalharão mais para suas ordens, geralmente de origem estrangeira, do que para os pobres aborígenes. Conheço as missões do Rio Negro, que constituem, aliás, a única coisa que se salvou da derrocada que levou à miséria toda a região banhada pelo lusídio caudal que banha a mimosa capital do Amazonas. Monsenhor Massa e seus companheiros são dignos dos maiores elogios pelo muito que fizeram ao rico rincão rionegrino. Metamorfosearam os íncolas, deram-lhe nova mentalidade, levaram-nos ao caminho da civi-

lização. Visitando-se as missões, chega-se a uma conclusão: — os padres venceram. Ficamos alegres com esta grande vitória, mas uma nuvem empana a nossa alegria de brasileiro nacionalista intransigente, quasi xenófobo, — o desconhecimento que tenho do destino que será dado a toda aquela riqueza. Estarão os missionários trabalhando para a economia selvícola, ou para suas ordens? Enquanto esta dúvida não sair do meu espírito, não verei com bons olhos a intromissão de religiosos alienígenas no seio das tribus indígenas.

O Serviço de Proteção aos Índios, ainda em estado incipiente, tem encontrado sérios problemas a resolver. Luta principalmente contra a ganância dos magnatas que vivem a tripa-forra, mercê dos produtos extraídos dos latitudinários domínios conseguidos, na maioria das vezes, de modo pouco honesto. Uma das cousas que impedem o desenvolvimento dos S. P. I. é o acervo de atos pouco recomendáveis que a administração militar herdou das civis.

Tanto os selvícolas como os civilizados seus vizinhos haviam perdido de todo a crença no serviço que devia protegê-los.

O comandante Braz Dias de Aguiar, um dos três brasileiros que honram a espécie humana e que tem mourejado a valer nos longínquos rincões fronteiriços, contou-nos o seguinte fato: — Viajava, certa vez, pelo Alto Rio Branco, quando um tuchaua lhe solicitou o obséquio, de levá-lo até Manaus, onde iria pedir ao S. P. I. ferramentas para lavrar a terra onde habitava sua gente. O comandante Braz atendeu-o com solicitude e o trouxe como companheiro de viagem. Chegados a Manaus, o índio foi conduzido à séde do S. P. I. Disse ao que vinha e do melhor modo defendeu sua pretensão. Depois de longa arengação do chefe indígena, o funcionário, displicentemente, sentenciou: "não posso atendê-lo, caro amigo, só temos ferramenta para dar aos índios ainda brabos". O tuchaua coçou a cabeça, respirou com fôrça e argumentou decisivamente: "Não entendo. Índio brabo não sabe trabalhar com essas ferramentas! Só se é para êle fazer ponta de flecha para matar os brancos!"

De Marabá, à margem do Tocantins, chegavam à meude telegramas do seguinte jaez: "Os índios Gaviões atacaram a povoação e mataram cinco pessôas". Hoje, daquele recanto os jornais não têm tais notícias pois o S. P. I. mandou para lá um contingente destinado a proteger os selvícolas e habituá-los à

lavoura. Tudo foi explicado. Os índios limitavam-se a defender suas terras das arremetidas dos cúpidos aventureiros que, com armas nas mãos, invadiam seus domínios no mais firme propósito de explorarem os castanhais existentes na região. Quando sucedia morrerem alguns índios ficava tudo por isso mesmo, em caso contrário havia, em abundância, assuntos para os prelos.

Alguns indígenas passaram do Tocantins para o Xingú através do rio Fresco e a procura de recursos chegaram até à vila de Nova Olinda. Houve susto. Um magote de selvícolas tomou vulto de milhares e a notícia correu célere por todo o país: — Os índios Caiapós vão assaltar a vila de Nova Olinda. O S. P. I. tomou providências e os pobres Caiapós já tomaram novamente o rumo das selvas, enquanto se assentam providências para aldeá-los convenientemente. Do contacto com êles ficou averiguado que o motivo de sua migração fôra a luta por um costume moralmente. A poligamia lavrava. Cada Caiapó podia ter tantas companheiras quantas desejasse. Já não havia a noção de família, tal era a confusão. Um velho morubixaba resolveu pôr um paradeiro àquela devassidão e propôs o seguinte: — Cada índio teria uma só mulher que seria sua companheira inseparável. Todo aquele que conquistasse a mulher do próximo, como castigo teria que ceder sua própria espôsa ao marido traído. Houve uma discussão tremenda. Surgiram os catões e os sibiritas. E o resultado foi uma luta dos diabos seguida da emigração dos que lutavam pelo costume moralizador . . .

Pelos exemplos citados temos elementos para avaliar a complexidade do problema indígena que ainda desafia a argúcia dos administradores que se prendem ao assunto.

Temos a mais viva esperança nos nóveis dirigentes do serviço, mas sabendo quão delicada é a questão, não queremos soltar foguetes antes do tempo. O índio é, ainda, no Brasil, uma incógnita. E' difícil sondar-se o coração do íncola. Não é nada fácil compreender-se o sentimento do selvícola. Um Parintintim já civilizado, recordando as vicissitudes porque passara disse certa vez:

— "Até que afinal conseguimos amañçar os brancos". Durma-se com êste barulho!

## DE PARANAGUÁ À FOZ DO IGUASSÚ

**M**AL comparado, o Paraná é como uma escada de abrir: de um lado, os degraus constituídos pela Serra do Mar; pela Serrinha e pela Serra Esperança; de outro, o plano inclinado constituído pelo descambamento do planalto guarapuavano para o vale do Rio Paraná.

O viajante que percorrer a formosa escada não verá anjos e sarafins subindo-a e descendo-a, do céu à terra como Jacó viu em sonhos, quando fugia da ira de Esaú, mas sim os mais lindos adornos com que o Onipotente engalanou a terra brasileira. A configuração do terreno paranaense permite que se observem as cousas mais extravagantes que se possam imaginar. Cito uma: o Iguassú nascer nas proximidades do mar e correr quilômetros e quilômetros, terra a dentro, para despejar suas águas no barrento Paraná. E que trabalho teve o Iguassú. Cavou seu leito nas serras que lhe impediam o desenvolvimento na direção do sol e pôde assim passar do terraço curitibano ao dos campos gerais e dêste ao guarapuavano, rolando no fundo de uma calha rochosa que se empina com grande altura. As corredeiras, os saltos e as cachoeiras se sucedem, mostrando a reação do terreno contra a decisão do Iguassú de caminhar para o ocidente. Quasi na foz, o terreno arma uma esparrela às águas do caudal, obrigando-a a saltar duma altura de cêrca de 80 metros: são as cataratas de Santa Maria do Iguassú.

Outro rio interessante é o Itararé. Às vezes fica com medo da luz solar e se esconde, fazendo sua rota subterraneamente. O Itararé, que tem a fama de atrair revoluções para as suas ribas, é também o rio das belezas naturais, pelas magníficas grutas que apresenta no seu acidentado curso.

Molmente o navio se aproxima deixando atrás um rendilhado de espuma. Ao longe, Paranaguá, que nos atraia com suas construções muito brancas e suas estradas muito vermelhas.

O aspecto selvagem e garrido das praias lindíssimas que en-

feitam o litoral paranaense, em contraste com o fâcies moderno da cidade, faz-nos lembrar uma "Iracema" com vestido de Greta Garbo.

Da interessante cidadezinha banhada pelo Itiberê, parte uma ferrovia que, zigzagueando pela Serra do Mar acima, ganha o planalto curitibano. Inúmeros estrangeiros vêm ao Brasil somente para apreciar a obra fantástica que teve berço no cérebro robusto de André Rebouças. Não há descrição nem desenhos capazes de exprimirem, mesmo de leve, o cenário formidável que se desfruta durante a escalada da majestosa serra. Quando se chega a Curitiba, a cidade tão bela como o sorriso das coradas paranaenses, a gente tem vontade de descer novamente a serra, para subí-la em seguida, fazendo uma segunda viagem a-fim-de-que nada se perca de tão imponente espetáculo. Segundo a toponímia, Curitiba significa "muito pinhão" — "curi" (pinhão) "tyba" ou tuba" (muito). Mas o que há aí em pinhas, são formosas mulheres. Passeando-se por suas largas avenidas, ou frequentando-se seus belos cinemas e casas de chá (devia ser de mate) veem-se moças lindíssimas, elegantes, esbeltas, risonhas, mimosas.

O trem continua para o poente, trepando pela Serrinha, que é mais um ressalto do que serra, e chega a princesa dos campos gerais — Ponta Grossa — a terra das ruas em ladeira. As lindas pontagrossenses são, geralmente, robustas e rosadas. A robustez é natural, pois, a-pesar-do clima de 980 metros de altitude, o exercício físico ali é obrigatório: — têm que, mesmo sem radio, exercitar as pernas, galgando as açlivosas ruas da bombeante cidade.

O ramal que vem de Curitiba não continua para o poente, pois se entronca na ferrovia que une os bandeirantes aos gaúchos. A viagem é prosseguida para oeste de automóvel, passando-se por Imbituva — rica em herva mate — e por — Prudentópolis, que melhor se chamaria Nova Polônia. Galga-se a Serra Esperança, que nada mais é do que o plano inclinado do grande altiplano guarapuavano, e chega-se à capital do sertão paranaense — Guarapuava.

Os campos se estendem com seu lindo matiz verde-palha pontilhado, aquí e acolá, pelos soberbos capões de uvaíias e pinheiros esguios e elegantes como colunas dóricas encimadas por soberbas taças verdes voltadas para a amplidão. Nesses capões o



gado procura abrigo fugindo da inclemência dos raios dourados do sol e da chuva torrencial que castiga sem piedade. Depois que o campo se acaba, o terreno oferece ao viajante uma verdadeira montanha russa até ao povoado de Catanduvás. A partir dessa povoação o caminho é mais plano e o terreno vai caindo suavemente para as ribas do Paraná, em busca da Foz do Iguaçu, a cidadezinha brasileira onde quasi só se fala o castelhano e o guaraní, e onde tudo custa um pêsso argentino ou "cien paraguaios".

Aí se aguarda, depois de visitar as empolgantes cataratas de Santa Maria, o naviozinho, geralmente argentino, que faz a viagem de Posadas a Pôrto Mendes. Surge, garboso, o "Ituzaingó", que lembra uma batalha que os argentinos dizem terem vencido e que o Brasil afirma não a ter perdido. Os juízos variam na sentença e os principais: Tasso Fragoso, e Max Fleuiss têm opiniões antagônicas. Seria justo um "score" de um a um — refrega sem vencedores, nem vencidos.

O "buque" encosta desconfiado dos "remolinos" existentes no pôrto. Os maiores da terra visitam-no. Uma bonita mocinha senta-se ao piano e toca a "ranchera" "Mate-Amargo", alegre e saltitante.

Fica-se sem saber o que admirar — se a linda "muchacha" que executa a música, se os sons maravilhosos que seus dedos produzem no teclado. Para variar, às vezes canta em guaraní e, a-pesar-de nada se entender, as canções parecem-nos maravilhosas, pois a melodia não tem pátria.

Quando a embarcação se afasta, um sentimento de saudade nos invade o peito e sentimos que já amamos aquela prodigiosa terra.

ST  
A  
Nascido  
pele  
gen  
exuber  
No  
1682 -  
Sem  
das  
cidades  
pelo  
onde  
rito  
nhecida  
Um  
pouco  
imagina  
escreva  
ano  
Em  
da  
domina  
teara  
descob  
N  
após  
esse  
parcio  
Co  
diment  
Re

## STRADELLI — o Enamorado das Selvas

**A** 24 de Março de 1926 — falecia no leprosário de Umirisal, próximo da capital amazonense, o conde Ermano Stradelli. Nascido de família nobre e rica, Stradelli sentia notável atração pelas façanhas selváticas. Seus sonhos eram povoados de indígenas, de costumes extravagantes, rios inexplorados, florestas exuberantes, animais pouco conhecidos e lendas maravilhosas.

No castelo de Borgotaro, foi festivo o dia 8 de Dezembro de 1852 — nascia Ermano, o primogênito do casal Stradelli.

Sempre alegre e folgazão, Ermano tornou-se um apaixonado das leituras de viagens, que dão a conhecer costumes bizarros, cidades interessantes e mil cousas outras que só quem deambula pelo mundo sente o pitoresco, sem que o leitor saia da poltrona, onde está recostado — o corpo fica quasi inerte, todavia o espírito acompanha os heróis das aventuras pelas terras desconhecidas.

Um espírito ávido pelas misteriosas lendas dos países ainda pouco explorados, certamente tem que possuir algo de poeta. A imaginação fulgente de Stradelli levou-o à poesia; e aos 24 anos escrevia êle seu primeiro livro de poesias, seguido de outro um ano depois.

Em Pisa, onde estudava direito, teve a notícia do falecimento de seu pai. Interrompe, quasi de súbito, seus estudos e deixa-se dominar totalmente pela idéia que o acompanhava desde a mais tenra infância — visitar regiões ignotas, ver tribus selvícolas, descobrir nascentes de grandes caudais . . .

Não atende a pedidos de ninguém e parte para a Amazônia após exercitasse em topografia, farmácia e fotografia. Durante esse tempo toma conhecimento do espanhol e do português, amparado pela "Reale Societá Geografica Italiana".

Com o vigor dos 27 anos e o cérebro repleto de mil empreendimentos rumo para o gigantesco cenário verde.

Remonta o gordo Amazonas, e, em 1880, já no terreno das

realizações práticas, singra o Purús e seus afluentes Ituxi e Marmorá, conduzindo medicamentos, instrumental e caixas para trazer o vultoso material que previa topar naquela região.

Não foi feliz na sua primeira empreitada. A ânsia de andar depressa e a falta de prática do néu-sertanista, fizeram-no naufragar numa corredeira, onde perdeu toda a traquitanda. Não desiste do intento, volta a Manaus a fim de conseguir nova bagagem e sem tardança sobe o Solimões.

Há males que vêm para bem, diz o velho rifão; não fosse o desastre que sofrera não teria a oportunidade de conhecer o conde Alessandro Sebatini, que lhe inspirou a vontade de estudar o tupí moderno — a língua boa — o "neengatú".

Segue para o Juruá, esmiunçando a vida laboriosa dos seringueiros. E nesta digressão é colhido nos tentáculos do impaludismo que o faz regressar à capital da floresta: Manaus. Ainda em convalescença, embalado pelas belezas das lendas dos índios Tucanos e Tarianos, busca o Uaupés e seu afluente Tiquié, visitando a região ameríndia mais adiantada na época cabralina. Saiu qual general vitorioso duma importante batalha. Pôde colher informações interessantíssimas e voltar a Manaus.

Corria o ano de 1883, quando Stradelli veio conhecer pessoalmente o major de engenheiros Dionísio Cerqueira, que fazia parte da comissão de limites com a Venezuela, chefiada pelo ilustre Barão de Parima. Dêsse encontro nasceu uma amizade imorredoura e o convite do futuro chanceler, para que Stradelli visitasse as rais que iriam palmilhar.

E lá se foram os dois amigos rio Negro acima em busca das nossas lindes com a Venezuela. O sofrimento solidificou os laços que prendiam os corações dos dois homens, e nas noites passadas no âmago das selvas dormindo no bojo das montarias ou trepados em árvores como macacos, surdiu a confiança mútua que congrega os homens nos dias de sacrifícios. Dominado pelo impaludismo regressa a Manaus, onde aproveita as horas de bem-estar permitidas pela doença, para adiantar seu já adiantado vocabulário tupí.

Imaginando voltar ao seio dos seus, arquiteta mil planos para rever no outro lado do Atlântico, a terra onde deixara toda a sua recordação da infância e da juventude. Entrementes, aparece ao alcance dos seus olhos o ilustre cientista João Barbosa Rodrigues,

que, estudando a botânica da incomparável hilea, lobrigava coisas encantadoras nos demais reinos da Natureza.

Fácil foi a Barbosa Rodrigues convencê-lo de que deveria acompanhá-lo na campanha humanitária que êle encetaria — a pacificação dos índios Crichanás, habitantes do rio Jauaperí, refratários ao contacto com os civilizadíssimos brancos que lhes incendiavam as tabas e roubavam-lhes as cunhantans de peitos largos . . .

De há muito vinham os íncolas daquela região lutando contra os usurpadores dos seus pagos. A tarefa era difficilima. Todavia, os grandes espíritos desprezam as conquistas fáceis e têm prazer em resolver os problemas intrincados.

Não foi mistér convidar Stradelli duas vezes para êle banir do seu pensamento todos projetos que alimentava, e acompanhar o sertanista emérito.

Voltou da filantrópica expedição convencido da bondade do arborícola e da barbaridade praticada pelos batedores dos sertões — os desvirginadores das riquezas da terra moça e impérvia.

Regressou à Itália, e, durante os anos de 1885 e 1886, terminou, na Universidade de Pisa, os seus estudos jurídicos. Tendo-se fartado de perambular pelas selvas, tudo levava a crer que o nosso herói ficasse em seu torrão natal, junto a todos que lhe eram caros. Mas a mata o chamava como uma namorada brejeira. De longe êle sentia a atração do seu verde lindo e infinito.

Voltou para cumprir seu fadário a-pesar-de tudo e de todos. Nova idéia, agora, o norteava, queria ligar seu nome ao de uma grande torrente — iria descobrir as cabeceiras do Orenoco que até hoje permanecem desconhecidas, si-bem-que Hamilton Rice as tivesse localizado no monte que tomou o nome do grande engenheiro que ligou o Mediterrâneo ao Mar Vermelho, através do istmo de Suez — Lesseps.

Quando se dispunha enfrentar os mistérios e os duendes da floresta, chega ao seu conhecimento a notícia tremenda de um tal "monsieur" Chafanjon haver revelado ao mundo aquilo que êle ambicionava só para sí. Quasi ficou chumbado pelo desânimo, quais os descobridores de pedras preciosas quando veem que a sorte não os protege, amparando, pelo contrário, outros menos merecedores. De que raiva não foram possuídos os bandeirantes ao saber da descoberta das pedras verdes por Fernão Dias . . .

Considerou o tal francês um charlatão e prosseguiu sua empresa a-pesar-de lhe falecerem os mais comezinhos recursos. E' que contava com a bolsa de um companheiro que, na hora azada, não soube ou não quis cumprir sua palavra empenhada. Stradelli adentrou-se com pequena turma pelo Orenoco acima em demanda do Rio Negro.

Em quasi doze meses faz o percurso de Caracas a Manaus, removendo obstáculos sérios e contornando dificuldades antolhadas a cada passo.

Enquanto descansava na capital Baré, trava novo conhecimento. Agora com o major Jacques Ouriques, que lhe propõe um passeio até à fazenda de São Marcos, no rio Branco.

Como na viagem anterior, o "Bolletino della Societá Geografica Italiana" publica as suas impressões de viagem. Lendo-se as crônicas de Stradelli, tem-se a impressão da certeza com que êle encarava o que via e sentia, a sua descrição tinha a fôrça do film. Não fantasiava, não dava que fazer à imaginação, era monótono, melancólico, realista em demazia. A expressão "estilo fotográfico", com que Câmara Cascudo definiu seu modo de escrever acêrca das paisagens que vira, cai-lhe como uma luva. Quem viaja pela mata busca o colorido das suas peregrinações, nos incontáveis acidentes que se reproduzem à miude. Aquí, a travessia perigosa de uma cachoeira, alí a caçada de um jacaré ou de uma onça, acolá, momentos aflitivos passados no meio de tribus desconhecidas. Stradelli dizia tudo isso com tal naturalidade, com palavras tão justas, que muita gente fica a duvidar haver êle percorrido as regiões descritas. A nudez da verdade na maioria das vezes não empolga, há mistér atavios — uma pontinha de alegoria que tem o sabor de uma gota de limão numa tostada costeleta . . . Por isso muitos preferem as mentiras bem adornadas de adjetivos, ditas por Walter Raleigh e Savage Landor.

Do rio Branco ao Uaupés foi um pulo. A grande população indígena do rio era o "leit motiv" das preocupações do italiano que tinha queda acentuada para etnologia.

Refere-se Stradelli que, certa vez, a-fim-de conseguir apossar-se de um papagaio, usou do seguinte estratagemma, após haver, de mil modos, procurado convencer que o íncola dono da ave deveria trocá-lo por outro objeto.

Aproveitando a curiosidade do selvícola, em tudo semelhan-

te à das crianças e das mulheres, começou a mostrar-lhe o microscópio. Retirou do trepador um piolho, colocou-o diante da lente e pediu ao índio que o observasse pela luneta. O selvagem ficou assustadíssimo com o tamanho do inseto e por pouco não fugiu. O italiano não deixou passar a oportunidade, declarando-lhe: — Ou você me dá o papagaio, ou eu faço o piolho crescer até que lhe possa comer. Diante desta ameaça, o bugre entregou os pontos . . .

No ano de 1893, Stradelli naturalizou-se brasileiro — já amava o torrão que palmilhara. Ficou amando o recanto onde consumira quasi toda sua mocidade. Esqueceu-se da família para lembrar-se somente dos lugares onde sofrera e onde dera ao seu espírito as maiores alegrias.

No meado do ano de 1895 é nomeado promotor público da comarca de Lábrea, a cidade que fica à beira do Purús, logo abaixo da foz do Ituxi.

Na quietude da cidade sertaneja surdiram no cérebro do nosso Stradelli planos mirabolantes, na execução dos quais êle se tornaria multi-millionário em pouco tempo. Imaginou poder canalizar para a Itália toda a produção de borracha do grande afluente do Amazonas. Este plano aurífero fê-lo esquecer todos os encantos da floresta, e, num certo dia, seguiu para a sua pátria de origem a-fim-de obter um capitalista que quisesse compartilhar do seu grande negócio.

Voltou com as mãos abanando e o coração em sobressaltos, dando por perdido tudo quanto arquitetara. E na cidade de Tefé como um cenobita foi afogar suas máguas. Lá, dá forte impulso ao seu vocabulário — obra que não fará desaparecer a memória do seu nome. Desempenhava a função de promotor público e, a pouco e pouco, foi fugindo do contacto com as pessoas que o procuravam, tornando-se mesmo por último verdadeiro misântropo. Alapardava-se de todos, deixando transparecer o terror de que estava possuído.

Afinal soube-se o por que do retraimento. Terrível moléstia minava-lhe todo o organismo — a lepra — Completamente desfigurado foi conduzido para o Umirisal, onde os amigos lhe construíram confortável casinha, a-fim-de que nela passasse, ou melhor, amargurasse seus últimos anos de vida.

Com paciência digna de nota, Stradelli soube suportar o castigo que desabara sobre o seu ser e resignadamente enfrentou

com sobranceira a desgraça. Pediu aos amigos lhe trouxessem os seus amarrotados alfarrábios e de posse dêles encetou com afan o trabalho.

A 24 de Março de 1926, a morte levou-o, pondo um ponto final nas suas amargas desditas. Três anos depois "O vocabulário português-neengatú" e "neengatú-português" era exposto nas montras das livrarias — suas páginas representam a vida de um homem que não soube resistir ao império da vontade que o dominava.

Ao completar o primeiro decênio da sua morte, Luiz da Câmara Cascudo publicou excelente opúsculo que revivia os dias de amarguras e de glórias vencidos na selva amazonense pelo denodado sertanista.



## OS BANDEIRANTES DO AZUL

**S**E há país em que as rotas aéreas devam ser exploradas a fundo — é o Brasil.

O nosso vasto território com cêrca de 23.000 kms. de perímetro e desenvolvido no sentido das latitudes necessita de uma fôrça de coesão formidável para manter unidos os habitantes das diferentes zonas cujos climas, costumes e interesses são os mais variados e algumas vezes antagônicos.

País de vias de comunicação ainda incipientes não permite que haja o entrelaçamento entre as idéias e aspirações de todos os seus filhos. A ínvia mataria impede a marcha do civilizado e, em alguns trechos, os íncolas, tão bárbaros como em 1500, ainda servem de "bicho papão" para assustar os tímidos.

O norte de Mato-Grosso, Goiaz, Pará, Amazonas e Acre possuem quasi sòmente as estradas que Deus lhes deu — os rios, os célebres caminhos que andam.

Mato-Grosso contém em seu território o pequenino traço de união entre as duas imensas bacias: do Amazonas e do Prata. Separa também, o grande Estado, a vasta planície amazônica — onde o homem para locomover-se necessita da canôa que, lembrando os antigos donos da terra, é tratada de ubá — da região alcantilada onde o cavalo é a principal condução, enquanto não são rasgadas as rodovias — pistas para cavalos vapor — e as ferrovias — caminhos seguros do progresso.

Para unir o caboclo amazonense — que sulca em pirogas as intérminas caudais, — ao gaúcho que percorre os pagos sulinos, "riscando" de esporas os "pingos" inseparáveis, é mistér um elo forte.

Para ligar o galhofeiro carioca ao nordestino educado na escola do sofrimento, é necessária uma fôrça atrativa.

Para confundir os dinâmicos paulistas à gente trabalhadora de Cuiabá, um poderoso veículo, também, se impõe.

Nortistas, nordestinos, baianos, matogrossenses, paulistas,

cariocas, gaúchos, enfim todos devem estar unidos em torno da idéia de manter sempre fortes a Pátria unida e indivisível.

O veículo, a força atrativa, o elo capaz de aproximar assim tão intimamente os brasileiros — é o avião.

Está no espaço a nossa solução. A grande velocidade dos gigantes aéreos faz as distâncias minguarem para todos aqueles que as vencem em pequenos tempos.

Ainda está na lembrança de todos a repercussão que teve o vôo de Edú Chaves, vencendo a distância Rio-São Paulo. Foi a primeira etapa. O feito foi fantástico e capaz de deixar zozos até o próprio Anhangá das florestas. Hoje faz-se com a maior naturalidade o percurso entre as duas cidades em hora e meia, o que aliás não diminui a vitória de Edú.

Os aviões já sulcam os firmamentos belíssimos do Brasil acompanhando o litoral, enquanto outros, rumando para o âmago da pátria, buscam Mato Grosso e Goiás.

A-pesar-de em poucos anos termos avançado muito, pois o desenvolvimento da aviação deve ser contado a partir de 1930, ainda temos muito que fazer com o fito de desbravar zonas incul-tas e impérvias, vencendo em horas, facilmente, as distâncias que os impávidos bandeirantes talavam em meses e, às vezes, em anos.

Agora que nos quatro sentidos cardeais sulcamos os ares do Brasil, é de justiça recordar os nomes daqueles que morreram lutando por um ideal — azul como o céu que singra — vã e dourado como o sol que os iluminava. Rubens de Melo e Souza, Ricardo Kirck, Aliatar Martins, Roberto Drumond, Romeu Quadros e tantos outros que ofereceram a vida em holocausto à pátria.

Depois de uma corrida célere, o pássaro mecânico se solta do chão e, rapidamente ganha altura.

À medida que a poderosa máquina se eleva, as montanhas, o casario, os campos vão minguando enquanto a vista se espraia abrangendo uma região extraordinária. A ave mecânica baixa, o campo visual se estreita e os objetos vão ganhando forma acentuada, à proporção que o terreno, deixando de ser um imenso plano horizontal, vai apresentando as suas ondulações.

De súbito parece que o avião se imobiliza e ondas brancas de nuvens se deslocam em sentido contrário. Contempla-se um

quadro polar — montanhas e serras de neve. A-pesar-de belo, êsse cenário não agrada ao espectador que só se alegra quando vê novamente o terreno natural... ou quando se apronta para deixar a carlinga, após o vôo.

Com aviadores tão arrojados como o Brasil possui, podemos acreditar no seu futuro grandioso.

Depois que nestas plagas fabricarmos os nossos aviões com o ferro retirado das entranhas da terra e os abastecermos com a essência brasileira, o Brasil dará um formidável salto para a dianteira das outras nações, pois que pilotos e navegantes exímios, corajosos e patriotas até o sacrifício de própria vida não nos faltam.

**E**...  
usar e...  
gunde...  
poroc...  
ta cete...  
mexico...  
formo...  
...  
veron...  
que bi...  
da v...  
mas a...  
...  
berio...  
de cu...  
do h...  
destr...  
que, e...  
van o...  
samen...  
pres...  
os rei...  
marc...  
so Lav...  
dos ce...  
suu...  
se, q...  
selva...  
gub...  
recom...  
Buena

## O EXÉRCITO E O SERTÃO

**E**NQUANTO as riquezas viviam despresadas no âmago da terra recém-descoberta, os colonizadores caranguejavam — para usar o termo do minucioso Gabriel Soares — ao longo da nossa garrida e extensa ourela litorânea. Na costa atlântica surdiram povoados garantidos pelas fôrças vindas de além mar. Era mister defender o grande patrimônio da ganância dos corsários e mercadores aventureiros e da vindita do gentio que se não conformava com o espúlio que sofrera.

Pequenos fortes surgiram. Rudimentares, feitos com madeira, verdadeira fortificação, arremedando a usada pelos selvícolas que habitavam a terra. Quasi todas as cidades antigas, que ainda vivem ao longo do nosso litoral, nasceram ao abrigo das armas dos soldados.

Começam a chegar notícias do interior do vasto país descoberto. Campos excelentes para a criação de gado. Montanhas de ouro. Minas de prata. Rios navegáveis buscando o coração do Brasil, como o São Francisco, o Amazonas e o Tieté. Eram os desbravadores do *hinterland* — os bandeirantes e os igaraunas — que, desprezando mil perigos e todos os desconfortos, enfrentavam o incognocível na conquista do ouro e das pedras, no apresamento dos índios e no constituir rebanhos para futuras empresas. Sob a guarda das armas se faziam essas conquistas. E as raias do Brasil se foram alargando. Pedro Teixeira finca um marco de posse na confluência do Aguarico com o Napo. Raposo Tavares anda por toda a parte, tala o sertão brasílico em todos os sentidos. Destrói as reduções jesuíticas do Guairá, leva sua bandeira até às reduções sulinas, sulca o chão matogrossense, grimpa os aclives andinos e, depois de muito moirer pelas selvas, vai dar com os costados em Gurupá nas margens do gigantesco Amazonas. Pascoal Moreira Cabral Leme descobre o recanto aurífero onde se ergue a cidade de Cuiabá. Bartolomeu Bueno Filho atrás de sítios que vira, quando andava nas alhetas

do seu pai — o Anhanguera, topa ricos filões em Goiaz, os quais põem em cheque o prestígio de Cuiabá. E assim o Brasil vai aos poucos sendo desvendado pelas entradas e bandeiras, expedições militares no sentido mais vero do termo. A fortuna vinha de oeste para leste, à medida que os desbravadores marchavam do oriente para o ocidente, acompanhando o movimento do sol . . .

Acreditando que no Oriente está sempre a riqueza, os castelhanos que já se haviam enriquecido com os tesouros dos Incas, imaginavam maravilhas fabulosas na parte oriental do continente americano E para lá marchavam . . .

Os lusitanos audazes e precavidos não poupavam esforços para barrar a invasão das terras da corôa de Portugal e para isso iam levantando fortes em todas as direções prováveis de ataque. Esses fortes representavam as formidáveis trancas com que fechavam o inesgotável tesouro. Príncipe da Beira no Guaporé, Marabitanas no Negro, São Joaquim no rio Branco, Tabatinga no Solimões e Coimbra no Paraguai, foram as sentinelas avançadas da pátria em formação.

Estava garantida a posse de todo o terreno conquistado. A sete de Setembro de 1822 recebemos dos nossos descobridores e colonizadores uma nação imensa, unida, coesa e em franco desenvolvimento.

Nas mãos dos imperadores, a-pesar-das perturbações intestinas que foram muitas e das guerras que mantivemos contra o despotismo de Rosas, Aguirre e Solano Lopez, em largas passadas marchava o progresso do Brasil.

Parece que, em 1889, com a República, veio o desânimo dos nossos homens, mas mesmo assim a conquista do sertão se foi processando. E entre todos os nomes avulta o do general Rondon. Sua ação à frente do denodado 5º Batalhão de Engenharia foi assombrosa venceu a natureza agreste, executando obra que Roosevelt considerou do quilate da empreendida na abertura do canal do Panamá.

O aureolado nome de Rondon já ultrapassou as nossas lindes estremenas e é repetido com respeito nos meios cultos de todos os continentes.

Tendo por objetivo fazer uma linha telegráfica que ligasse o estado de Mato Grosso ao do Amazonas, êle se excedeu no seu programa, desbravando uma região completamente virgem.

Estudou minuciosamente a geografia daquela vasta área regada pelos afluentes e sub-afluentes do Madeira e do Tapajoz. Tomou contacto, pacificou e estudou as tribus ameríndias, facilitando destarte o desvendamento da etnografia brasílica, por haver aberto as portas da floresta intrincada aos passos dos cientistas.

Não tendo por fito ressaltar o ânimo forte do honrado e impertérito chefe e os sacrifícios por que passou nas selvas impervias, e sim lembrar aos bons brasileiros a continuação da obra de Rondon, até hoje inegalada em nossa terra.

A ação fecunda do grande sertanista na gleba dos Parecís e dos Nhambiquaras é um hino eloquente à fôrça de vontade — venceu, porque quis vencer.

Como no tempo de Caramurú e João Ramalho as nossas comunicações terrestres com o Norte continuam a ser precaríssimas. Vai-se do Rio de Janeiro a Belém ou mesmo à Baía com um pouco menos de dificuldade do que a antolhada pelo ínclito palmilhador de sertões — Raposo Tavares.

A mesopotâmia Tapajoz-Xingú é uma incógnita. Virgem inteiramente da presença do civilizado. Urge estudá-la. Quiçá encontraremos material valiosíssimo para gaudio dos estudiosos. Talvez esteja alí oculto um mundo de surpresas. E' mistér desbravar, palmilhar, descobrir, por assim dizer, o Brasil — a nossa Pátria não pode ter segredos para conosco. Afirma isto o grito de "Rumo ao Oéste" dado pelo Presidente Getúlio Vargas. Volveu, com o patriotismo que o domina, seus olhos para o *hinterland* do Brasil que, qual nova África, só entra nas cogitações dos elementos alienígenas, como um vasto campo de pesquisas onde vêm buscar espécimens para os seus museus, ou como uma vasta arena onde — pró gôzo íntimo — vêm executar suas caçadas, quando não os move planos argentários mastodônticos.

Não sou xenófobo, porém sentia-me magoado nos momentos em que topava com estrangeiros, às vezes em grandes comissões, pesquisando o nosso sertão para levar para suas pátrias, além de muitas novidades, informes seguros sôbre o nosso sólo e sub-sólo para futuras negociatas .

Encontrei, viajando para o Alto Rio Branco, a Comissão Tate, cujo chefe certa vez indagou se a bandeira roxa do Lloyd era a brasileira!... Dessa missão faziam parte geólogos, botânicos e zoólogos — acho que o trabalho primacial era o dos primeiros.

A zona noroeste do Brasil goza fama de abrigar em seu regaço jazidas de petróleo.

E' necessário que o Brasil seja descoberto pelos próprios brasileiros. E o órgão mais adequado que vejo para exercer essa missão sagrada é o Exército. Ao invés da caserna — o sertão; ao invés do canhão, a enxada, o arado, o trator... para uma parte do Exército que tomaria o nome de *sertanejo*..

Enquanto nas cidades o Exército ativo continuaria a missão sublime de preparar cidadãos para a defesa da pátria, o outro — o *sertanejo* — rasgaria o nosso *hinterland*, fazendo o progresso correr célere pelas chapadas de Mato Grosso, pela mata interminável do Amazonas, pelo agreste do nordeste, pelo sertão da Baía e pelo oeste gracioso do Paraná, onde as belezas naturais pululam aos borbotões.

Veríamos as fitas das estradas varando as selvas, contornando as montanhas e transpondo os rios. Aquí aborícolos aldeados, instruídos militarmente, enfim, transfigurados em cidadãos brasileiros. Ali campos de pouso, onde os aviões chegam e partem barulhosamente. Acolá povoados caminhando para vilas e vilas com aspirações a cidade. Tudo movimento, tudo dinamismo. Riquezas que se vão buscar no sub-solo. Cachoeiras iluminando cidades e movimentando engenhos e fábricas. Campos cultivados. Pastagens. Gado em abundância. Fartura. Alegria. Felicidade.

Dizem que nós, brasileiros, temos tendência para tudo maquear. Podíamos aproveitar esse defeito ou virtude que nos atribuem para imitar o que fez a França — o seu exército colonial é a mola que movimenta o progresso das suas colonias.

Lyautey, o sublime discípulo de Galieni, transmudou Marrocos em pouco tempo, conseguindo erguer cidades ao lado de pitorescos lugarejos indígenas, abrir portos e explorar as riquezas inúmeras do solo rifeño.

A aplicação do progresso Lyautey no Brasil seria de um grande alcance patriótico. Imaginem um verdadeiro exército de trabalhadores a rasgar estradas e a organizar núcleos de colonos para o desbravamento, desenvolvimento e grandeza da nossa terra.

Vários batalhões do Exército já estão trabalhando na abertura de vias de comunicações nos três Estados sulinos e em Mato Grosso. Enquanto o serviço de proteção aos índios entregue aos



militares procura, do melhor modo, trazer à civilização os verdadeiros donos desta rica terra de Santa Cruz.

Couto de Magalhães e Rondon serão os patronos dos novos desbravadores do nosso sertão que para lá partirem guiados pelo lema do Presidente Getúlio Vargas — RUMO AO OESTE!

B  
rica  
sic  
C  
mon  
ido  
e o  
tuou  
cre  
so  
os  
Ne  
na  
até  
dent  
A  
En  
tos  
cob  
vanc  
Re  
mon  
des  
langu  
um  
como  
do  
de 5  
até  
lho  
o cen

## BRASILIDADE E AMERICANISMO

**B**RASIL e América formam um par inseparável, um todo harmonioso, grandiosamente belo e eloquente. Aquí, na América, não cabe uma doutrina de ódio, de feição inteiramente eurásica. Tudo, aqui, é motivo de amizade fraterna.

O velho mundo nasceu errado e toda a sua história, é um monumento gigantesco a Marte. De início luta de "clans", a corrida aos lugares mais promissores, a peleja pelo direito de posse e o ódio eterno entre vencedores e vencidos. Esse ódio perpetuou-se e foi transmitido de geração em geração até às nações atuais que se alimentam da tradição, — mama enorme que, lá, só espirra ódio ao invés do leite puro da amizade que vincula os povos.

Na América, maximé na América do Sul, não houve, como na Europa, a disputa encarniçada para a conquista da terra. E até certa vez, ficou quasi todo o continente sul-americano dependendo do cérebro de um monarca espanhol.

A Banda Oriental foi, é verdade, um motivo de discórdia. Enuviou o horizonte pacífico que delimitava a visão dos estadistas de duas grandes potências; porém surgiu Artigas e, do chão cobijado, brotou uma nação pequenina mas de sublimes e levantados ideais — o Uruguai.

Rio Branco, de memória imarcescível, foi o maestro da harmonia sul-americana: criou um ritmo na sinfonia das paixões desordenadas de cada povo. Fez com que gente de origem e de linguajar diferentes se amassem pregando com a fé mais pura um dos mandamentos do decálogo divino — "amar o próximo como a nós mesmos". Todavia, a-pesar-do esforço empreendido pela paz, o que era branco se tingiu de sangue e, por cerca de 5 anos, a Bolívia e o Paraguai lutaram, encarniadamente, até o esgotamento total de suas energias vitais. Mortos aos milhares, famílias ao desamparo, fome cruenta, miséria, enfim, todo o cenário apocalítico com as côres mais lúgubres.

Fosse o americanismo pregado, com entusiasmo, naquelas duas nações, teriam elas visto que lutavam para satisfazer os desejos estapafúrdios de sibaritas alienígenas. O americanismo é a espada que esmaga e a porta que barra a entrada dos magnatas com pretensões falaciosas e com o hálito tresandando a sangue e cadáver. Fomentam a discórdia para mais fácil conseguirem os produtos que esteriotipam as nossas riquezas.

E' o americanismo a defesa do bloco continental contra os conquistadores, quer venham êles obrigados pela fôrça, ou escudados, o que é peor, atrás de promessas adocicadas que escondem no seu seio planos cavilosos de usurpação e desejos insaciáveis de sugar-nos até à inanição.

E' o americanismo uma necessidade. O *brasileirismo* é outra ainda maior — dá coesão entre todos os filhos dessa abençoada terra, facilitando a resolução de todos os nossos problemas internos. O desenvolvimento do espírito de brasilidade é uma questão de máxima urgência e consiste, essencialmente, em educar o povo através de uma doutrina nacionalista que metamorfoseie todo o indivíduo indiferente pela sorte da sua pátria em um cidadão ardoroso e capaz de todos os sacrifícios para o bem da coletividade brasileira.

O nacionalismo é o pão que fortalece o ânimo e arma o braço do povo contra o dos monstros que nos ameaçam de destruição: o comunismo e o separatismo. Todo o brasileiro que combata os que pregam o nacionalismo, seja qual fôr o seu título, comete o crime de lesa-pátria.

\* \* \*

Entre os propugnadores da idéia — Um Brasil melhor dentro de uma América mais unida — se acha a professora Alba Canizares do Nascimento que ergue uma obra ciclópica, assentando as lages do alicerce no coração da mocidade infantil, embrião da geração que deverá assistir a luta que antivermos, oriunda da confusão ideológica que envergonha o mundo.

Visitei a tenda de labor dessa ilustre educadora e saí de lá deslumbrado com o dinamismo, com o patriotismo e com o entusiasmo que a orienta. Seu trabalho é incomensurável. Prêga sadia brasilidade, aqui no Brasil, e leva às nações irmãs os laços da amizade pura e desinteressada que as congrega, todas,

sem exceção, no sentimento de defesa contra os conquistadores truculentos, contra os novos Neros que desejam fazer o incêndio mundial.

Da obra formidável e quasi fantástica de Alba Canizares avulta a distinção que ela fez na doutrina que paleia, baseada nos sublimes princípios cristãos. Ela representa a sua ação na figura singela de três círculos concêntricos que simbolizam: o central, o patriotismo; o médio, o americanismo; o mais afastado, o humanismo. Vê-se, claramente, o modo como ela enfrenta o problema, partindo do simples para o complexo em três estágios diferentes e bem definidos; ao contrário dos falsos demagogos que querem inverter a ordem natural das cousas.

Lobrigávamos no americanismo uma nuance que de todo não nos agradava — era a de não sermos correspondidos por nossos vizinhos. Esse pressentimento foi, de todo, afastado do nosso espírito pela denodada mestra. Ela provou-nos que a obra é geral e de absoluta reciprocidade. Vimos, mostrados por ela, trabalhos enviados por todas as repúblicas americanas, desde as menores, como Haiti, São Domingos, até às maiores como a Argentina. E que beleza de concepção têm as crianças! Aqui, um gigante construído por cabeças risonhas de petizes caminha sobre o continente americano, personificando a força resultante da união; ali, uma estação P. A. Z. irradiando do Brasil para todas as suas irmãs vizinhas; acolá, um mapa com as superfícies territoriais, matizadas com as côres das bandeiras respectivas. Entre as inúmeras estampas que vimos, achamos notável um retrato do Dr. Getúlio Vargas, desenhado por um menino uruguaio, que, com um gesto bem infantil, colou, no verso, bem na altura dos olhos do Presidente, seu minúsculo retrato.

Os resultados colhidos já são bem apreciáveis, mesmo para os que veem com os olhos da descrença. O "arranha-céu" levantado já domina as edificações adjacentes.

E' sabido ser a educadora patricia uma pacifista. Porém para que os maldosos não confundam seu pacifismo com o dos pacifistas de consciência carunchosa que renegam a guerra por comodidade ou conveniência, vamos transcrever um trecho grandiloquente, no qual fica patente que o centro da figura acima referida é ocupado pelo Exército, isto é: o Exército, julgamos, é o núcleo central das estruturas concêntricas que o seu cérebro sadio imaginou.

"Invectivam uns contra o Exército, são indiferentes outros.

"São contra o Exército: incultos, exploradores ou homens de admirável boa fé e ingênuos.

"Vejo o Exército como necessidade de defesa externa e interna.

"Vejo no Exército o guardião da nossa integridade e da nossa honra, guardião do nosso patrimônio material e espiritual, elemento de coesão, de unidade territorial e moral, a sentinela de nossa nacionalidade."

Santa  
São  
O  
A  
Bela  
Recife  
Pelotas  
Porto  
Cachoeira  
Rio  
Recife  
Foz  
Curitiba  
Un  
Cajuru  
Cidreira  
Ceará  
Maceió  
Barro  
Pesc  
Do  
Boa  
Cidade  
Foz  
S. Fran  
O  
Terra  
Pau  
A  
Boa

## ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
Santa Maria da boca do Monte .....	9
São Paulo — A capital do progresso .....	13
O nascimento da cidade maravilhosa .....	17
A nova capital de Goiaz .....	21
Belo Horizonte — A cidade recém-nascida .....	25
Recife — A Veneza Brasileira .....	29
Pelotas — Cidade que é um mimo .....	33
Pôrto Alegre — A enamorada do Guaíba .....	37
Cachoeira — A Princeza do Jacuí .....	41
Rio Grande — O berço de Tamandaré .....	45
Rezende — A cidade do repouso .....	49
Foz do Iguassú — Uma cidade que floresce .....	53
Curitiba — Cidade sorriso .....	57
Um dia em S. Salvador .....	59
Capitais insulares .....	63
Cidades de fronteiras .....	67
Ceará — Terra da luz .....	71
Maranhão histórico .....	75
Barcaças do sal .....	79
Pesca do Tubarão no Maranhão .....	81
Do Amazonas à Guanabara .....	87
Baía — Berço da nacionalidade .....	93
Clevelândia — Clima caluniado .....	97
Fortalezas — Sentinelas da Pátria .....	101
S. Francisco — Rio agonizante .....	105
O Príncipe de Nassau .....	109
Terras caídas .....	113
Paraiso da hulha branca .....	117
A Mulher do Brasil Colônia .....	121
Babassú — Côco de ouro .....	125

	<i>Pág.</i>
Os Igarauas .....	129
Curiosidades .....	135
Campos de Guarapuava .....	139
Vegetação do Paraná — Oeste .....	143
O carnaval dos índios .....	145
A Pesca do Pirarucú .....	149
A Quebrada do Humahuaca .....	153
A inteligência do Jabotí .....	157
O íncola Brasileiro .....	161
Forte e humilde .....	165
O rio político .....	169
Jaquiranaboia .....	173
Terra da promessa .....	177
Amerabas do Brasil .....	181
Bolpebra .....	185
Borracha — Termômetro da Amazônia .....	189
Cataratas do Iguassú .....	193
Paulo Afonso .....	197
7 Quedas .....	201
O problema do índio brasileiro .....	205
De Paranaquá à Foz do Iguassú .....	209
Stradeli — O enamorado das selvas .....	213
Os bandeirantes do azul .....	219
O Exército e o sertão .....	223
Brasilidade e americanismo .....	229



## OBRAS PUBLICADAS

pela

### Biblioteca Militar

EM 1938

Vol. I	— Jan.	— <b>Em guarda! (Contra o Comunismo)</b> — Col. de vários autores.
" II	— Fev.	— <b>Episódios Militares</b> — Gen. Joaquim S. de Azevedo Pimentel.
" III	— Março	— <b>Os Mestres da Guerra</b> — L. Roussel. Trad. do Gen. Tasso Fragoso.
" IV	— Abril	— <b>A Arte de Comandar</b> — André Gavet. Trad. do 1º Ten. Eduardo Martins Trindade.
" V	— Maio	— <b>Reflexões sôbre o Generalato do Conde de Caxias.</b>
" VI	— Junho	— <b>Antônio João</b> — General V. Benício da Silva.
" VII	— Julho	} — <b>Caxias</b> — Major Afonso de Carvalho.
" VIII	— Agost.	
" IX	— Set.	— <b>Bosquejo Histórico e Documentado das Operações Militares na Província do Rio Grande do Sul</b> — Dr. Saturnino de Souza Oliveira.
" X	— Out.	} — <b>Uskub ou Papel da Cavalaria na Vitória</b> — General Jouinot Gambetta. Tradução do Capitão Salm de Miranda.
" XI	— Nov.	
" XII	— Dez.	— <b>Tibúrcio</b> — Dr. Euzébio de Souza.

EM 1939

Vol. XIII	— Jan.	— <b>Facundo</b> — Domingo Sarmiento. Tradução de Carlos Maul.
" XIV	— Fev.	— <b>Educação Moral do Soldado</b> — Carlo Corsi. Tradução do Estado Maior do Exército.
" XV	— Março	— <b>Grandes Soldados do Brasil</b> — Major Lima Figueiredo.
" XVI	— Abril	} — <b>A Revolução Farroupilha</b> — General Augusto Tasso Fragoso.
" XVII	— Maio	
" XVIII	— Junho	— <b>A Poesia do Dever</b> — Capitão Valter Prestes.
" XIX	— Julho	— <b>Escola Rosa da Fonseca</b> — Edição da Biblioteca Militar.
" XX	— Agost.	} — <b>Vide de Luiz Alves de Lima e Silva</b> — Duque de Caxias — Padre Joaquim Pinto de Campos.
" XXI	— Set.	
" XXII	— Out.	— <b>Pequena História da Grande Guerra</b> — Coronel Blin. Trad. do Cap. Salm de Miranda.
" XXIII	— Nov.	— <b>Bandeiras do Brasil</b> — 1º Tenente Janari Gentil Nunes.
" XXIV	— Dez.	— <b>O Tiro de Morteiro</b> — Capitão Golberí do Couto e Silva.

## EM 1940

- " XXXII — Jan. — **Benjamin Constant** — Benjamin Constant Neto.  
 " XXVII — Fev. } — **Cautela! O Inimigo está Escutando** — Barão de  
 " XXVIII — Março } Grote. Tradução do Gen. Bertoldo Klinger.  
 " — Abril — **Estudos de Português** — Ten. Coronel Jonas  
 " XXIX Correia.  
 " XXX — Maio — **O Paraná na Guerra do Paraguai** — Davi Carneiro.  
 " XXXI — Junho — **Aeronáutica Brasileira** — Domingos Barros.  
 Vol. XXV — Julho } — **Os Generais do Exército Brasileiro** — Alfredo  
 " XXVI — Agost. } Pretextato Maciel da Silva.  
 " XXXIII — Set. — **Notas de Geografia Militar Sul Americana** —  
 " XXXIV — Out. Cel. F. de Paula Cidade.  
 " XXXV — Nov. — **Laguna (Poema)** — Arnaldo Nunes.  
 " XXXVI — Dez. — **Fortificações** — Cap. Inácio Azambuja.

## EM 1941

- Vol. XXXVII — Jan. — **Rio Grande de S. Pedro** — Gen. João Borges Fortes.  
 " XXXVIII — Fev. — **O Espírito Militar na Questão Acreana** — Castilhos  
 Goycochêa.  
 " XXXIX — Março — **A Guarda Morre...** — Marcel Dupont — Trad.  
 de Otávio Murgel de Rezende.

## PUBLICAÇÕES AVULSAS

- Osório** — Ten. Cel. Onofre Lima.  
**Educação Física Militar** — Cap. Gutemberg Aires de Miranda.  
**Antônio João** — Separata do livro **Episódios Militares**.  
**Símbolo da Pátria** — Professor Daltro Santos.  
**Mulheres Brasileiras** — Edição da Biblioteca.  
**Oficial de Cavalaria** — Gen. V. Benício da Silva.  
**Floriano** — Diversos autores.  
**Floriano** — Conferência proferida pelo Dr. Carlos Maul.  
**Caxias** — Conferência do Gen. V. Benício da Silva.  
**Osório** — Conferência do Gen. V. Benício da Silva.  
**Tuiuti é Osório, Osório é Tuiuti** — Gen. Lobo Viana.  
**República Brasileira** — Diversos autores.  
**Anais do Exército Brasileiro 1938.**  
**Faze assim** — Cmt. Frederico Vilar.  
**Floriano** — Carlos Maul.  
**Anais do Exército Brasileiro 1939.**  
**Roteiro dos Andes** — Angione Costa.  
**Centauro de Luvas** — Carlos Maul.  
**A Influência dos Pais de Família na Defesa Nacional** — General V. Benício da Silva.  
**A Força Constitutiva de Um Não** — Conf. proferida pelo Dr. Alexandre Marcondes Filho.  
**República do Perú** — Conf. do Gen. V. Benício da Silva.

## PRÓXIMAS PUBLICAÇÕES

**Método Schreiber** — General Augusto Tasso Fragoso.

**Curso de Transmissões** — Major Paulo Bolivar Teixeira.

**Artilharia** — General Artur Sílio Portela.

**Manual de Serviço em Campanha** — Cap. Horácio Garcia.

**Lições da Guerra de Espanha** — Gen. Durval — Trad. do Cap. Frederico Trota.

**História do Grande Chanceler** — Deoclécio De Paranhos Antunes.

**O Exército dos Estados Unidos** — Tradutor: Cap. Maurício Eugênio de Gusmão Pereira Lessa.

**Comemorações do Dia do Soldado.**

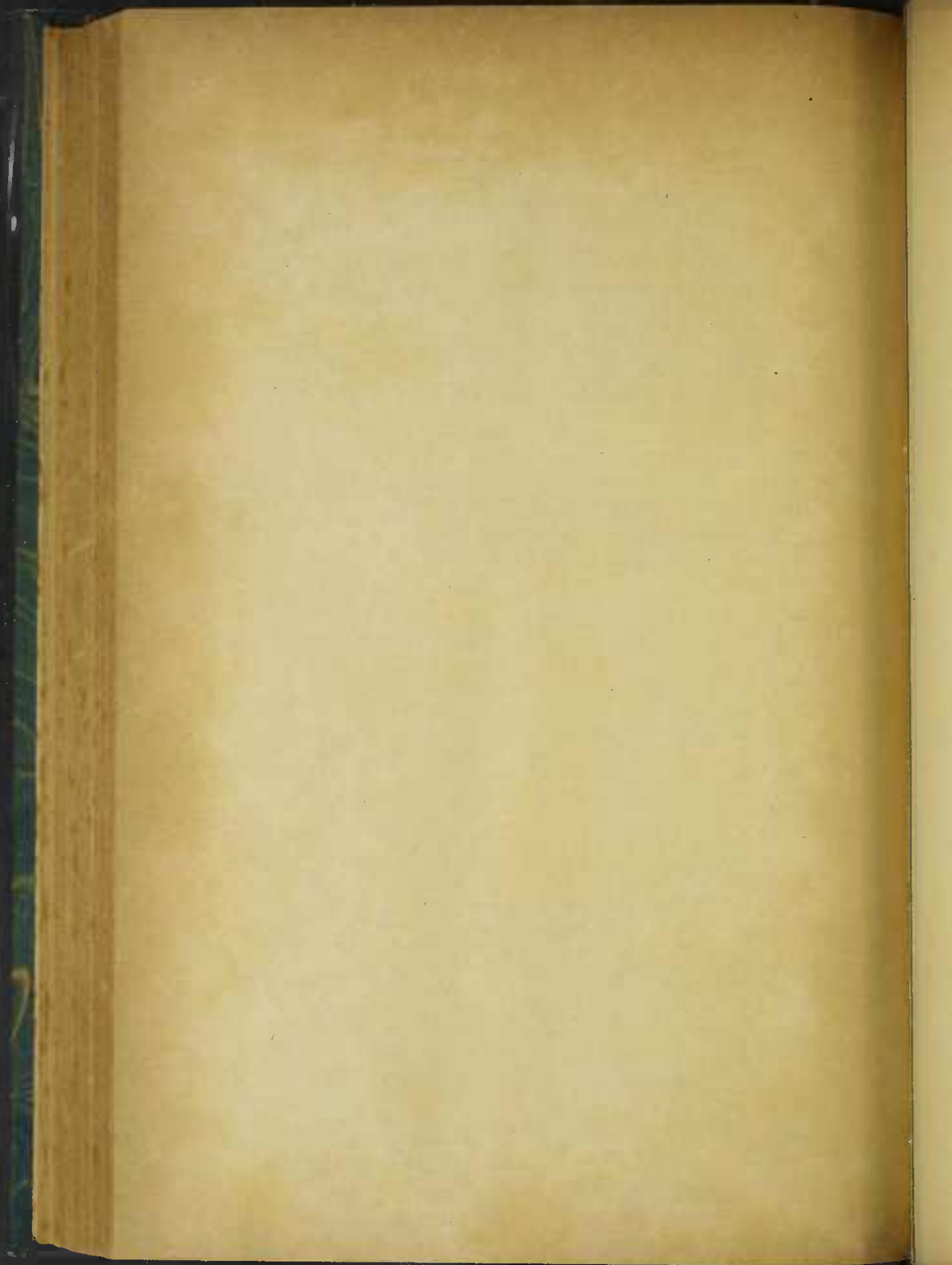
**História Militar do Brasil** — Cap. Genserico de Vasconcelos.

**Artilharia** — Exercícios na Carta — General Artur Sílio Portela.

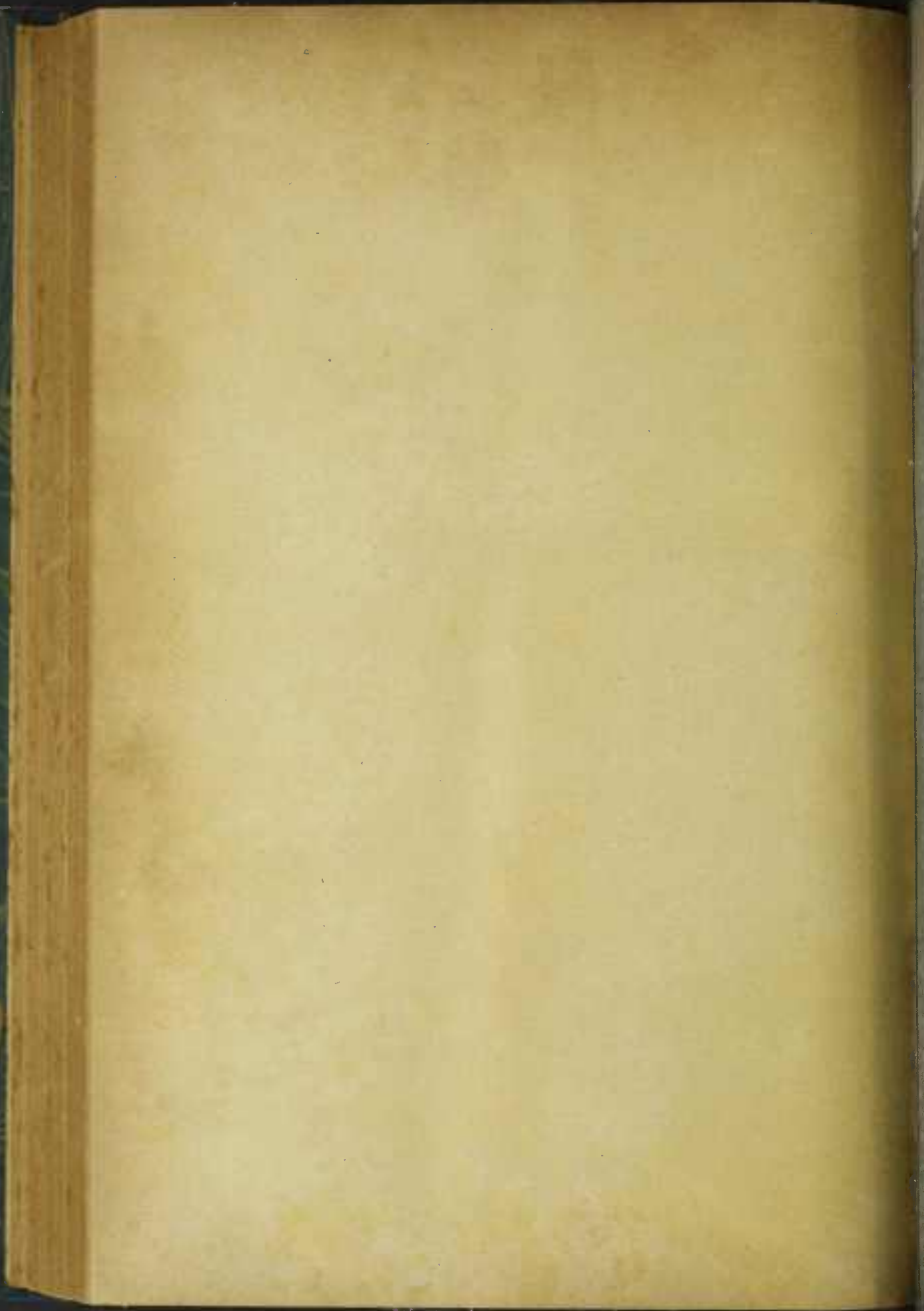
**Brigadeiros e Generais de João VI e D. Pedro I no Brasil** — Cel. Laurênio Lago.

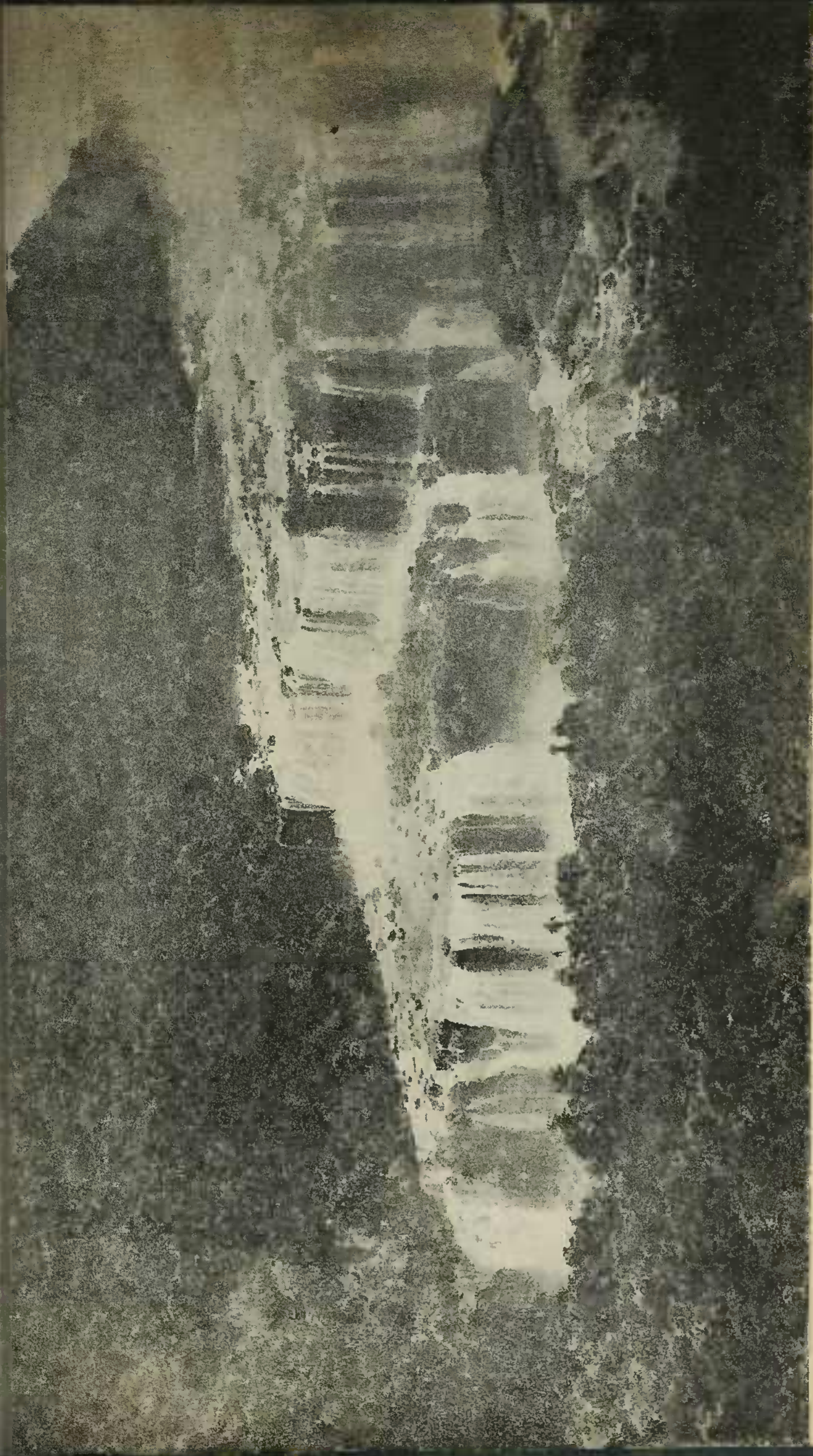
**Fundamentação da Ortografia Simplificada** — Daltro Santos.

**Santa Catarina no Exército** — Almirante Henrique Boiteux.

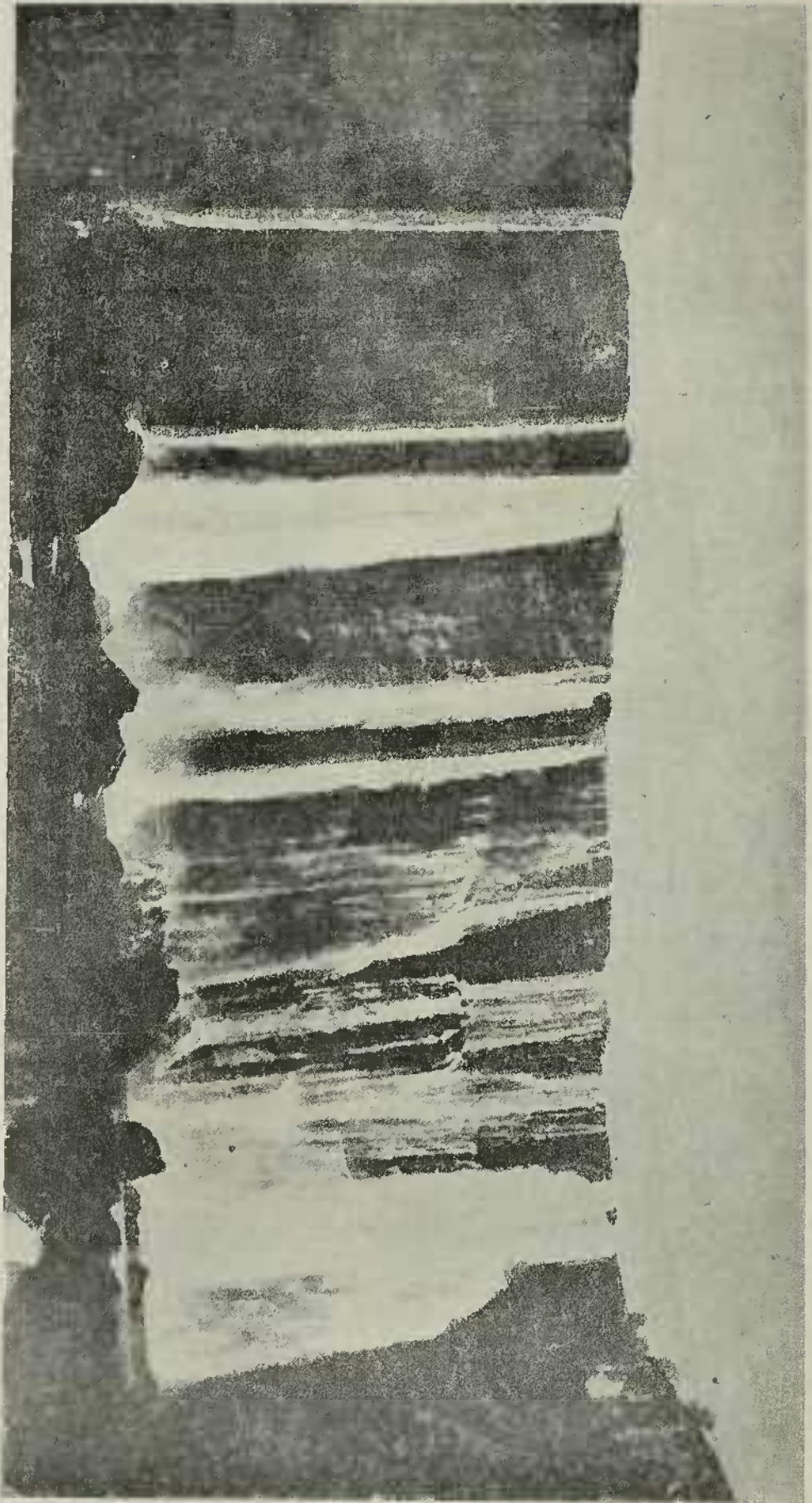






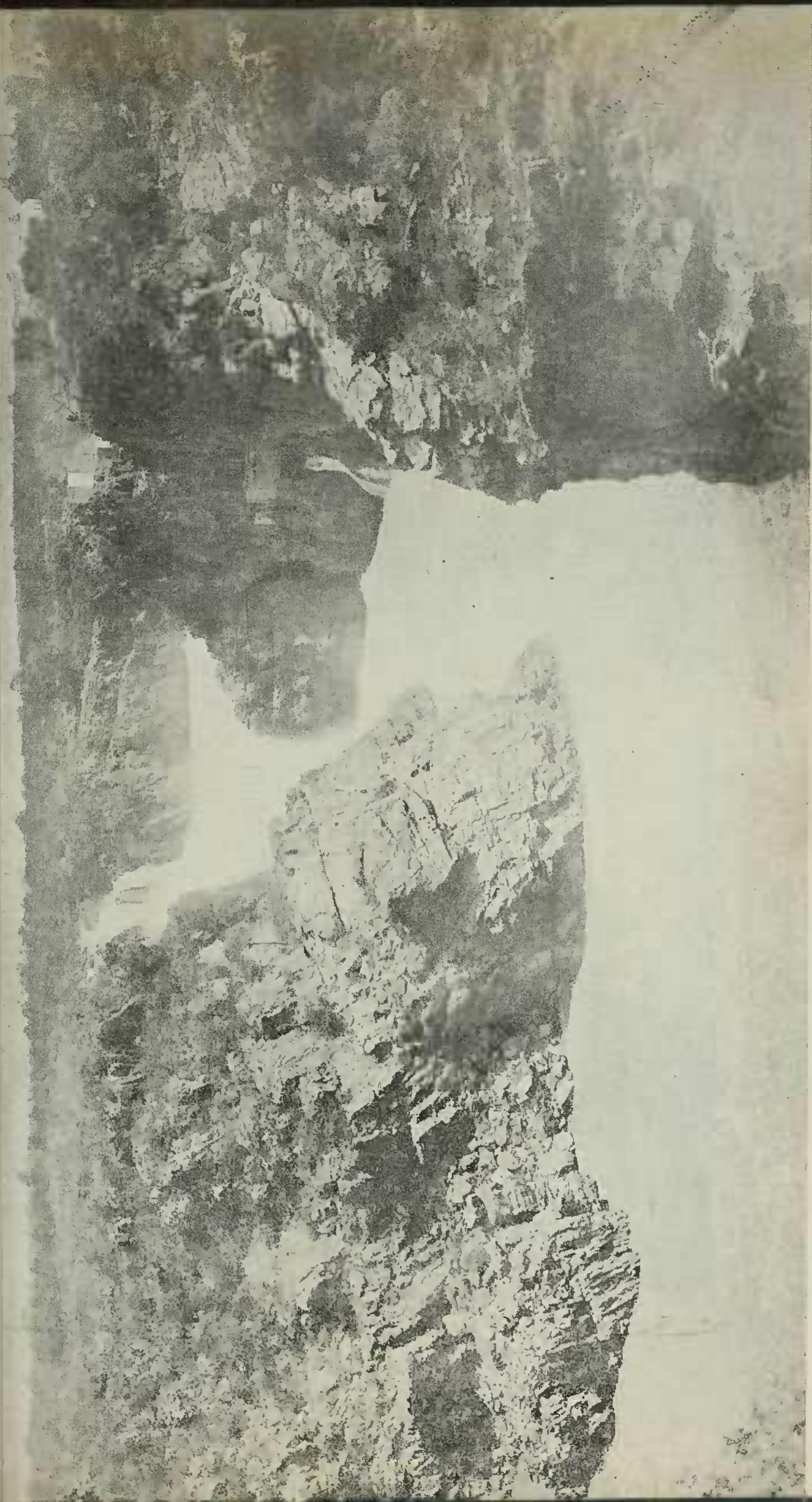


CATARATAS DO IGUASSÚ. — Os saltos se desenvolvem em semi-círculo a partir da margem brasileira até alcançar a Argentina por onde se estendem.

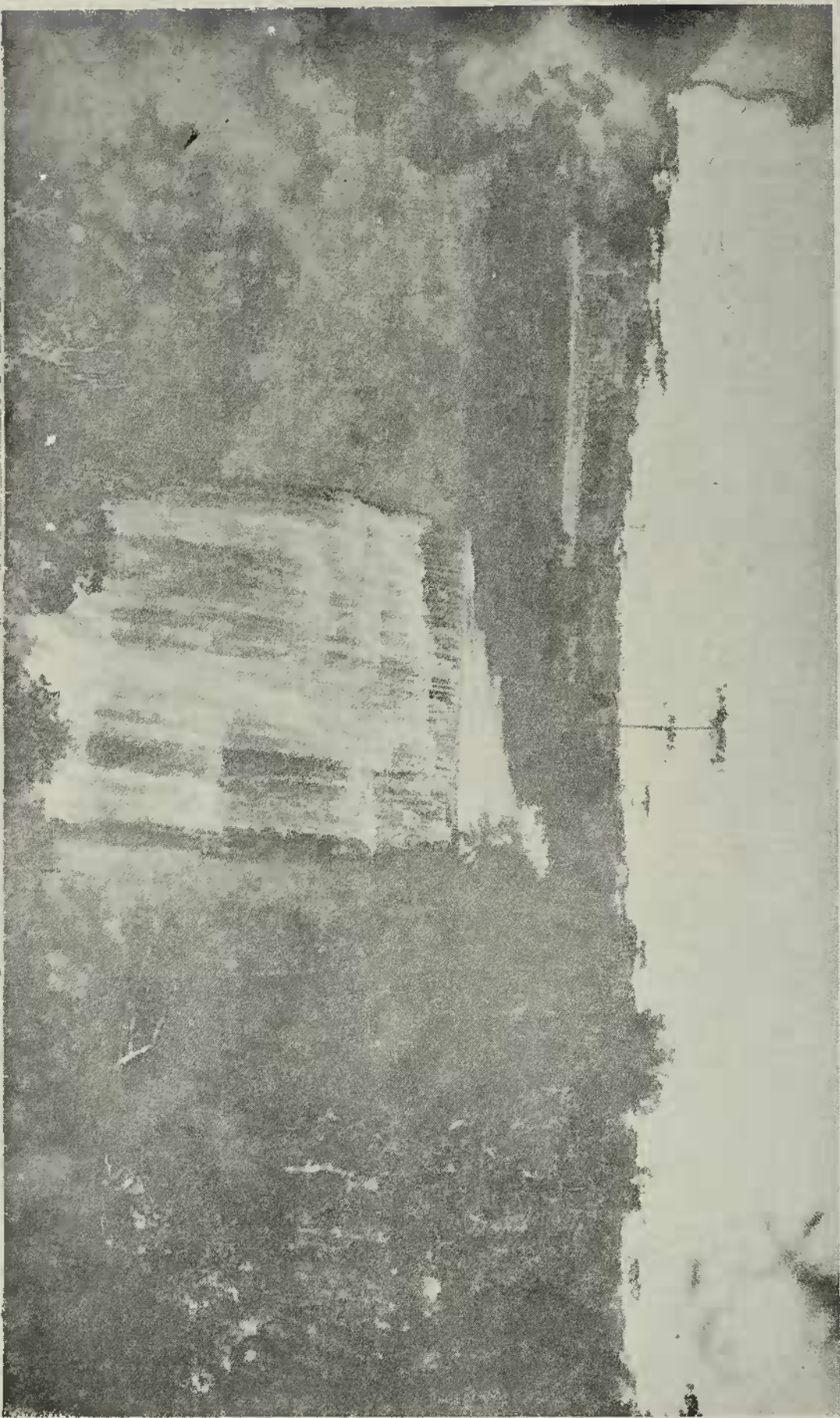


O lindíssimo salto de Curicáca no rio Jordão, afluente do Iguaçu, no Município de Guatrapiava.





A famosa cachoeira de Paulo Afonso — Rio S. Francisco.



A alvinitente cascata Vêu de Noiva. Aguas do Corumbataí, afluyente do Ivaí. Estrada de rodagem Guarapuava - Pitanga.

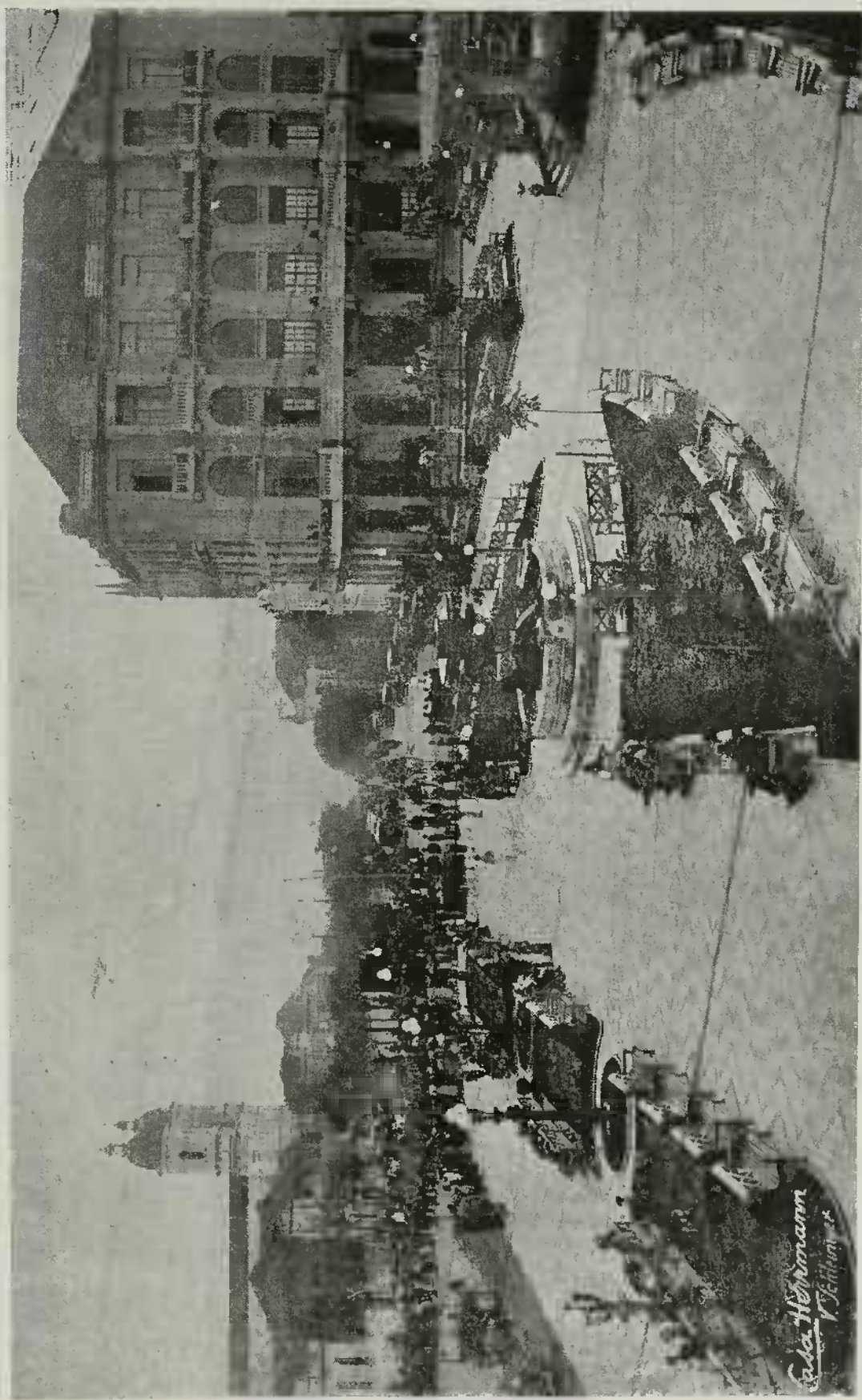


Cap. TUPÍ BRACK.

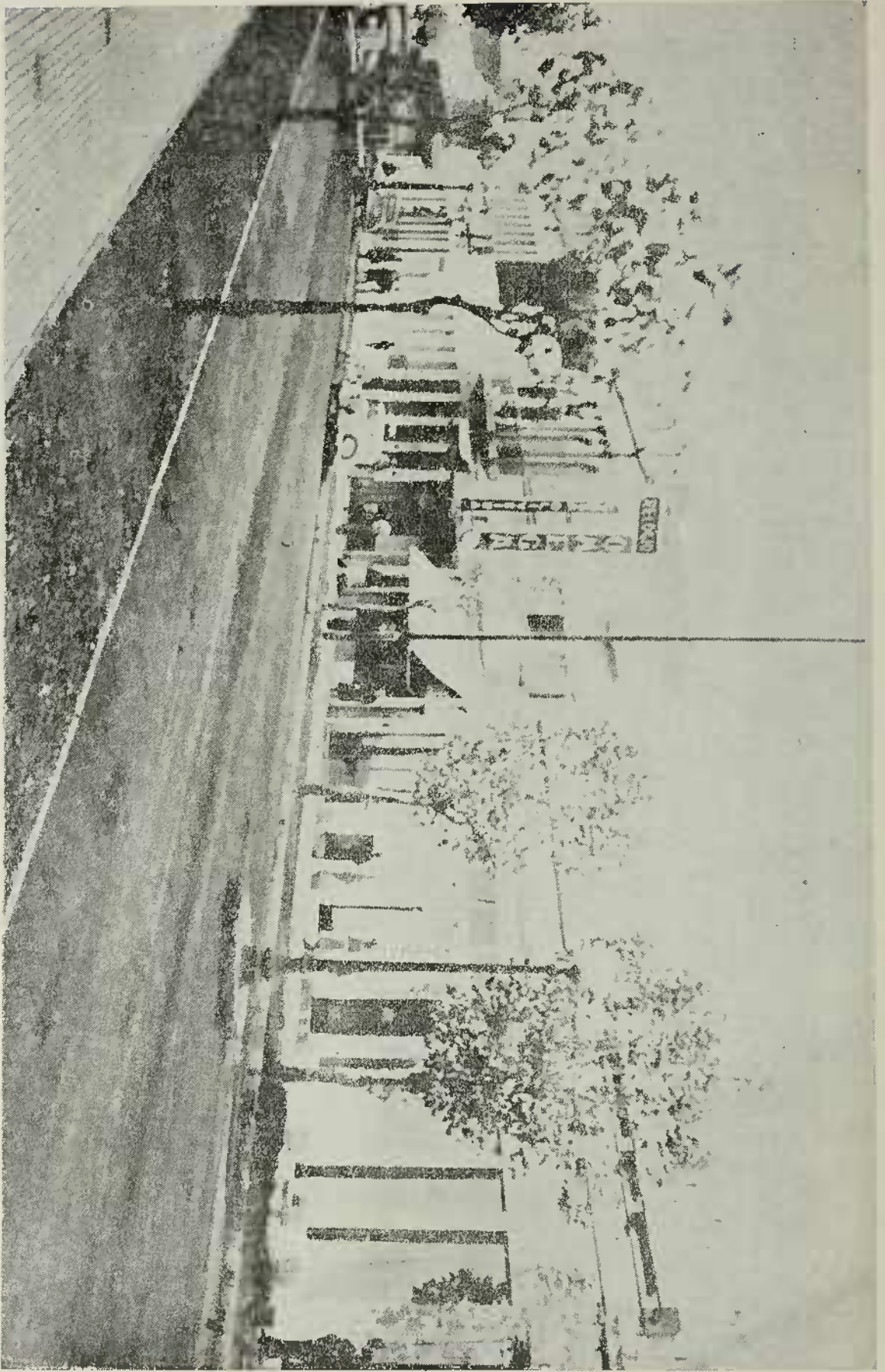
Autor do projeto da Vila Militar de Uruguaiana.



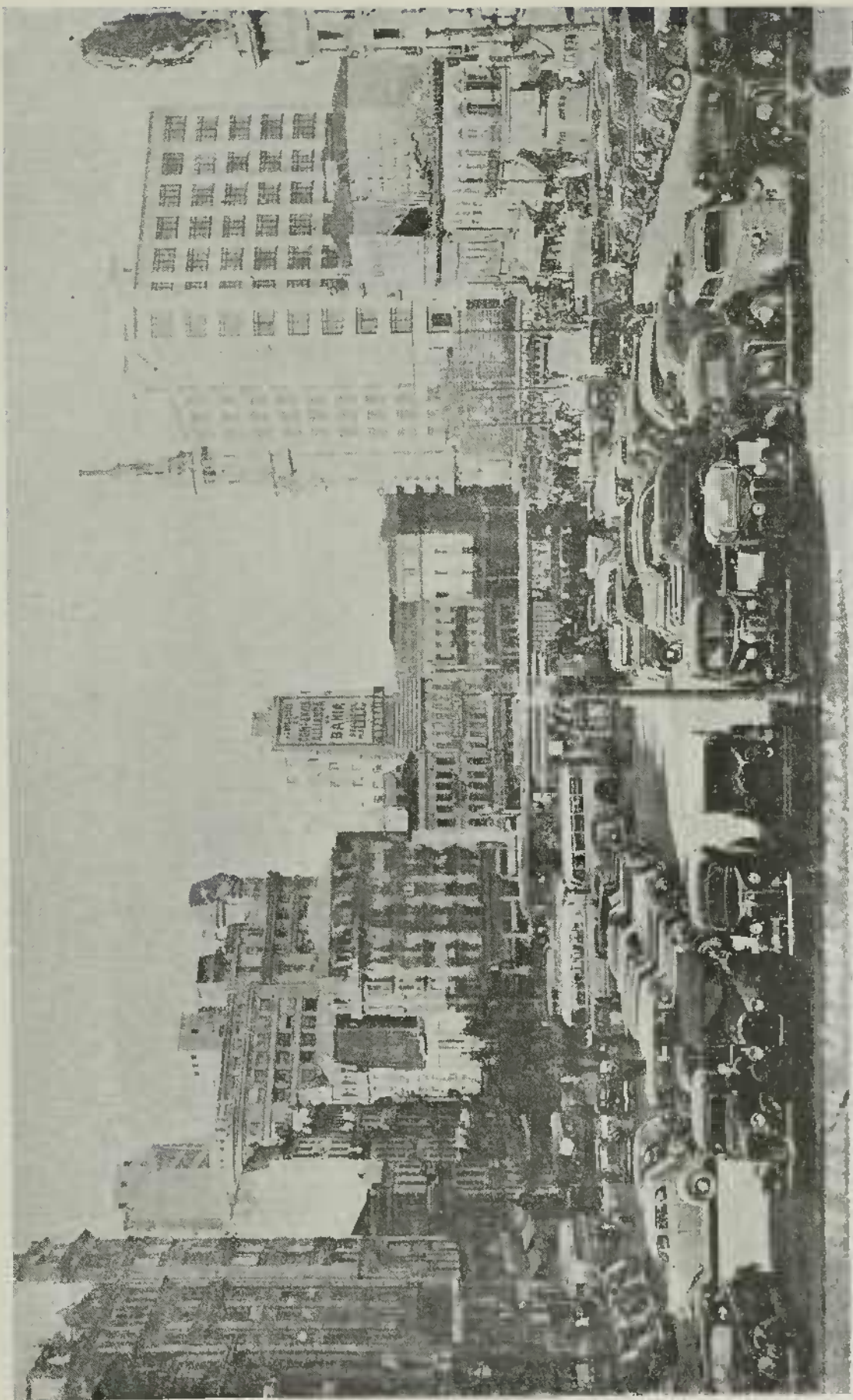
A Vila Militar de Uruguaiiana e seus arredores.



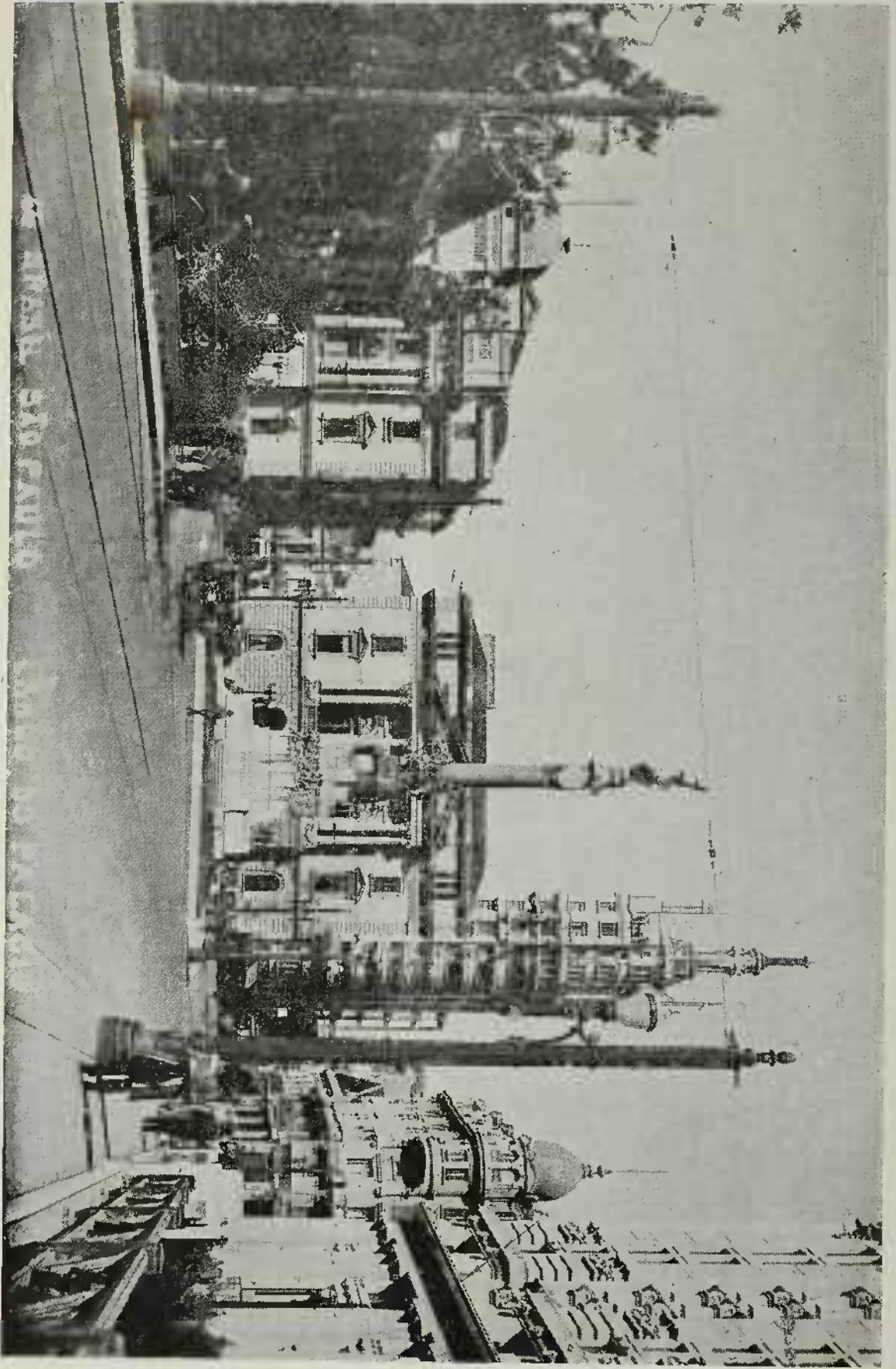
Desfile do Batalhão Ginásial "Flores da Cunha" pelas ruas da cidade de Santa Maria.



Avenida Duque de Caxias — Uruguaiana.

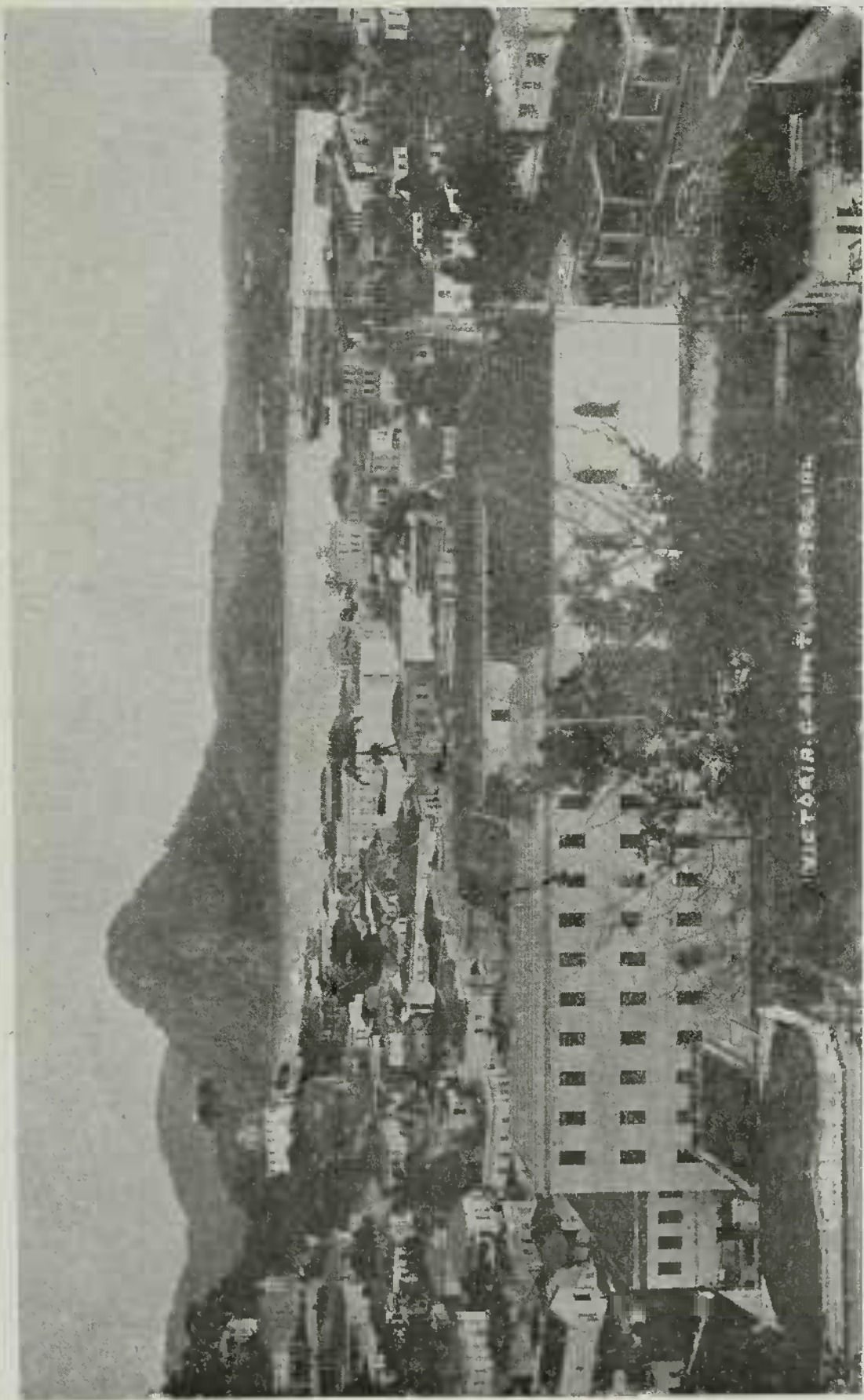


ASPECTO DE S PAULO. — Praça da Sé, vendo-se o novo edifício da Caixa Econômica Federal.

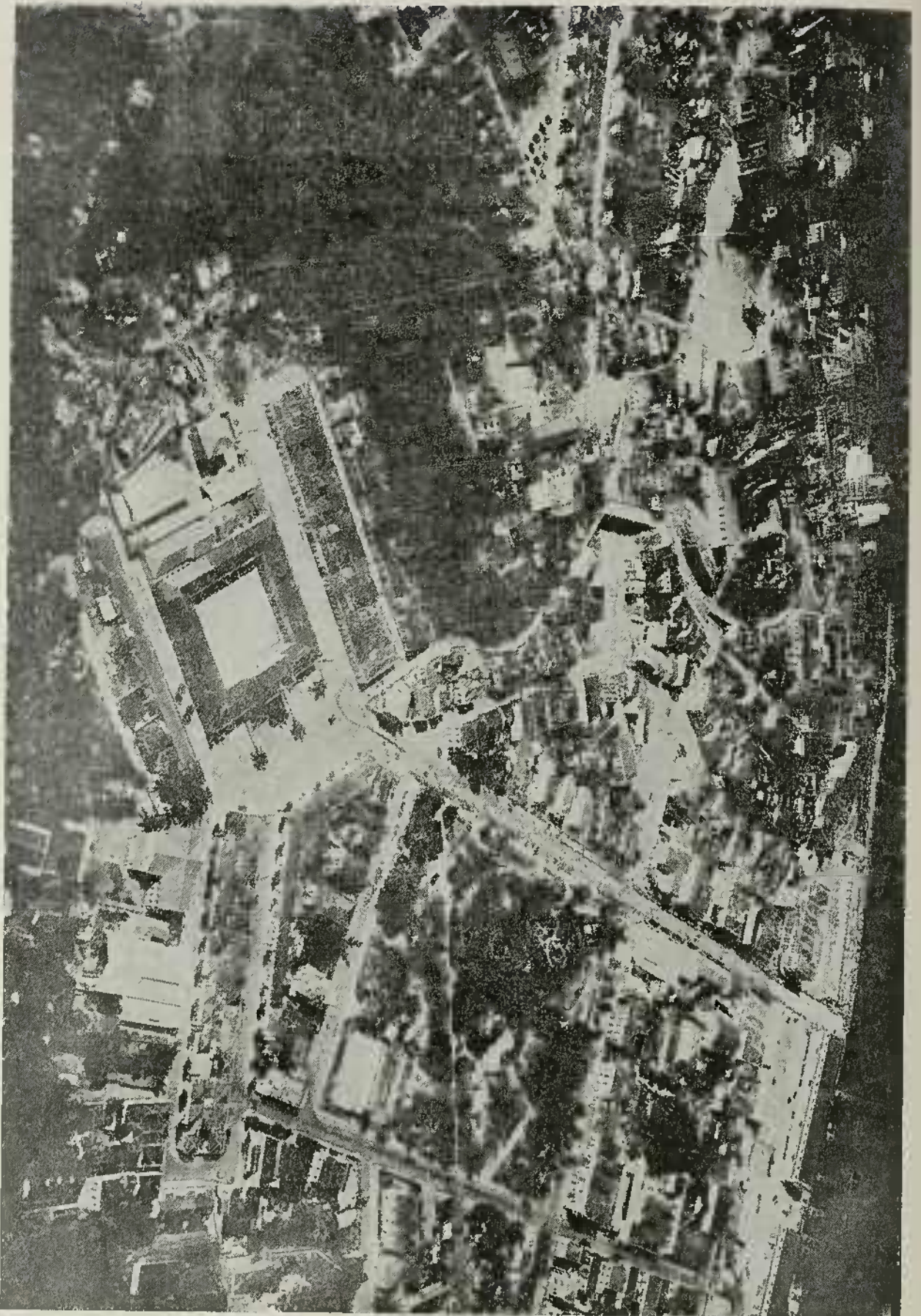


ASPECTO DE S. PAULO. — Largo do Palácio.

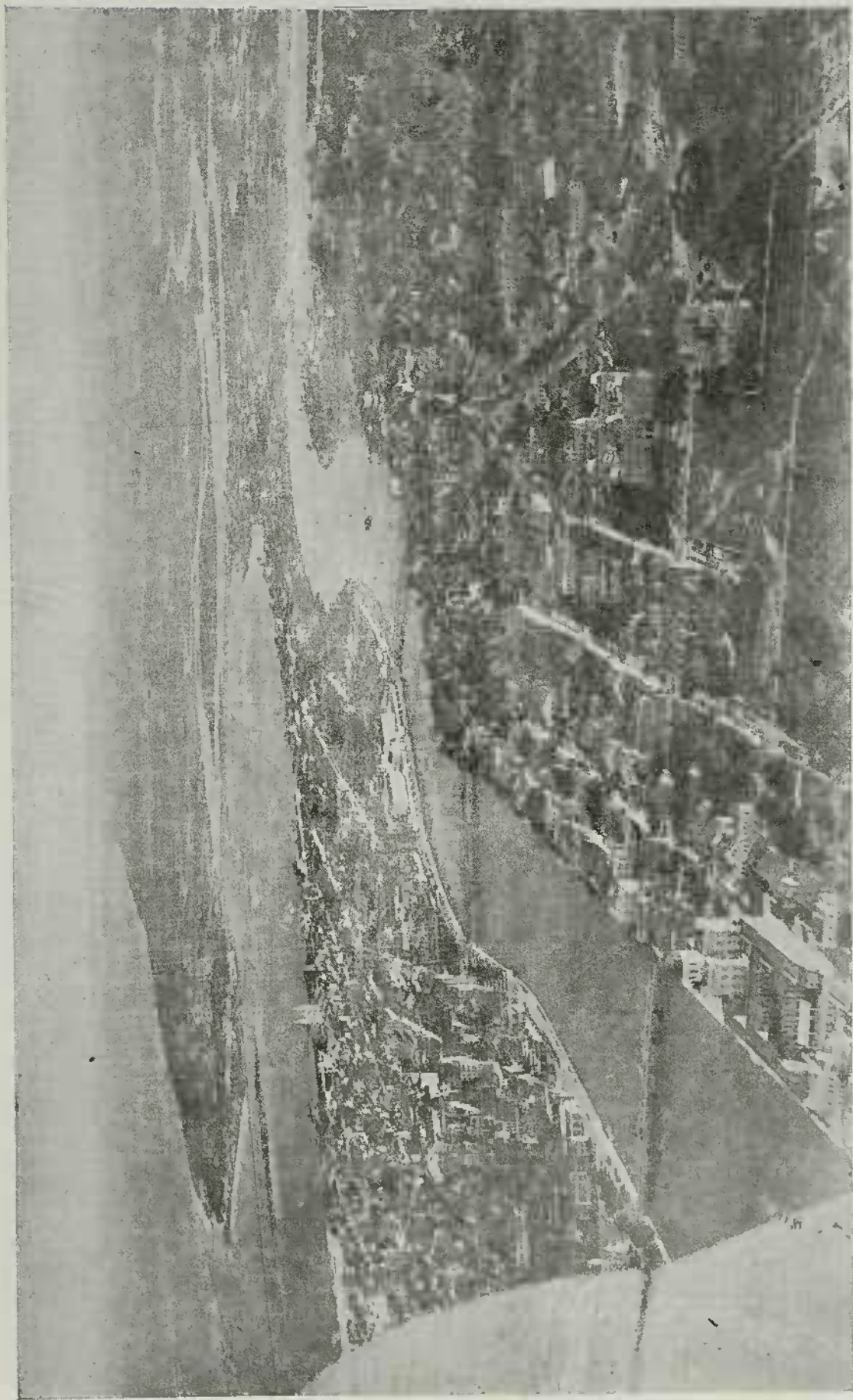




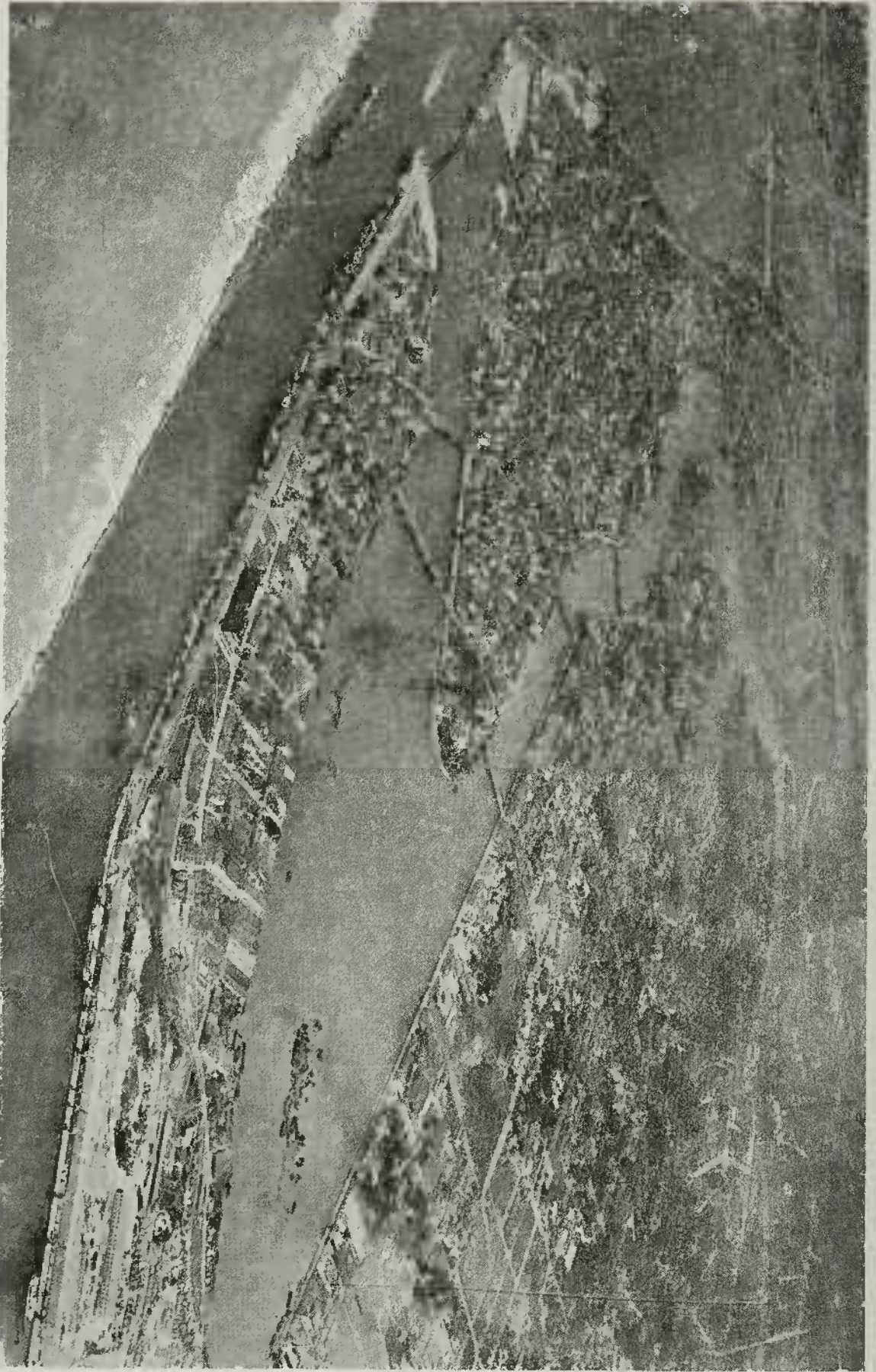
Apertada entre a montanha e o mar, a cidade de Vitória apresenta panoramas que encantam o observador mais exigente.



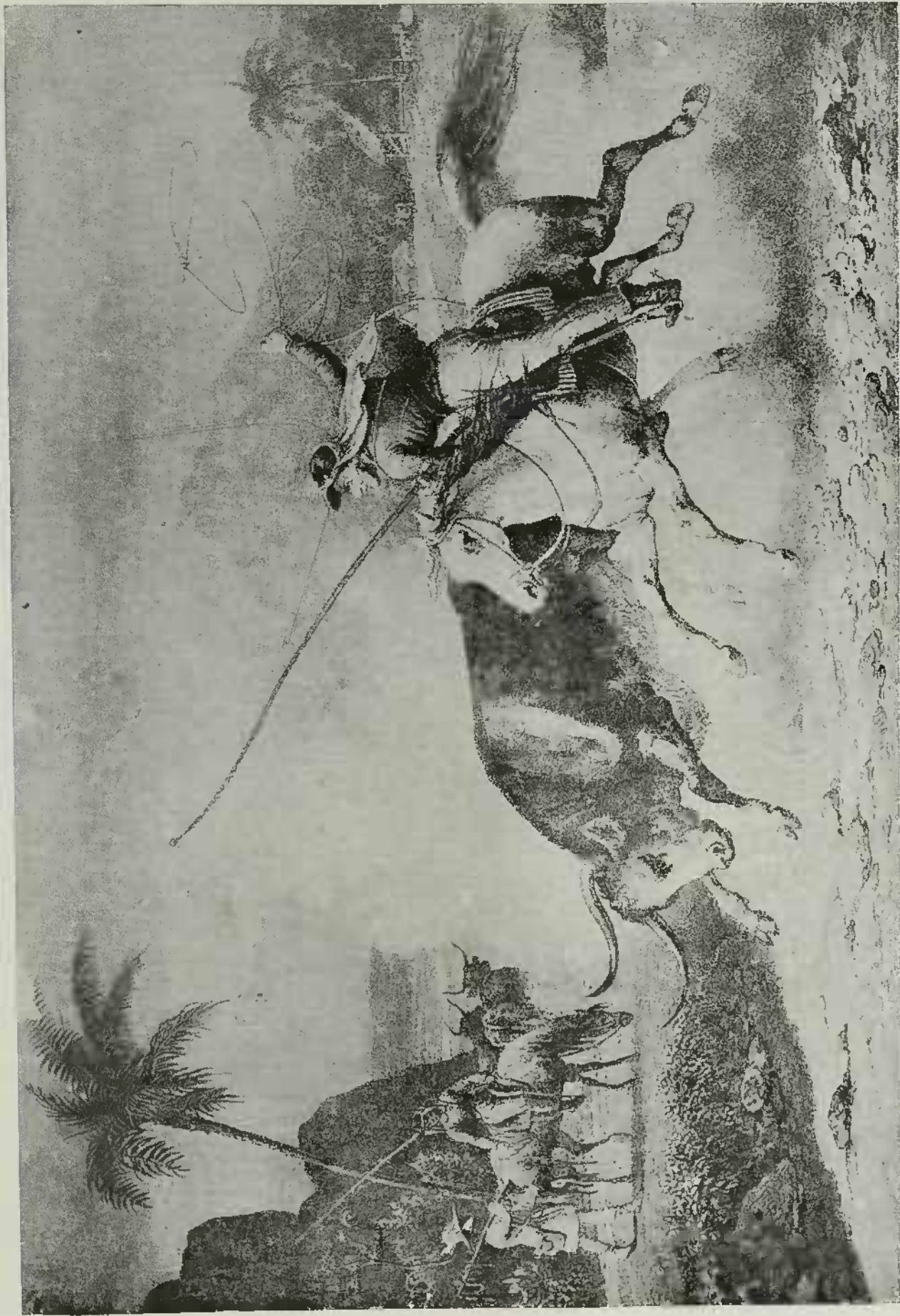
ASPECTO DO ESPÍRITO SANTO. — Vista central da cidade de Vitória.



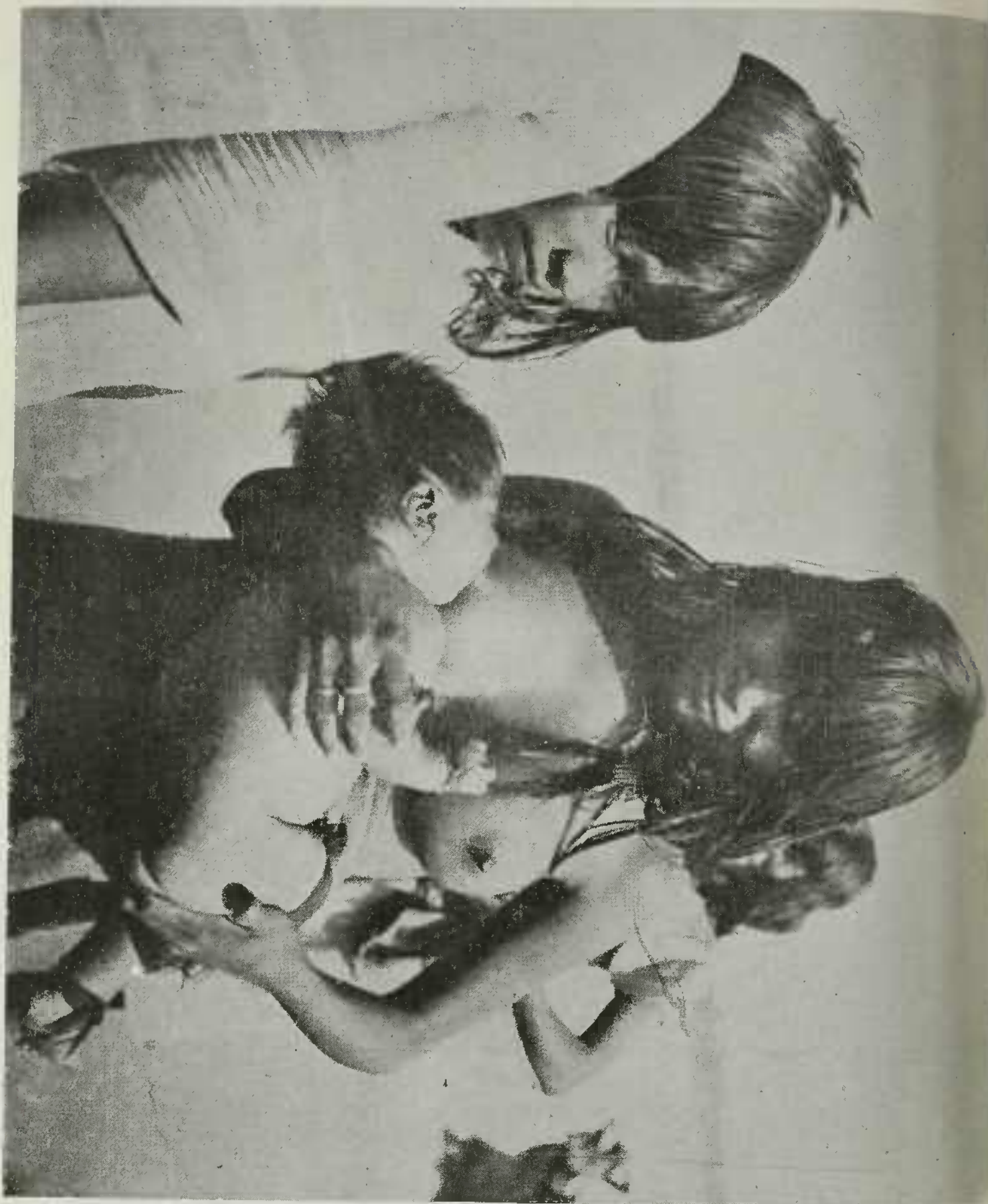
ASPECTO DE PERNAMBUCO. — A capital pernambucana vista do alto.



ASPECTO DE PERNAMBUCO. — A Veneza do Brasil vista do alto.



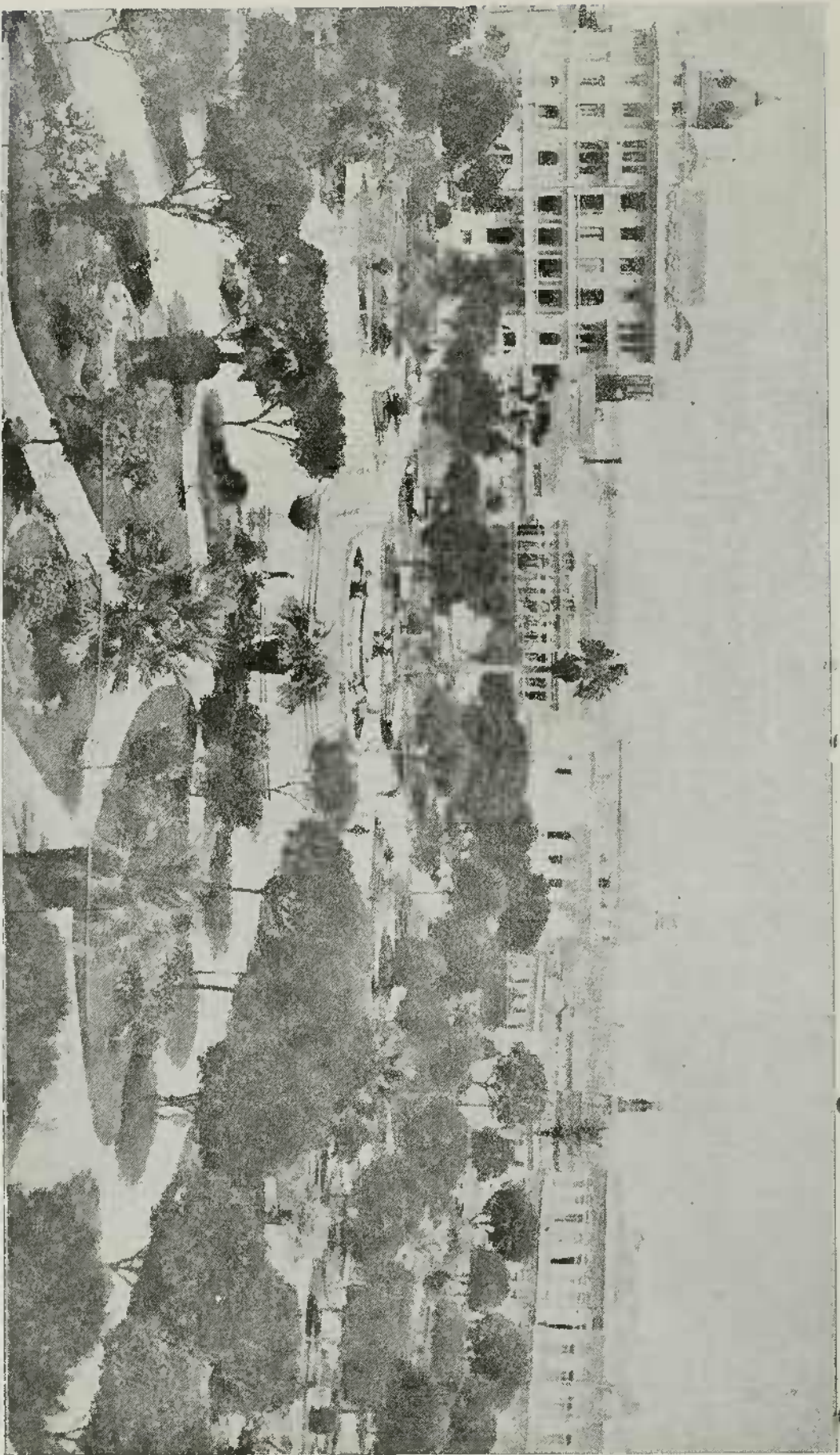
BRASIL DE OUTRORA. — Habitantes de Goiás.



Uma amorosa índia carajá amamenta seu filhinho. Ilha do Bananal — Rio Araguaia.

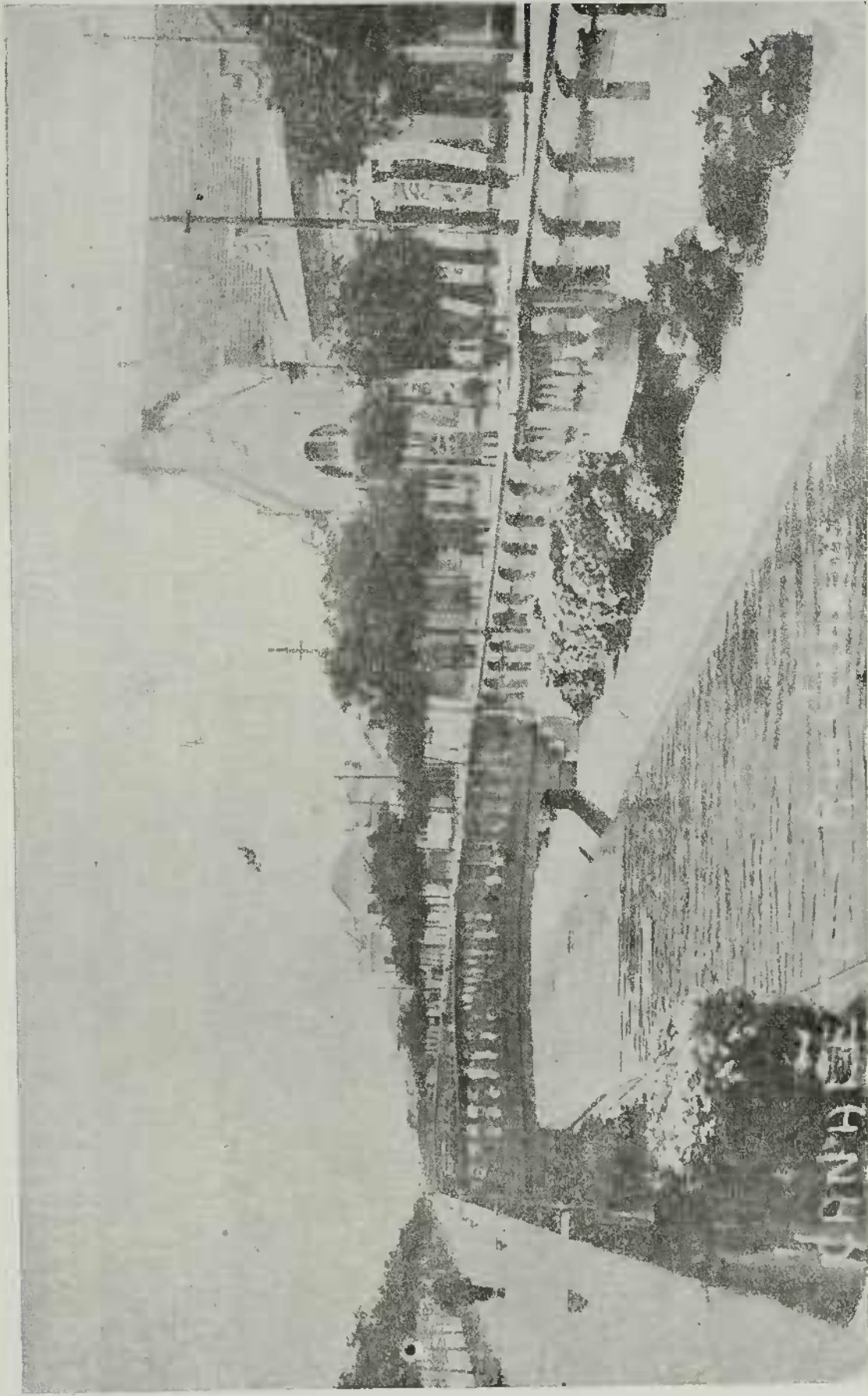


ASPECTO CARIOCA. — A vegetação pujante e um trecho magnífico da mirífica Capital do Brasil.

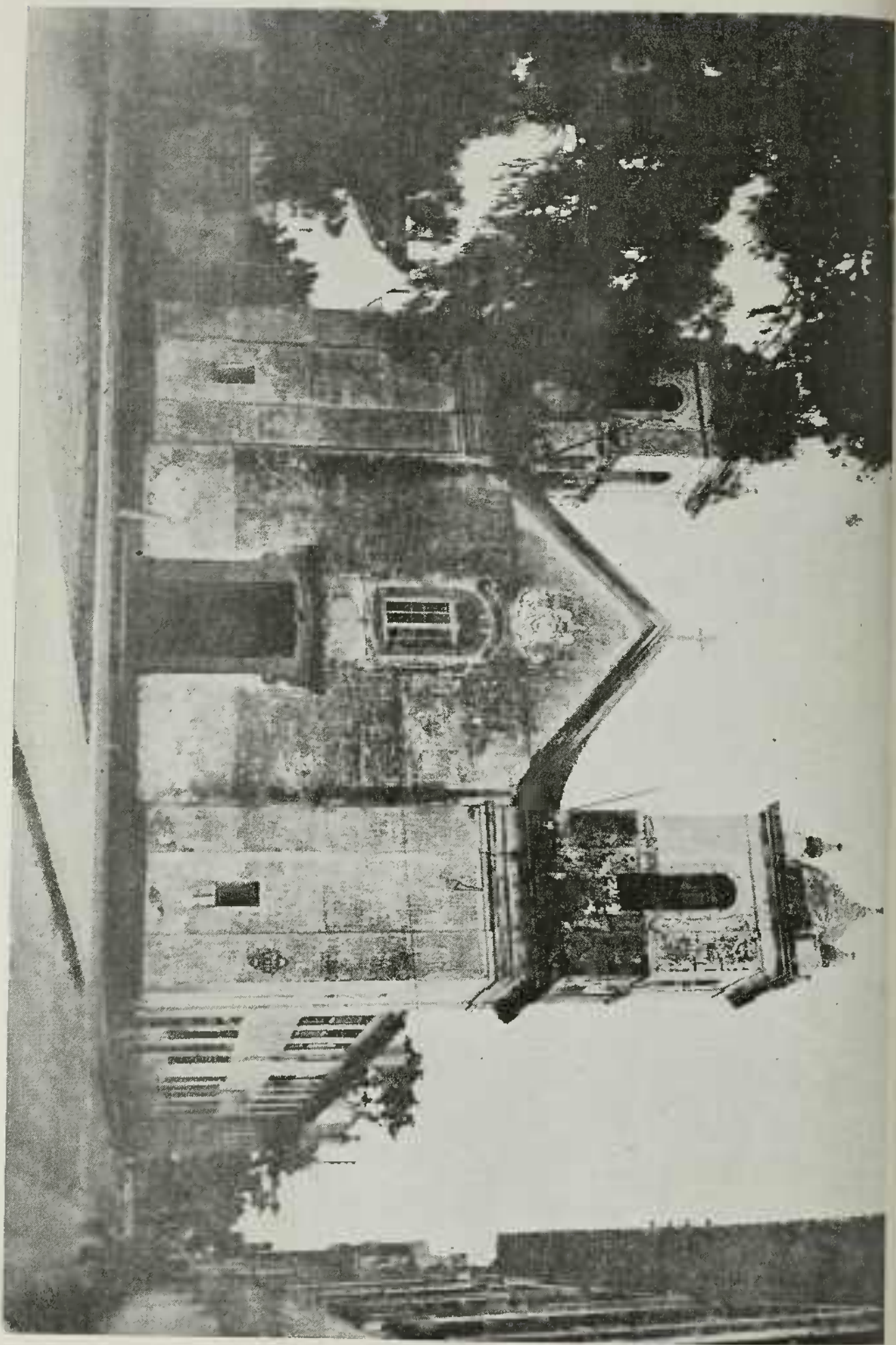


Praca da Republica — um dos mais apraxíveis recantos da mimosa cidade de Pelotas.





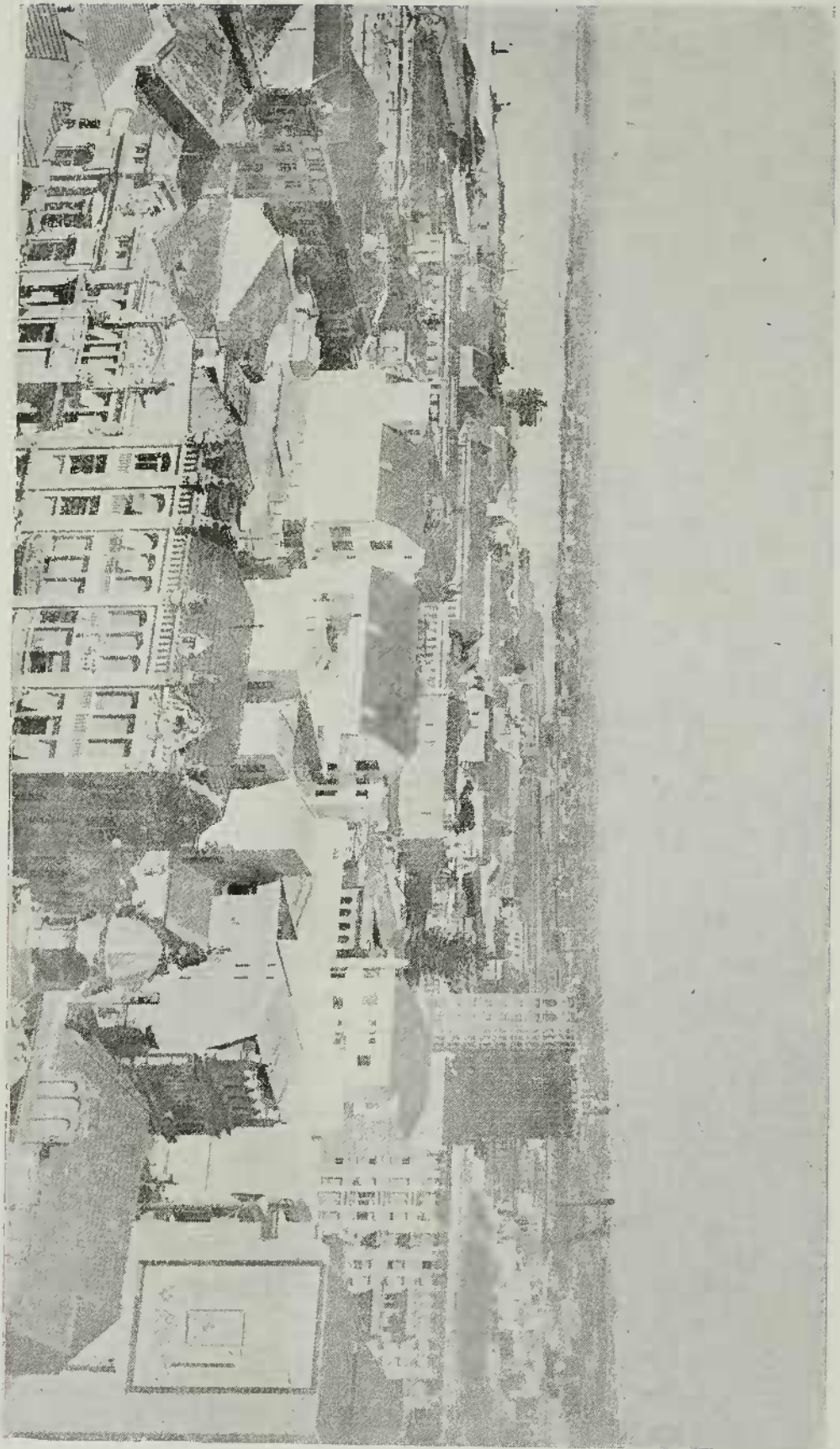
O Cançote lembra a nossa Avenida Paulo Frontin, porém onde aqui encontramos grama, lá belíssimas hortências.  
Rio Grande.



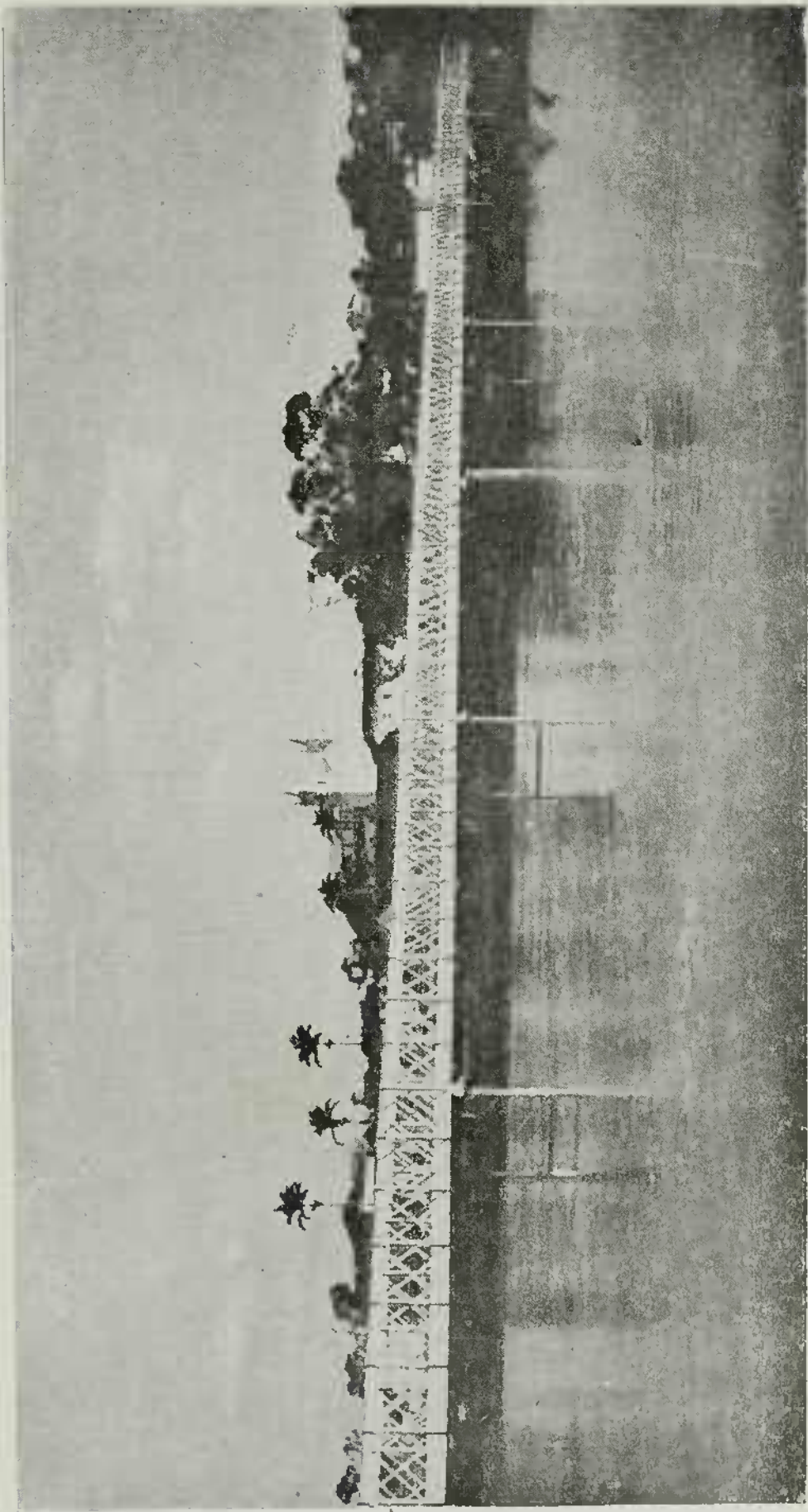
A matriz de S. Pedro do Rio Grande erigida por Gomes Freire de Andrade, em 1752.



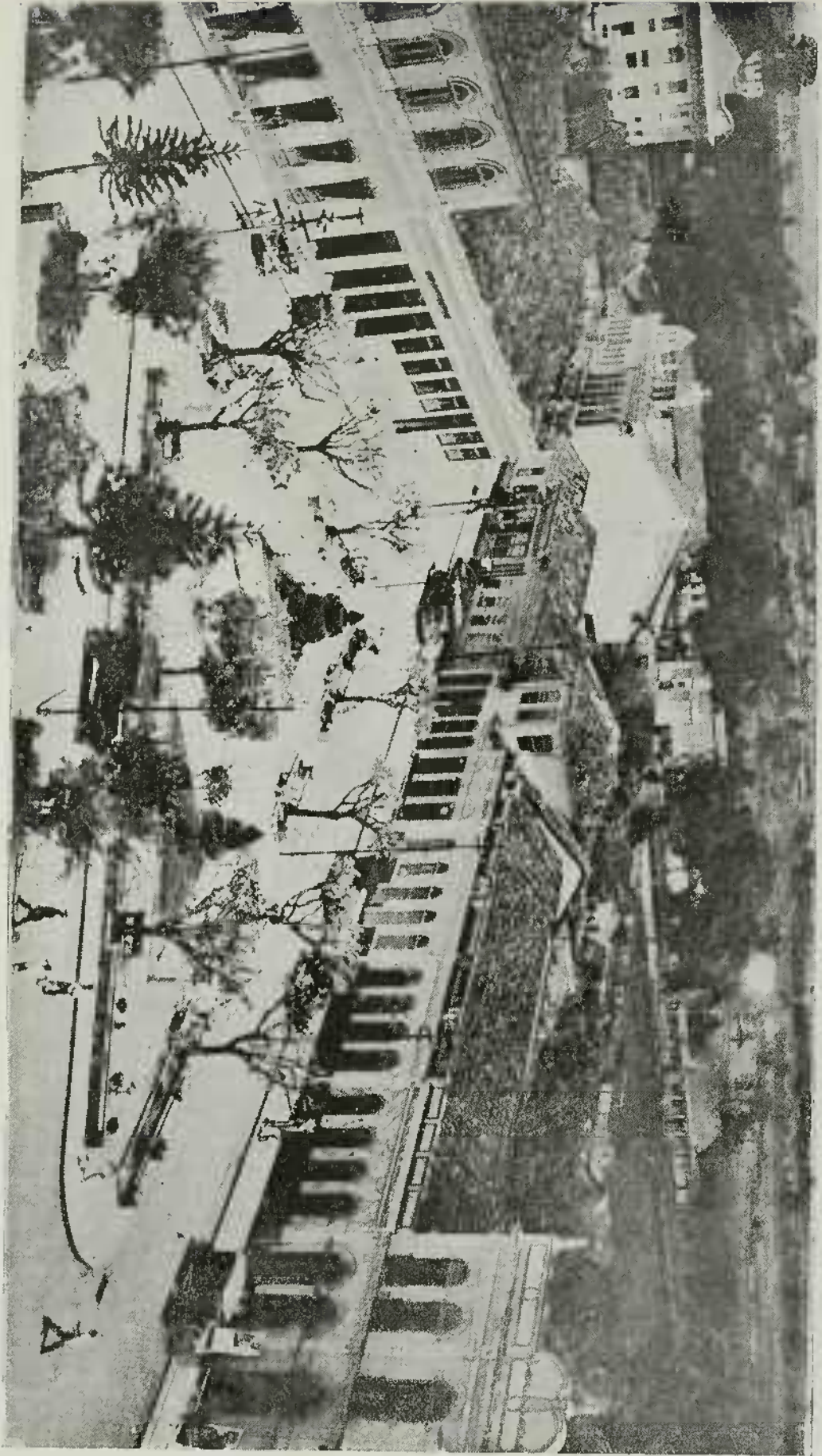
ASPECTO DE MINAS GERAIS. — Vista parcial de Belo Horizonte — Cidade onde as flores são mais belas, as frutas mais saborosas e o povo mais sadio.



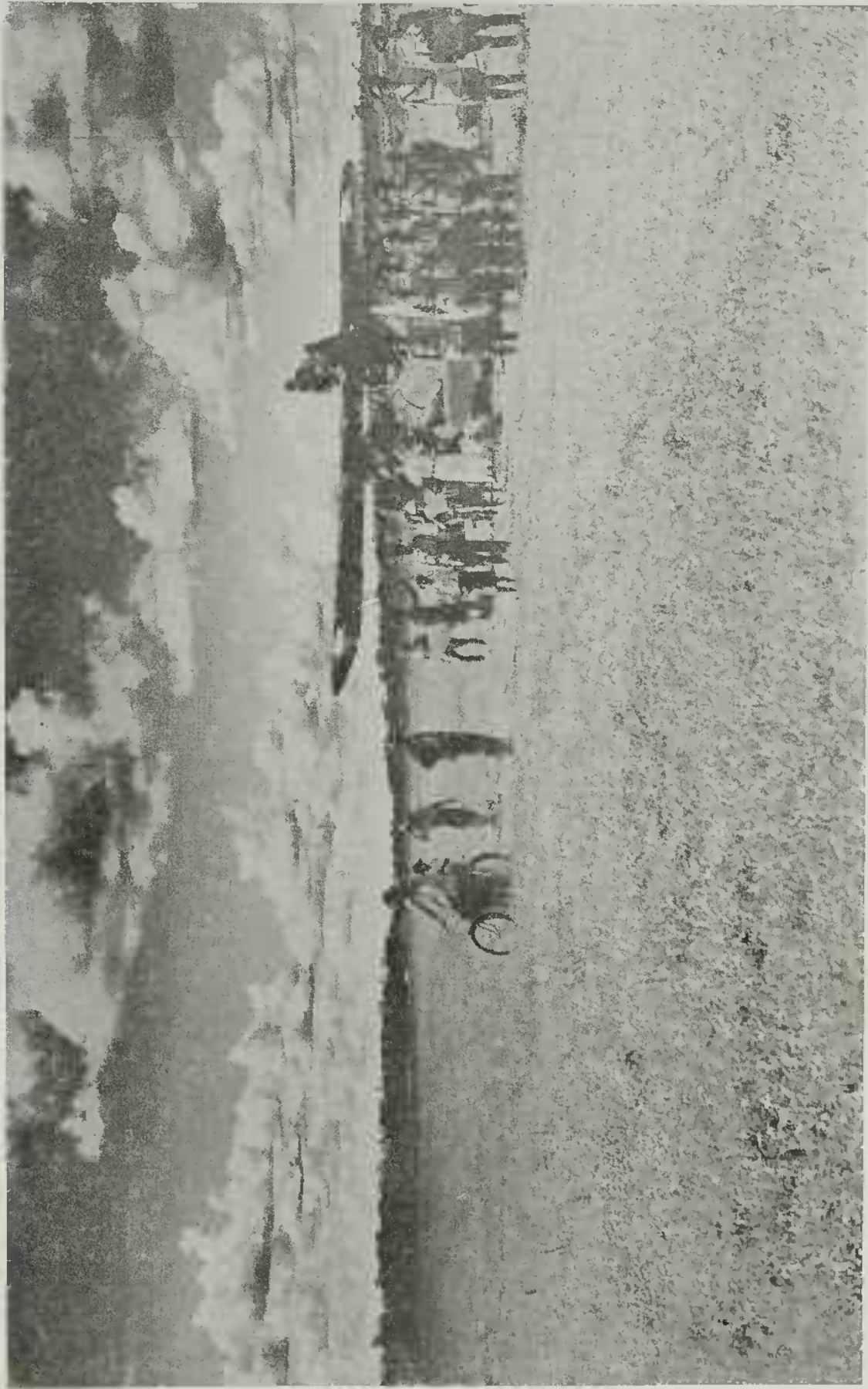
Porto Alegre



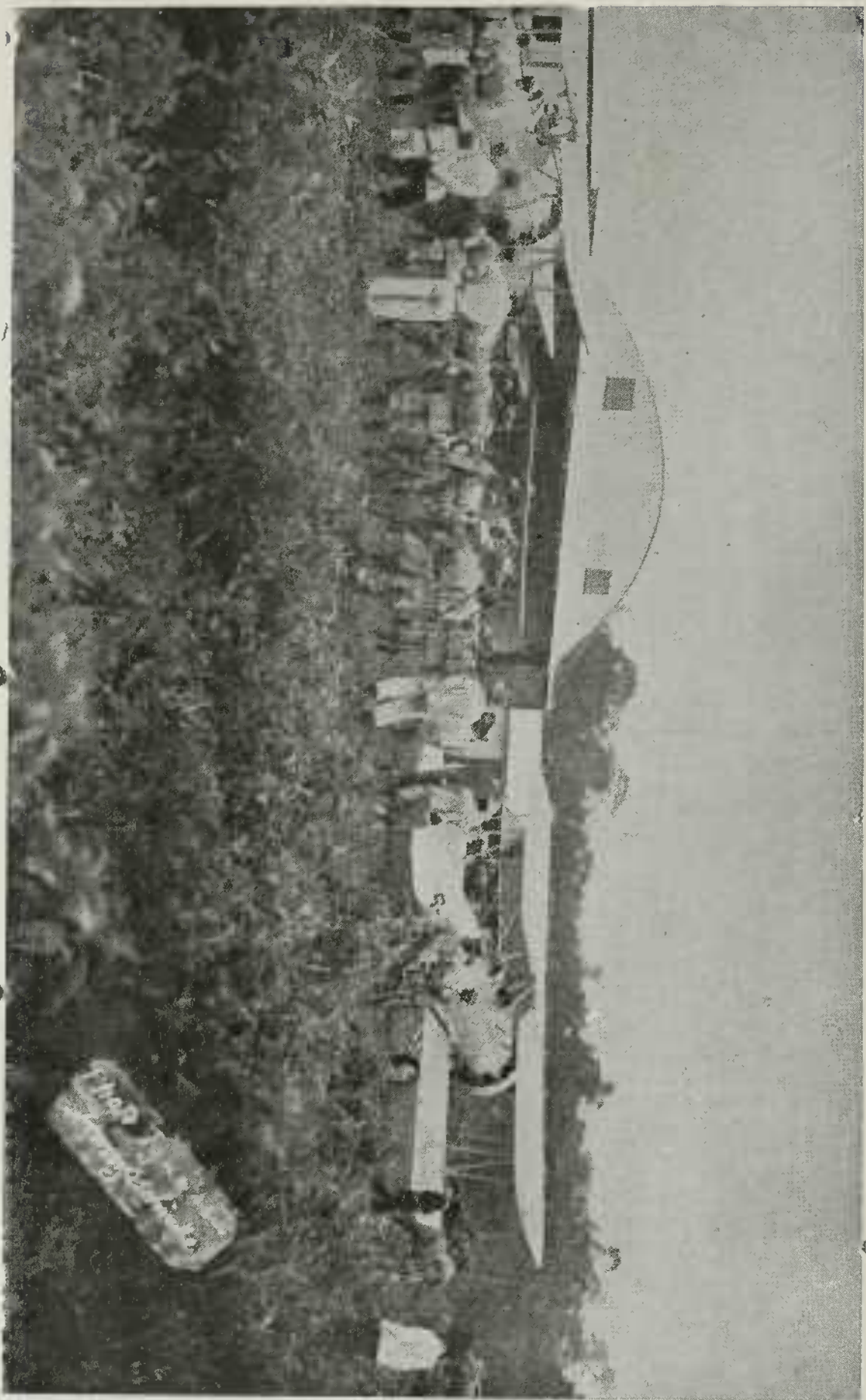
ASPECTO FLUMINENSE — A majestosa ponte sobre o Paraíba, na cidade de Rezende.



ASPECTO FLUMINENSE. — Praça Oliveira Botelho — Rezende

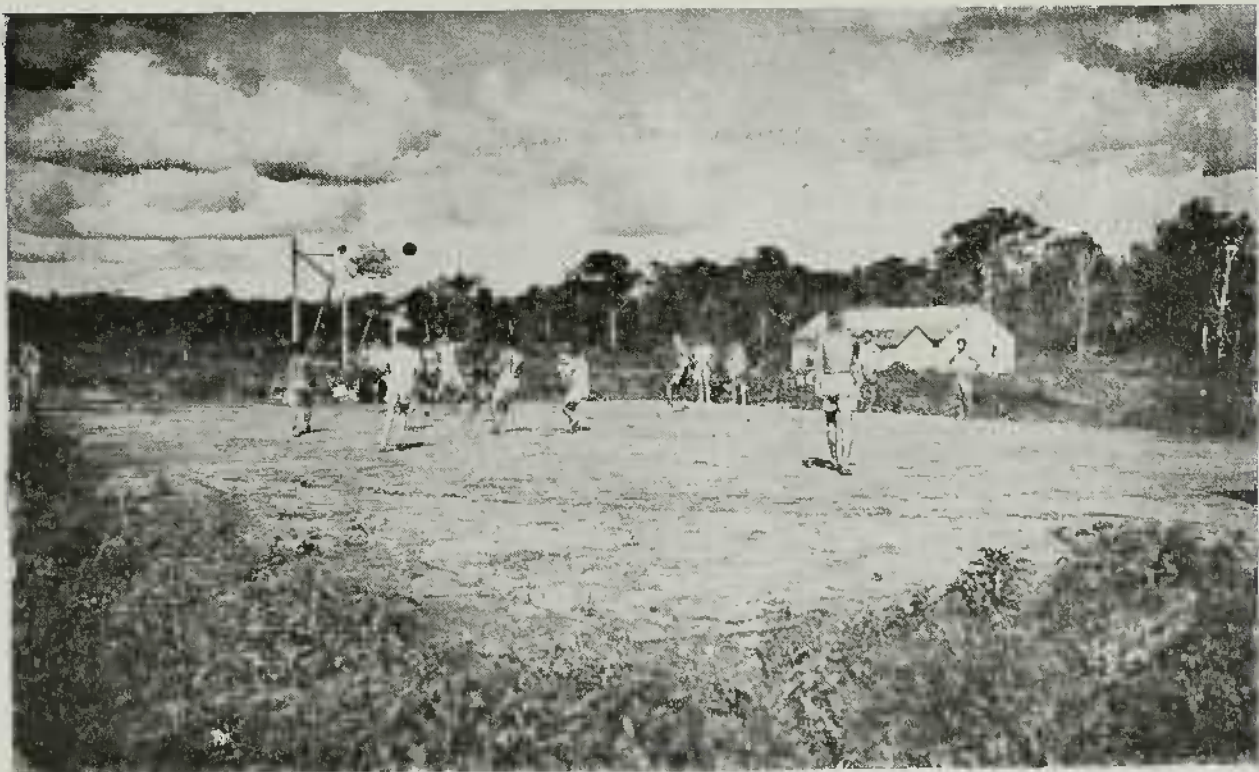


Sempre é festiva a chegada do Correio Aéreo Militar na região extremenha de Foz do Iguaçu.

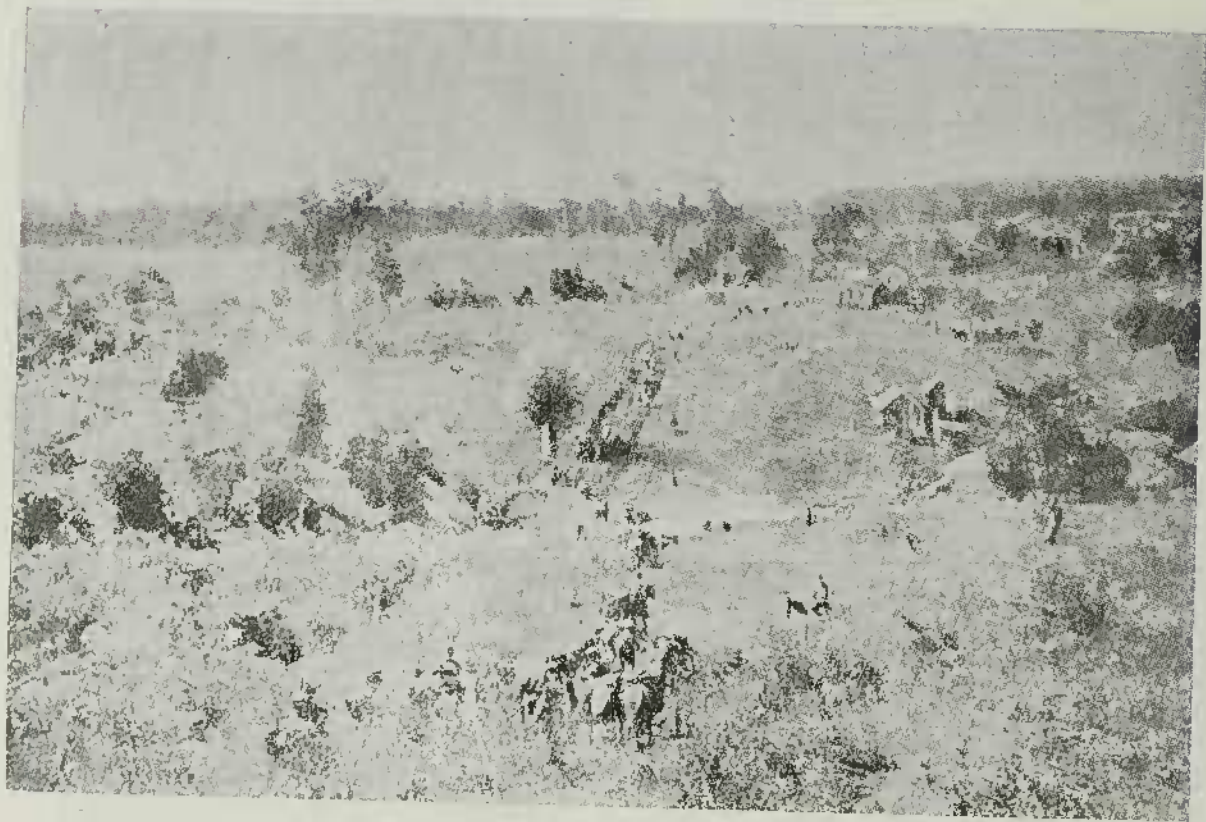


FOZ DO IGUASSU. Hangar da Aviação Militar.

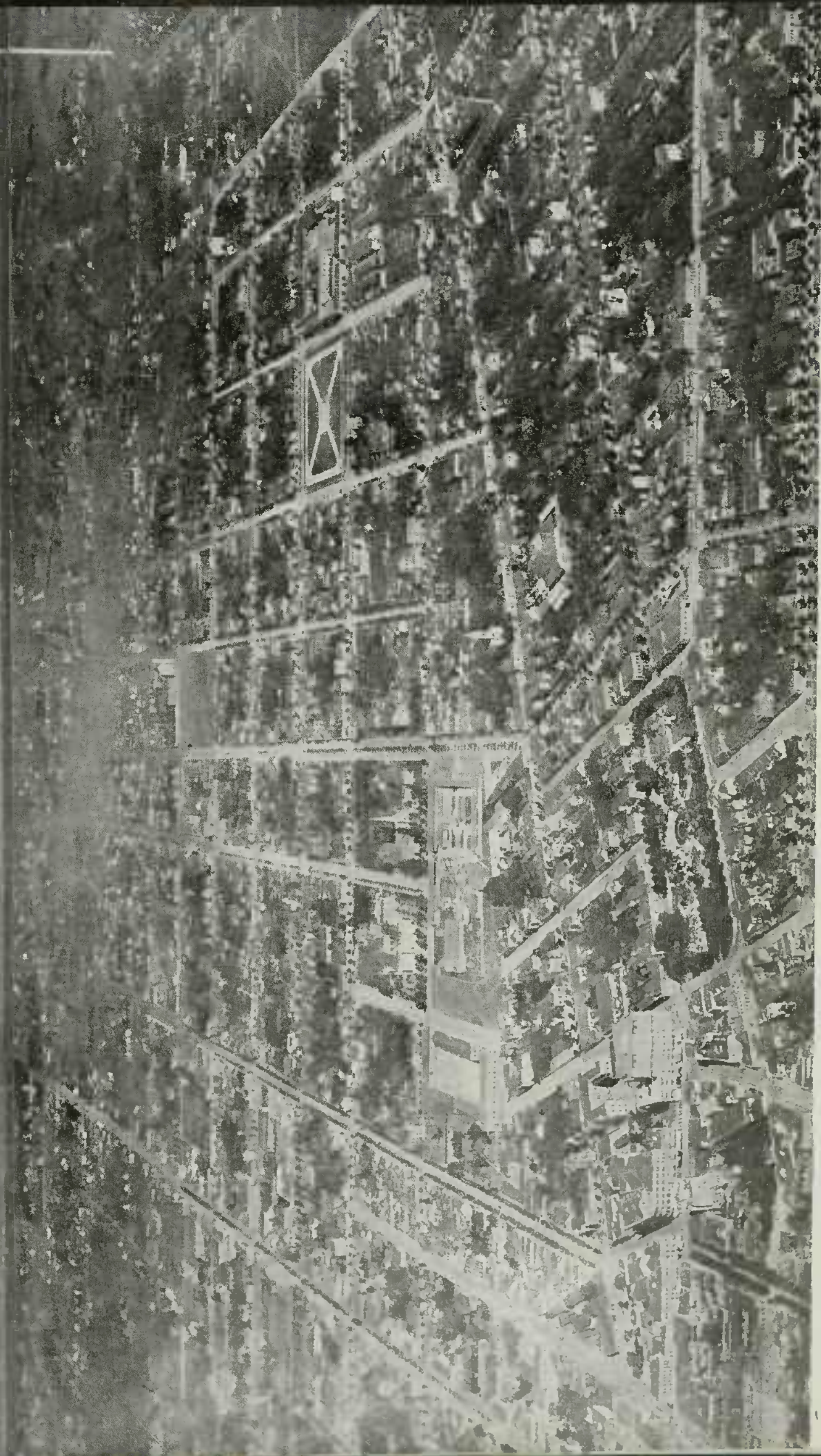




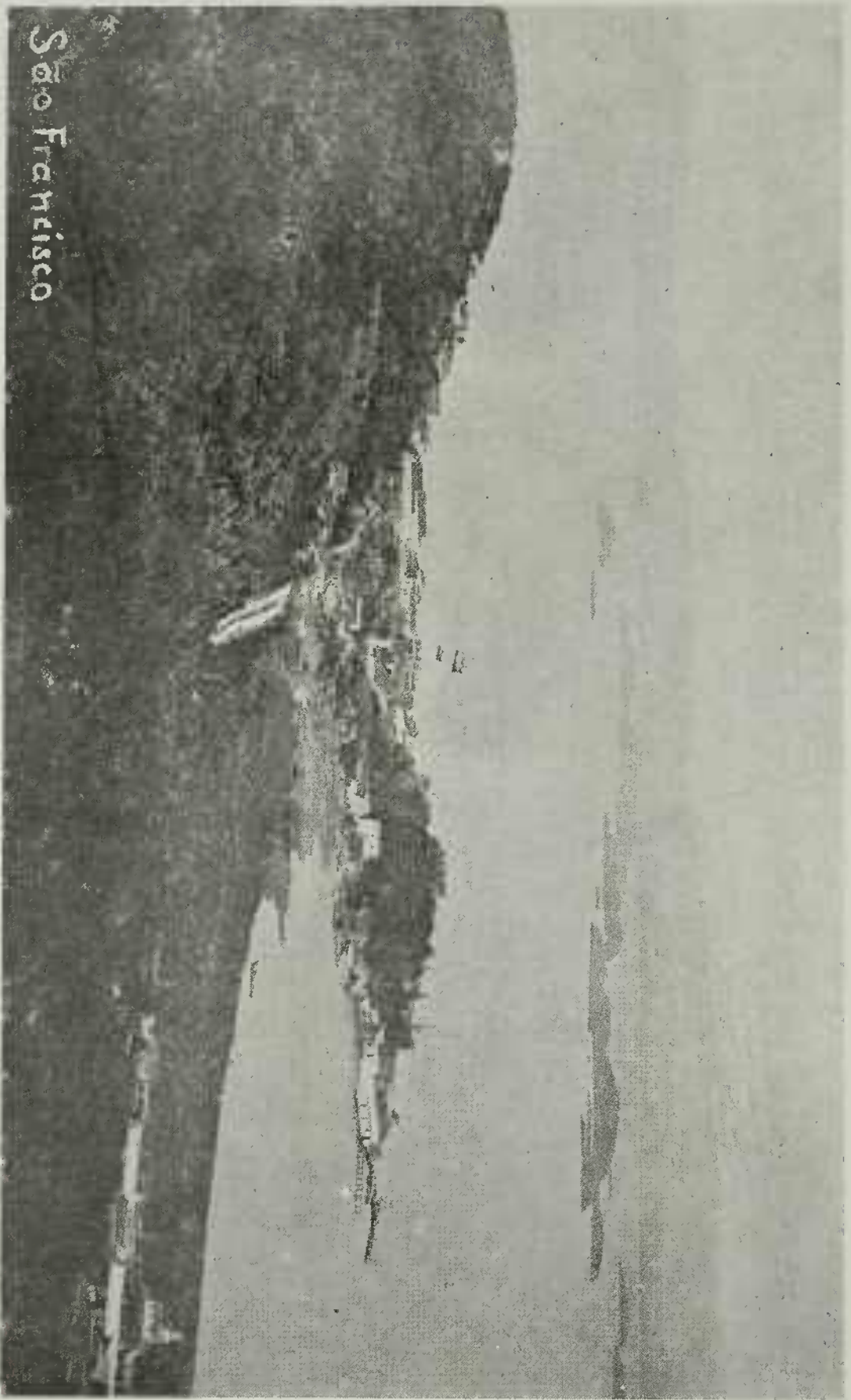
FOZ DO IGUASSÚ. — Os soldados da Companhia de Fronteiras exercitam o corpo para melhor servirem a Pátria.



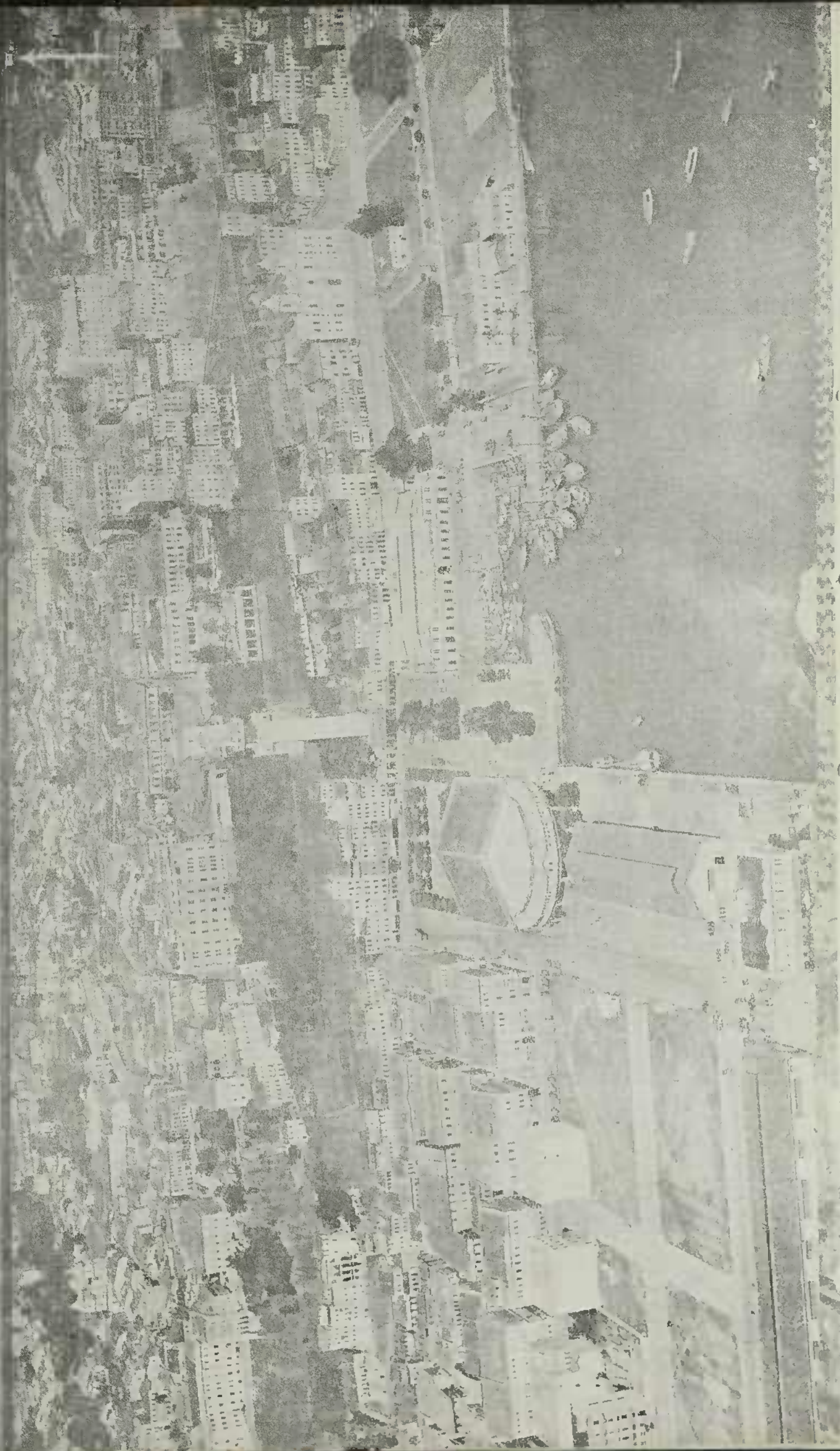
Quasi na fronteira — orlas L. de Foz do Iguassú.



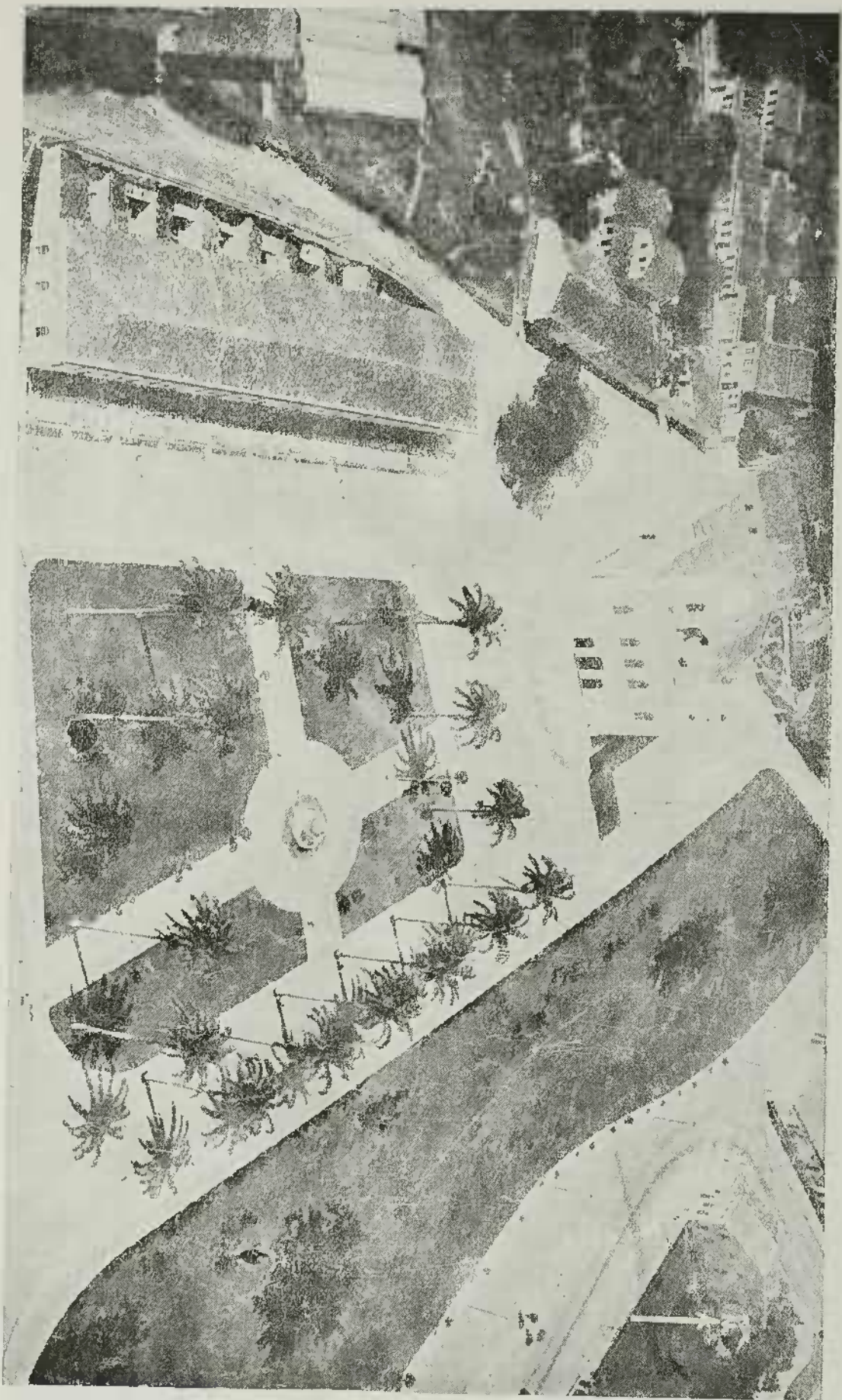
A garbida cidade sorriso — Curitiba.



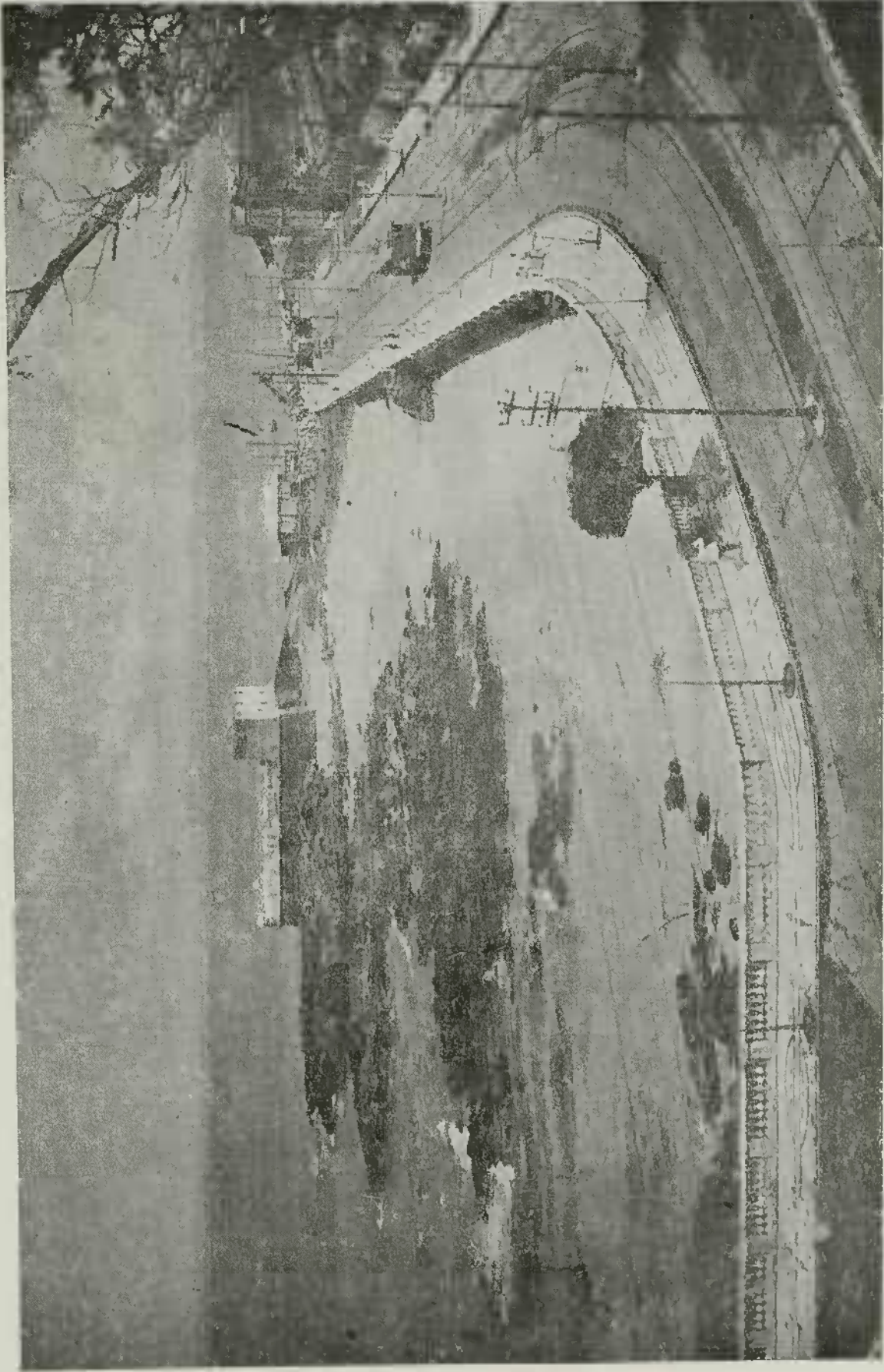
Terra Catarinense — Panorama de S. Francisco.



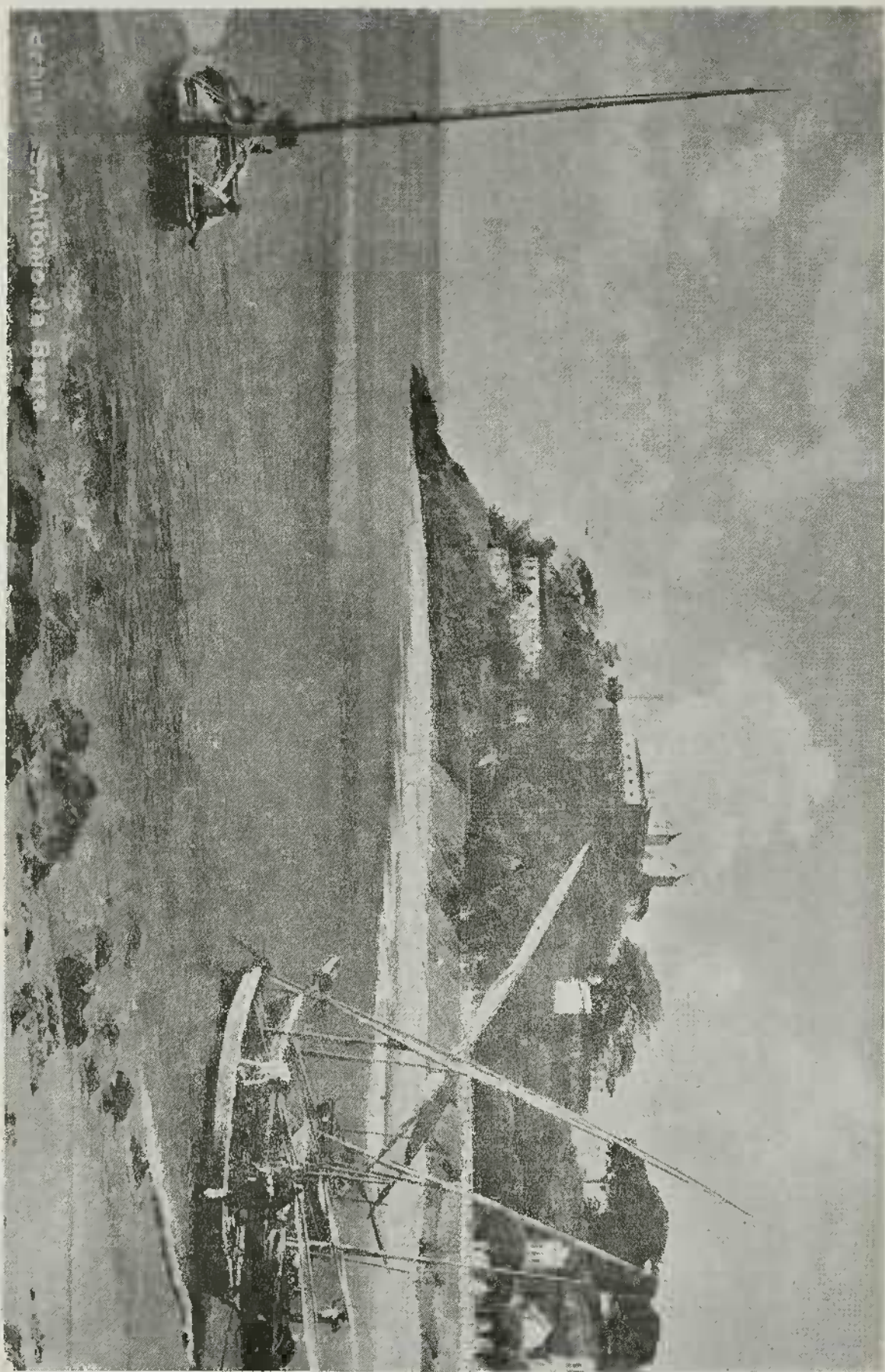
BAIA — berço da nacionalidade.



A igreja do milagroso N. S. do Bonfim que se eleva no cimo de uma colina, é ponto obrigatório de visita dos forasteiros.

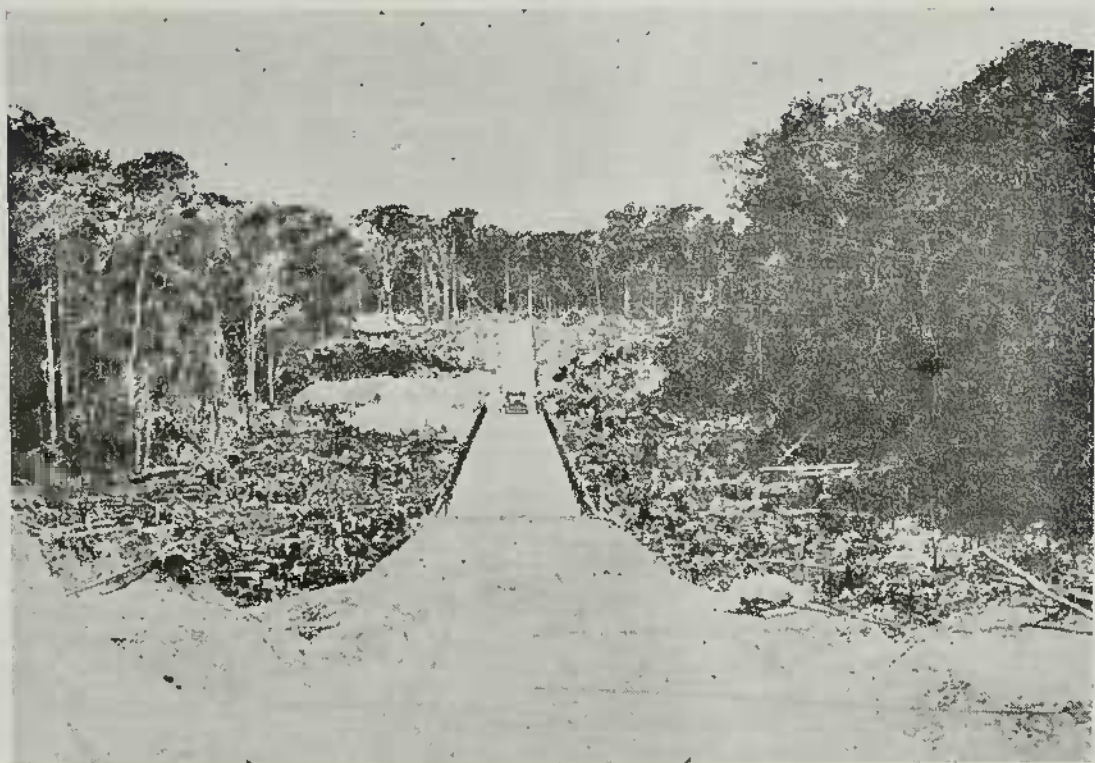


Uma das mais belas avenidas da capital baiana.



O faról de S. António da Barra é um dos pontos mais pitorescos da terra baiana.

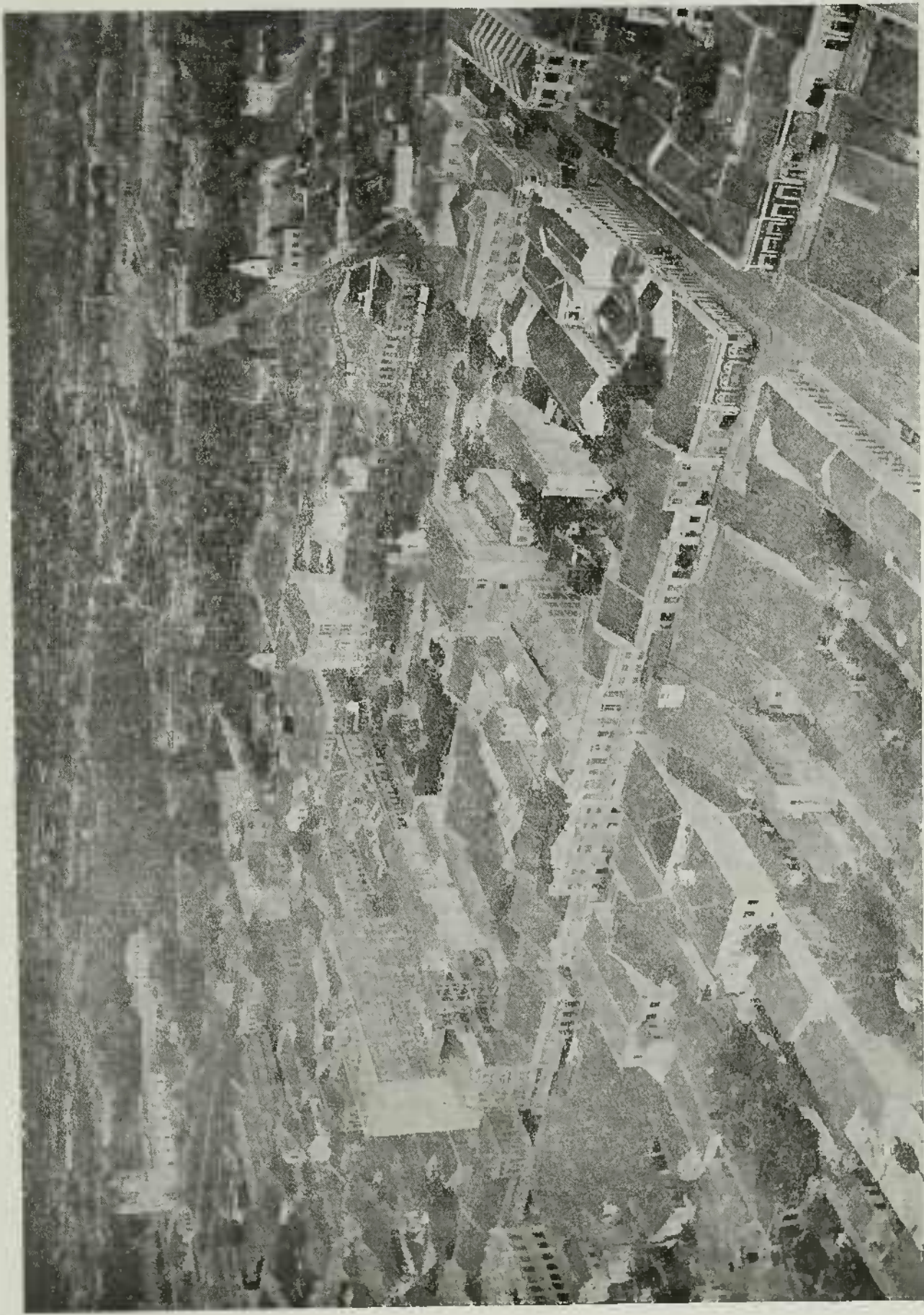




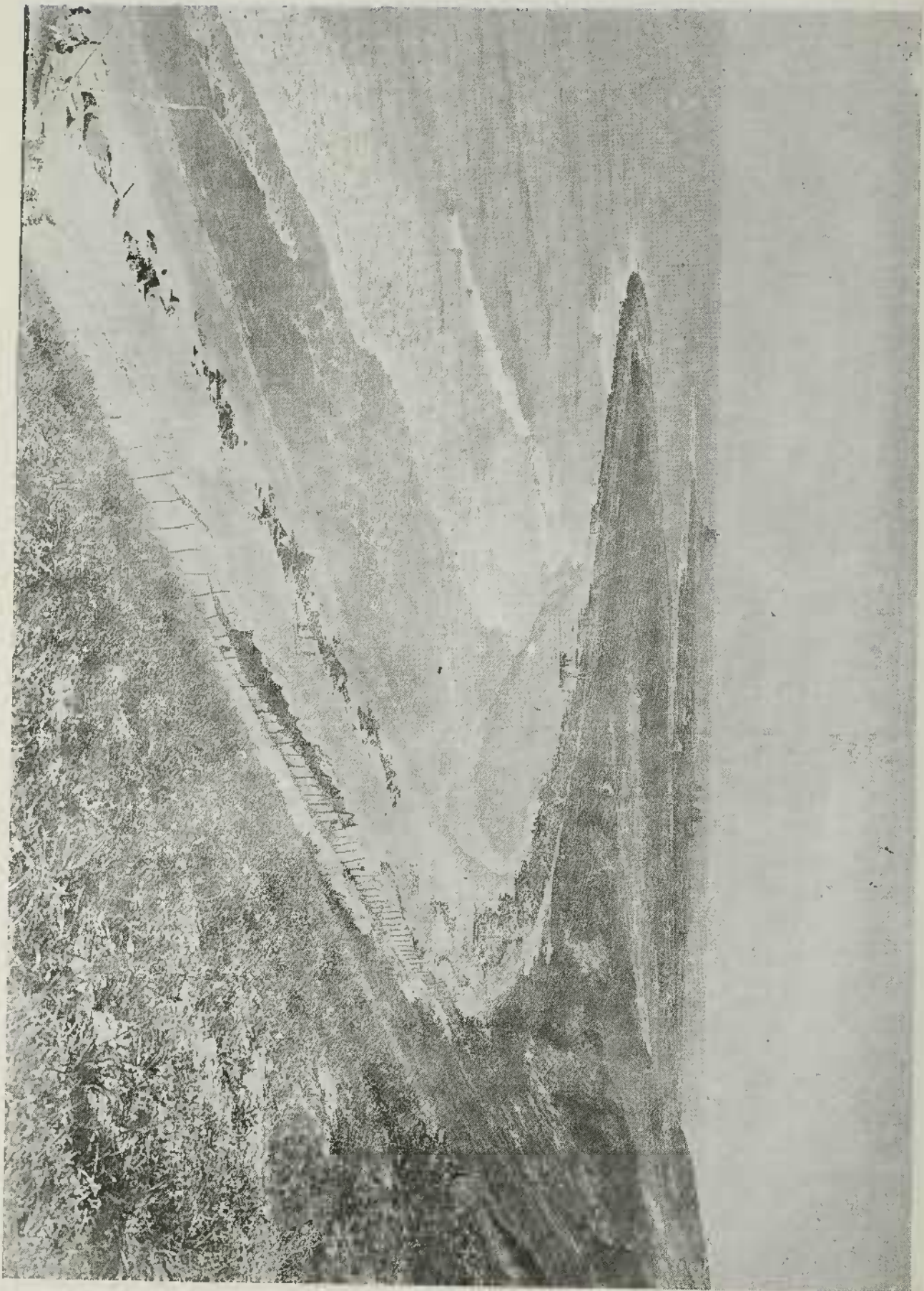
Rodovia Pôrto Velho-Presidente Pena — Ponte no km. 24.  
Amazonas — Mato-Grosso.



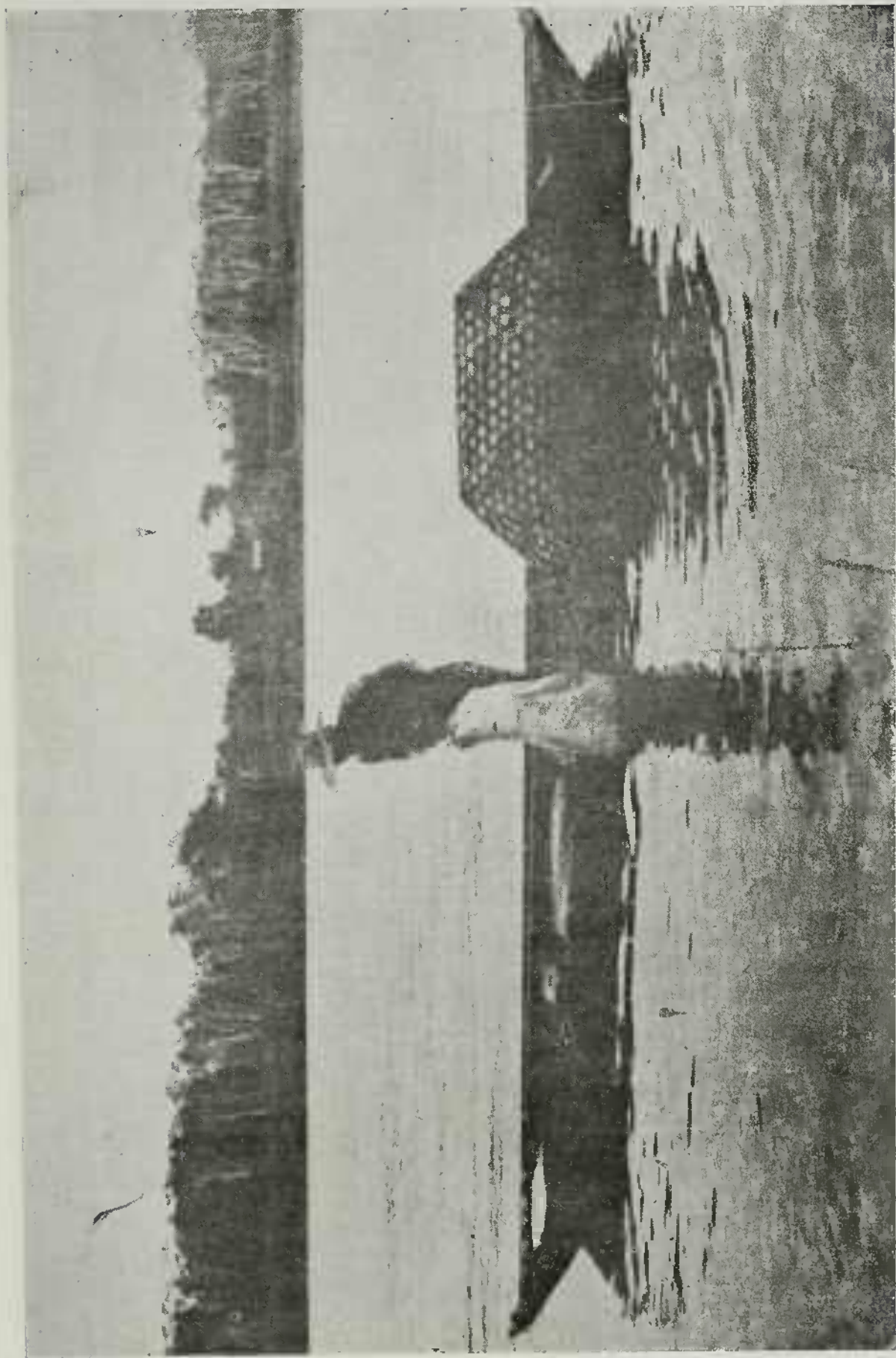
Uma carroça colonial tipo "polaca" — a maior inimiga das boas estradas.



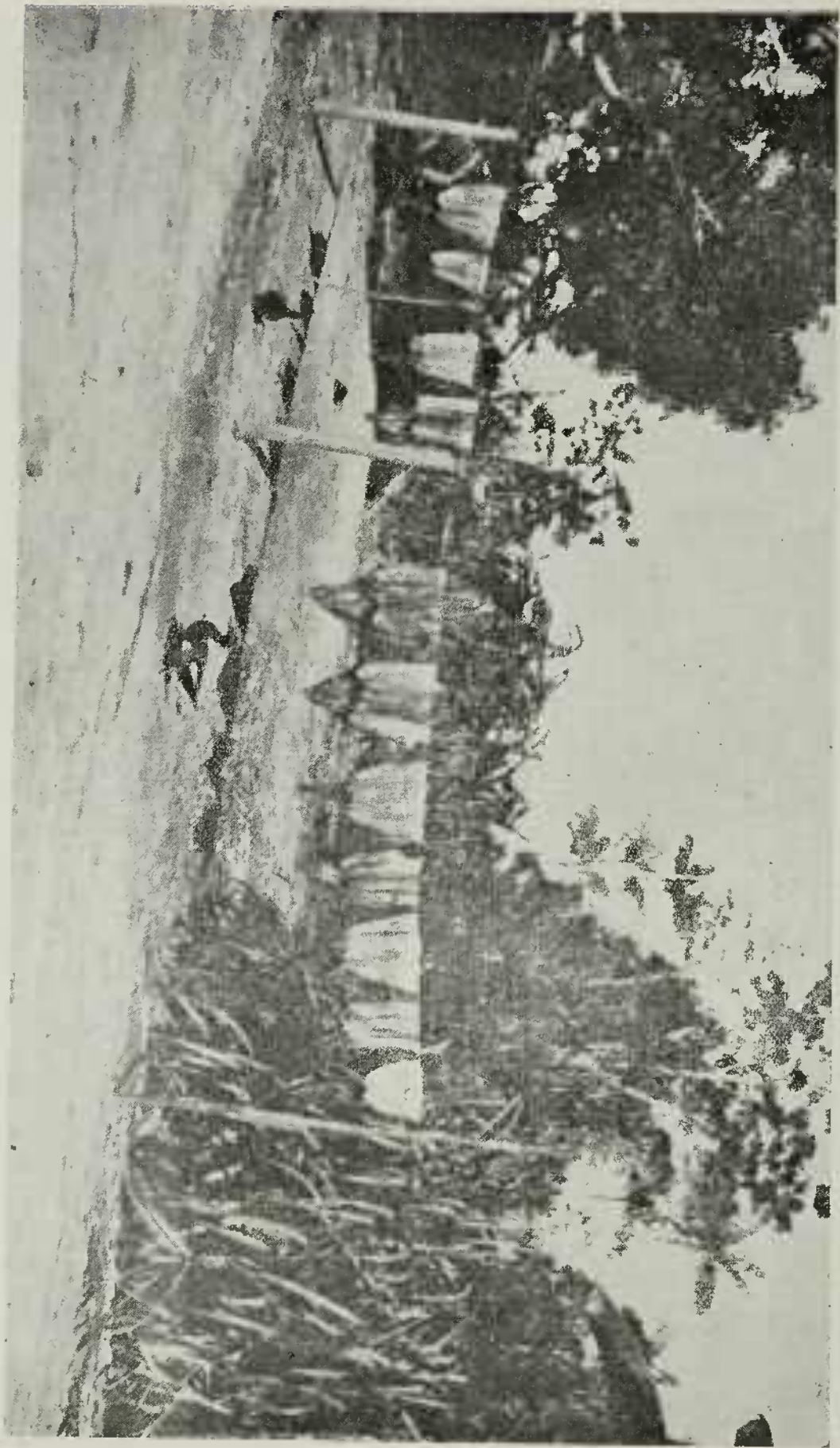
Terra do sol — Fortaleza.



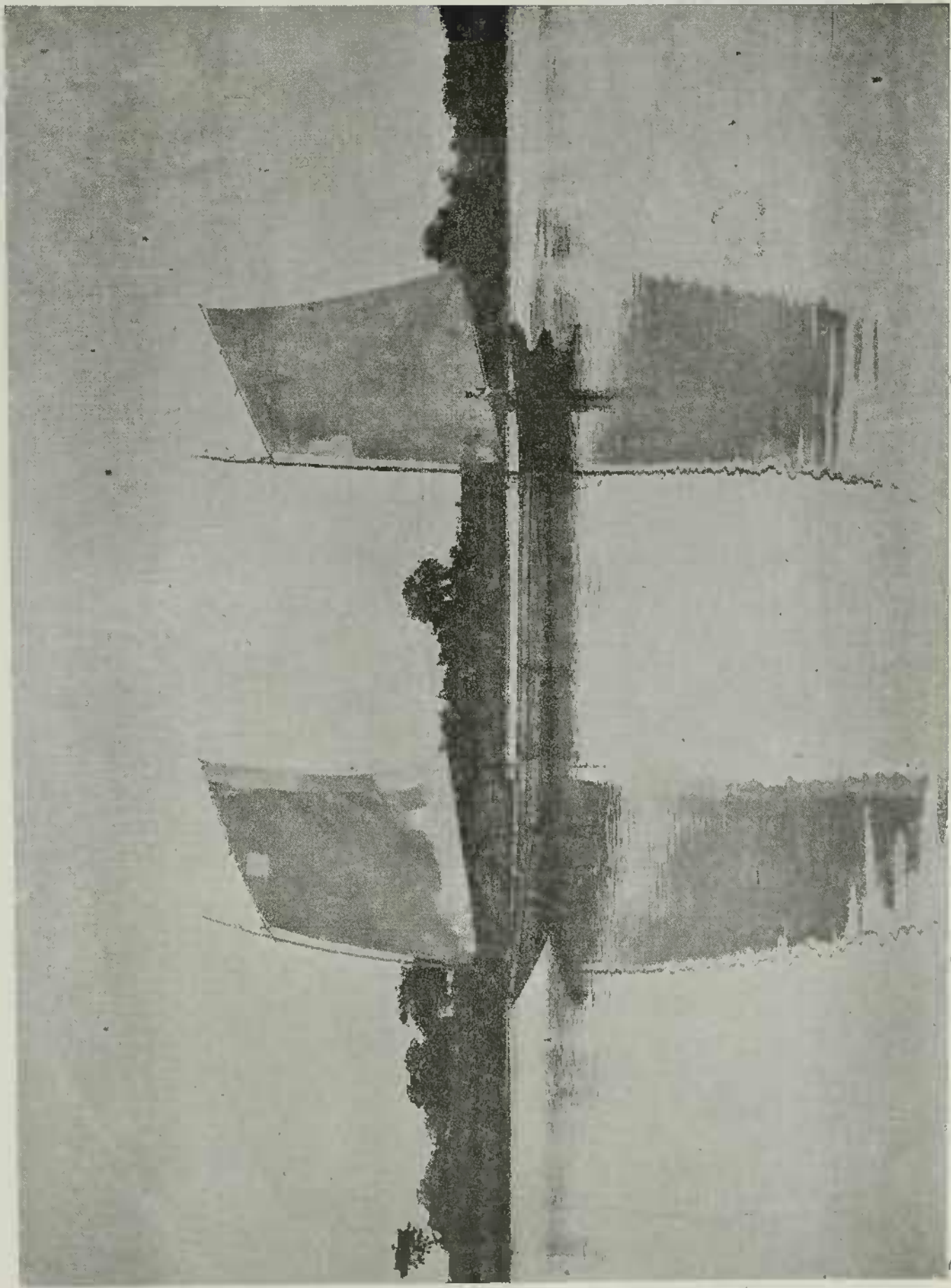
Ensedada e farol do muncunipe no Ceará.



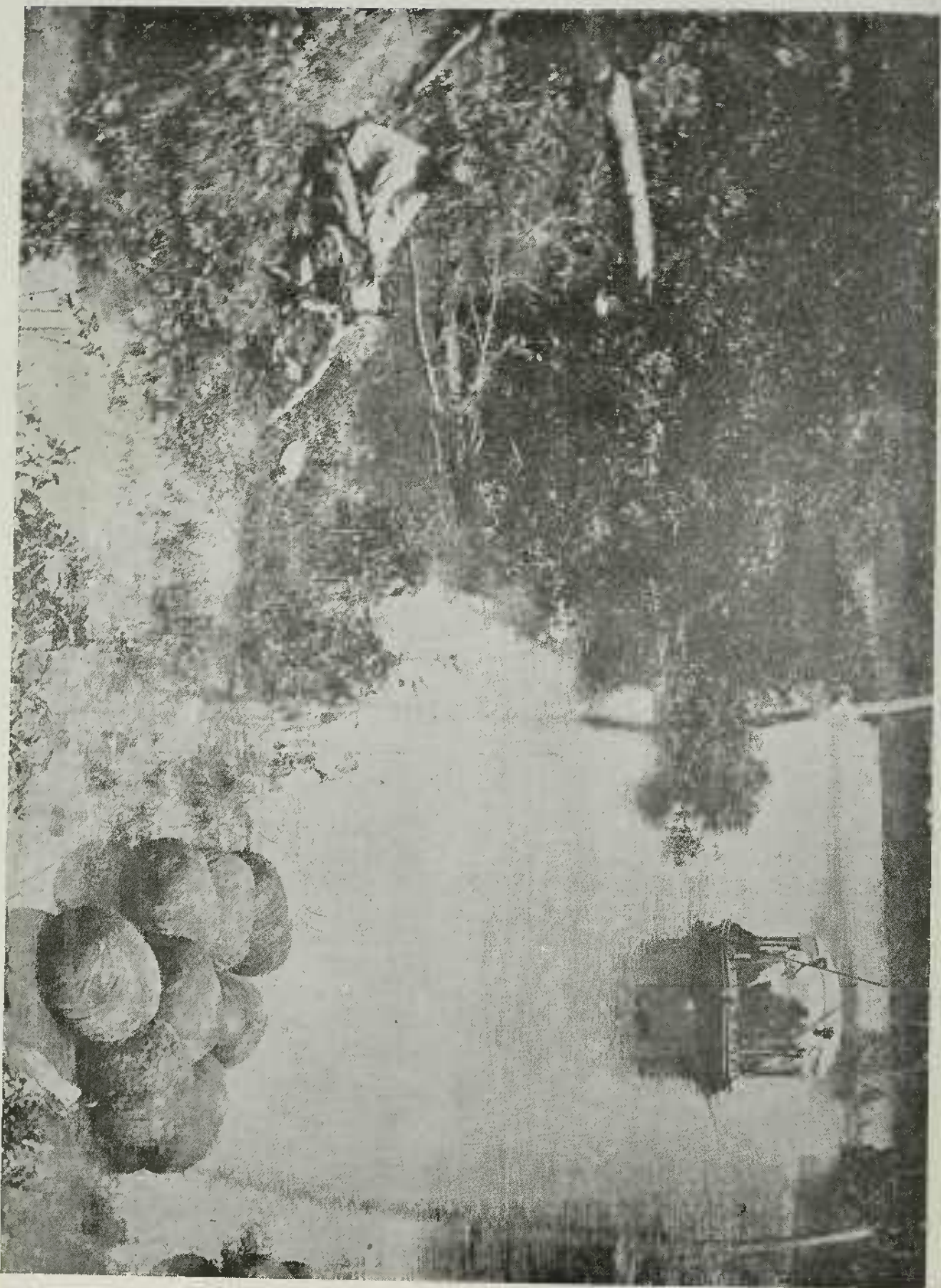
O pescador retira água o pirarucú, após haver lutado tenazmente para alcançá-lo.



A gostosíssima carne do pirarucú depois de desdobrada em mantas, aguarda a ocasião de ser vendida em fardos.

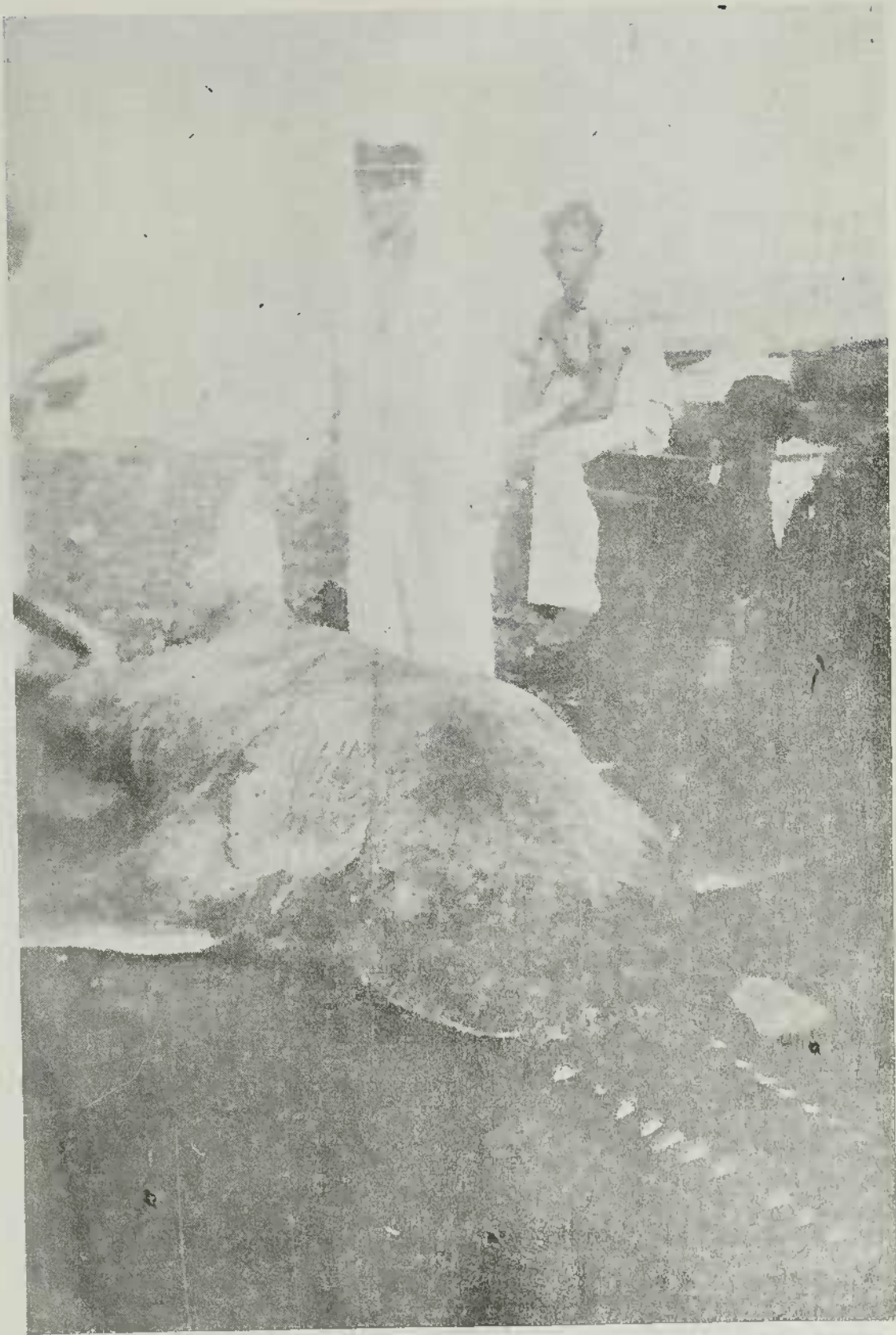


Uma imponente barcaça de sal singra as águas do baixo S. Francisco.

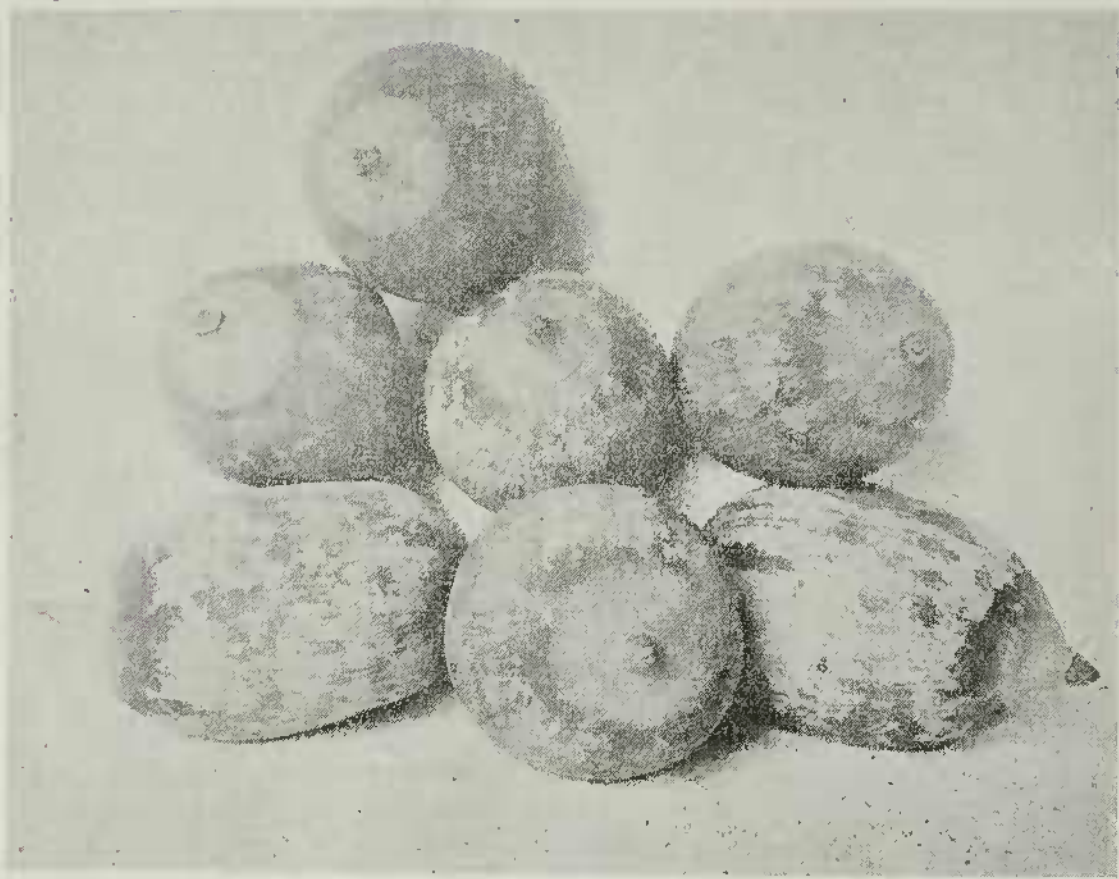


O seringueiro aguarda na margem do Rio Acre um bateião que deverá conduzir suas "peles" de borracha — fruto de labor intenso durante uma safra inteira.

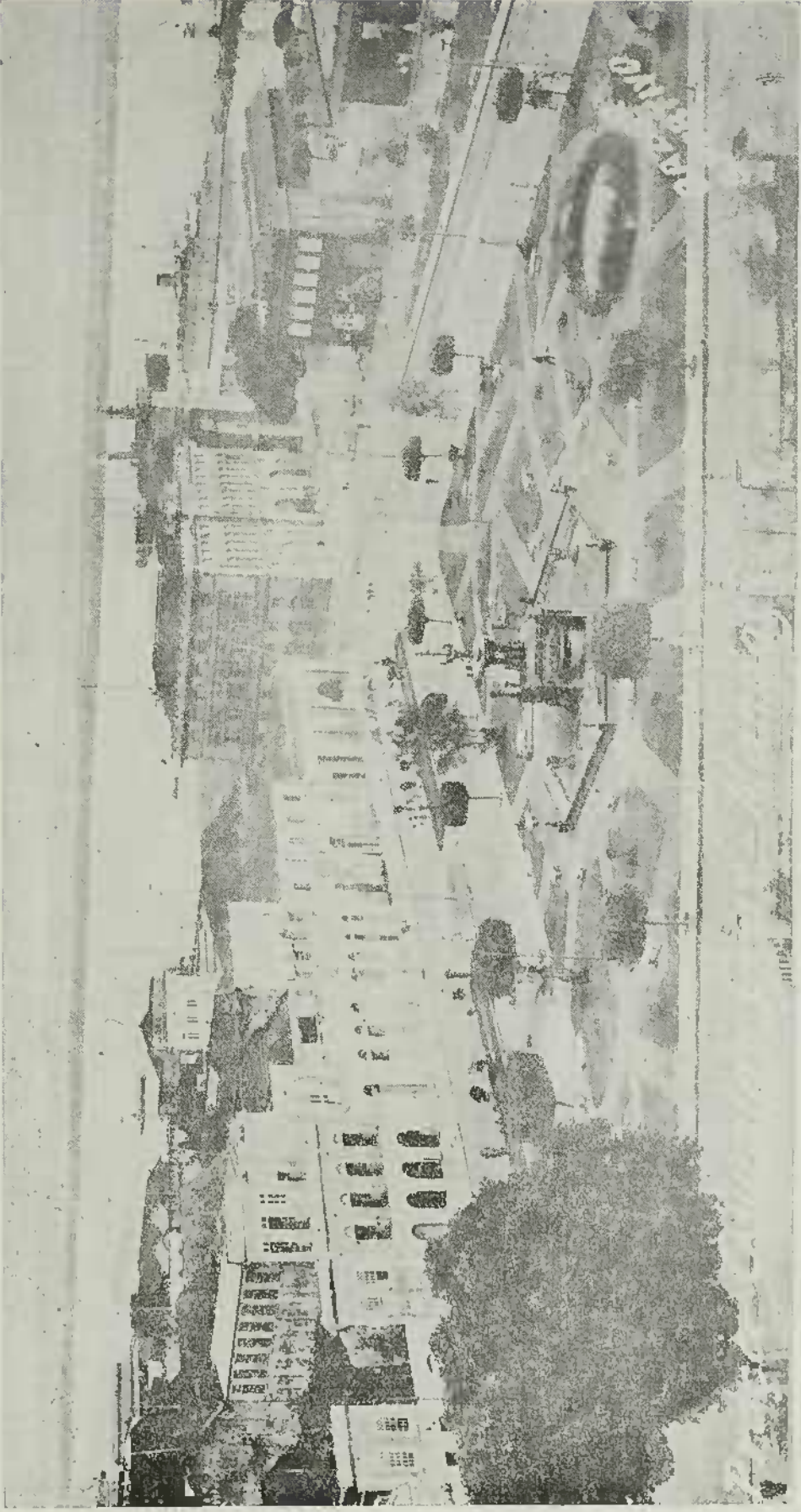




Um tubarão espadarte com cinco metros de comprimento.  
No seu ventre foi encontrado um braço humano e dois ferrões de arraia.  
Maranhão.



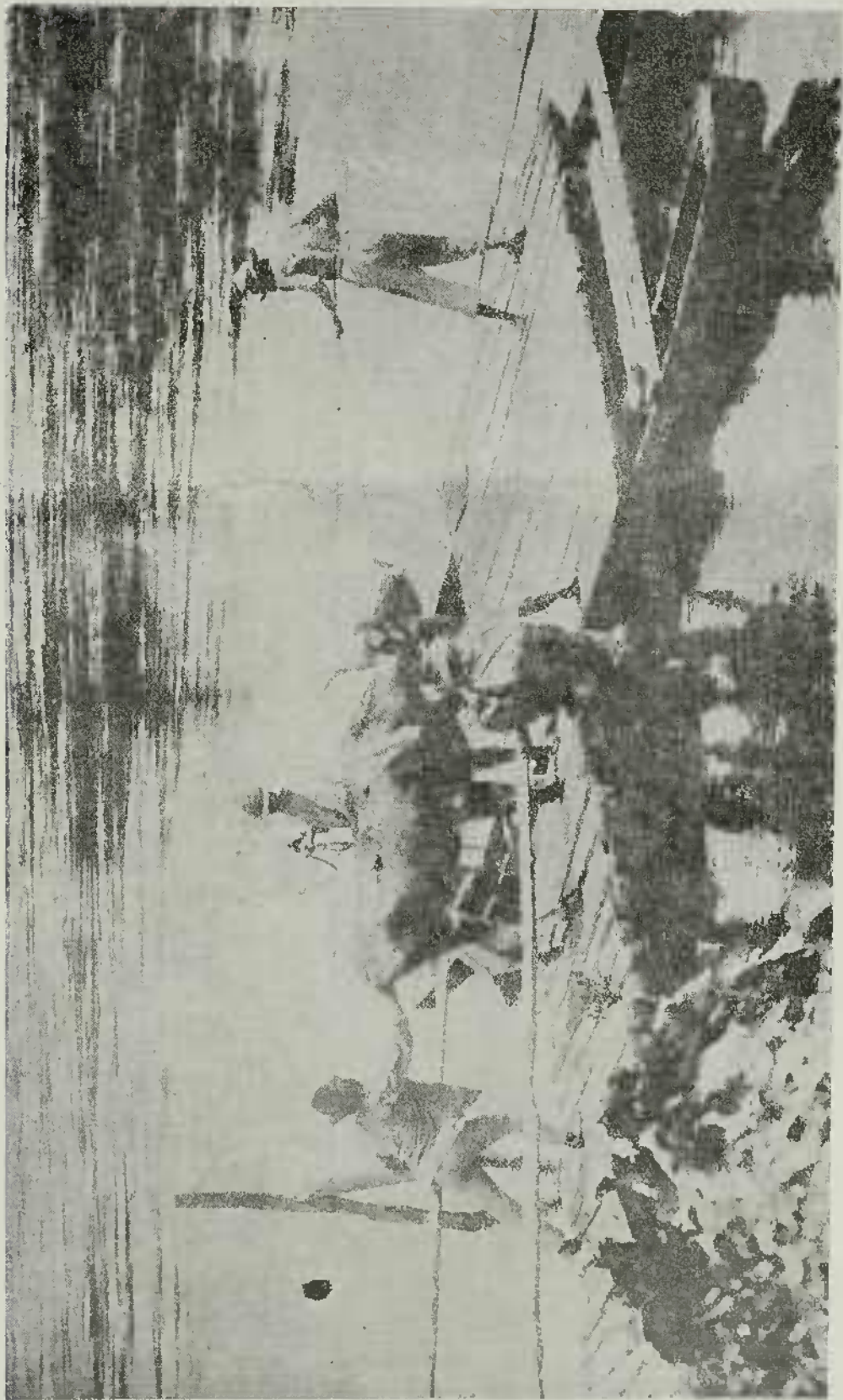
Babassú — o côco que vale ouro.



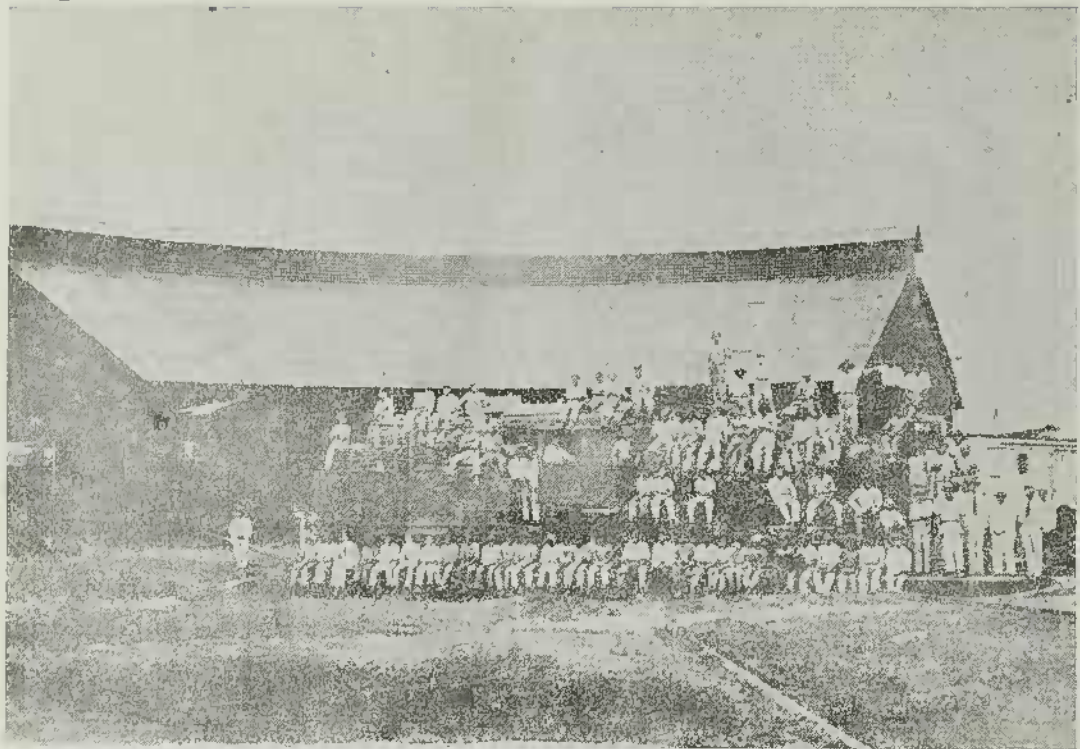
Praça Osvaldo Cruz em Manaus — a joia da floresta.



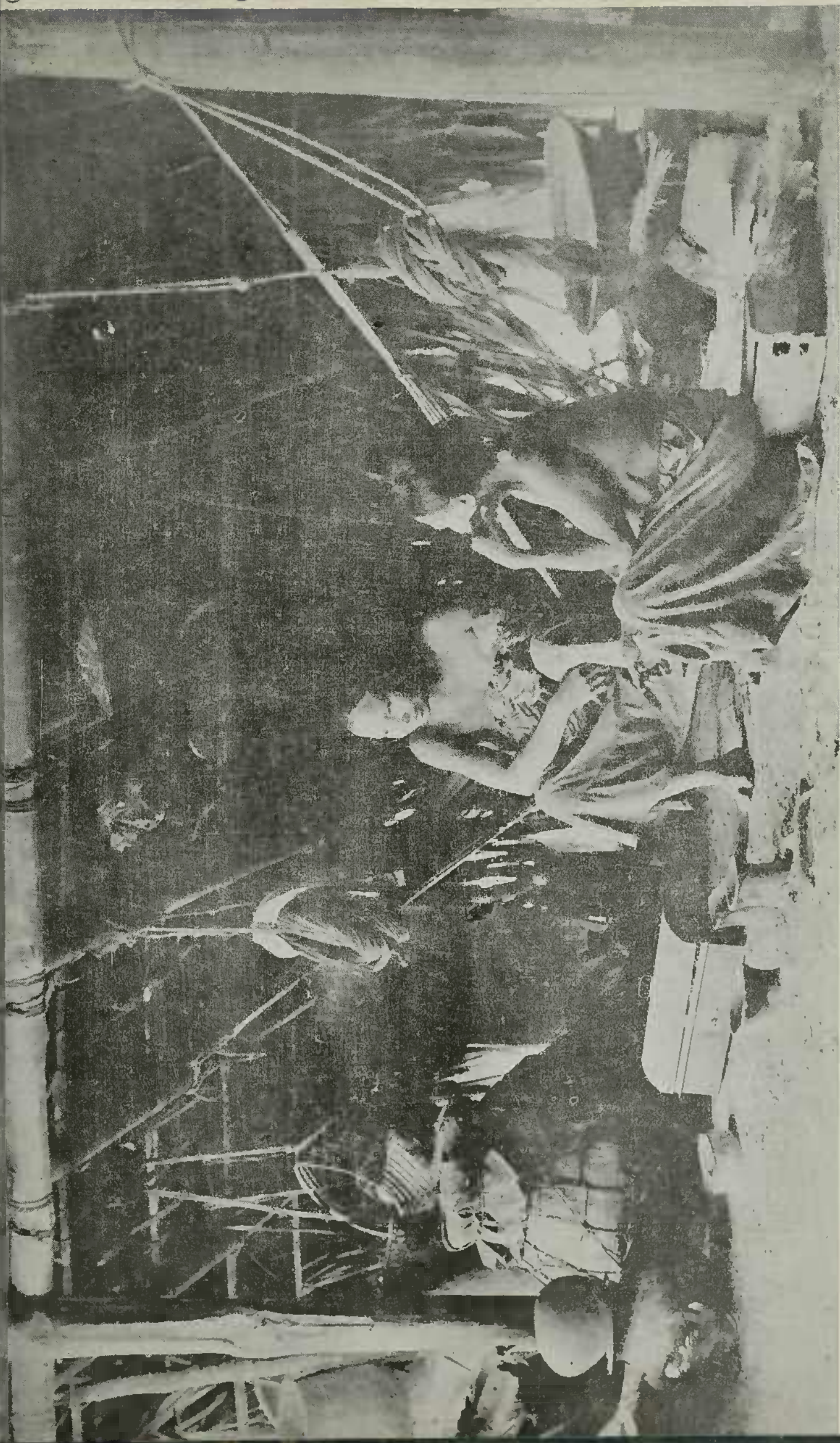
Forte S. Joaquim — o General Rondon com a officialidade da extinta Inspeção de Fronteiras.  
Rio Branco — Amazonas.



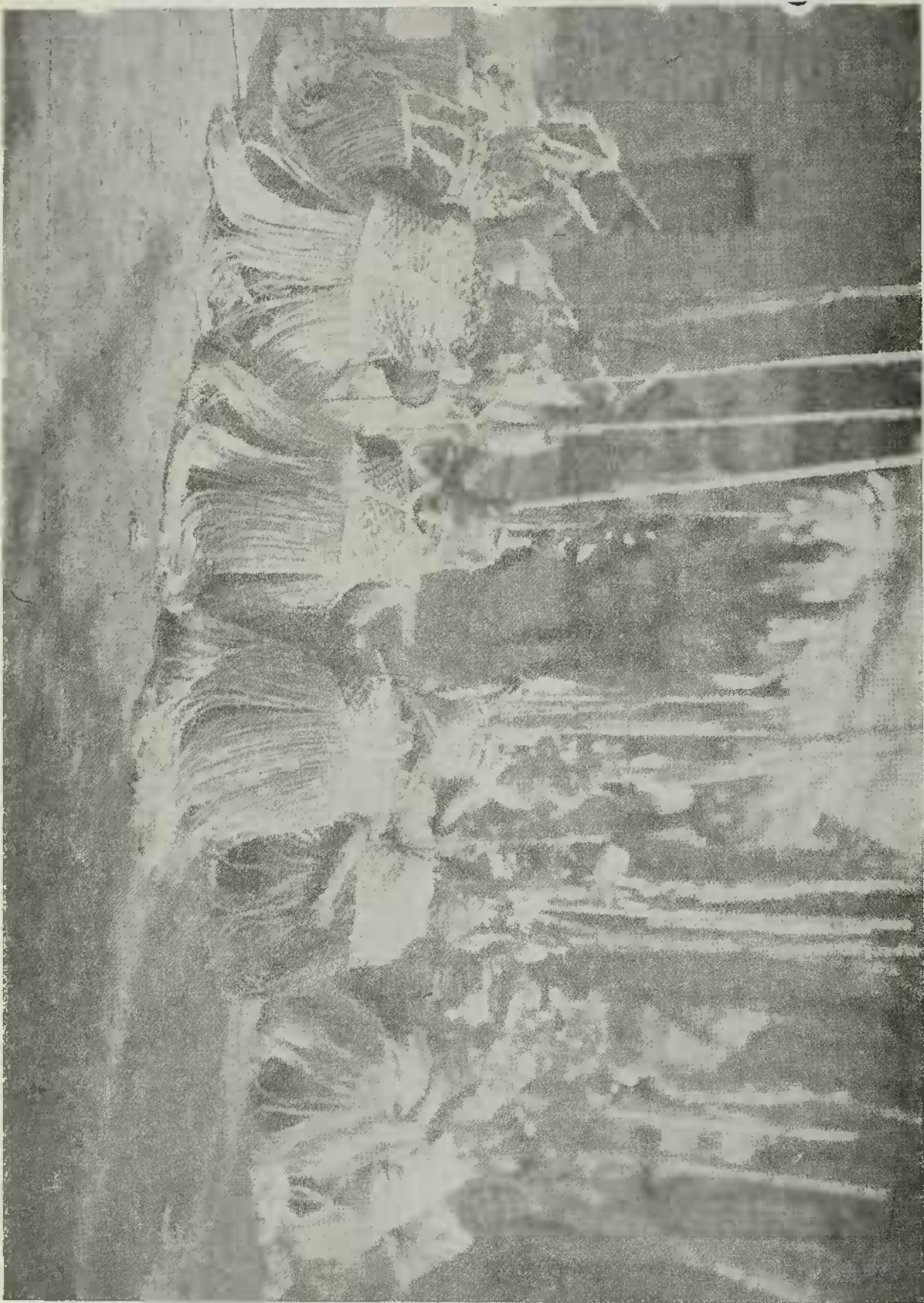
RIO JURUENA. — Travessia de bois cargueiros



ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ — Operários das oficinas  
de Pôrto Velho.

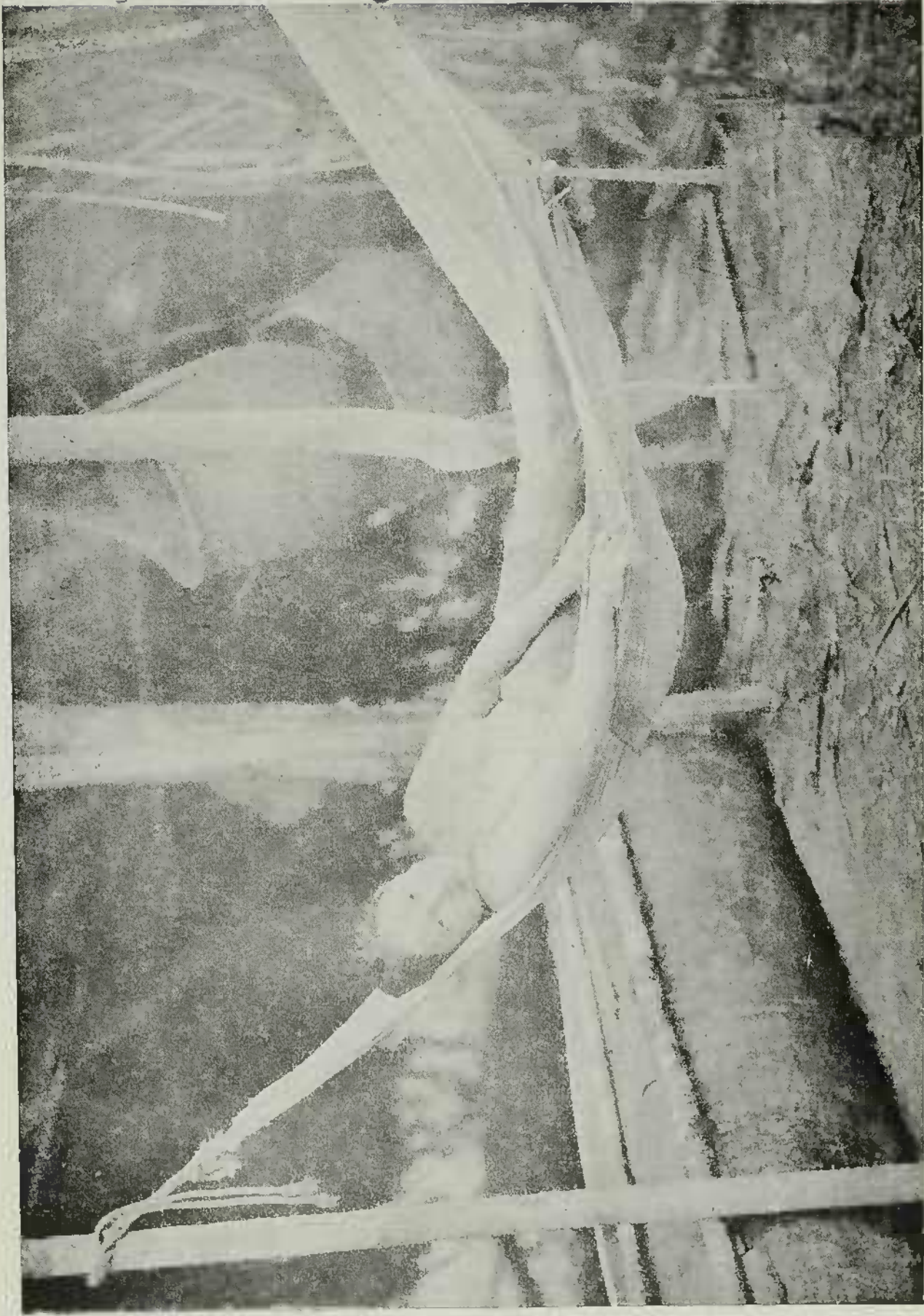


Interior de uma maloca de índios Uananas. Rio Negro - Amazonas

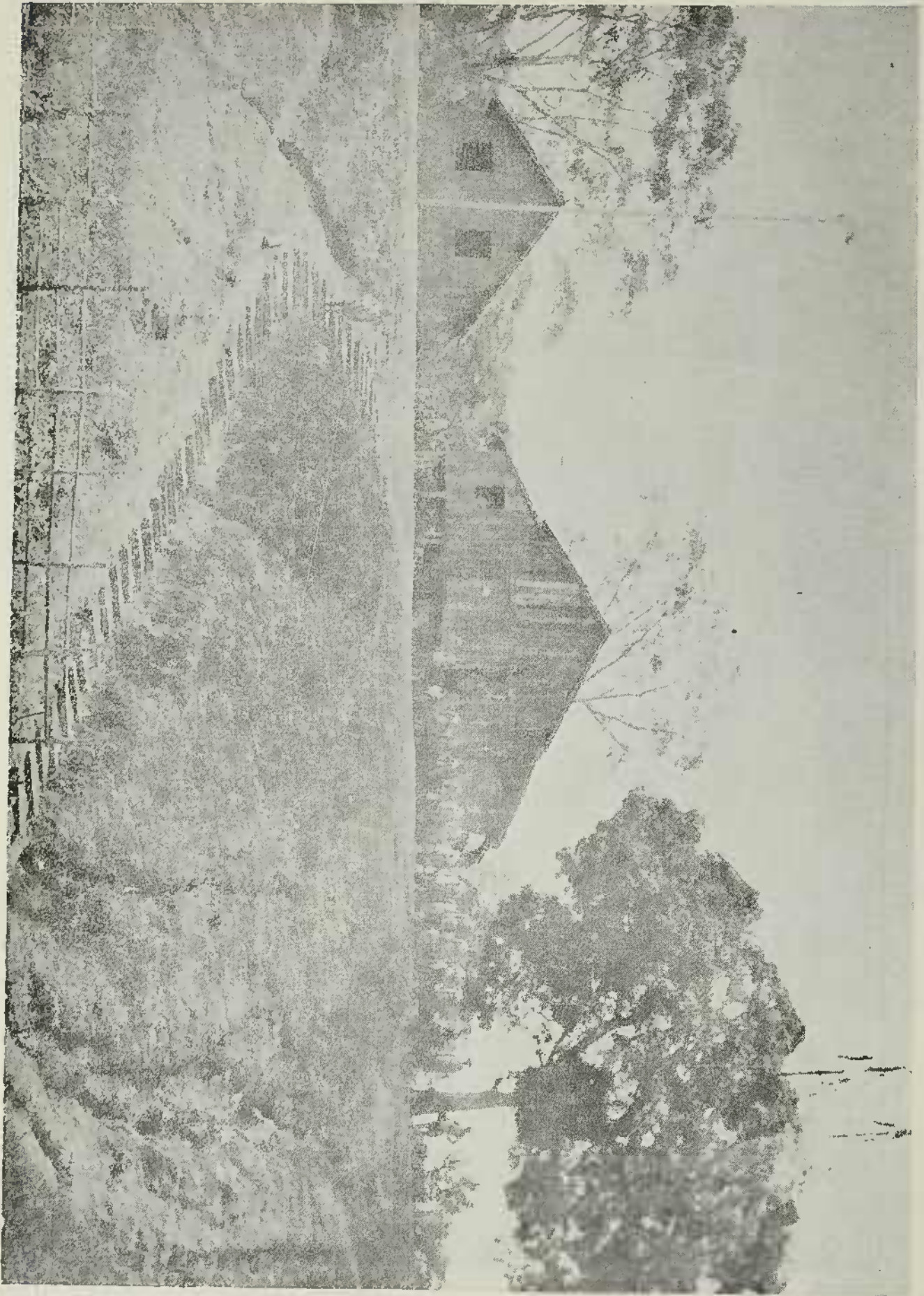


Dança das máscaras — Índios Uananas de Ititica — alto rio Uaupés — 1933. Indumentária muito artística feita exclusivamente de casca de madeira com labores de pintura e cores.





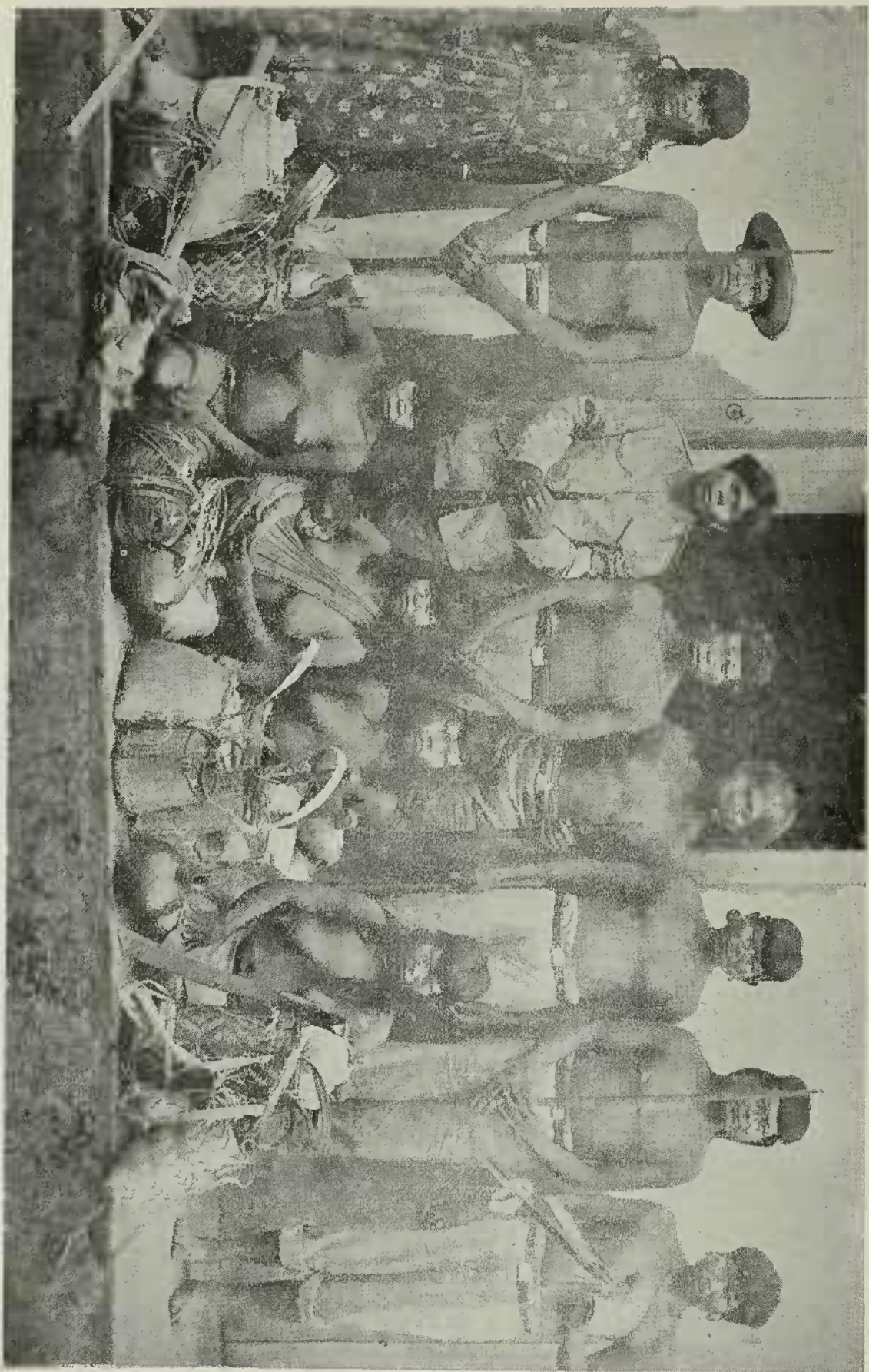
Aquí se vê que a elegância não é privilégio das civilizadas. Uma jovem brasileira do longínquo Airari, tributário do Rio Negro, gozando as delícias duma rede de tucum.



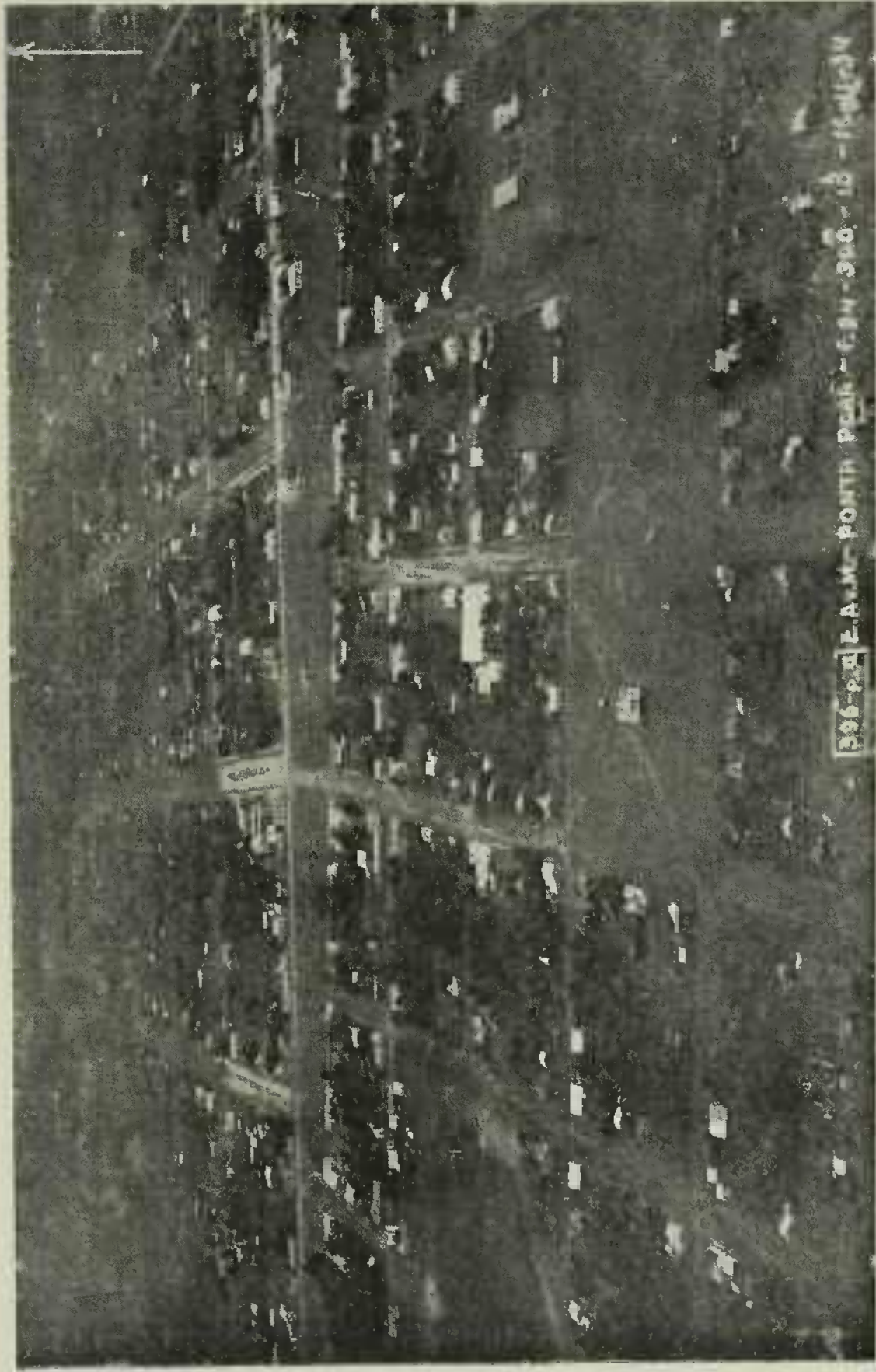
S. Antônio do Oiapoque. Quartel do nosso Contingente de Fronteira.



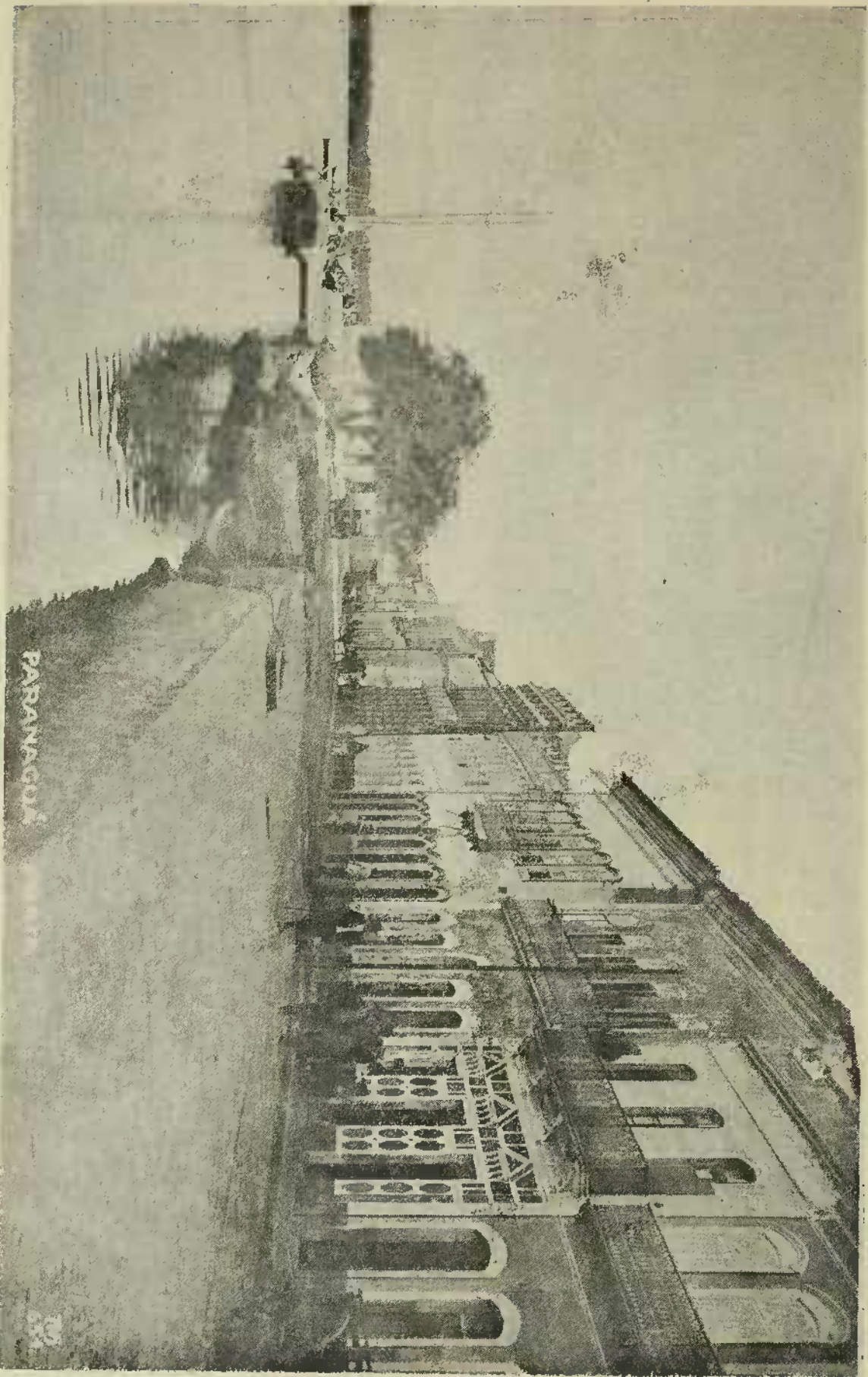
Depois de fardar um "tuchaua" com uma túnica de general os dois chefes entram em conferência.



Aldéia dos índios timbiras, Grajaú, Estado do Maranhão.



A cidade de Ponta-Porã que num grande abraço une o Brasil e o Paraguai.



Paranaguá, sala de visitas do portentoso Estado do Paraná. Ponto inicial da estrada de ferro que galga a Serra do Mar, a qual goza de fama mundial.



8305





